

ANDREA H. JAPP

AMARGA VINGANÇA

Não há
trégua
para Diane
Silver...

VESTÍGIO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ANDREA H. JAPP
AMARGA
VINGANÇA

Não há trégua para Diane Silver...

Traduzido do francês por Fernando Scheibe

VESTÍGIO

O semelhante não pode dominar o semelhante.

Sun Pin, *Sun Tzu Ping Fa*
(Estratego, cerca de 400 a.C.).

Na mente, o veneno

Resumo

Cannes, abril de 2008: Élodie Menez, uma técnica de laboratório, é estrangulada por seu antigo namorado, que desaparecera havia algum tempo.

Paris, junho de 2008: dois adolescentes satanistas, cujo objetivo maior é se tornarem assassinos, prosseguem sua "iniciação" na internet graças à influência de um mentor canadense. A garota morre apunhalada, enquanto o rapaz é assassinado com rara selvageria.

Oaxaca, México, junho de 2008: Constantino Valdez, chefe de uma rede de pornografia pedófila, é encontrado esfolado vivo e queimado junto com suas fitas repulsivas.

Estados Unidos, 2008: todos esses assassinatos, cometidos por um tal de Nathan Hunter, despertam a atenção de Diane Silver, uma das melhores *profilers* do mundo, caçadora de *serial killers*. Para ela, essa é uma questão pessoal: sua filha, Leonor, de onze anos, foi torturada e assassinada por um maníaco.

Yves, um policial francês formado por Diane nas técnicas da psicologia forense, é uma das únicas pessoas cuja amizade ela ainda aceita. É através dele que fica sabendo do assassinato dos dois adolescentes franceses. Paralelamente, ela caça um *serial killer* que anda atacando prostitutas em Boston, enquanto seus pensamentos voltam constantemente ao assassinato da filha, ocorrido doze anos antes. O estuprador, torturador e assassino morrera havia vários anos, mas, vasculhando sua memória, Diane se convence de que também havia uma mulher envolvida. Está determinada a encontrá-la, assim como Sara Heurtel, mãe da adolescente satanista, está decidida a esclarecer seu assassinato e, a conselho de Yves, vai encontrar Diane nos Estados Unidos.

Diane reconstitui o quebra-cabeças e chega ao predador dos predadores: Rupert Teelaney – também conhecido como Nathan Hunter –, um dos cinquenta homens mais ricos do planeta. Que ele seja também um perigoso sociopata não incomoda Diane.

Essa onda de assassinatos perpetrados por Nathan tinha por único objetivo atrair a atenção da *profiler*, a fim de lhe propor uma sangrenta colaboração: entrar com seu faro e seus métodos em troca da determinação e do dinheiro de Rupert/Nathan. Sua primeira missão: eliminar o matador de prostitutas de Boston. A segunda missão de Nathan, a mais crucial aos olhos de Diane: encontrar a cúmplice que levou tantas garotinhas, entre as quais Leonor, para as garras de seu assassino.

*Cemitério parisiense de Bagneux,
França, julho de 2008*

Rupert Teelaney, terceiro da família, avançou sem pressa pela alameda principal, sombreada por plátanos centenários. Não é estranha essa sensação de infinita paz que sentimos nos belos cemitérios, lá onde a existência humana se deteve? Talvez a vida não seja mais do que um pontilhado doloroso, agitado e atormentado entre dois estados de graça, de nada ou de infinito, dependendo das crenças. Nunca nos sentimos deslocados num cemitério. Experimentamos uma espécie de familiaridade benfazeja com todos esses mortos desconhecidos cujos túmulos roçamos com o olhar, como se eles anunciassem para nós, com gentil insistência, nosso inevitável futuro.

Rupert – ou melhor, hoje Nathan Hunter – parou de repente. Ergueu o olhar, protegido por óculos escuros, para o topo das árvores, piscando mesmo assim diante da luz disseminada através das folhas. Um belo dia. Um dos poucos concedidos por aquele verão, até então parcimonioso.

Diane Silver, a célebre *profiler* do FBI, tinha razão. A potência nasce a partir do instante em que dominamos o terror que nos inspira nosso próprio fim. Assim que paramos de viver com medo de nossa morte. Uma salutar faxina mental. Mas nada fácil. Nathan admitia: tinha se enganado. Provocara em si mesmo o medo da morte, pensando assim poder controlá-la, inventando jogos letais que o opunham, na arena da sala redonda e sem janelas de sua casa, a perigosas serpentes que importava ilegalmente. Uma machadinha contra presas capazes de injetar um veneno fatal. Uma machadinha para se defender de uma lenta e terrível agonia. Na verdade, ele não provocava o medo. Ele apenas o materializava, atribuindo-lhe a forma de uma naja ou de uma cascavel. Porque o medo já estava nele. Graças a Diane, Nathan o erradicara. Diane

não tinha mais medo de nada, a não ser de fracassar em sua tarefa crucial. Uma excelente razão para continuar viva. Punir a mulher que conduzira Leonor, sua filhinha, a um assassino sádico que a torturara e estuprara por quase quatro horas antes de acabar com ela, por não estar mais se divertindo. Ao perceber tudo isso, Nathan/Rupert não tardara a oferecer, anonimamente, os magníficos espécimes de seus viveiros ao museu de história natural de Boston.

Ele suspirou de bem-estar. Diane lhe dera tanta coisa. Principalmente a certeza de seu poder e a confirmação de sua utilidade.

Voltou a andar, orientando-se com facilidade nas alamedas cercadas de pedras tumulares. Finalmente encontrou-o, um bloco de mármore cinza escuro. Nathan lamentara a escolha dos pais, mas fazer o quê, estava fora de questão intervir, dar-se a conhecer. No entanto, sentira uma breve afeição por aquele corpo gentil e amante, confiante, um pouco interessado no dinheiro, é verdade. Nada mais humano – e Angela dispunha apenas de um modesto salário de técnica de laboratório que não lhe permitia nenhuma extravagância. Assim, os poucos milhares de euros que oferecera para ela, como presente de amor, a tinham seduzido. Além do belo americano. Ele.

Teria preferido que Angela repousasse sob um mármore rosa. Em vez daqueles dois evônimos mirrados plantados sobre sua cabeça, que pareciam se perguntar, eles também, se não deviam se extinguir, teria gostado de uma profusão de flores campestres e de roseiras antigas. Uma cascata de florezinhas brancas rosadas. Ajoelhou-se e colocou ali o buquê de áruns que trouxera, limpando com delicadeza a poeira que recobria a sepultura. Que tristeza aquele epitáfio em letras douradas, semelhante a milhares de outros naquele lugar: *A Angela Rolland, nossa filha e irmã bem-amada, 1969-1999.*

Nathan pareceu meditar por alguns instantes, então depositou um beijo com a ponta dos dedos no epitáfio.

Lamentava muito. De verdade. No entanto, fora obrigado a matar Angela. Uma execução que esperava ter sido quase indolor. Um

segredo que ainda não estava pronto para partilhar com Diane Silver.

Levantou-se. No dia seguinte, voaria para Cannes, a fim de colocar flores no túmulo de Élodie Menez, outra execução. Um buquê de rosas cor-de-rosa, dessa vez. As flores preferidas de Élodie. Adorável Élodie.

O segundo segredo que ainda guardava, ignorando qual seria a reação da *profiler* e temendo-a.

*Paris,
França, julho de 2008*

Por causa de Louise, ele não acreditava mais nos dragões. Não mergulhava mais o olhar em seus olhos safira, embora fingisse o contrário para tranquilizar sua mãe, agradecendo com efusão quando ela lhe dava livros de fantasia heroica, os mesmos que devorava freneticamente antes. Antes de conhecer a verdade sobre sua irmã mais velha, Louise. Por causa dela, de sua monstruosidade sangrenta, ele não acreditava mais que o amor, a honra e a coragem pudessem salvar uma gentil rainha triste de um implacável sortilégio. Sua mãe. Sara.

Sentado no chão, de pernas cruzadas, no meio da sala vazia que ele e sua mãe tinham acabado de pintar, Victor Heurtel, doze anos, refletia. Fizera a escolha certa. Por sua mãe. Escolhera manter seu bebê pelo máximo de tempo possível. Fingir, se fosse preciso. Fingir a infância, senão ela lembraria que era outra coisa além de mãe. Ela lutaria até o fim para proteger seu bebê. Não cederia. Se agarraria com todas as forças. A mãe, não a mulher. Mais tarde, quando se tornasse forte, quando tivesse aprendido o essencial, ele seria seu salvador, mas ainda era cedo. Ainda era pequeno demais, fraco demais.

Victor se sentia desorientado. Avançava em seus próprios pensamentos como um explorador descobrindo uma terra desconhecida. Parecia que a sombra que obscurecia sua mente ia se tornando mais pálida, dissipando-se em alguns pontos, oferecendo-lhe com brutalidade raios luminosos de compreensão. Será que sempre conseguira pensar assim, sem jamais suspeitar? Ou fora a revelação aterradora que fizera ofício de catalisador, reunindo processos intelectuais até então desordenados, inoperantes? A revelação. Quando ficara sabendo que Louise, sua irmã, projetava com deleite matar a mãe – e ele em seguida. Sua

mãe não devia saber que ele descobrira a verdade. O ódio de Victor por Louise crescia a cada dia, à maneira de um tumor. A morte não mata o amor, por que mataria o ódio? Louise queria massacrá-los, pelo simples prazer de lhes fazer mal, de destruí-los. Por causa de Louise, sua mãe estava meio morta por dentro, cada vez mais. A morte dera um passo gigantesco dentro dela. Dela, que aguentara tranquila desde o acidente de moto que custara a vida do marido, cinco anos antes. Victor podia farejá-la, escondida na mãe. Por essa razão, devia permanecer criança, prova luminosa da vida que renasce, obstinada.

Por causa de Louise, não acreditava mais nos dragões. Não podia mais mergulhar o olhar nos olhos safira deles. Por certo, nunca acreditara de verdade, mas a ilusão se tornava às vezes tão tenaz que tinha vontade de se deixar levar àquele universo em que jovens rapazes heroicos – ele, é claro – salvavam valentes princesas, rainhas devastadas, vencendo justamente a morte e a destruição.

Victor estava arrependido de sua impulsividade lá, naquela base militar na Virgínia que abrigava o FBI. Devia ter ficado calado. Devia ter feito de conta que não reconheceria aquele rosto oval, aqueles óculos de sol retangulares. Nathan Hunter. Pensando bem, aquele homem salvara Sara, sua mãe, em seu lugar. Aquele homem abatera Louise com uma punhalada na garganta, numa mansão, em Neuilly.

Uma questão atormentava Victor desde que, aproveitando a ida da mãe à delegacia, descobrira as mensagens odiosas, assassinas, que Louise tentara, sem sucesso, apagar de seu computador. *Pobre idiota malfazeja, nem mexer num computador ela sabia direito!* Mensagens em que ela antegozava o assassinato da mãe e do irmão mais novo. Ele. Mensagens destinadas àquele outro doente, Cyril Janet. Morto também. Esquartejado. Nathan Hunter, também.

O diabo existia? Sua mãe dizia que não, que o diabo era uma invenção dos homens, destinada a justificar suas falhas, seus vícios. Uma cômoda autoabsolvição, de certa forma. Victor não tinha mais tanta certeza. Talvez o diabo fosse astuto a ponto de nos fazer acreditar em sua inexistência? Certamente, Victor já era grandinho

o suficiente para não engolir mais as fábulas de um homem chifrudo, com cascos nos pés e uma cauda bifurcada. De resto, uma monstruosidade dessas seria inepta. O diabo deve ser sedutor, se quiser ter adeptos. Louise, Cyril. Outros, que Victor não conhecia, mas de cuja existência, por toda parte, em volta deles, agora tinha certeza. Louise e Cyril teriam sido avatares do diabo, do mal? Nesse caso, Nathan Hunter não seria uma espécie de arcanjo que vencera a besta imunda? Victor devia ter fingido não reconhecê-lo naquela foto que lhe estendia Yves Guéguen, o *profiler* francês. Ainda mais tendo a mãe esquecido aquele breve encontro no terraço de um café da Rue de Rivoli.

O e-mail daquela de que nunca gostara muito antes, e que agora odiava, sua irmã mais velha, endereçado a Cyril, desfilou em sua memória:

Que linda mensagem, querido sire. A morte é tão vibrante. Que êxtase eu sentiria em matá-los. Ambos. Odeio-os com todas as minhas forças. Essa imbecil sentenciosa e o aborto do meu irmão. Acho que começarei por ela. Que começarei, na verdade. Logo. Estou me preparando, graças a seus preciosos ensinamentos. Tenha uma bela noite, meu doce sire.

Quando Victor o descobrira na lixeira do computador de Louise, pouco antes de sua morte, tivera que ler e reler várias vezes, tão sem sentido lhe pareceram aquelas palavras. Diversas hipóteses se sucederam a toda a velocidade em sua mente: Louise tinha copiado aquele texto de algum lugar, não fora ela que o escrevera, aquilo era uma brincadeira de mau gosto. E então a verdade se impusera. Ela ia matá-los, e sentia grande prazer naquilo. O pânico invadira o garotinho, e ele se derramara em lágrimas, detestando-se por ser tão pequeno, tão fraco, incapaz de proteger a mãe e a si mesmo. Impossível revelar aquela descoberta à mãe. Esperava que ela nunca descobrisse. Impossível também contar para a polícia, que pensaria que ele é que tinha raiva da irmã mais velha ou, ainda mais provável, que aquilo era apenas uma típica manifestação de agressividade de uma adolescente revoltada, no estilo "Detesto minha mãe e meu irmão. Quero mais é que eles morram". Não,

Louise não queria que eles morressem. Queria matá-los com as próprias mãos.

Victor desejara então um milagre que os livrasse dela. E o milagre acontecera: Nathan Hunter. Podia revê-lo, sentado no terraço daquele café da Rue de Rivoli, como se aquela cena tivesse se passado na véspera. Grande, magro mas musculoso, mais jovem do que Sara – embora Victor tivesse dificuldade em estimar a idade dos adultos, já que alguém de trinta anos lhe parecia velho – cabelos castanho-claros, lisos, corte quadrado, um bonito sorriso generoso, uma voz grave e lenta, com um leve sotaque americano. Victor não pudera ver a cor de seus olhos por trás dos óculos escuros de lentes retangulares, ligeiramente curvas. Azuis, decerto. Uma questão não cessava de atormentar o garoto: por que Nathan sentira necessidade de se aproximar deles, de se apresentar, de certa forma, pouco antes de abater Louise? Ele permanecera apenas alguns segundos, dirigira-lhes apenas algumas frases, usando a lentidão do serviço como pretexto para se levantar e desaparecer. Por quê?

Sim, Louise era um avatar do diabo, sem dúvida. A mesma angústia, que ia e voltava havia semanas, invadiu o garoto. Eles eram irmãos. E se fosse parecido com ela? Se a atração pelo diabo fosse... genético? Agarrou-se aos débeis argumentos que encontrara. Aquilo era impossível. Sua mãe estava do lado da luz. Seu pai, Marc, fora um ser admirável. Ele próprio gostava de animais e de alguns de seus colegas de escola. Adorava a mãe e continuava sentindo falta do pai. Não se parecia com Louise. No entanto, a dúvida não o deixava em paz. Victor chegava a temer uma espécie de contágio. Não podia falar daquilo para ninguém, sobretudo para a mãe, que nunca deveria saber a que ponto Louise os detestara. Porém, será que, no fundo, Sara ignorava mesmo a verdade? Aquele coronel, Yves Guéguen, devia ter recuperado as mensagens que sua irmã não soubera apagar. Teria ele explicado a verdade à mãe? Sara estaria se calando para proteger o filho, ele, Victor? Os dois mentiam um para o outro a fim de se pouparem? Odiava Louise também por isto: ter batido atrás dele as portas da

infância e demolido suas certezas. Restava apenas um mundo de interrogações, cambiante, assustador.

– Acho que fez a escolha certa, querido.

Victor se sobressaltou. Sara estava atrás dele, examinando as paredes. Murmurou:

– Sim, foi a escolha certa.

– De fato. E, no entanto, eu estava em dúvida. Esse cinza é um bocado sério, mas com as três outras paredes brancas, fica bem luminoso, bem...

– Calmo – pronunciou ele, sem sequer pensar.

– É isso, calmante. Fizemos um bom trabalho. Nenhuma marca de pincel ou de rolo. Trabalho de profissional!

A satisfação da mãe era falsa, podia sentir, mas pouco importava. Por enquanto, ela se agarrava à vida, e era isso que importava. Um dia, ele seria grande. Um dia, ela voltaria verdadeiramente à vida. Ele faria tudo para que isso acontecesse. Ele a amava tanto.

– Que tal: como recompensa por nossos esforços, estou disposta a aceitar uma brecha em nosso regime. O que acha de um enorme hambúrguer, cheio de ketchup, acompanhado de batatas fritas e seguido de um enorme sorvete?

Ele fez cara de difícil e negociou:

– Com uma coca gigante?

– Caramba, você é duro nos negócios – sorriu ela, acariciando-lhe os cabelos – Ok, você venceu. Vamos nos arrumar. O último a ficar pronto é mulher de padre!

Victor se levantou com um salto e fez de conta que tinha mordido a isca. Forçando a jovialidade do tom, exclamou:

– Eu é que não vou ser mulher de padre! Aliás, são sempre as mulheres que demoram mais para se arrumar!

Sara o viu correr para seu quarto. Seu sorriso desapareceu. Voltou para dentro de si mesma. Apesar da pintura nova, da nudez do que fora o quarto da filha mais velha – já que se livrara de todos os móveis, de todos os objetos e roupas de Louise, recusando-se a vendê-los ou dá-los, como se temesse que uma presença malsã persistisse neles –, não gostava daquele cômodo. Detestava-se pela espécie de superstição que se instalava nela. Acabara por

execrar aquele apartamento superaconchegante. Cinco anos antes, Marc, seu marido, morrerá. Eles já viviam ali. Tentou afastar a visão daquela pilha de ferragens em que se transformara sua moto, atingida por um motorista barbeiro em uma ponte, um barbeiro que não parara, que não avisara a polícia, abandonando um Marc agonizante. Ele morrerá ao chegar ao hospital. Naquele cômodo, Louise urdira seus assassinatos, dela e de Victor. O filho se surpreendera com sua insistência em cremar a irmã mais velha. Sara utilizara argumentos científicos, ecológicos e etnológicos. Todos pouco convincentes, já que Marc fora enterrado sem que a questão sequer se colocasse. Sua única verdadeira justificativa fora a ressurgência de crenças muito longínquas: purificar o mal pelo fogo, reduzi-lo ao estado de átomos, retirar-lhe o mais rápido possível qualquer forma orgânica. Um átomo de fosfato ou de carbono não é bom nem mau. Louise era má.

Um grito:

– Mulher de padre! Ainda não está pronta.

O sorriso de Sara voltou. Um reflexo.

– Tá bom, mas da próxima vez sou eu que vou ganhar. É que fiquei admirando nossa obra. Somos realmente muito bons, sabia? Vou pôr um vestido e pegar minha bolsa.

Evidentemente, era idiota tornar um lugar responsável, culpado pelas feridas humanas. Mas o fato era que ela se sentia mal ali, e estava certa de que Victor partilhava seu mal-estar. O rapazinho passava às vezes longos momentos no quarto repintado de sua irmã, sentado no chão, olhando para a parede, pensando ela não sabia em quê. Quando não sabia que o observava, podia sentir que ele estava na defensiva, pronto para fugir. Será que perceberá alguma coisa? Ia vender aquele apartamento. Ficariam bem melhor em outro lugar. Refariam seu casulo, os dois, livres do fantasma funesto de Louise. Financeiramente, daria um jeito. Completaria seu medíocre salário de pesquisadora fazendo traduções científicas. A ideia de traduzir do inglês a fez pensar em Diane Silver. Além do imenso consolo que a *profiler* lhe trouxera nos subterrâneos do Jefferson Building, em Quantico, a mulher do olhar desconcertante a marcara de maneira indelével. Apesar de seu encontro não ter

durado mais do que alguns minutos. E de Diane ter deixado bem claro que Sara a incomodava.

Por que Sara ousara admitir o inadmissível diante daquela mulher que não conhecia: que só amara sua filha por dever de mãe? Uma lucidez assassina. Por que aquela mulher – bastante odiosa, além do mais – lhe trouxera o único consolo eficaz? Sara lembrava-se de suas palavras como se a *profiler* acabasse de pronunciá-las:

... o tom dos e-mails de sua filha era... como dizer... aprazível. Não vi nada que pudesse estar relacionado ao ciúme, ao desejo de vingança, ao amor não correspondido ou mesmo à ausência do pai. Você era somente um objeto aos olhos de Louise. Um objeto odiado, mas mesmo assim um objeto. É uma tendência frequente nos psicopatas: despersonalizar suas vítimas. O que você fazia ou deixava de fazer não importava aos olhos dela. Não acho realmente que você seja a responsável por sua... oscilação, se é mesmo que se tratou de uma oscilação e não de uma tendência preexistente. Não digo isso com o objetivo de reconfortar você, compreenda. Não é meu papel.

Sara tivera de repente a impressão de conseguir respirar de novo. Diane Silver a segurara, por um triz, na beira do precipício. Ela, a mãe, não era a culpada pela psicopatia de Louise.

– Está pronta, mamãe?

Sara refez imediatamente um rosto descontraído e se juntou ao filho na porta de entrada.

*Arredores de Boston,
Estados Unidos, julho de 2008*

Descalço, vestido com uma larga camisa de linho branca e uma calça larga presa à cintura com um cordão, Nathan digitou seu código na fechadura eletrônica e penetrou em seu santuário, sua sala de trabalho. Uma tela gigante, conectada a seu computador, cobria uma parede quase inteira. Quanto ao seu equipamento informático, poucas forças policiais no mundo podiam rivalizar com ele.

Tocou no teclado. A tela de fundo apareceu. Como sempre, uma onda de felicidade o fez sorrir quando examinou a foto projetada na parede. Devia ter um ano. A mãe o apertava nos braços, sorrindo. Pensou com prazer que, com o passar do tempo, parecia-se cada vez mais com ela. O mesmo olhar de míope, os mesmos cabelos encaracolados, com a única diferença de que os dela eram mais claros, mais dourados.

Instalou-se diante da escrivaninha de jambire, única nota escura no oceano branco do cômodo, e abriu a caixa de mensagens. Desprezou suas contas de usuário comuns e abriu seu e-mail ultraconfidencial, mais bem protegido do que os computadores do Pentágono. Nem Diane Silver tinha aquele endereço, por uma razão muito simples: apesar de sua extraordinária inteligência, os conhecimentos da *profiler* em matéria de computadores eram tão simplórios que Rupert temia que ela abrisse uma brecha em seu inexpugnável bastião informático. A mensagem pela qual tanto ansiava o esperava.

Caro senhor Teelaney,

Como temíamos, meus progressos foram laboriosos. Mas acho que o resultado vai satisfazê-lo. Espero, portanto, sua ligação para lhe comunicar meus avanços e receber suas instruções.

Seu devotado,

Thomas Bard.

Thomas Bard, um ex-policial de Los Angeles que se tornara detetive particular, “aconselhava” – como ele próprio dizia – a família Teelaney havia cerca de vinte anos. Era conhecido por sua combatividade, sua excelência e sua extrema discrição, qualidades que lhe valeram uma clientela exigente e muito rica. Rupert se lembrou de uma das reflexões de Thomas:

– Sou um policial, senhor Teelaney. Uma vez policial, sempre policial! Por isso, vejo o mal em toda parte, fui adestrado para isso. Então, corro atrás. E o fato é que quase sempre encontro o mal.

Thomas desencavara ou simplesmente testemunhara tantos segredos – alguns extremamente sujos – que teria podido, sozinho, provocar um caos na bolsa de valores. Contudo, como homem avisado, não ignorava que era o silêncio que garantia sua longevidade e seus vertiginosos honorários. Rupert tinha certeza de que o detetive sabia a verdade a respeito do pretense afogamento de sua mãe na piscina familiar. No entanto, era inútil tentar arrancá-la dele. Thomas era absolutamente fiel a seus empregadores e, naquela época, seu empregador era o pai de Rupert.

Rupert pegou o telefone de sua linha privada e ligou para o detetive, que respondeu após dois toques.

– Oi, Thomas, como vai?

Rupert percebeu uma risada infantil no fundo.

– Senhor Teelaney, acaba de me salvar da desonra. Estou jogando boliche com minha neta, Sandra. Ela joga muito melhor do que eu e estou perdendo de lavada...

Rupert ouviu-o falar com a criança:

– Sandra, querida, vá um pouco com a vovó. Tenho que falar com esse senhor. Daqui a pouco continuamos a partida. E fique ligada, porque dessa vez vou ganhar!

Um “nada disso, vovô, eu que vou ganhar” estridente e alegre chegou a Rupert, que sorriu, sem se dar conta.

– Estou indo para o escritório, senhor Teelaney. Desculpe a interrupção.

– Sem problemas, Thomas.

Escutou a respiração forçada do detetive. Uma porta bateu e a voz de Thomas retomou:

– Pronto, agora podemos falar. Recebeu meu e-mail?

– Sim, e estou ardendo de impaciência!

– A pista está muito fria. Passaram-se tantos anos. Ainda mais que era... difícil falar com os pais, pedir que revivessem suas terríveis recordações. Alguns ficaram destruídos para sempre; outros tentaram, com maior ou menor sucesso, se reconstruir. Avancei à maneira de uma formiga.

– Era de se prever. No entanto, obteve alguma coisa, não é?

– De fato. Tive que recomeçar do zero. Quase todas as garotinhas foram raptadas em dois parques, onde se encontravam na companhia de suas babás. Fui de decepção em decepção. O senhor pode imaginar que, após o rapto de suas filhinhas, os pais passaram a odiar mortalmente essas babás. Uma família chegou a processar sua empregada por negligência e cumplicidade no rapto. O caso foi julgado improcedente. Seja como for, todos os pais cortaram relações com essas moças. Para piorar, todas, salvo uma, eram estudantes estrangeiras. Suponho que, além disso, hoje em dia a maior parte já tenha se casado e mudado de nome. Em suma, um quebra-cabeça de quinhentas mil peças.

– Está me deixando desesperado – observou Rupert.

Uma risadinha discreta foi a primeira resposta:

– Não, senhor Teelaney, estou apenas justificando meus honorários.

– Raposa velha!

– Vou tomar isso como um elogio: são animais muito inteligentes. Finalmente, uma luz. Uma única garotinha – Barbara – estava sendo cuidada pela mãe, uma tal de Debra Kaplan, que consegui localizar. Se alguém deve ter revivido interminavelmente a cena, cada detalhe que precedeu o rapto, é ela. Tudo leva a crer que se sente culpada pelo que aconteceu. Fiz uma pequena investigação a seu respeito. Depois de uma depressão grave da Sra. Kaplan, de anos de neurolépticos e dos mais variados tratamentos, o marido pediu divórcio. Ele se casou de novo. Debra, ao que parece, encontrou certo conforto no budismo. Mudou-se para Maine, em

Portland. Dirige agora uma livraria-restaurante vegetariana. Vou lhe enviar todas as suas coordenadas por e-mail. O que mais posso fazer para lhe ser agradável?

– Nada, por enquanto. Obrigado, Thomas, você é insubstituível.

– Eu me esforço, senhor Teelaney.

Com um tom triste, o detetive acrescentou:

– Só vidas destruídas, não é verdade?

– Sim, e todas por um único degenerado. Até a vista e, mais uma vez, obrigado, Thomas.

– Até a vista, senhor Teelaney. Vou continuar o jogo com Sandra. As crianças nos lavam do mundo. É por isso que são tão preciosas e que devemos fazer tudo para protegê-las.

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, julho de 2008*

Diane Silver saiu do pequeno escritório que William Folston ocupava quando a visitava na base. Respondera de maneira mecânica às questões do psicólogo que escolhera após ter abatido um jovem ladrão drogado, pretensamente em legítima defesa. Não importava que a investigação tivesse revelado que o sujeito em questão já tinha matado uma mulher de sessenta anos em circunstâncias similares, já que Diane ignorava isso no momento em que atirara nele. O fato é que o FBI quisera se assegurar da estabilidade psicológica de sua melhor *profiler*. Diane obedecera, escolhendo Folston, um psiquiatra de Fredericksburg, conhecido por sua amabilidade, que ela não teria nenhuma dificuldade de engambelar. Gentil William, que tentava apaziguá-la. Gostava dele por isso, não lhe daria o presente envenenado da verdade. Ele nunca saberia que sua paciente deixara de ser uma mulher civilizada e respeitadora das leis no momento em que assistira à fita do calvário de Leonor, sua filha de onze anos.

Entrou no elevador. Estava diante de uma incógnita preocupante: e se Yves e aquela Sara Heurtel se obstinassem a encontrar o assassino de Louise e de Cyril, o que iria fazer? Nathan/Rupert estava caçando para ela. Uma caça terrivelmente importante. Tinha que protegê-lo.

Yves Guéguen, apesar de sua extrema inteligência, da versatilidade prodigiosa de sua mente e mesmo de seu pragmatismo, nunca aceitaria o passo decisivo que Diane acabava de dar, associando-se a Nathan Hunter/Rupert Teelaney. Aos olhos de Yves, as pessoas eram o que faziam. Ela era, portanto, uma assassina, como aqueles que caçava. Na verdade, tornara-se uma assassina na noite em que esvaziara seu carregador na barriga do jovem ladrão drogado. Abatera-o a sangue frio, sem nenhum

remorso, mas não sentira nenhum prazer, nenhuma satisfação ao vê-lo cair para trás e despencar escada abaixo. A seu ver, permanecia humana: capaz de matar um predador perigoso sem ter prazer com isso.

Para Yves, a “colaboração” que ela acabava de estabelecer com Nathan/Rupert – um dos cinquenta homens mais ricos do planeta – era uma aberração, um erro imperdoável. Ainda segundo Yves, um ser humano só caça com o auxílio de uma fera depois de tê-la domesticado, controlado. Acrescentava-se a isso sua paixão pela lei.

O punho de Diane se abateu sobre a escrivadinha, fazendo seu lápis rolar. Observou seu trajeto, sem tentar nenhum movimento para retê-lo quando chegou à borda do tampo de vidro reforçado e caiu no carpete. A lei fora prevista para os cidadãos, não para os *serial killers*. Era impotente diante de sua monstruosidade. Todos aqueles processos nos quais testemunhara, lutando contra a náusea, enquanto todos se obstinavam em respeitar os direitos civis de estupradores-torturadores-assassinos multirreincidente, em alguns casos até muito orgulhosos de que suas façanhas fossem narradas em público. E os direitos civis das vítimas? Entre os quais aquele, fundamental, de viver? O que eles tinham de “civis”, todos aqueles maníacos que sentiam prazer em infligir torturas que era melhor nem imaginar? Em seus casos, os argumentos dos que se opunham à pena de morte exasperavam Diane: “A pena capital não é exemplar”. De fato, não era. Mas, no que tangia aos *serial killers*, ela tirava definitivamente aqueles predadores de circulação, poupando as vidas que ainda poderiam massacrar. “Uma sociedade civilizada não se vinga, não pune com a morte.” Contudo, não se tratava de vingança.

Uma bola rola até os pés de um homem sentado num banco, num parque, cercado pelos gritos alegres da criançada. Ele a devolve para a criança, sorrindo: acaba de pensar no quanto vai adorar estuprá-la e torturá-la por horas. E ainda vai se filmar. Muitos se filmam para se regozijarem depois com os urros da massa de carne e sangue que os fez ter ereções e gozar. Segundo a definição de Diane, esses seres não mereciam mais o qualificativo de humanos.

Deve-se filosofar apenas sobre a morte dos homens. Animais perigosos devem ser sacrificados, mesmo quando sua única culpa é a de terem sido treinados para a carnificina por seus donos. A morte, simplesmente. Sem efusão de ódio nem desejo de vingança. Uma morte clínica, rápida e sem dor. A morte pela qual devem ter rezado todas as suas vítimas, que não tiveram essa sorte.

Diane Silver bateu de novo o punho contra a placa. Uma dor se propagou no antebraço até o cotovelo. Sentiu-a ricochetear de nervo em nervo.

Estava certa, certa!

Yves não concordaria. No entanto, não podia acusá-lo de nenhuma dengue, sentimentalismo fora de hora ou covardia. Ele detestava aqueles caras tanto quanto ela. Como Diane, julgava que as explicações psicanalíticas não eram mais do que um recurso desesperado dos advogados. Tratava-se de indivíduos cujo prazer consistia em fazer mal e matar – e continuariam assim. O passado o demonstrava claramente. Aos olhos de Diane, colocá-los em liberdade – por qualquer razão que fosse, muitas vezes um vício de procedimento – significava tornar-se cúmplice de suas futuras carnificinas.

A prisão perpétua, sem possibilidade de remição de pena, teria retorquido Yves. O bom Yves. As prisões estavam superlotadas, os tribunais transbordavam. Os hospitais psiquiátricos, fechando um atrás do outro por falta de meios para aquilo que era importante. Soltava-se no mundo indivíduos extremamente perigosos que, – eles, ao menos –, eram irresponsáveis no momento de seus atos, por mais imperdoáveis que tivessem sido. Quando Diane lhe dissera que, no que dizia respeito aos *serial killers* em plena posse dos recursos psíquicos, a prisão perpétua era um desperdício de dinheiro do contribuinte, ele acreditara numa manifestação de seu humor cínico. Estava enganado. Ela estava sendo terrivelmente sincera.

Tinha razão, razão!

Mike Bard, um dos dois agentes do FBI encarregados da investigação conduzida por Diane sobre Nathan Hunter, passou pela segunda vez diante da porta fechada do escritório da psiquiatra. De

novo, diminuiu a marcha, hesitando em bater e pedir para ter uma conversa com ela. De novo, recuou. Merda; além de tudo, nem podia discutir aquilo com Gary Mannschatz, seu parceiro. Bard hesitava havia dias sobre a conduta a tomar. De físico bastante pesado, o tira grandalhão de quarenta e poucos anos, de cabelos cada vez mais grisalhos, gostava de dar a enganosa impressão de ser meio lento. Possuía, no entanto, uma inteligência alerta.

Que porra Diane Silver estava fazendo? Estava querendo tapeá-los, ele e Gary?

*Portland,
Estados Unidos, julho de 2008*

Debra Kaplan o recebera com gentileza. No entanto, parecia um pouco tensa. Baixinha, miúda, seus cabelos castanhos estavam cortados bem curtos. Belos olhos cor de avelã, tristes mas benfazejos, iluminando o fino rosto sem viço. Nathan pensou consigo mesmo que devia ter sido bela. Antes.

Com um vestido-aventil azul-marinho por cima de uma camiseta branca e sapatilhas de pano, ela o precedera na sala, oferecendo-lhe um chá ou um suco de frutas com uma espécie de nervosismo mal contido. Pensando que ela devia precisar de tempo, apesar dos dois dias transcorridos desde sua ligação, Nathan logo aceitara. Aproveitando sua ida à cozinha, examinara o apartamento que ela ocupava num desses antigos prédios industriais de tijolo vermelho situados no porto, que corretores espertos tinham transformado em alojamentos para a classe média, com muito êxito. Um cheiro de incenso pairava na sala, mobiliada com bom gosto, embora sem luxo. Ao menos, certo bom gosto. Grandes almofadas vermelho-ocre e amarelo-açafrão em volta de uma mesinha tailandesa de jambire. Uma escrivaninha chinesa, também de madeira escura, encostada num canto com um computador em cima. As paredes, de um creme caloroso e quase apetitoso, tinham sido pintadas com cal. Nathan se aproximara de uma estante de madeira e tijolos. Os títulos não o surpreenderam. Todas as obras do atual Dalai Lama, *O livro tibetano da vida e da morte* de Sogyal Rinpoche, *O caminho para a iluminação* de Shantideva e *As conversas do Buda*, sem esquecer *Os Quatorze Dalai-Lamas* de Glenn H. Mullin e o *Bardo Thödol*.¹ Debra Kaplan voltara com uma bandeja e a colocara sobre a mesinha.

Falara primeiro de assuntos gerais, num tom nervoso, confuso. Portland, uma bela cidade média, o feudo dos artistas, dos

criadores cansados das metrópoles. Claro, o inverno era rigoroso, a fronteira com o Canadá estava ali ao lado, mas, a partir da primavera, aquilo era um encanto. Os bistrôs, os restaurantezinhos, a baía de Bar Harbor, que parecia sempre outra após cada maré alta, divertindo-se em surpreender a todos com suas metamorfoses. Aos poucos, sua fala fora se desacelerando.

Ele a escutava sem interrompê-la, encorajando-a às vezes com um movimento de sobrancelhas ou um sorriso. Ela devia precisar daquelas amáveis trivialidades para avançar suavemente até o pior: a lembrança.

Ela se interrompeu, apertando a xícara de cerâmica com as duas mãos. Seu olhar se perdeu ao longe, atravessando Nathan como se ele não existisse. Ele esperou.

– Eu... eu encontrei essa mulher, faz uns dez anos. Uma eternidade. Na sala de espera de meu psicólogo. Ela perdera seu filho único por causa de uma doença genética, três anos antes. Na verdade, estava ali para terminar sua psicoterapia. Parecia... como dizer... tranquilizada, porque optara por um outro procedimento. Eu continuava afogada no desespero e passava todas as sessões com o psicólogo soluçando e repetindo que não conseguia compreender. Ele próprio não podia me dar nenhuma explicação... Acompanhei essa mulher, Marissa, a encontros, conferências e descobri o budismo. O senhor também é budista? Foi o que disse no telefone...

– Sim, há muito tempo.

– Também perdeu uma pessoa querida?

– Minha mãe. No entanto, esse luto não foi a causa de minha conversão, ou adesão, não sei qual é o melhor termo. “Iluminação” deve ser o mais adequado.

– Sim: iluminação, revelação, é isso – aprovou Debra, balançando a cabeça. – Compreende, senhor...

– Nathan.

– Nathan... Eu me dei conta, depois de três anos de terapia, que não era nada daquilo que eu buscava. Aquilo não me levaria a lugar algum. Não é uma crítica, meu psicólogo foi perfeito. No entanto, ele não percebia realmente onde estava o nó inextricável. No fundo, eu não queria que me ajudassem a fazer meu luto, como se

diz. Porque eu não queria fazer meu luto. Fazer seu luto significa aceitar que o outro que você ama tanto, mais do que a si mesmo, está morto. Ora, o senhor percebe, nunca aceitei que Barbara estivesse morta, e nunca aceitarei. Ainda mais que... sou culpada, se a tivesse vigiado melhor...

Ele quis contradizê-la, explicar, mas ela lhe impôs silêncio com um leve gesto da mão.

– Foi graças a Marissa que descobri a reencarnação, e tudo ficou claro. Como não tinha pensado nisso antes? As almas têm que vir de algum lugar. Elas não surgem do nada. Elas são, por assim dizer, “recicladas”, infundidas em outros seres. Não sei em que Barbara terá reencarnado. Talvez num garoto, numa garota, ou num magnífico pássaro livre... uma grua acinzentada. Elas trazem sorte. Um belo gato abissínio ou siamês, numa excelente casa... Pouco importa, ela reviverá. Eu lhes desejo tudo de bom, a essas pessoas que gostam de seu gato, de minha filhinha sob sua nova forma, que eles vão mimar, que estão mimando talvez neste exato momento. Pois talvez ela já esteja novamente viva. – Abafou um sorrisinho triste e admitiu: – Dito isso, ela era tão luminosa que acho que reencarnará num ser humano. É claro, espero que um sinal, um dia, me indique onde ela está, mas sei que isso é pedir demais. Tudo bem. A única coisa fundamental é que ela reviva, que seja feliz, que nunca mais sofra daquele jeito...

Seus olhos se encheram de lágrimas e Nathan soube que ela estava se lembrando das torturas que o “belo Rick” infligira à sua filhinha. Como a Leonor.

De repente preocupada, ela perguntou:

– O senhor acredita na reencarnação, não é mesmo?

É claro que ele acreditava, mas, certamente, não da maneira como ela se agarrava àquilo, à maneira de tantos ocidentais. A reencarnação não era uma chance de reviver, uma recompensa, e sim uma nova provação. A de ter que voltar e sofrer de novo num invólucro carnal até o momento em que, todas as paixões dispersadas, chegava-se finalmente à dissolução no infinito. Porém, Debra não podia admitir aquilo. Sua filha única, Barbara, tinha que voltar. Talvez já estivesse de novo na Terra. Vivia em algum lugar,

feliz e tranquila. Aquela fora uma última barreira que a salvara de enlouquecer completamente.

– Digo para mim mesma que talvez, um dia, graças a uma análise ou a uma regressão hipnótica, ela perceberá que teve outra mãe em uma vida anterior. Uma mãe que a adorava. Eu. – Subitamente tensa, perguntou: – Acredita que seja possível?

– Com certeza – mentiu Nathan/Rupert.

O consolo iluminou por um instante aquele rosto pálido. Então, uma espécie de pânico o substituiu e ela balançou a cabeça com veemência:

– Não, isso não deve acontecer. É horrivelmente egoísta de minha parte. Não quero que isso aconteça porque, se lembrar de mim, ela lembrará também do resto... daquele torturador, do que ele... e eu não quero – ela quase gritou.

Um longo silêncio se fez. Ele não sabia como ajudá-la. Contentou-se em estender a mão. Ela encostou a testa na mão dele, suspirando, então voltou a levantar a cabeça.

– Meu... Bem, meu marido me deixou três anos depois... desse horror. Eu o detestei por anos. Agora não. Ele realmente fez tudo o que podia para me carregar nos braços. Lutou bravamente. Era inútil. Eu nem sabia mais quem era, onde estava. Estava dopada com sedativos. Uma zumbi. Não consigo beber álcool, senão teria virado alcoólatra também. Saul, meu marido, fez tudo para me apoiar. Mesmo depois de ter ido embora, continuou me mandando dinheiro. Acho que... toda essa morte ao nosso redor, que eu não parava de... alimentar, se tornou insuportável para ele. – Seu queixo tremeu, seus lábios se apertaram até ficar brancos, ela rugiu: – Se aqueles imbecis não tivessem soltado Rick Ford por um vício de procedimento, Barbara ainda estaria viva, como as duas outras garotinhas que ele matou depois da remição. Quinze! – gritou ela. – Se dá conta de que ele torturou e matou quinze? Pelo menos aquelas cujos pedaços foram encontrados. E então compreendi, graças a Marissa, que ela ia reviver, reencarnar em outro ser. Isso me apaziguou. Saul casou de novo. Teve um filhinho. A vida. Fico contente por ele. De verdade. Não se engane... ele não

esquecerá Barbara. Ela permanecerá uma chaga aberta nele também.

– Sei que há de ser assim – tranquilizou-a Rupert.

Gostava daquela mulher, sua beleza de dor. A dor das mulheres, que vem da noite dos tempos. Pensou que, apesar do amor que sentia por elas, jamais desejaria ser uma. Ele era um macho alfa, encarregado de protegê-las, elas e seus pequenos, contra outros machos degenerados.

– Mas, provavelmente, a vida era mais... poderosa, tenaz, em Saul do que em mim – prosseguiu ela. – No fundo, se tivesse sido mais corajosa, acho que teria suicidado. Não imagina o que representa viver com essas lembranças, com a culpa que sinto. Mas... sou medrosa demais...

Nathan pensou que Diane Silver era a quintessência da coragem e que, embora flertasse com a morte, não suicidaria. A raiva a sustentava, o instinto de sobrevivência também. Pelo menos até o momento em que acertasse suas contas. Nathan/Rupert cuidaria para que não acabasse com tudo, então. Ela era bem capaz.

– Não, você não é covarde. O suicídio não é uma questão de coragem. É apenas uma imperiosa vontade de paz. Uma vontade que domina todo resto. Esse não era o seu caso.

– É mesmo o que pensa?

– Sim, e vou lhe provar.

– Como?

– A senhora permaneceu quando não tinha mais nenhuma vontade. Por quê? Porque sabia que seu papel não terminara, que ainda era preciso fazer uma coisa por Barbara. Enfim... não o sabia, mas o sentia. Esse dia chegou.

Com tom calmo, sem inquietação, ela perguntou:

– Quem é o senhor exatamente? Um detetive particular, foi o que disse no telefone.

– É isso. Uma espécie de detetive muito particular. A filhinha de minha cliente também caiu nas patas de Rick Ford. Antes de ele ser preso. Antes que ele fosse liberado e posteriormente abatido por aquele traficante, aliás, um benfeitor da humanidade. Ela está

convencida de que Ford não operava sozinho, que ele contava com a colaboração de uma cúmplice...

Debra Kaplan olhava para ele com os olhos arregalados e uma mão cobrindo a boca. Por um momento, ele temeu que desmaiasse. Em vez disso, ela murmurou, com voz apressada:

– Uma mulher... é claro... Barbara nunca teria seguido um homem... eu sempre a alertava... Sua cliente é Diane Silver, não? A psiquiatra que se tornou *profiler*? Depois... depois do enterro de Barbara, passei todas as minhas horas examinando cada detalhe do processo, tudo que podia encontrar. Assisti à gravação da audiência. A fita de vídeo que a Dra. Silver tinha, com o martírio de sua filha. Perguntei para mim mesma como uma mãe podia assistir a tamanha monstruosidade. Eu não tive coragem. Saul também não. Mais tarde, muito tempo depois, compreendi. Ela queria a pele dele. Um ser normal não pode matar sem excelentes razões. Ela se serviu dessa fita para cimentar seu ódio, torná-lo indestrutível, impermeável à piedade. Tenho uma admiração enorme por essa mulher. É ela, não?

– Não estou autorizado a lhe revelar isso.

– É ela!

Debra se desfez em lágrimas, gaguejando:

– Meu Deus... Que ela cumpra sua missão, ela tem a força, eu vi na gravação do processo. Que consiga prender essa cúmplice, para nós todos, todos os pais destruídos...

Oh! Ela não a prenderá. Vai matá-la, e tem razão, retificou para si mesmo Rupert, enquanto dizia:

– É sua meta.

– Deus a guarde e a ajude.

– Preciso de sua ajuda, Debra. De suas lembranças. Esse caso aconteceu há doze anos. Naquela época, acreditava-se haver apenas um maníaco: Rick Ford. Todos ainda pensam isso, fora minha cliente.

– O quê? O quê? Diga logo. Tudo que eu puder, farei – enervou-se a mulher.

– Fique claro que tudo isso é altamente confidencial. Não sou da polícia e minha cliente não tem nenhuma autoridade jurídica. Ela

não pode reabrir a investigação.

Um véu cobriu as belas íris avelã que o fixavam.

– Nenhuma palavra a ninguém. Quero que essa mulher seja condenada, o máximo possível. Quero-o pelo repouso de Barbara e sua felicidade em sua nova vida. Quero que, no dia em que descobrir que teve outra mamãe, ela possa se orgulhar, que ela saiba que essa mamãe anterior fez de tudo, até o fim, por ela. Quero que essa desgraçada seja julgada e, se morresse sabendo por que está sendo morta, eu ficaria feliz.

Conte comigo e, sobretudo, com Diane, prometeu Nathan silenciosamente, antes de esclarecer:

– Cinco das garotinhas ou mocinhas massacradas frequentavam o mesmo parque depois da escola. Entre elas, Barbara. Minha cliente tem certeza, por diferentes razões, de que é lá que a comparsa operava. A senhora era dona de casa, acompanhava sua filha ao parque. Minha cliente acredita que talvez tenha visto alguma coisa a que não deu importância naquele momento, nem mesmo depois. Segundo ela, a cúmplice era uma mulher cuja... digamos, aparência era de natureza a inspirar confiança numa garotinha, mesmo alertada por seus pais sobre os perigos clássicos. Não sei mais do que isso. Suplico-lhe, Debra, reflita. É minha única chance de chegar a ela. Os outros pais empregavam babás, com as quais perderam contato há muito tempo.

Ela o olhava bem nos olhos, com uma lágrima hesitando na dobra das pálpebras.

– Pense com todas as suas forças, por favor – insistiu Rupert. – A investigação convencional não deu em nada. E agora, está longe demais. Só resta a senhora.

Ela fechou os olhos. Ele viu os movimentos rápidos de seus globos oculares sob as finas pálpebras, como se ela tivesse mergulhado num sono paradoxal. Calou-se, aguardando, mal ousando respirar. Viu sua face se contrair de concentração, a fina rede de rugas na pele seca. Examinou as olheiras cinza-malva, herança de uma mágoa pesada demais que ela não sabia como dispersar. Aos poucos, sua respiração se tornava mais forte, de uma força quase imperceptível até aquele momento. Graças a Diane,

Debra reencontrava a vontade de lutar. É ela que nos carrega quando todo o resto não é mais do que cinzas. Debra lutaria pela filha morta, a fim de que esta pudesse reencarnar em paz.

Um murmúrio quase inaudível, a cristação de uma testa pálida:

– Não... não... eu a conhecia... não aquela... não... ou sim... não...

Ele esperou. O tempo é tão estranho. A maior parte das horas que passam não têm nenhuma significação, nenhuma importância. No entanto, esforçamo-nos o tempo todo para lhes dar alguma, sendo capazes até de forjá-la. A fim de justificar nossa existência. E então, de repente, em alguns segundos, num minúsculo minuto, o universo estremece.

Debra abriu os olhos e o fixou sem vê-lo. Gritou:

– A *nanny*! Era uma inglesa, pelo sotaque. Simpática. Um pouco antiquada em seu uniforme. Algumas fazem questão. Isso as torna mais profissionais e agrada seus empregadores. Um sinal exterior de riqueza. Sabe, aquele uniforme azul-marinho de babá. Ela cuidava dos pequenos Simmons. Três meninos, com um ano de diferença entre eles. Três capetinhas, não que fossem cruéis, mas muito turbulentos, procurando sempre uma besteira pra fazer e aterrorizando as meninas com suas invenções. Daqueles que fazem pensar numa cura com multivitamínicos, sabe? Ela se virava muito bem, com muita calma.

– Seu nome? – perguntou Rupert, tentando controlar a excitação de sua voz.

– Eu nunca soube. Elas são chamadas de *nanny*, isso também faz parte do sinal exterior de riqueza. Acha que pode ter sido ela? – Quase gritou: – Será que foi ela? Falei com essa mulher. Achei-a simpática. Será que foi ela que conduziu Barbara para aquele monstro?

Tinha que acalmá-la, ainda precisava dela.

– Não sei, Debra. Mas vou descobrir. Garanto-lhe. Graças à senhora e a pista dos Simmons. Continue. Tudo aquilo de que se lembra.

– Bem... não conversei muito com ela. Sabe, conversa de mulher com filhos. Está tendo uma onda de gripe, as besteiras do

momento, receitas para fazê-los comerem legumes, o melhor jardim de infância ou a melhor escola primária, os lugares de recreação, esse tipo de coisas.

– Ela usava um anel? Uma aliança?

Debra pensou por um segundo.

– Sim, lembro disso. Como sabe? Diane Silver? Mas eu nunca a vi no parque. E olha que ia lá com Barbara quase todos os dias. Como ela pôde ficar sabendo do anel? A babá dela, uma holandesa, não muito esperta mas adorável, que cuidava da... Como se chamava, aquela encantadora garotinha de olhos azuis?

– Leonor.

– Leonor. Isso. O anel... A *nanny* inglesa, dos Simmons, usava uma aliança de que muitas patroas teriam inveja. Um solitário magnífico, do tamanho da unha do meu dedinho. Caríssimo.

Ele pensou que Diane tinha a mente mais poderosa que jamais encontrara e aquela certeza lhe deu um intenso prazer. Escolhera muito bem sua parceira.

– Entendo. Por que pensou nela, Debra?

Ela hesitou:

– Fiquei surpresa – e seduzida, devo dizer – pelo interesse que ela manifestava pelas garotinhas. Ela tinha que cuidar daqueles três que era preciso vigiar como leite no fogo e mesmo assim arranjava tempo para conversar e brincar com crianças que não estavam sob sua responsabilidade. Pensei que as adorasse e que lamentasse não ter nenhuma garota no lote dos Simmons. Uma garota é mais calma. Mais bonitinha também, em geral.

Súbito, seu rosto mudou, crispou-se. Rupert leu nele um ódio atroz, assassino:

– DESGRAÇADA! – gritou. – Se foi ela... que morra... Ela não parava de repetir para Barbara que ela era bonita, encantadora... Barbara a achava tão gentil... Eu também... Estava paparicando a menina para garantir que a seguiria num momento de desatenção de minha parte. Foi exatamente o que aconteceu. A caminhonete do sorveteiro chegou... – Sua voz tremia tanto que teve que se interromper. – Bem... Barbara implorou um sorvete. Eu cedi e fui comprar para ela... Quando voltei, minha filha tinha desaparecido...

Odeio-me desde então, Nunca devia tê-la deixado sozinha, nem um segundo... Quero que essa mulher morra, MORRA!

– Se foi mesmo ela, dou-lhe minha palavra, ela pagará. Quanto à senhora, sei que é inútil repetir, mas não é culpada de nada. Esses maníacos são terrivelmente organizados. Um dia ou outro teriam encontrado um meio de atrair Barbara.

Ele se levantou, contornou a mesinha e se ajoelhou ao lado dela, abraçando-a como um irmão. Abafou os soluços dela contra seu ombro, acariciando seus cabelos que deviam ter sido magníficos e agora não eram mais do que uma palha seca. Amava aquela mulher. Amava Diane. Amara tanto sua mãe.

Ela chorou por muito tempo. Finalmente, suspirou e declarou, sempre com o rosto escondido no ombro dele:

– Espere.

Afastou-o suavemente e o fixou com uma intensidade quase insustentável.

– Lembro... Ela era pequena, não muito bonita, mas simpática. Morena de cabelo castanho. Lembro porque, na hora, aquilo me surpreendeu... Sempre temos na cabeça o clichê da inglesa de olhos azuis, grande, cabelos loiros e pele pálida...

– Muitos britânicos de origem escocesa, galesa ou irlandesa, são morenos e de cabelos castanhos.

– Eu sei, mas é assim: os italianos são crespos e fazem um monte de gestos com a mão quando falam, os alemães são grandes e loiros, as francesas são ruivas e têm as articulações finas, as espanholas têm um temperamento fogoso e pés delicados... Esse tipo de asneiras...

– Asneiras bem úteis em nosso caso – retorquiu Nathan em tom amigável.

Ele se levantou e considerou-a por um instante antes de repetir:

– Debra, graças a você, ela vai pagar.

Ela lhe lançou um imenso olhar perdido e balançou a cabeça afirmativamente.

– Eu a mantereí a par, prometo. Não esqueça: não me conhece, eu nunca vim aqui.

– Pode contar comigo. Até meu último suspiro. Por que eu prejudicaria a única pessoa que me permitiu reviver um pouco? A espera... a espera é tão mais suportável do que o nada. Espero que ela pague.

1 O livro tibetano dos mortos.

*Arredores de Bel Vista,
Estados Unidos, julho de 2008*

Dois funcionários da companhia de água estacionaram seu caminhão, equipado com uma miniescavadeira, no acostamento da estrada rural que levava a uma bela fazenda isolada, restaurada com bom gosto, aninhada atrás de uma cortina de árvores a uma centena de metros dali. Um vazamento fora assinalado por alguns habitantes da cidade vizinha, alertados pela diminuição da pressão em suas casas.

Um dos dois funcionários, Alan, praguejou:

– Aposto que foi de novo um desses caminhões fora dos padrões, Roger! Eles estão pouco se lixando que a estrada de asfalto fino seja proibida para eles. Ganham meia hora usando esse trajeto, pronto. São muito pesados e esmagam as canalizações. No final, acaba estourando, naturalmente!

– Sei não. Tudo o que quero é que o vazamento não esteja embaixo da estrada. Senão, o trabalho vai ser grande e o pessoal vai reclamar porque seremos obrigados a interditar a estrada até que esteja consertada!

– Que reclamem, Roger, que reclamem, ajuda-os a relaxar. Além disso, se passa um veículo por dia nessa estrada já é muito.

Apontando para a casa de campo que podia ser vista através da cortina de folhagens, Roger disse a seu colega:

– Aquela cabana ali parece fechada. Deve ser uma casa de fim de semana.

– Bom, espero que o subsolo não esteja completamente inundado. Os proprietários da casa poderiam nos processar por infiltrações e estragos causados pela água! Vamos começar pelo mais fácil, Roger: seguir a lama. Normalmente, o chão deve estar completamente encharcado à altura do vazamento. Isso vai limitar os testes.

– Só que, com o declive, o vazamento pode estar mais acima e a água pode ter escorrido até a casa.

– É verdade, mas temos que começar por algum lugar. Vamos pegar as pás e o detector.

Aproximaram-se da casa, cercada por um jardimzinho que a seca dos últimos dias maltratara.

Com a barriga apoiada na cerca de madeira branca, Alan comentou:

– Que tristeza! Quase todas as flores secaram. Que ideia plantar hortênsias se não se pode regá-las regularmente! Bom, sei lá, mas quando se tem uma casa de férias, deve-se planejar uma irrigação automática. Ainda mais que tudo parece muito bem cuidado, afora isso.

Roger, a quem a sorte das plantinhas não interessava muito, não respondeu e contornou a cerca.

Ao chegar à parte de trás da casa, gritou:

– Alan, venha ver... Uma verdadeira piscina encostada na parede.

Seu colega correu até lá. Aproveitando uma concavidade natural, a água se acumulara, encostada na parede de pedras aparentes.

– Merda! – suspirou Alan. – Nesse caso, não foi um caminhão. Se o vazamento aconteceu no jardim, é responsabilidade nossa, e se a água veio mais do alto, também é nossa responsabilidade. Espere... Que barulho é esse? Parece alguém falando.

– Mas não tem ninguém...

– Sei, mas, mesmo assim, parece que tem gente falando ali embaixo – insistiu Alan.

Eles ficaram escutando. Ouviram uma série de risos.

– Merda, parece que tem uma televisão ligada – sugeriu Roger.

– É, você tem razão.

– Ah... o que vamos fazer? A casa parece fechada, mas tem uma TV ligada!

– Em caso de emergência, podemos intervir num jardim particular. Ora, é um caso de emergência. Depois a gente vê com o setor administrativo. Eles é que se acertem com o proprietário.

Pularam a cerca e se aproximaram da lagoa.

– Certamente o subsolo da cabana está inundado – observou Roger, examinando um respiradouro baixo, vedado por uma tábua parcialmente roída.

– A entrada do relógio é aqui – disse Alan, apontando com o queixo para uma placa de cimento. – Começamos por aqui?

– Sim.

Levantaram a placa. A água invadira a abertura até o nível do chão.

Após um suspiro exasperado, Alan enfiou o braço para seguir a direção dos canos e resmungou.

– Vai mesmo em direção ao respiradouro. A entrada deve estar no subsolo.

– Resta saber se o vazamento ocorreu antes ou depois do relógio, porque, se for depois, a gente corta a água e lava as mãos.

Roger gargalhou, satisfeito com seu involuntário jogo de palavras, que seu colega pareceu não captar. Um pouco frustrado, propôs:

– Vamos testar junto à parede. Em seguida, avisamos a companhia.

Alan abriu a maleta que trazia consigo e tirou dela um aparelho de escuta provido de captadores acústicos que enfiou no chão encharcado. Vigiou por alguns instantes a pequena tela de cristal líquido e declarou:

– Acho que é mais acima. Não muito. Perto do relógio. Vou registrar a medida para comparar. Bom, vamos localizar cavando com a pá. Se for preciso a escavadeira, pediremos autorização à central, já que se trata de uma propriedade privada. Temos que nos assegurar de qualquer forma de que não está completamente inundado lá dentro, para prevenir o assinante, se for o caso.

– Eu cuido disso. Teste o orifício.

Roger se agachou e empurrou com toda a força a tábua que ocultava o respiradouro. Ela resistiu um pouco, então caiu para dentro. As vozes se tornaram mais nítidas. O volume da TV estava muito alto. Roger pegou a lanterna halógena no cinto. Iluminou o que parecia ser um porão, distinguindo algumas formas vagas, decerto a televisão colocada sobre uma mesa; mais adiante uma

massa que parecia uma geladeira. Um grito lhe escapou quando os olhos negros de algo vivo fixaram seu rosto. Uma ratazana! Levantou-se bruscamente e quase caiu na água. Tentou acertar o bicho com sua pá. Alan veio ajudá-lo, tentando também atingir o roedor. Atrapalhados pela água e pelo medo irracional que esses bichos, embora bastante inofensivos, costumam inspirar, eles erraram, permitindo que fugisse a toda velocidade.

– Desgraçado! Detesto esses bichinhos – exclamou Roger com a voz entrecortada. Espere, ele me pegou de surpresa. O que ele estava carregando na boca? Tenho certeza de que tinha algo na boca.

Alan, pálido, com a maleta do detector aberta sobre a barriga, olhava para o “algo” abandonado pela ratazana em sua fuga. Duas falanges de um dedo indiscutivelmente humano.

Um horrível fedor de decomposição assaltara os três oficiais do departamento de polícia de Boston quando a porta – munida de um cadeado, além da fechadura – que bloqueava a escada que dava para o porão ceder à pressão do pé de cabra.

Contrariamente ao que tinham temido os rapazes da companhia de água, esta mal chegara a marejar no porão, gerando apenas uma sombra úmida no chão de terra batida, ao pé da parede. Em compensação, o espetáculo que os esperava quase fez vomitar a jovem recruta em formação que os outros dois policiais sempre levavam consigo. Melissa Farmer deparou-se com seu primeiro “carcomido”, como os policiais do distrito policial de Boston tinham apelidado os corpos em decomposição, infestados ou não de vermes. Uma coisa é ver cadáveres em fotos ou gravações pedagógicas passadas durante os cursos, outra é vê-los “ao vivo”, senti-los, pensar de repente que tinham sido seres humanos de verdade, perguntar-se como chegaram àquele estado. Com os olhos arregalados, uma mão sobre o nariz e a boca, tentativa inepta de se proteger do odor pestilento, Melissa estava ali, paralisada, a três metros da grade atrás da qual estava deitado o corpo. Uma mancha escura cercava sua cabeça. Provavelmente sangue seco.

– Ei, Mel – admoestou-a Mitch Baltard, um de seus parceiros. – Mexa-se! Desligue essa maldita televisão. Faremos as primeiras

verificações para poder voltar logo ao ar puro, enquanto esperamos o legista e o pessoal do laboratório.

– Acabo de avisá-los, já estão a caminho – anunciou Teresa Sanchez, descendo a escada de madeira que levava ao térreo. – Deu meia-volta, resmungando: – Caramba!

A sala, de paredes pintadas de branco-gelo, media cerca de dez metros de comprimento por seis de largura. Tapetes um pouco envelhecidos disfarçavam em parte o chão de terra batida. De frente para a televisão, que reinava no meio da peça, duas vastas jaulas tinham sido colocadas contra a parede. Grandes e bastante confortáveis. Um tapete azul disfarçava o chão. Cada uma com uma cama de solteiro recoberta por um edredom azul e malva, uma cadeira, uma pequena escrivaninha encostada na parede, com uma estante sobre a qual viam-se alguns livros. Tudo quase igual nas duas. Dois ursos de pelúcia estavam sentados lado a lado na estante da jaula situada mais à direita de Teresa. Cortinas beges com flores azuladas estavam penduradas do lado de dentro das paredes, feitas de grossas grades. Devia dar para tirá-las, talvez à noite. Outra semelhança: correntes que passavam por trás de uma das grades das jaulas e retinham do lado de dentro o punho e o tornozelo de um quase esqueleto. Das duas pilhas de roupas femininas sujas de secreções emergiam ossos, já completamente descarnados em algumas partes, rostos em que ainda estava colada uma epiderme escurecida, longas cabeleiras, órbitas esvaziadas de seus globos oculares, decerto devorados pelas ratazanas. Em cada prisão, havia também um prato sobre o tapete, decorado com mofo esverdeado, uma caneca e uma colher. Únicas diferenças: na cela da esquerda, o prato fora quebrado, a ponta de um estilhaço cortante de porcelana estava tingida de vermelho escuro e uma grande mancha marrom escuro tingira o tapete sob o quase esqueleto. O corpo do homem em decomposição avançada jazia no chão da cela da direita, aquela dos ursinhos.

– Odeio os casos de maníacos – observou Teresa.

– Acha que se trata disso? – murmurou Mel, em tom quase inaudível.

– Em sua opinião, alguém que instala celas para uma “estadia de longa duração”, nas quais se encontram quase esqueletos algemados às grades, é um indivíduo equilibrado?

– Abrimos? – perguntou Mitch Baltard, apontando para a geladeira situada embaixo da escada, apoiada numa placa de cimento de dez centímetros de altura, provavelmente destinada a protegê-la da umidade.

– Bom, mesmo que esteja tudo podre, não pode ser pior do que o cheiro que estamos sentindo agora – retorquiu Teresa em tom desanimado.

Melissa e ela se aproximaram do colega, que, com o braço estendido, recuando tanto quanto podia, abriu suavemente a porta, usando uma luva de látex. Três potes de geleia, um de manteiga de amendoim, aberto, e um saquinho de café estavam alinhados numa das prateleiras da porta. Na gaveta de baixo, estavam estocados um pote de mostarda e um frasco de ketchup. Na estante de cima, quatro garrafas de coca light, intactas, uma ao lado da outra. Nada mais rapidamente perecível. O congelador estava vazio.

Mitch fechou a porta e declarou:

– Bom, vimos tudo, não? Podemos subir e esperar os outros.

– Concordo plenamente.

– Tudo bem aí, Mel? – perguntou o policial corpulento a sua jovem parceira, lívida até nos lábios.

– Sim, sim. O ar puro me fará bem.

– Não é a única – admitiu Teresa.

– Como é o nome do proprietário da cabana? – perguntou Mitch quando chegaram ao lado de fora, respirando fundo.

– Um tal de John Ward. Mas aposto uma cerveja que não o encontraremos, a menos que se trate do cara ali dentro, que não cheira a jasmim – disse Teresa, apontando para o porão.

– O que vocês pensam? – perguntou Mel em voz átona.

– Por enquanto nada, a não ser que há três presuntos, dois deles nada recentes, presos em celas trancadas – concluiu Mitch, olhando para Teresa, que confirmou o que ele dizia balançando a cabeça.

*Paris,
França, julho de 2008*

O dia tinha sido maçante, mas Yves Guéguen mesmo assim não abriu mão do passeio cotidiano à beira do Sena. Sua cachorrinha Silver, uma buldogue francês, o fazia rir, uma façanha naquele momento. Ela avançava trotando, tesa e conquistadora, com seu toco de cauda erguido, fixando com cara de brava todos os cachorros que cometiam a heresia de virar a cabeça à sua passagem, pronta para o ataque, sem distinção de tamanho ou peso. Uma fera. Mas uma fera divertida e transbordante de amor por seu dono. Ele lhe dera o nome de Diane em razão da afeição e da admiração que sentia pela *profiler* que o formara dois anos antes nas galerias do Jefferson Building. Após um período de prudência, para não dizer desconfiança, Diane lhe oferecera as chaves de um mundo monstruoso. Pelo menos, aquelas que ela possuía. Ele fora terrivelmente influenciado pela visão que ela tinha das coisas e dos maníacos sanguinários que perseguiam. Mas, embora a concepção de mundo de Diane fosse implacável, era lógica, eficaz e sua única meta era proteger.

“Estou me lixando para as circunstâncias atenuantes no caso desses sujeitos. Eles são capazes de inventá-las a granel. E mesmo quando verdadeiras, isso não justifica que inocentes morram por terem tido o azar de cruzar seu caminho. Nunca esqueça que esses caras sabem explorar a menor falha do sistema judiciário, e Deus sabe que elas existem, porque o sistema não foi previsto para eles. Sem falar na psicanálise de boteco, com que os mais espertos se esbaldam. Aliás, são as únicas armas de seus advogados, que se agarram no que podem...”

Instalado em seu escritório, olhando para a tela de fundo – uma família de golfinhos brincando em águas de um azul tão perfeito que só podia ter sido retocado –, Yves Guéguen refletia. A seus pés,

deitada, com as patas traseiras esticadas para trás à maneira de uma rã, Silver roncava sonoramente.

O que Diane estaria tramando? Por que aquele afastamento brutal, semeado de breves e-mails cuja banalidade estava se tornando preocupante? Yves já a conhecia um pouco. De outra pessoa, poderia ter pensado que o assassinato do matador de prostitutas de Boston a frustrara, impedindo uma prisão espetacular, um êxito estrondoso e um aumento de notoriedade para ela. Diane estava acima desse tipo de raciocínio mesquinho. Devia ter aplaudido aquilo com entusiasmo. Com o tal de Stephen Grady morto, outras garotas não seriam estranguladas. Era tudo o que importava aos olhos da psiquiatra.

Todavia, Yves sentia que ela andava tergiversando. Inclinou-se, coçou o ventre macio da cadelinha, que se refestelou de felicidade produzindo uma cascata de sons com a garganta, e decidiu dar um aperto na *profiler*.

Para começar, releu os últimos e-mails que tinham trocado na antevéspera.

Bom dia, minha Diane, como vai?

E a investigação sobre Nathan Hunter, como anda? Pode me dizer tudo que não contarei nada para meus coleguinhas policiais, sabe bem disso. Estes parecem não ter avançado um palmo. A desculpa deles é que têm certeza de que Hunter deixou o território francês e que não têm, portanto, nenhuma chance de colocar as mãos nele.

Quanto a Sara Heurtel, foge de mim como da peste, obstinando-se a não responder minhas mensagens telefônicas. Compreendo-a, já que sou o odioso personagem através de quem a verdade sobre sua filha explodiu em sua cara. Dito isso, estou certo de que ela conhece esse cara – Hunter – de outros carnavais.

Vamos, faça-me a cortesia de um pequeno e-mail. Mande notícias suas. Conte seus avanços.

Silver lhe envia uma grande lambida, eu me contento com um beijo.

Yves.

A resposta chegara no dia seguinte à noite, falsamente descontraída, tagarela, o que não condizia com Diane.

Caro Yves,

Nada de muito novo de minha parte. Na verdade, sim. Um caso mais do que macabro que acaba de cair em cima de mim e que certos jornalistas – assim que souberem um pouco mais – não deixarão de batizar de “A cabana do inferno” ou alguma outra metáfora de sobriedade semelhante. O porão da dita cabana – situada na zona rural de Boston, do tipo bem isolada – foi transformado em prisão de mulheres. Duas jaulas em que foram encontrados dois quase esqueletos femininos, mais um sujeito masculino em avançado estado de decomposição...

Yves pulou uma boa página de descrições minuciosas e retomou a leitura no último parágrafo:

... Estou mergulhada até o pescoço nesse caso. Por enquanto, há alguns elementos que não se encaixam, mas vou encontrar a solução! Por isso deixei um pouco de lado o caso Hunter, ainda mais que não estou nem um pouco convencida de que seja ele o executor do assassinato de prostitutas de Boston. Já lhe disse e repeti: nunca conheci um serial killer “altruísta”, mesmo se alguns tentam fazer os outros, ou eles próprios, acreditar nisso. No caso específico do matador de prostitutas, tenho a sensação de que estamos diante de um imitador de Hunter, e traçar seu perfil não vai ser sopa. Prefiro não misturar tudo neste momento e me consagrar aos sequestros seguidos de assassinato na casa de campo. É claro que, se desencavar alguma coisa sobre Hunter, você será meu primeiro confidente.

Beijos e se cuide. Coçadas atrás da orelha da minha xará.
Diane.

Yves suspirou de irritação. Ela estava tergiversando. Ele não acreditava na tese do imitador. Por uma excelente razão: os *copycats* são sobretudo um recurso cinematográfico. A esmagadora maioria dos *serial killers* gosta de deixar sua assinatura pessoal.

Além disso, criam uma encenação que satisfaça a eles próprios. A encenação de um outro raramente o faz. Diane sabia disso tão bem quanto ele. Então por que estava se esquivando? Estaria com medo de falhar, de que Nathan Hunter fosse um adversário forte demais? Nesse caso, Bob Pliskin, o secretário do diretor da base de Quantico que diagnostica a *profiler* com um ódio patológico, não perderia a chance. Haveria uma outra razão, bem mais complicada, para seu comportamento? O famoso “altruísmo” de Hunter, que, de fato, até onde eles sabiam, só massacrara até então assassinos ou futuros assassinos e pedófilos violentos? Diane teria decidido adiar a caça, oferecer a Nathan Hunter tempo para que prosseguisse em sua meticulosa “limpeza”? Não, não Diane. Ela não cometeria esse erro colossal. Era a mais forte no domínio da psicologia forense. Não ignorava que, embora Hunter só atacasse impiedosos predadores, era igualmente um deles.

Hesitou, adotando e apagando diferentes frases introdutórias:

O que está tentando esconder de mim?...

Pare de me tomar por um retardado...

Não me diga que cometeu a estupidez de...

Finalmente, optou por:

Diane, e se você parasse de se esquivar? Devo lembrá-la de que foi você que me formou? Por que todo esse blá-blá-blá sobre o caso da cabana, a ponto de me descrever a mobília das celas, se sabe que isso só me importa pelo meu interesse e minha afeição por você? O que está escondendo a respeito de Nathan Hunter? Pliskin, o fuinha, aprontou mais alguma para fazê-la cair?

Responda-me como amiga, por favor, estou preocupado.

Abraço forte,

Yves.

Clicou bruscamente em “Enviar”.

Levantou-se e se dirigiu à cozinha. Silver logo se meteu entre seus pés, na esperança de que, talvez, alguma guloseima recompensasse sua fidelidade.

Yves Guéguen compôs aquilo que batizara de sua janta de gala. Pegou um saco de pão de fôrma em cima da geladeira, pensando,

pela milésima vez, que se tratava de uma invenção que todos os solteiros deviam louvar – ou os divorciados de longa data, como ele –, assim como a manteiga fácil de espalhar que evitava destruir a fatia. “Fazemos o que podemos com o que temos”, repetia sua mãe, sorrindo. Não se passava um dia sem que pensasse nela, amável fantasma cuja presença o reconfortava.

Confeccionou um sanduíche de atum ao natural, com maionese e alface, outro de manteiga e presunto, e catou uma cerveja na geladeira. Silver foi recompensada por seu bom comportamento com um pedaço de tocinho: ela não havia pedido com insistência, arranhando a perna da calça de Yves.

Voltou para a sala-copa, que lhe servia sobretudo de escritório, e colocou a bandeja sobre a mesinha. Não gostava daquela mesa de mármore, com pés de tubos metálicos, cuja falsa austeridade o seduzira um dia numa loja de móveis usados. Preferia de longe a grossa placa de madeira da mesa de Sara Heurtel.

Sara. Ele se defendia, desde a volta dos Estados Unidos, talvez antes, da atração que sentia por ela. “Atração” era o eufemismo inofensivo que escolhera para substituir “sentimento amoroso”. Seu mal-estar na presença de Sara, que colocara inicialmente na conta de uma reação de homem frente a uma mãe devastada pela própria filha, não tinha outra explicação. Admitia: Sara lhe lembrava uma Diane menos dura, menos eficiente também. Porém, não era possível sentir amor por Diane, porque ela recusava isso com toda a sua vontade e toda a sua força. Diane não era mais do que um perfeito e temível intelecto, exclusivamente concentrado na caça. Sara não. Sara era um ser de carne, de sangue, de inteligência, que se esforçava para sobreviver por amor a um garotinho.

Além disso, Sara era o perturbador oposto de Lise, a ex-mulher de Yves, com exceção da cor dos olhos, talvez.

Lise. Pobre donzela em apuros, dominada por um pai despótico e violento. O cavaleiro Yves voara em seu socorro. Na verdade, era uma cadela de rara inventividade, de uma falsidade pouco comum e de uma tenacidade digna de elogios. Sem dúvida, ela o enganara. No entanto, embora tivesse suspeitado diversas vezes, nunca obtivera prova alguma. Por meio de pequenas cenas, lágrimas,

acusações e – tinha que admitir – de recompensas horizontais quando ele tinha sido gentil e obediente, ela conseguira separá-lo de todos. Uma estratégia velha como o mundo, mas sempre eficaz. Dividir para reinar como mestre absoluto. Yves se indispusera com seu pai, seu irmão e sua irmã, seus primos, seu tio e sua tia, seu melhor amigo: em suma, todos aqueles que realmente amava, todos aqueles que o amavam realmente. Só sua mãe resistira ao trabalho de escavação de Lise, muito provavelmente porque compreendera a natureza da nora e a meta de seu empreendimento de demolição. Isolar Yves para dominá-lo. Sua mãe repetia: “A macaco velho não se ensina a fazer caretas”. Meu Deus, ele adorava suas expressões, uma para cada ocasião. Ela certamente não deixaria o filho nas garras de uma cadela manipuladora, incapaz de amar a não ser a si mesma. Em vez disso, fez que baixava a cabeça, engolindo as afrontas sem dizer nenhuma palavra, mas também sem ceder um palmo de terreno. Yves se acostumara a ligar para ela escondido de Lise. Sua maior vergonha, até hoje. Juntara-se à legião de homens que cedem para ter paz. Uma pequena covardia – banal, mas uma covardia. Sobretudo tratando-se de sua mãe, que nunca cedera diante de nada nem de ninguém quando tinha certeza de estar sendo justa.

Estranhamente, a conclusão daquele erro colossal, daquela paródia de casamento, não viera dele. Lise encontrara uma vítima mais interessante, financeira e socialmente. Pedira o divórcio sob o pretexto de que era muito infeliz, mal-amada e de que seu marido a preteria a todos, especialmente sua mãe.

Mas chega de Lise. Pensava nela muito ocasionalmente.

Sara ainda seria capaz de amar alguém que não fosse seu filho Victor? A capacidade de amar é um dom que adormece às vezes, mas nunca se extingue. Os seres que sabem amar amarão sempre, mesmo quando concentram seu excesso de amor num cão ou num gato.

Ele amava Diane, sem nunca ter ficado apaixonado. Ela servira de receptáculo àquele amor que ele continha havia tanto tempo e com o qual não sabia o que fazer. Talvez ela o amasse um pouco. Provavelmente. À sua maneira.

Porém, era inútil tentar se enganar: estava se apaixonando por Sara, terrivelmente, e a amava desde que a vira se levantar, pronta para bater nele, no momento em que a conduzia para a realidade sobre sua filha Louise. Uma eternidade atrás.

*Arredores de Boston,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Uma estranha onda de energia invadiu Diane Silver quando, no volante de seu carrinho alugado, ladeou a interminável muralha de dois metros e meio de altura, encimada por uma dissuasiva guirlanda de arame farpado. Parou alguns minutos depois diante do imponente portão de ferro fundido branco que protegia o acesso ao paraíso sobre a Terra recriado por Rupert Teelaney. Um paraíso situado a cem quilômetros de Boston, em linha reta. Um paraíso que se estendia por cerca de quatrocentos hectares de natureza luxuriante, vigiada com extremo zelo.

Pressionou o interruptor. Imediatamente, o olho de ciclope da câmera de vigilância selada no alto do pilar se fixou nela.

Uma voz de homem chegou a seus ouvidos. A voz se tornara quase amável desde sua última visita, pois estava fora de questão que encontrasse Rupert em outro lugar que não seu santuário protegido de todos:

– Doutora Silver? Bem-vinda. Um carro está indo buscá-la.

Menos de três minutos depois, um pequeno veículo elétrico apareceu. Ela reconheceu o motorista de sua primeira visita. Ele desceu, cumprimentou-a e abriu o portão com um controle remoto. Então disse:

– Não preciso lhe explicar o procedimento...

– Desnecessário, já conheço. Deixo meu carro poluente no estacionamento.

Ela dirigiu até os esplêndidos maciços de rododendros que sombreavam as vagas destinadas aos visitantes.

Conversaram sobre a chuva e o bom tempo enquanto o veiculozinho atravessava sem pressa a ampla alameda florestal até a casa. Como da primeira vez em que a vira surgir de repente, a vasta residência causou uma surpresa admirada em Diane. Uma

gigantesca nave ultramoderna de um só andar, toda de madeira e vidro, se erguia no extremo do parque, notável realização arquitetônica cujo teto fora substituído em parte por grandes painéis fotovoltaicos. Rupert cuidara de cada mínimo detalhe para que a casa fosse um perfeito modelo de ecologia. A propriedade era autônoma em matéria de geração de eletricidade. Apenas energias alternativas, embora um gerador convencional tivesse sido instalado para casos de emergência. Toda a água era coletada da chuva. Para evitar desperdícios, Rupert mandara instalar um sistema automático de irrigação gota a gota, ao qual devia o insolente verdor do imenso parque que cercava sua casa.

Diane virou a cabeça para a esquerda, para um bosquezinho frondoso, situado a cerca de cem metros. Atrás dele fora escavada uma piscina natural. Três tanques com diferentes camadas de areia, de cascalho e plantas aquáticas reciclavam a água permanentemente. Naquela piscina, quando de sua primeira visita, ela compreendera finalmente que Rupert Teelaney, terceiro da família, não era outro senão Nathan Hunter, o assassino que buscava entre a França, os Estados Unidos e o México. Estranhamente, não sentira medo algum, convencida de que, se ele quisesse matá-la também, já o teria feito numa das mil oportunidades que tivera desde o momento em que ela chegara.

O veículo estacionou diante da entrada principal da casa, uma ampla parede de vidro. Imediatamente, Rupert apareceu, de braços abertos, descendo rapidamente os degraus ao seu encontro, com um sorriso feliz, quase infantil, mostrando os dentes. Diane pensou que ele era decididamente um magnífico espécime do gênero macho da espécie. Grande, de uma magreza esculpida, de uma evidente masculinidade, contrastando com os cabelos muito crespos, que evocavam um querubim do século XIX, castanhos mais para claros, olhos azuis cintilando atrás dos óculos de grau. Como de costume, estava vestido de linho branco. Abraçou-a. O contato não causou repulsa em Diane, por ser completamente desprovido de sensualidade. O abraço de um irmão ou de um velho amigo, muito embora até os leves toques convencionais e sociais a repugnassem agora. Evitava o máximo possível apertar uma mão

ou roçar inadvertidamente numa perna ou num braço. Parecia-lhe que sua bolha – esse espaço que mantemos a nosso redor, esse território muito pessoal e quase inconsciente que só podem invadir os seres que nos são próximos – crescera de maneira desproporcional, inchando pouco a pouco para separá-la de maneira quase hermética do resto do mundo.

– Diane, estou tão feliz em revê-la! – exclamou ele – Venha, venha... Tantas coisas a lhe contar... Meu *chef* se superou desde que anunciei sua visita...

Ecologista, budista e vegetariano, Rupert fizera uma proposta irrecusável a um cozinheiro francês que passara três anos num mosteiro de lamas. Apesar de seu gosto pela carne, pelos açúcares rápidos e por tudo o que se podia fritar decentemente, Diane reconhecia o talento e a inventividade culinária do quase lama.

Seguiu Rupert. Quando atravessaram o vestíbulo mobiliado de branco, quando se deparou com a esmagadora brancura, o mobiliário minimalista, a nudez das paredes, também elas brancas, uma sensação desconcertante a invadiu. Teve o sentimento de entrar em sua casa, embora jamais fosse optar por uma decoração daquelas, ao mesmo tempo luxuosa e monástica.

Entraram na imensa sala com duas paredes inteiramente de vidro. Sentiu uma espécie de alívio ao ver os três sofás de linho branco, de assento profundo, que rodeavam uma ampla mesa baixa de cimento cru. Um arrogante feixe de áruns irradiava do vaso colocado no centro da mesa. Ao seu lado estavam alinhados um alto copo de cristal e uma garrafa de uísque, sem esquecer um cinzeiro e um prato feito de uma espessa folha de ardósia. Nele, torradas de cores vivas, única nota colorida e quase dissonante naquela sinfonia de brancos.

O olhar de Diane varreu as altas estantes de carvalho manchado de branco que cobriam uma parede e pousou sobre o bronze intimidador e entristecedor, aquele da mulher de joelhos, nua, uma mão escondendo os olhos, outra protegendo o sexo. A mãe de Rupert.

Fora ali, sentada em um dos sofás, algumas semanas antes – uma eternidade, parecia –, que ela compreendera que seu destino

se urdiria. Aquele preciso instante em que toda uma vida oscila. Escolhera seu campo, sabendo que a escolha seria definitiva. Sendo honesta consigo mesma, devia admitir que abandonara Yves Guéguen na outra margem.

Ela tivera razão. Razão.

Esboçou um sorriso, apontando para o copo:

– Já que detesto decepcionar, vou me servir. Me acompanha?

– Meu suco de frutas está chegando.

José, o rapaz que servia, entrou, depôs o copo de Rupert, cheio de um líquido alaranjado vivo que pareceu aflitivo a Diane e desapareceu sem um ruído.

Diane tomou um grande gole de uísque com uma expressão de satisfação. Examinou o rótulo e comentou:

– Hum... Tomatin trinta anos... Não conhecia, um verdadeiro néctar. Quanto? Duzentos, trezentos dólares a garrafa?

– Não faço a mínima ideia – respondeu ele, divertido. – Teríamos que perguntar a Nancy, minha governanta. Ela cuida de todas as compras da casa.

Diane acendeu um cigarro e perguntou numa voz cuja tensão tentou controlar:

– Então?

Ele a encarou. Seu rosto mudou de maneira sutil mas perturbadora. Ela pensou que, de repente, parecia muito jovem e muito perigoso.

– Tenho uma pista que parece séria... A mãe de uma pequena vítima, Debra Kaplan...

– Sua filha se chamava Barbara. Uma das três meninas que Rick Ford massacrou após sua remoção... Tinha oito anos – interrompeu-o ela.

– É isso. Depois da escola, Debra acompanhava sua filha todos os dias ao parque. Bem, quando o tempo estava bom. Uma aficionada por balanços e gangorras...

– Leonor também.

– Ela se lembrou de uma inglesa, no gênero *nanny*, fantasiada de babá profissional. Parece que isso agrada os patrões...

– O motorista de uniforme também. Dá um ar de nobreza, quando três quartos dos moradores do lugar onde eu morava eram antigos *golden boys* que tinham enchido os bolsos em alguns anos e não sabiam sequer segurar seus talheres corretamente. Pouco importa, continue, por favor...

– A moça, morena de cabelo castanho, trabalhava para a família Simmons. Segundo Debra, ela era muito... afetuosa com Barbara, com outras meninas também.

– Você entrou em contato com os Simmons?

– Estão em Saint-Martin. Voltam daqui a três dias... Ela usava uma aliança com um enorme solitário.

– O anel não importa. O fato de que eu o tenha imaginado é uma coincidência. Já lhe expliquei: minha mente me oferece símbolos. Cabe a mim decifrá-los. Não foi o anel que transmitiu segurança a Leonor e às outras garotinhas. Foi o uniforme de *nanny*, que lembra o de uma enfermeira, de uma moça que protege, cuida, faz o bem. Ainda mais se lembramos que ela preparava o terreno seduzindo as garotinhas. "Afetuosa", você disse...

Terminou sua bebida com lentidão, colocou o copo delicadamente na mesinha e juntou as mãos em prece, avançando o torso para Nathan. Ele pensou que nunca a vira daquele jeito. Parecia ter sido esculpida num bloco de ódio e fúria. No entanto, ela declarou com sua eterna voz calma, baixa, quase extenuada:

– Recuso-me a pensar desde agora que seja ela. Três dias antes da chegada dos Simmons... Seria interminável.

– Não encontrei nenhum rastro da babá holandesa que cuidava de Leonor no momento em...

O olhar azul pálido se fixou no de Nathan por alguns instantes, então se perdeu para além da parede de vidro.

– Vera. Bati nela. Achei que fosse matá-la. Talvez uma parte de mim já soubesse que era tarde demais para Leonor. Precisava de um culpado ao alcance da mão. Meu ódio impotente recaiu sobre Vera. Hoje sei que, mesmo que fosse eu que vigiasse minha filha, eles teriam dado um jeito de raptá-la.

– A prova disso: Debra Kaplan – confirmou Nathan.

– De fato. São predadores: estão à espreita da menor oportunidade, da menor falha. No caso de Vera, a brecha foi um estudante holandês de artes plásticas. Alguns segundos de desatenção enquanto ela conversava sobre seu país com esse rapaz e Leonor não estava mais lá. Em vez de me ligar imediatamente e de avisar a polícia enquanto a pista ainda estava quente...

– O que provavelmente não teria mudado as coisas, a julgar pelas outras garotinhas – interrompeu-a ele com gentileza.

– Seja como for, aquela tola passou uma parte da tarde procurando minha filha, com a ajuda do estudante. Estava num estado lamentável quando chegou. Eu também. Fui pra cima dela. A polícia evidentemente investigou nesse sentido. Logo chegaram à certeza de que ela e o estudante não tinham nada a ver com o rapto. Vera voltou para a Holanda. Alguns meses mais tarde, recebi uma carta de sua mãe, explicando que sua filha tivera uma crise nervosa e que, após uma tentativa de suicídio, decidira viajar para a Índia. Era uma bela carta, de mãe para mãe. Evocava Leonor com muita mágoa. Não sei o que é feito de Vera. Espero de todo coração que tenha se recuperado.

Diane se serviu de mais uma generosa dose de Tomatin, contemplou o líquido âmbar, umedecendo os lábios com a língua, e continuou:

– O solitário devia ser uma retribuição oferecida por Rick Ford. Quinze garotinhas... Bem merecido, não?

– Debra afirmou que devia ter custado uma fortuna. Ford tinha dinheiro.

– Ao menos tinha o que precisava, como a maioria desses maníacos. Sua vida está centrada na predação. É a única coisa que lhes interessa. Precisam portanto de tempo, ou seja, dinheiro.

– Pelo que li, ele não tinha nem fortuna pessoal nem emprego.

Ela lhe lançou um olhar surpreso e tomou um gole antes de perguntar:

– Acha mesmo que alguém capaz das monstruosidades de um Ford hesitaria diante de negócios rentáveis? Drogas, venda de DVDs de torturas, estupros e assassinatos bem reais, *snuff movies* e mesmo “empréstimos” de pequenas vítimas. Isso dá muito

dinheiro. Lembro-o de que, em certos lugares, leiloam-se desvirginamentos. Inútil especificar que as... virgens e os virgens têm entre quatro e oito anos.

– O falecido *señor* Valdez tinha, de fato, um fundo de comércio muito lucrativo. Estranho, não, da parte de um psicopata, oferecer uma magnífica aliança à sua cúmplice?

– Esperto, ao contrário. Ford era bastante inteligente e, sobretudo, muito astuto. Precisava daquela moça. Achou a pessoa certa. Ofereceu-lhe o símbolo que ela desejava mais do que tudo. – Ela se interrompeu, pareceu hesitar. Então: – Nathan... Obrigada, do fundo do coração. Falemos de outra coisa, pode ser? Tenho que aceitar a espera. É esgotante, a espera. Dilacera.

A espera parecera preferível a Debra. Ele balançou a cabeça, aquiescendo.

– Perdoe minha ingenuidade... Como uma mulher... pode fazer isso com outras mulheres, com crianças, menininhas? Enfim...

Agradecida por aquela pergunta que lhe permitia voltar a algo mais geral, a seu ofício, despersonalizar aquela mulher que ela odiava mais do que tudo, Diane exalou uma longa nuvem de fumaça e franziu levemente as sobrancelhas antes de declarar:

– Ah, a velha história! O mito da mãe que haveria em cada mulher. Uma grande bobagem. Uma fábula pra boi dormir. Muito tranquilizadora, no entanto, admito. Temos tanta necessidade de amor e tranquilidade que estamos sempre dispostos a inventá-los. No entanto, há mães que torturam e surram seus filhos até a morte. Outras que os prostituem sem nenhum remorso. Outras que jogam um bebê no piso do banheiro porque estão de mau humor ou o deixam morrer de fome porque têm algo mais interessante a fazer.

– É doido... Sei de tudo isso, mas...

– Mas não consegue admitir, ao passo que se admite sem dificuldade que certos sujeitos masculinos são assassinos sádicos que gozam matando. É verdade que são mais numerosos do que as mulheres, ainda mais que estas são mais discretas, mais “domésticas”, por assim dizer. Atacam seus próximos², de

preferência indefesos, aqueles que não podem dizer nada, bebês – como aquela enfermeira texana que matou cerca de vinte em serviços pediátricos³ – ou mesmo adultos que não compreendem que se tornaram vítimas delas, pessoas idosas, sobretudo.

– Sim, mas... colaborar com um *serial killer*? Elas têm medo, estão sob o poder deles... hipnotizadas, sei lá o quê? – insistiu Rupert.

– Está brincando? Não nego que possa acontecer, mas nunca me deparei com um caso assim. De fato, examinando os casos julgados, chegamos a perfis radicalmente diferentes. O casal Neelley⁴, por exemplo. Ficou claro durante o processo que era ela que estava na origem da maior parte dos assassinatos deles. Era ela o elemento dominante do casal. Ela, que tinha dezoito anos na época dos fatos. Era miúda; ele, grandalhão. Não estou dizendo que ela o obrigou a torturar, estuprar e matar, mas o fato é que sentia tanto ou mais prazer do que ele naquilo. Há também os Callego⁵ e Ian Brady e Myra Hindley. Eles gravavam os gritos de suas vítimas e ficavam ouvindo enquanto faziam amor.⁶ A companheira de Fourniret na França...

– Mas então...

– Existem, a meu ver, várias tipologias. Algumas me parecem majoritárias. A psicopata que sente tesão vendo vítimas serem torturadas e mortas. Precisa então de um parceiro sexual para partilhar “os bons momentos”. Aquela que é uma assassina sádica mas que só tem força física para atacar crianças ou pessoas idosas. Ela se associa então a um comparsa masculino. É provavelmente o caso de Neelley. Finalmente, as perversas não assassinas, mas que odeiam as outras mulheres de maneira visceral. Elas as atraem para o matador. Sua satisfação, sua sensação de poder não nasce diretamente do assassinato mas antes do fato de que ELAS serão poupadas, ao contrário das outras, suas rivais. Estou quase certa de que se trata do perfil da batedora de Rick Ford. Daí o solitário, a aliança, o símbolo. Ela foi escolhida, eleita, e todas as suas rivais foram massacradas.

Diane esmagou a bagana do cigarro fumado até o filtro. Pegou uma torrada redonda, coberta de uma camada de caviar cinza sedoso, decorado com uma bolinha de creme de leite.

– Você come ovos de peixe?

– Não. Pedi que preparassem para você – sorriu ele.

– Muito gentil. Adoro isso. Meus meios não me permitem mais comprar.

– Lamenta isso?

Ela o encarou, engolindo a torrada com evidente prazer.

– Seria uma perda de tempo e de energia – assegurou ela, assim que engoliu a torrada. – Além disso, não lamento nada.

– Nem mesmo ter sido incapaz de salvar Leonor?

Ele não colocara nenhuma maldade, nenhuma perfídia em sua observação. A questão também não era destinada a justificar sua improvável e, no entanto, sólida colaboração. Assim, ela respondeu sem hesitar:

– Não se trata de lamentar, mas de se odiar, Rupert.

– Diane... Qualquer mulher, qualquer homem também, civilizado, obediente às leis, se encontraria na mesma armadilha que você: aguardar e esperar.

– Não sou qualquer mulher. Sou a mãe de Leonor. Devia-lhe tudo. Fui lamentável, miserável, inepta. Sou culpada de não tê-la salvado. Odeio-me, é normal.

Ele preferiu baixar os olhos diante da intensidade daquele olhar glacial, azul muito pálido, sublinhado por um traço de carvão negro. Por afeição.

– Por que acha que essa comparsa tem esse perfil? – retomou ele depois de um silêncio. – Afinal... uma mulher adulta não pode se sentir em situação de rivalidade com uma menininha de oito ou onze anos...

– Está brincando? As rivalidades podem começar de maneira ainda mais precoce. Trata-se, na maioria das vezes, de uma projeção. No caso das mulheres, a adulta se imagina envelhecida, tendo perdido o poder de sedução, enquanto a menininha está crescendo, chegando ao auge de sua beleza, de seus atrativos. Apertou os lábios e declarou em tom calmo: – Além disso, não

esqueça que os psicopatas inteligentes são muito organizados. Lembra-se de Albert Fish, nos anos 1930? Dizem que estuprou, torturou e matou mais de cem crianças. Torturas que os relatórios policiais por vezes omitiam, de tão monstruosas, de tão canibal que era Fish. Ele mesmo confessou que raptava sobretudo crianças negras porque sabia que, naquela época, a polícia as procurava menos ativamente do que brancos. Organizado, estruturado, não é mesmo? – acrescentou ela com um sorriso mau.

Franzindo as sobrancelhas e encarando a garrafa de uísque, ela perguntou de repente:

– É realmente notável, mas acho que vou parar por aqui. Gostaria de degustar um dos seus excelentes crus de Borgonha. Tinto, se não for abusar.

Rupert se levantou imediatamente e se dirigiu ao interfone para transmitir o pedido de sua convidada.

– José, poderia servir um... Gevrey-Chambertin para a Dra. Silver, por favor?

– Imediatamente, senhor.

Rupert Teelaney se virou para Diane, esperando talvez uma explicação que ela se decidiu a lhe oferecer.

– Minha semicura de desintoxicação em matéria de álcool e de neurolépticos será de curta duração, não se engane. Apenas o tempo de concluir essa história. O vinho embriaga bem menos, sobretudo quando se possui meu treino. Está fora de questão que eu esteja... deficiente quando você me chamar. Quero estar em plena posse de meus meios. Graças a muita prática, conheço exatamente a dose de álcool e de soníferos que não devo ultrapassar.

Ele a observou como se ela fosse o elemento mais precioso do universo. Aliás, não estava longe de pensar isso.

– Diane... você é uma perfeição – murmurou.

– Não, sou uma total imperfeição. Dito isso, minha força é conhecer meus defeitos e saber remediá-los.

Interromperam-se enquanto José vertia o belo líquido caloroso e carmim numa taça bojuda. Assim que o rapaz saiu, Diane retomou:

– Para voltar a essa... organização assassina, Leonor, como já lhe disse, era desconfiada. Fora educada para isso. Não o suficiente, no entanto. Eu a alertara contra os “senhores”. Eu também cometi o erro clássico de pensar que uma mulher... Deixa pra lá. Leonor pode ter seguido por algumas dezenas de metros uma gentil *nanny*, sobretudo se ela prometera... lhe mostrar passarinhos num ninho, ou um gatinho... ela adorava os animais, uma flor estranha. Coisas desse tipo. Dito isso, ela deve ter começado a desconfiar muito rápido...

Diane fechou os olhos e ele se perguntou se estaria “vendo” a cena. Ela lhe explicara muitas vezes que não se tratava de modo algum de uma espécie de poder mediúnico. Simplesmente, seu cérebro agenciava informações esparsas.

– Elas chegaram à saída do parque, que era bastante extenso e dava, a leste, para uma ruazinha residencial pouco frequentada. Aliás, o outro parque em que Ford operava tem a mesma topografia. Pouco importa. Nesse momento, Leonor começou a recalcitrar, a querer soltar a mão da mulher... A Sra. Kaplan descreveu uma *nanny* miúda. Ela não teria dado conta de uma garota crescida, sobretudo em pânico... Por outro lado, meninas de sete a treze anos... Garotinhas fofas, bem-educadas, que obedecem aos adultos. Rick Ford devia estar estacionado na rua. A comparsa teve apenas que segurar Leonor e as outras por alguns instantes, empurrá-las para a rua, impedi-las de gritar. Ele fez o resto. Decerto, a tenra idade das vítimas correspondia à fantasia de Ford. Mas é óbvio que, em termos de resistência, uma criança... nada mais fácil.

Rupert já não se espantava com suas formulações, muitas vezes chocantes. A extrema inteligência de Diane não tolerava nenhuma atenuação. Quanto à expressão “politicamente correto”, ela sequer sabia soletrá-la. Não lhe lançara na cara, um dia, “Detesto os humanistas de feira! A filha deles não foi cortada com um escalpelo e queimada com um maçarico durante quatro horas. É fácil filosofar sobre o bem e o mal quando tudo está bem, quando seus filhos saltitam a seu redor e a pior coisa que lhes acontece é cair de skate ou ser arranhados pelo gato da casa!”?

– Sim. Compreendo. Mas e o perfil? Por que uma perversa não assassina em rivalidade com futuras mulheres?

– Posso? – perguntou a *profiler*, apontando para a bandeja de ardósia cinza-antracito sobre a qual estavam dispostas as torradas com caviar.

– Por favor, realmente foram preparadas para você.

– É encantador esse vermelho e esse cinza – prosseguiu ela, pegando um pequeno *blini*.

– Purê de tomate e purê de caviar com uma raspinha de limão.

Ela engoliu com gulodice e limpou os dedos num guardanapo de linho branco. Rupert pensou que ela era, sem dúvida, louca. Uma louca magnífica e sobrevivente. Diane acendeu um cigarro e acrescentou, em tom leve:

– Os cigarros não fazem parte de minha semiabstinência. A nicotina ajuda a pensar rápido, como vários outros alcaloides. O perfil... – Ela sorriu e lançou: – Proponho-lhe um pequeno jogo.

Rupert perguntou imediatamente, feliz:

– Está me testando?

– Pode-se dizer que sim.

– Genial! Vamos lá.

Ela pegou ao pé do sofá a mochila de couro fulvo que a seguia por toda parte e tirou um envelope de papelão, dizendo:

– Elas não me abandonam desde... nosso primeiro encontro. Prova de que confio em você. Trata-se de minha cura de desintoxicação secreta. Desde que sinto minha vontade fraquejar, olho-as. Um verdadeiro eletrochoque.

Dispôs as fotos sobre a mesinha. Quinze. Fotos de garotinhas sorridentes. As pequenas vítimas de Rick Ford e sua comparsa.

– Todas têm entre oito e treze anos. – Colocou o indicador sobre uma delas, uma encantadora garotinha, de longos cabelos loiro-ruivos crespos e olhos azuis pálidos. – Leonor – o dedo passou para outra foto, uma garotinha morena, também ela bonita como um anjo, de olhos avelã puxando para amêndoa e um sorriso sapeca. – Barbara Kaplan. Há loiras, morenas, ruivas, cabelos crespos e lisos, olhos azuis, verdes ou castanhos, peles claras ou morenas. No entanto, elas têm uma característica comum. Qual?

Ele se inclinou e examinou as fotos, puxando-as para ele, empurrando. Hesitando, disse:

– São todas fofas?

– Não. São todas muito, muito bonitas! Belas, muito belas. E, a partir dessa idade, sabe-se que têm todas as chances de continuar sendo. Algumas são já mulheres em miniatura – insistiu Diane, apontando dois retratos. – Aqui, Ann Bedford, a mais velha das vítimas, treze anos. Dá para ver um pouco de maquiagem em suas pálpebras. Ann certamente não vinha brincar no balanço do parque e sim encontrar uma de suas amigas. Sem vigilância, portanto. A investigação revelou que seus pais não estavam a par. Seja como for, uma barbada para Rick Ford. Elas se acham mulheres. Falta de sorte, não sabem nada dos perigos que ameaçam as mulheres. É claro: nesse caso, a lorota da *nanny* deve ter sido bem diferente daquela que seduziu Leonor, que, por minha culpa, ainda era um bebê aos onze anos.

– De que tipo?

– Romântica, é o que funciona melhor nessa idade. A cúmplice deve ter contado para ela que um garoto muito bonito, mais velho, é claro, suspirava de amor por ela, mas que era tímido, muito. Estava esperando por ela na ruazinha situada a leste. Rupert... Algumas crianças são feias, sem atrativos e bestas, não nos enganemos. Aquela vaca só arrebanhou para o belo Rick garotinhas e garotas lindas. É o que me faz dizer que se sentia em rivalidade com elas.

– Segundo Debra, ela era bem sem graça fisicamente.

– Devia ter me dito logo. Teria me poupado toda essa demonstração.

– Bom... Não pensei que isso fosse importante – tentou se defender ele.

– Terra chamando Rupert! Para muitas mulheres, é a única coisa que conta. Acha que tem moças que começam a fazer cirurgias plásticas aos vinte anos para quê? Tornarem-se mais inteligentes? Não! Para serem mais belas, não aos próprios olhos, mas aos dos outros. Para agradar! A tal mulher é feia. Detesta as meninas que se tornarão beldades. Poupa aquelas que são tão pouco bonitas

quanto ela própria. Não são rivais. É claro, como todos os psicopatas, ela encontrará uma quantidade de excelentes desculpas *a posteriori*. Se lhes damos ouvidos, os psicopatas nunca são culpados. São sempre os outros, não importa quem, que os levaram a fazer o mal.

– Merda! Diane... Tenho tantas coisas a aprender...

– E acha o quê? Que eu sabia tudo isso antes do calvário de minha filha?

Ela terminou sua taça de excelente vinho e aceitou quando Rupert lhe ofereceu mais. Ele consultou o relógio.

– O almoço será servido em dez minutos.

– Ótimo, estou morrendo de fome.

– Diane... Posso lhe fazer uma pergunta... muito indiscreta?

Ela o encarou e respondeu num tom de surpresa irônico:

– Por quê? Há ainda alguma coisa que seus detetives particulares não sabem de mim, à parte a cor da calcinha que estou usando hoje? Ela é branca, de algodão. Como eu trepo? Não trepo mais. Não me faz falta. Aliás, nunca fui muito chegada a sexo. As coisas da mente me fascinam bem mais. Minha carreira de puta toxicômana depois do assassinato de Leonor? Deve conhecê-la melhor do que eu, já que não me lembro de grande coisa, estava drogada demais. Sim, lembro daquele cara, bastante gentil, no dia em que decidi terminar com as trepadas e a droga, ele era obeso... e daí? Era bem educado e limpo.

– Sei disso. Sua depressão...

– Oh, não é nada disso... A brilhantíssima psicanalista das estrelas do esporte, das finanças, da televisão e das revistas não mergulhou na depressão. Ela mergulhou no inferno. Ele existe, você sabe, já que somos nós que o produzimos. Pouco importa. Mais uma vez, não estou nem aí. Mandei pra dentro qualquer merda que encontrava nas ruas. Sabe, cocaína – que é na verdade soda misturada com farinha –, esse tipo de coisa. Devia ter morrido pelo menos umas dez vezes. Era minha meta: morrer. Não consegui. Parece que a vida está arraigada em meu corpo. No entanto, ela não me interessa mais nem um pouco. Qual era mesmo sua questão indiscreta?

– O pai de Leonor... nenhum rastro. Como...

– O pai de Leonor não existe – ela o interrompeu em tom seco. – Houve um espermatozoide mais ágil do que os outros. Eu não encontrava um genitor... “adequado” entre meus raros namorados. Recorri a um catálogo e a uma clínica de inseminação artificial privada e muito discreta. Muitas mulheres, quando ficam grávidas, sabem menos do que eu sabia sobre o pai de meu futuro bebê. Características físicas, trabalho, *hobby*, engajamentos filosóficos, etc. Os doadores são escolhidos a dedo. Nada de doenças sexualmente transmissíveis ou de ficha policial, dá pra saber até se têm diabete, colesterol alto ou predisposição à calvície. Afinal, paga-se para isso. Escolhi um doador que se parecia comigo fisicamente, excelente situação, cidadão perfeito, piloto de avião amador. Tive o bebê mais magnífico do mundo. E, Rupert, poupe-me da ladainha sobre o amor! Fazemos um filho com uma pessoa porque adoramos esse alguém. Dois anos, cinco anos depois, passamos a odiar a pessoa e gostaríamos que a criança não existisse. Alguns pais chegam mesmo a ter raiva da criança por se parecer com o outro. Eu nos poupei de tudo isso, a mim e à minha filha. Foram cinco mil dólares muito bem aplicados.

– E o que contou para sua filha? Ela deve ter perguntado pelo pai, não?

– É claro. Conte-lhe a mais bela das mentiras. Seu pai era um homem excepcional, piloto de testes. Morrera como herói testando o protótipo de um avião.

– Mas a mentira não é algo terrivelmente devastador?

– Oh, Rupert! Seja lúcido. A lucidez é muito desagradável, mas é a prova mais incontestável de inteligência. A maior parte das coisas que nos tranquilizam são belas mentiras. Quer ver a realidade nua e crua? O tipo comum dos mortais, se faz isso, mete uma bala na cabeça ou corta os pulsos. Deus não existe, a sorte não existe, acabaremos todos comidos pelos vermes. Sua mãe teve que ter um filho, coisa de que não tinha a mínima vontade. Sua mulher não o ama, fica com você porque não tem recursos financeiros para deixá-lo. Seus filhos não o amam, só estão esperando a herança. Seu patrão o explora, está cagando para seus problemas. Seu melhor

amigo é simpático com você porque come sua mulher ou está de olho no seu emprego e está preparando o terreno para roubá-lo. Por certo, existem muitas belas exceções. Fora isso, a mentira, a bela mentira é uma forma de compaixão, de generosidade. Como a de afirmar para uma adorável garotinha que ela não é a consequência de uma injeção de esperma que enfiaram na vagina de sua mãe e sim a filha de um herói, um aviador, que adorava sua filhinha, pequena demais para se lembrar dele. Somos nossas lendas e nossos sofrimentos, Rupert. Construímos-nos e defendemo-nos graças a eles.

– Oh, isso eu sei. Construí-me graças a minha mãe e a seu afogamento na piscina de nossa casa. Ela me adorava, sabia? Eles a mataram. Meu pai e minha avó a mataram. Ela queria pedir divórcio. Ele a estuprava, batia nela. Meu pai. Minha mãe queria me levar com ela. Nunca deixariam que levasse embora o herdeiro homem. E, sobretudo, ela sabia coisas demais sobre eles, sobre o império Teelaney. Era preciso calá-la. Eu era muito pequeno naquela época. No entanto, tenho certeza de que a doparam à força e a jogaram na água. Ela nunca teria me abandonado com aqueles crápulas.

Diane pensou que talvez também se tratasse de uma lenda. A fábula que o pequeno Rupert forjara para si mesmo de uma mãe amorosa, com a simples finalidade de sobreviver. Talvez sua mãe, ex-toxicômana alcoólatra, tivesse voltado a mergulhar sozinha na droga, esquecendo-se do filho. O que isso importava se a mentira era mais suportável do que a realidade? Somos nossas lendas, aquelas que criamos para esquecer a dor contínua de nossas chagas sangrentas e bem reais. Os psicólogos mais inteligentes, mais a par das recentes descobertas da neurofisiologia e dos processos de memorização, chamam isso de “realidade recomposta”. A verdadeira verdade só é útil quando pode nos curar melhor do que a lenda. Para que saber que nosso avô que morreu como herói no desembarque da Normandia tinha na verdade se escondido numa fazenda enquanto seus camaradas morriam como moscas? Um herói dá força. Um covarde dá vergonha, corrói, como se seus genes nos contaminassem, nos botassem para baixo. Saber

que não somos o filho do pai magnífico que adoramos, mas o resultado de um vago encontro? Para quê? Para que essa mania de vasculhar a lixeira da memória? Na maioria das vezes, elas fedem, as lixeiras. O segredo é bom quando nos protege das lâminas afiadas e impiedosas da verdade.

Diane se lembrou de uma paciente que se consultava com ela quando era uma das psiquiatras da moda em Nova Iorque. Antes. Antes de Leonor. “Consultar” nem era o termo adequado. Virginia Willow, riquíssima herdeira de cinquenta anos, queria era bater papo com alguém que estivesse obrigado a guardar seus segredos, uma profissional que seu exército de advogados poderia destruir em caso de indiscrição. Três vezes por semana, ela pagava uma confidente de alta classe.

Virginia se casara com um belo fidalgo espanhol vinte anos mais novo do que ela. Um gigolô que sabia se valorizar e ser galante. A herdeira parecia uma putinha, apesar de uma inteligência das mais incisivas. Um dia viera com esta:

– Na sua opinião... O que dói mais: ser corna ou saber que é corna? A única diferença é o fato de saber. O ato, em si, permanece o mesmo. Roberto nunca me deixará. Sou eu que tenho o dinheiro e o dinheiro permanece sempre bonito e jovem, sobretudo para homens como meu marido. Em compensação, se eu for atrás, se ficar sabendo que ele me engana, terei que agir. Por quê? Porque aos olhos dos outros, não serei mais uma mulher cega e apaixonada – o que é perdoável –, mas uma pobre idiota desprezada, o que não é. Então terei que pedir divórcio e arranjar outro homem que, por sua vez, também me trairá. Garanto-lhe que não se trata de covardia de minha parte, mas simplesmente de lógica. Minha necessidade de verdade é bem menos imperiosa do que minha necessidade de conforto. A vida é tão curta, Diane... A verdade consome tudo à sua passagem. Não tenho vontade de ser lúcida. Tenho vontade de ser feliz. Lucidez e felicidade são, em geral, antinômicas, é preciso ter consciência disso.

Diane quisera saber, ver a verdade. Numa fita VHS. Uma verdade que durara três horas e cinquenta e seis minutos. O tempo do calvário de sua filha. E a verdade consumira tudo. Diane deixara ali

sua saúde mental, seu gosto pela vida, sua compaixão e todo o resto, salvo sua inteligência, porque ela era sua única arma. Resolvera se tornar uma caçadora porque essa era a única justificativa para sua sobrevivência.

Predadora de predadores. Ela os detestava. Que morressem. Todos!

[2](#) Marybeth Tinning, por exemplo, que matou seus nove filhos pequenos sem que seus próximos suspeitassem.

[3](#) Genevieve Jones, condenada à prisão perpétua em 1982.

[4](#) Alvin e Judith Neeley. Foram acusados de uma quinzena de assassinatos particularmente odiosos. Judith Neeley foi condenada à morte.

[5](#) Gerald e Charlene Gallego. Charlene servia de isca para atrair garotas.

[6](#) Os detalhes sobre esses *serial killers* foram tirados do livro *Serial Killers*, Stéphane Bourgoïn, Paris, Le Livre de poche, 1995. O casal foi condenado à prisão perpétua em 1966.

*Paris,
França, agosto de 2008*

Uma voz de homem bastante jovem, cortês, muito profissional, perguntou:

– Senhora Heurtel? Senhora Sara Heurtel?

– Sim.

– Bom dia, senhora. Sou Sébastien Lucchini, da agência imobiliária Immo 75-15. Soube que a senhora está procurando um apartamento com um empréstimo-ponte até que o seu seja vendido. Um apartamento de três ou quatro cômodos, em uma rua calma, se possível com varanda e despensa, é isso?

– É, sim, mas...

– Um negócio imperdível, de verdade, acabou de entrar... Não vai ficar muito tempo, vou logo avisando.

– Nunca contatei sua agência... Enfim, não penso que...

– Fazemos parte de uma grande rede. Tenho seu dossiê digital sob meus olhos.

– Desculpe, sou meio tola nessas coisas! Como é esse apartamento?

– Fica no 15o *arrondissement*, uma ruazinha calma que dá para a Rue du Commerce, dois ou três minutos a pé até o metrô, imóvel totalmente reformado há dois anos; portanto, encargos mais do que razoáveis, um grande quatro cômodos, terceiro andar com elevador, uma despensa, uma bela varanda, muito luminoso. O apartamento também foi reformado pelos antigos proprietários. Bom, será que vai gostar do piso do banheiro? Não sei... os gostos, não é mesmo? Mas tudo em perfeito estado, bastante sóbrio, de bom gosto, em suma. E está no mínimo quinze por cento abaixo do preço de mercado. Se vender bem o do bairro Odéon, ainda vai lhe sobrar dinheiro após a compra desse.

– *A priori*, parece interessante.

– E é mesmo, pode acreditar. Vai achar que é conversa de vendedor, mas garanto que se não tivesse comprado um imóvel ano passado, eu mesmo compraria esse! A historinha é essa: o proprietário aceitou uma oferta de trabalho no exterior, dessas que não dá para recusar. Sentiu o terreno por lá um mês, adorou, e agora o casal quer vender o mais rápido possível. A esposa queria mesmo tirar uma licença para cuidar do bebê deles, veio tudo a calhar. Os dois têm trinta e poucos, é a hora de se jogar, de ir mais longe e tudo isso!

Ela sentiu pelo tom que ele também tinha trinta e poucos e lamentava não ter “se jogado, ido mais longe e tudo isso”. No fundo, foi mais o ligeiro despeito que ela sentiu na voz dele do que o blá-blá-blá de vendedor que a fez decidir, embora tudo lhe parecesse um pouco precipitado.

– Escute, isso aconteceu um pouco rápido demais, ainda nem botei meu apartamento à venda, eu...

– Ah, tenho todas as características aqui no arquivo. É um bem extremamente vendável. É verdade que fica um pouco longe do meu feudo do 15o , mas se o colocar na minha agência, prometo vendê-lo rapidamente.

– Verdade?

– Com certeza! Ideal para um solteiro rico, um casal sem filhos, ou com apenas um, perfil moderno, intelectual, belo endereço. Tenho vários clientes procurando um imóvel assim, se pedir um preço razoável... Sabe, o mercado imobiliário em Paris está superfaturado neste momento. A bolha pode murchar a qualquer hora, mas é o período ideal para vender.

– Bom... parece promissor. Posso passar aí no início da tarde.

– Perfeito. Duas e meia, pode ser?

– Combinado. Irei com meu filho.

Ele lhe passou o endereço e o número de seu celular. Quando desligou, Sara teve um pouco a sensação de estar sendo atropelada pelos acontecimentos. Ok, tinha visitado duas agências imobiliárias e explicado o que queria. Estava decidida a vender seu apartamento, se mudar, reconstruir um ninho em outro lugar, mas aquilo ainda era bastante teórico. Mal conversara com Victor e,

embora fizesse parte dos pais que consideram que são os adultos que devem decidir, queria que esse recomeço fosse uma vontade comum. Victor aprovara a ideia com um entusiasmo: “Yes, beleza!”. Sara fizera questão de enfatizar que aquele projeto implicaria que ele mudasse de escola, fizesse outros amigos, ainda que sempre pudesse rever os atuais. Uma sombra estranha passara pelo olhar do garoto, fugaz demais para que sua mãe pudesse decifrar se era de tristeza ou de alívio. Ele retorquira em tom tranquilo:

– Bom, de qualquer jeito, mais dia menos dia perdemos de vista nossos colegas de escola, não? Você, por exemplo...

– É verdade. O pior é que esqueci até o sobrenome da minha melhor amiga de escola. Caramba, como se chamava mesmo? Uma loira, adorável... Excelente aluna. Uma falsa “apagada”, sabe?

– O que é um “apagado”?

– O tipo muito bem-educado, que nunca responde com insolência, que cora facilmente e baixa os olhos, mas que na verdade é teimoso que só, não muda de ideia mesmo sob a maior pressão. Uma garota e tanto. Chamava-se Cécile... Disso tenho certeza... Bom, tudo bem. Imagine que assisti à minha primeira peça de teatro graças a ela. Quero dizer, fora as saídas pedagógicas da escola. Até a vovó gostava dela, um milagre! Ela detestava todas as minhas amigas. Conhece a peça. Foi no teatro do Odéon. Ah, que magia... *Crime e castigo*, do Dostoievski. Fiquei pregada na poltrona...

E se os dois gostassem do apartamento, o que faria? Ainda não tinha nem falado com o banco sobre o empréstimo-ponte.

Reprimiu um sorriso quando entraram na sala principal. Duas das paredes tinham sido pintadas de cinza-toupeira, só um pouquinho mais claro do que aquele que Victor e ela tinham escolhido para o quarto de Louise. A cozinha americana, aconchegante e funcional, com seu balcão de cimento pintado e seus móveis de madeira pintados de cinza pálido, a seduziu de imediato por seu aspecto ao mesmo tempo sóbrio e estilo revista de decoração. O apartamento era maior que o dela; a rua, de fato, era calma, e a varanda, agradável. Os dois quartos davam para um pátio interno, pequeno,

mas alegrado por uma alta tília e canteiros de flores. Dois bancos de madeira, patinados pelas intempéries, deviam acolher as conversas nos entardeceres de verão. Um pequeno galpão servia para guardar as bicicletas dos proprietários e locatários.

Esse detalhe pareceu seduzir imediatamente Victor, que exclamou:

– Oba! Vou poder ter uma bicicleta!

Sara preferiu não decepcioná-lo. Nada de bicicleta em Paris. Perigoso demais. Ela não tolerava mais a menor ideia de uma ameaça a seu filho. Conversaria sobre aquilo depois. Por outro lado, embora o garoto fosse bem comportado e razoável, era transbordante de vida e tinha apenas doze anos. Não podia colocá-lo numa bolha, tornar-se uma dessas mães histéricas que se desesperam diante da perspectiva de um joelho ralado.

Sébastien especificou:

– Nenhum problema com chumbo e essas coisas, os proprietários foram muito conscienciosos. Nada de amianto, passarei para vocês todos os relatórios. A instalação elétrica foi toda refeita. Tudo em perfeito estado, garanto.

Impressionada pela nudez do apartamento, Sara perguntou:

– Não tem mais nenhum móvel. Eles já se mudaram?

– Sim. Estão com pressa. É por isso, aliás, que este negócio é imperdível. Não vai ficar três dias na agência. Imperdível!

Era verdade, ela verificara os preços por metro quadrado na internet antes de ir.

– Vão deixar as estantes? – perguntou, apontando a parede da sala coberta de prateleiras em faia bruta.

– Sim, foram feitas sob medida, estão seladas na parede, e tirá-las deixaria buracos horríveis.

– Esse tipo de móveis sob medida costuma custar uma pequena fortuna – comentou ela.

– Tive a impressão de que eles não tinham problema de dinheiro. Francamente, são pessoas muito simpáticas. Tenho a impressão de que ganham muito bem a vida. Ela é especialista em produtos financeiros éticos. Sabe, do tipo bem educada e gentil, sem pedantismo... O contrário de muita gente com quem me deparo no

meu ofício. Os piores são alguns novos ricos que bancam os aristocratas, mas brigam como cães por mil euros. Gente de muita classe, em suma!

– Posso imaginar.

Dirigindo-se a Victor, ela perguntou:

– O que acha?

Ele exclamou, em tom encantado:

– Da hora, mamãe. Vamos ficar muito bem aqui.

Antes mesmo que soubesse o que ia dizer, ela afirmou:

– Vamos ficar com ele, e vou lhe confiar a venda do meu.

– Perfeito! Vamos passar na agência para assinar o termo de compromisso?

– Vamos.

Sébastien Lucchini continuou gabando todas as vantagens daquele “negócio imperdível” enquanto iam a pé até a agência, situada a três ruas dali. Sara mal o escutava, respondendo com monossílabos, perdida na contemplação de Victor, que seguia na frente saltitando.

– Seu filho é adorável.

– Sim.

Justamente. Sara começava a achar Victor demasiado adorável e dócil. Uma espécie de dúvida a invadira durante a visita ao apartamento. Victor parecera pouco interessado. Varrera com um olhar rápido os dois cômodos, sendo que um deles seria seu quarto. E se a única coisa que importasse para ele fosse deixar o outro apartamento, onde vivera sua irmã? Se, no fundo, o único desejo da mãe e do filho fosse comum: livrar-se de todos os vestígios – ao menos materiais – de Louise? A apreensão a fez suspirar. Era impossível! *Tinha* que ser impossível! Caso contrário, aquilo significava que Victor sabia, ou desconfiava, do desvio malfazejo e sanguinário da irmã e, Sara não queria aquilo por nada no mundo. Como um garoto poderia resistir àquela verdade, quando ela própria sentia-se afogar nela cada vez que se lembrava de Louise?

Tentou se tranquilizar. Não, Victor não tivera nenhuma oportunidade de ficar sabendo daquele horror, já que ela própria só o descobrira, obrigada e forçada, por causa de Yves Guéguen.

Tinha que falar com o *profiler*. Tinha que vê-lo. Precisava agir de novo, deixar de ser passiva.

Sim, mas e se... se Victor percebera alguma coisa? Ela não devia, de modo algum, deixá-lo encarar sozinho uma monstruosidade daquelas. A noção de tempo, do tempo que passa e, às vezes, conserta um pouco as coisas, permite aos adultos atenuar suas dores, mas o tempo escoá de maneira tão diferente no espírito de uma criança.

*Fredericksburg,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Diane Silver, absorvida em seus pensamentos, fechou a porta da casa atrás de si. Trancou as duas fechaduras e ativou a função “presença” do sistema de alarme, que lhe permitia ir e vir, desde que não cometesse o erro de abrir uma janela ou uma porta sem tê-la desativado antes.

Com um gesto automático, jogou no sofá sua mochila, desgastada por uma boa dezena de anos de companheirismo. O barulho de um choque surdo a surpreendeu. Virou a cabeça. Droga, na última faxina, tinha tirado o sofá do lugar. A mochila caíra direto no chão.

A *profiler* tinha por costume – ou necessidade – limpar a casa de cima a baixo ao final de cada investigação. Sua última crise obsessiva remontava ao assassinato do matador de prostitutas de Boston. Trocava os móveis de lugar, colocava flores na sala, jogava fora os jornais e revistas velhos que se empilhavam nos cantos, modificava a disposição dos cômodos, salvo seu escritório, por uma razão crucial: nada no mundo a faria tirar o pôster que estava em uma das paredes. Arrumar o lado de fora para purificar, ordenar o de dentro. Uma mania necessária a sua sobrevivência, até o dia em que decidisse pôr-lhe um fim.

A seguir, levava dias até se acostumar com o novo arranjo do espaço, adquirir novos reflexos.

Sem tirar o casaco nem se instalar, dobrou o papel-manteiga que envolvia o impressionante sanduíche que acabava de comprar no centro comercial próximo a sua casa. Peito de peru, alface e tomate, brotos de lentilha – o toque geração saúde –, finas fatias de bacon tostado, tudo mergulhado numa espessa camada de maionese e aprisionado entre duas grandes fatias de pão redondo.

Dedicar-se a mastigar, saborear e então engolir. Não pensar, não analisar, não deduzir. Por enquanto. Comer. Impedir a mistura de assuntos, o *zapping* de um pensamento a outro, deplorável costume que explicava por que as pessoas costumavam entender errado, pensar errado. O perigoso extravio intelectual de nossa época de superestimulação: comer escutando música, assistindo à televisão, escrevendo e-mails, consultando a internet e ainda conversando com o vizinho. Seria interessante saber quantas informações se perdem, são mal interpretadas e mal armazenadas nesse processo. Quantas – utilizáveis – persistem? No fim das contas, quanto tempo se perde pensando que se está ganhando? Diane formara Yves Guéguen nesta disciplina mental: concentrar toda a atenção numa só coisa de cada vez. Yves... Não conseguiria continuar se esquivando dele por muito tempo. Não pensar. Comer.

Amassou o papel, lamentando não ter comprado uma fatia de *cheesecake* coberto de creme de limão. Foi para a cozinha, lugar que só lhe servia para jogar fora as embalagens de sanduíches, lavar as mãos e preparar o café forte da manhã. Os armários estavam tão vazios quanto a geladeira, que não devia conter mais do que uma garrafa de leite e, talvez, uma velha barra de chocolate comprada num raro momento de euforia. Não se lembrava de ter convidado alguém para ir à sua casa nos últimos dez anos. Desde que fora contratada como *profiler* pelo FBI. Também nunca aceitara convites, a não ser os de Yves Guéguen no período em que o estava formando, havia dois anos. Era quase impossível resistir ao entusiasmo contagioso do grande policial francês. Outra vantagem aos olhos de Diane: ele cozinhava muito bem.

Tirou finalmente casaco, jogou-o no corrimão da escada, pegou a mochila e subiu os degraus que levavam ao primeiro andar. No final do corredor, seu escritório. Ajustou o segredo do pesado cadeado que trancava a porta e entrou.

O quarto parecia pequeno, de tanto que os livros empilhados e as paredes cobertas de estantes e de arquivos reduziam o espaço.

Na parede situada de frente para a grande tábua sobre cavaletes que lhe servia de mesa de trabalho, via-se o pôster. Leonor. Devia ter sete ou oito anos naquela foto que Diane mandara ampliar e

ajustar. Tinha na mão uma enorme margarida alaranjada. Sorria, sapeca, com a cabeça inclinada.

Diane ligou o computador. Incerta quanto à sequência, apertou a tecla de economia de energia. Sua frase-fetichê se estampou preguiçosamente na tela: "O inferno é aqui e agora".

Espalhou sobre a mesa as fotos da cena do crime da cabana de Bel Vista. Fotos do porão, do térreo e do primeiro andar de uma fazenda isolada, além dos relatórios do legista e da polícia. Colocou ao lado cartas de um macabro tarô, as reconstruções faciais realizadas pelo computador dos dois quase esqueletos. O especialista indicara em grandes letras vermelhas que se tratava de uma "projeção digital baseada nas probabilidades deduzidas do físico caucasiano e da idade estimada das vítimas", já que as duas mulheres eram de raça branca. Em outros termos, uma aproximação até certo ponto confiável, pelo menos no que dizia respeito às características gerais do rosto, excluía qualquer intervenção cirúrgica reparadora ou estética. Diane examinou o conjunto, embora já o conhecesse de cor. Não procurava nada de particular. Queria apenas digeri-lo, metabolizá-lo.

Persistiu, por vezes erguendo os olhos para o pôster, para o rostinho perfeito, os cabelos compridos, encrespados e loiro-ruivos, tão parecidos com os seus, os olhos da mesma cor e nuance: azul muito pálido. Uma onda de amor irrefreável lhe fez virem lágrimas aos olhos. Belas lágrimas. As feias, aquelas do sofrimento, viriam mais tarde.

Esperar, não mais que esperar. Um processo, sempre o mesmo, ia se operar. O grande olhar pálido de seu anjo ia levá-la para trás das muralhas secretas de sua mente, lá onde não conseguia penetrar sozinha. Fechaduras escondidas no mais profundo de suas neuroses se abriam. Por um tempo. Voltariam a se fechar em seguida. Aquilo não tinha nada a ver com um dom mediúnico. Diane, aliás, jamais encontrara seres dotados de verdadeiros poderes sobrenaturais, apesar das múltiplas experiências do FBI nessa área. Em compensação, estava convencida de que algumas pessoas possuíam inteligências "penetrantes", hipersensíveis, capazes de "ver" além, onde as outras se tornavam cegas. Mentes liberadas do

peso do evidente e do provável, que, embora muitas vezes levem à verdade, em outras a ocultam.

As pétalas da margarida alaranjada pareceram fremir, juntar-se, fundir-se umas nas outras. Diane expirou com a boca aberta e fechou os olhos. Deixou-se ir lentamente a uma parte muito profunda de seu cérebro, não sabia qual. Todas as cartas do jogo mortal se combinavam para formar uma história. Sua mente classificara, comparara, sintetizara todos os dados.

Ela o via de costas, como sempre. Era um homem mais baixo do que alto. O legista mencionara um golpe dado na parte de trás do crânio: *O osso occipital está afundado numa superfície bastante extensa, no nível da protuberância externa. A importante fratura óssea sugere um golpe de extrema violência, talvez vários no mesmo lugar. Estamos diante de uma contusão com afundamento e soltura do osso fraturado e de lesões crânio-encefálicas maciças. O hematoma subdural que se formou consecutivamente ao impacto sendo de cor vermelho-porto, pode-se concluir em primeira análise que ele data de uma a duas semanas. O que corresponderia ao momento estimado da morte (provavelmente, cerca de dez dias, levando-se em conta as condições ambientais e a corpulência da vítima), como indicam os flictenas nos membros inferiores, o inchaço do pênis e do escroto, a tendência à soltura dos pelos.* Um golpe assestado na parte inferior do crânio, sugerindo portanto um agressor mais baixo do que sua vítima – que media um metro e oitenta e dois, sendo que a contusão óssea estaria localizada mais acima. A fratura do crânio, acompanhada por uma intensa hemorragia, como indicava o tamanho da mancha encontrada sobre o tapete, fora a causa do óbito da vítima masculina.

Ela o via de costas. Suas mãos se moviam, enfatizavam: estava explicando alguma coisa àquele que logo abateria. Tentaria abater. Não estava seguro de conseguir. Senão, não precisaria convencê-lo a entrar na cela. Estava hesitante? Sabia-se muito mais fraco do que o outro homem? Ou desejava vê-lo sofrer e agonizar, contentando-se em golpeá-lo antes de fechar a grade? Não. Nesse caso, não teria golpeado tão forte: segundo o legista, a morte fora rápida. Ele era fraco, e o temor transpirava em sua atitude. Não se

tratava de um assassinato por prazer, e sim por necessidade. Ditado pelo medo? Por quê? O maior dos dois homens, a vítima, balançava a cabeça. Dava um passo para a frente, mais um. Finalmente, estava quase na jaula. Virava a cabeça, baixando-a um pouco, e falava de algo que Diane não sabia, provavelmente do esqueleto da mulher mais jovem, a da cela da direita, uma loira, morta bem antes dele. *O encéfalo dos dois sujeitos femininos está totalmente liquefeito, os tecidos moles e as vísceras se degradaram; permaneceram, nos dois casos, apenas os ligamentos e os tendões, assim como o útero. É difícil determinar a data da morte, ainda mais que se constata a ação de roedores. Todavia, larvas cilindro-cônicas cercadas de pelos, com toda a evidência do gênero Dermestes, foram encontradas sobre os dois cadáveres, tendo seus genitores sido atraídos pela transformação adipocerosa. O laboratório de entomologia confirmará. A presença desses insetos leva a pensar que a morte das duas mulheres data de três a seis meses, considerando a estação...* O menor, o agressor, colocava a mão no bolso do casaco e tirava rapidamente um objeto de metal enferrujado: *...partículas de ferrugem foram encontradas na ferida...* Com esse objeto, golpeava com toda a força a parte de trás do crânio do outro, que caía no chão. Empurrava a vítima rapidamente para fechar a porta da cela.

O cérebro de Diane perguntou-se vagamente se seria arrancado da cena, se voltaria ao real, mas seu olhar interior mergulhou ainda mais fundo, em direção a outra época.

Ela via o mais baixo, novamente de costas. Mais uma vez, ele fazia gestos largos com uma das mãos. Diane não distinguia a outra, mas o braço dobrado para a frente indicava que ele estava segurando alguma coisa. Dirigia-se à pessoa que estava na cela. A mulher aparecia. Era a mais velha, bastante grande, de cabelos castanhos: *O sujeito da cela da esquerda é uma mulher medindo cerca de 1,72 m, de 40 a 55 anos de idade, estimativa tornada possível porque o corpo do púbis apresenta uma textura média, a superfície sínfisiana é de contorno retilíneo e a trama do tecido ósseo compacto é acinzentada e muito densa. Além disso, a extremidade inferior da sínfise é bem desenvolvida, o que exclui*

uma pessoa mais jovem ou mais velha. A análise dental deve confirmar e precisar essas estimativas. A julgar pelo comprimento das raízes capilares dessa pessoa, que tinha o costume de pintar os cabelos de castanho, sua cor natural, provavelmente para disfarçar os cabelos grisalhos, e partindo do princípio de que um cabelo cresce cerca de um centímetro por mês, a mulher não renovava sua pintura havia onze meses... O cadáver encontrado na outra cela, à direita, é o de uma mulher adulta dita jovem, com menos de vinte e cinco anos de idade, como indicam a textura fina do corpo do púbis, o contorno ondulado da superfície sínfisiana e a ausência de trama no tecido ósseo compacto. Media cerca de 1,60 m...

A prisioneira hesitava, depois suspirava e balançava a cabeça em sinal de assentimento. Aproximava-se das grades e se sentava no tapete, à altura da corrente. Os movimentos da mão do homem se aceleravam, ele se impacientava. A mulher prendia o próprio punho e o próprio tornozelo. O homem destrancava a porta e penetrava na cela. Colocava perto da cativa um prato de comida, uma caneca e uma colher. Recuava alguns passos e esperava que ela comesse. Ela engolia a refeição e empurrava com o pé livre o prato vazio, sobre o qual colocara os dois outros utensílios. O homem pegava os objetos e saía. Trancava novamente a porta de grades e lhe estendia uma chave. Ela tirava as correntes e, após hesitar um pouco, devolvia-lhe a chave através da grade. Sabia que, caso contrário, ele não a alimentaria mais. Acorrentava-a também para as sessões de estupro? Provavelmente. Não tinha tamanho para controlar uma mulher grande, cuja força certamente seria decuplicada pelo terror e pelo ódio. O que acontecera em seguida? O que mudara? Ele se cansara de seu brinquedo, mas não ia acabar com ela, não seria divertido. Não queria colocar um fim abrupto em seu jogo. Preferia imaginar sua agonia. A agonia das duas, já que tinham morrido em datas próximas. Por quê? Porque a mais velha tinha de repente compreendido. A outra, sua vizinha de pesadelo, tivera que esperar até o final. Estava errada. A esperança, um dos piores venenos para o espírito, segundo Diane. Um dia, aquele dia, o homem colocara os pratos e as canecas sem dizer palavra. Saíra a seguir, trancando a cela atrás de si. Não entregara a chave das

correntes. Ligara a televisão e saíra, sem um olhar, sem uma palavra. A brincadeira com elas começava a entediá-lo. Talvez a mais jovem tivesse começado a chorar, a gritar. Ele não ligava. Dado o isolamento da grande cabana, cujo acesso se dava por uma estrada rural pouquíssimo transitada, protegida por uma cortina de árvores, e ainda com a televisão a todo o volume, ninguém poderia escutá-las. Ninguém as teria descoberto não fosse aquele vazamento de água.

O olhar interior de Diane examinou a mulher mais velha. Perguntou-se por que não via a outra, já que o software a reconstituíra até mais detalhadamente: uma loira de olhos azuis. Decerto, porque ela mesma teria agido como a mulher de cabelo castanho, porque se sentia mais próxima dela. O belo rosto um pouco enrugado, de olhos avelã, nariz fino e maçãs do rosto salientes, se tensionava. Ela apertava os lábios, olhando alternadamente para o prato fumegante, a televisão, o porão, a escada que subia para o térreo. Suas sobrancelhas se franziam, ela fechava os olhos. De repente, virava brutalmente a cabeça para a outra jaula, gritava, ordenando talvez à outra cativa que parasse de se lamuriar. Dizia alguma coisa, depois suspirava. Diane via seu rosto se descontraír e um sorriso desesperado esticar seus lábios. Acabava de tomar sua decisão. Pegava o prato, comia com lentidão, esvaziava a caneca e inclinava a cabeça. Com um gesto seco, quebrava o prato de porcelana contra as grades. Um grande caco afiado caía sobre seus joelhos. Juntava-o, contemplava-o por alguns instantes e cortava meticulosamente as veias dos tornozelos e dos punhos.

Assim se esvaziaria mais rápido. ... *o sangue seco sobre o caco do prato corresponde ao da vítima. Encontramos suas impressões bem nítidas na porcelana do caco do prato, o polegar em cima, os quatro outros dedos embaixo. Também encontramos outra impressão que não pertence nem à segunda mulher nem à vítima masculina. Pela quantidade de sangue derramada no tapete, pode-se afirmar que ela morreu de exsanguinação.* Diane viu a mulher sacudir a cabeça negativamente, talvez em resposta a uma súplica de sua vizinha de calvário.

A luz pareceu renascer em torno de Diane, que estava deixando as profundezas de sua mente. Como sempre após essas estranhas viagens, um sofrimento brutal a fez sufocar. Leonor a deixava terrivelmente sozinha e viva. Ela gaguejou:

– Durma, meu anjinho. Mamãe está bem. Eu amo tanto você... Lutou contra o esgotamento que a pregava na poltrona e se dirigiu a um dos armários de parede do escritório. Tirou uma garrafa de Glenmorangie e bebeu um grande gole no gargalo. Hesitou, fazendo girar o resto do tentador líquido âmbar no fundo da garrafa. Fechou-a com um gesto irritado e a guardou novamente no armário, enxugando, sem sequer se dar conta, as lágrimas que escorriam em sua face.

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Bob Pliskin, secretário e encarregado dos serviços sujos de Edmond Casney Jr., o diretor da base militar de Quantico, fechou a pasta amarelo-pálido que continha algumas folhas impressas e as fotos de Stephen Grady, vinte e oito anos – embora mal parecesse ter vinte. Teriam oferecido o paraíso sem confissão ao pequeno Grady, tanto ele parecia tímido, apagado, com seu ar de adolescente franzino e não muito esperto. Ao menos, na foto tirada antes que ele caísse nas mãos de um predador bem mais perigoso do que ele. Grady fora encontrado num quarto de motel sórdido de Roxbury, perto de Boston, estrangulado e parcialmente esfolado. Seu assassino, com toda a evidência, não terminara o trabalho por falta de tempo. Os testes de DNA tinham provado que o gentil rapaz, que vivia de pequenos trabalhos para a paróquia de Saint-Andrew, não era outro senão o matador que estrangulara cinco prostitutas nos arredores de Boston. As cordas que prendiam a sexta foram encontradas cortadas não longe do cadáver de Grady. Ela escapara por pouco da morte, mas Bob Pliskin estava se lixando para isso. Uma única coisa o preocupava: a indecisão em que se encontrava.

Estaria marcando um ponto contra a Dra. Diane Silver, ou não? A aversão que sentia pela *profiler* só o abandonava ocasionalmente. Bob Pliskin chegara a encomendar uma investigação extraconfidencial a respeito dela, investigação que revelara que, além dos abusos de neurolépticos e do tabagismo, Diane terminava todas as noites bêbada. Pliskin não ignorava a causa de suas diversas toxicomanias. A filha, Leonor. O calvário da filha. No entanto, aquilo tampouco o interessava, a menos que pudesse ajudá-lo a derrubar Silver.

Aquele que Diane qualificava de sociopata com tendências paranoicas deu uma olhada em seu relógio. Ai de quem ousasse chegar atrasado a uma de suas convocações! Suspirou de satisfação. O convocado ainda tinha bons cinco minutos para bater na porta de seu espaçoso escritório.

Na verdade, a personalidade de Pliskin justificava amplamente o diagnóstico de Diane. Bem integrado a seu ambiente, insuspeito, autoritário, coerente, convincente em seus raciocínios mais delirantes, rígido, Pliskin acreditava sempre ter razão em tudo. Certamente, era inteligente o bastante para perceber as opiniões divergentes dos outros, o fato de que, em sua maior parte, o detestavam. Porém, estavam enganados. Se o detestavam, era porque tinham inveja dele. No fundo, Pliskin se orgulhava bastante dessa convicção. Inspirava-lhes medo e, nisso, não estavam enganados. A não ser ela. A não ser aquela Silver, que ele não conseguia impressionar e que fazia questão de ridicularizá-lo em público.

Contudo, agora ia acabar com ela de maneira definitiva – e dissimulada, já que o pobre Edmond, embora não amando de paixão a psiquiatra, encontrava-se sob o império de uma grande apreensão: perdê-la e, com ela, seus incontestáveis sucessos em matéria de caça aos assassinos. Ele se oporia, portanto, à sabotagem que seu secretário tinha em mente. A caça aos *serial killers* não era a prioridade de Pliskin. A única coisa primordial a seus olhos era esmagar Silver. Assim provaria a todos que era o mais forte.

Nessa ordem de ideias, o assassinato do matador de putas de Boston podia lhe ser útil? As deduções de Silver a respeito de seu físico e de seu trabalho tinham se revelado exatas. Todavia, não fora graças a ela que ele foi tirado de circulação. Além disso, sua execução – Grady sentado e amarrado a uma cadeira, amordaçado com *silver tape* para abafar seus gritos – evocava de maneira perturbadora os outros assassinatos internacionais, cometidos por um certo Nathan Hunter, que a *profiler* também estava investigando. Um *copycat* inspirado por uma indiscrição policial? Nesse caso, Bob o colocaria na conta de Diane com muito prazer.

Tratava-se, pelo contrário, do mesmo assassino, aquele que matara os dois adolescentes franceses, Stanley Armstrong em Nova Iorque e Constantino Valdez no México? Por que esse cara teria desejado intervir numa investigação de Diane? Para que ela se “interessasse” por ele? Em outros termos, Silver era perigosa na medida em que potencializava as pulsões assassinas. Aquilo seria suficiente para desacreditá-la? A dúvida minava Pliskin. De fato, se errasse o golpe, ela revidaria com tudo. Ele adoraria assistir à longa agonia profissional de Diane, mas ela pertencia àquela categoria de feras que é preciso abater muito rápido e de surpresa.

Bob Pliskin, por devotar a si mesmo um amor infinito, recusou-se a ir até o fim de seu raciocínio: por que era preciso abatê-las de surpresa e rapidamente? Porque são mais fortes do que seu caçador.

Quanto a Gary Mannschatz e Mike Bard, o que pensar? Aliados ou inimigos? Pliskin só os colocara em colaboração com Diane Silver por causa da manifesta aversão de Mike pelos psicólogos de todos os tipos. A cadela da Silver teria conseguido cooptá-los? Pliskin teria cometido um grave erro estratégico? Mannschatz e Bard eram bons policiais. E os bons policiais detestam os fracassos. Se os dois agentes pensassem que Silver podia ajudá-los a pegar suas presas malfazejas, talvez se tornassem colaboradores de peso para a psiquiatra. Um péssimo negócio para Pliskin. Conteve o mau humor que o invadia. Tinha uma carta forte na mão e pretendia utilizá-la.

Uma batida na porta. Consultou novamente seu relógio: um minuto para as três. Empertigou-se. Ninguém ousava se apresentar com atraso a ele, a não ser aquela imbecil da Silver. Decididamente, ele a detestava.

Reabriu a pasta, fingindo estar absorvido na leitura atenta dos diferentes documentos, e respondeu com um “sim?” ao mesmo tempo cansado e um pouco irritado.

Mike Bard entrou no escritório. Pliskin lhe dirigiu um sorriso e disse:

– Mike, Mike, sente-se, por favor.

O policial grandalhão se deixou cair na poltrona que estava de frente para Pliskin. Seu olhar experiente varrera a sala em um

segundo. Tudo ali cheirava a autossatisfação, até os mínimos detalhes, sobretudo a abundância de fotos gratificantes, de diplomas e certificados que cobriam uma parede do chão ao teto. Pliskin esticando o pescoço para ser visto atrás de Clinton, depois, de Bush. Pliskin de *shorts* em companhia de Casney Jr. Pliskin, conversando com o senador Murray, o sogro de Casney, ao qual este devia sua nomeação para a base de Quantico, um gatuno de boas maneiras que enchera os bolsos graças a diversos delitos de alta classe. Pliskin em atitude heroica descendo de um helicóptero militar, quando, na verdade, não devia sequer saber trocar um fusível. Porém, Mike Bard era um macaco velho: não ignorava que o secretário era um sujeito perigoso. Prova disso eram todos aqueles que ele derrubara sem que se dessem conta. Sorriu, portanto, para o loirinho com cara de boneca, perguntando:

– O senhor deseja falar comigo?

– De fato. Antes de mais nada, como vai seu filho? A família é fundamental. É o que nos mantém de pé.

Você não tem família e meu filho não lhe diz respeito. O que está tramando? Mais um golpe baixo?

– Obrigado pelo interesse, senhor. Sabe... com esse tipo de patologia a coisa varia a cada dia...

Bob Pliskin fingiu estar compadecido.

– Mike... Sei a fortuna que custam essas... instituições privadas que cuidam dos autistas. Um salário de policial, mesmo de uma estrela do FBI, não tem nada de mirabolante. Ainda mais que... Bom... que você tem que assumir essa enorme responsabilidade sozinho...

Vamos, babaca! Diga logo aonde quer chegar. De qualquer jeito, nada de bom pode sair desse cérebro. Tudo é vil em você.

Moira. O adorável pássaro que iluminara a vida de Mike. Sua mulher. Seu amor. Decerto seu caráter nervoso, suas crises súbitas de alegria ou de melancolia deviam ter alertado Mike sobre sua fragilidade emocional. Ele se tranquilizara pensando que artistas costumam ser excessivos. Ela era ilustradora de literatura infantil. Bastante célebre. Desenhava mundos tão encantadores, tão deliciosos, tão barrocos, que dava uma vontade louca de viver

neles. E aí ela encontrara aquele psicólogo de merda que insinuara que não acreditava naquelas histórias de cromossomos, que não havia um gene do autismo, que tinha certeza de que a doença era resultado de uma relação ruim entre a mãe e o filho desde o período *in utero*. Moira começara a degradingolar. Era culpa dela aquele menininho que se atirava no chão assim que alguém se aproximava dele, que gemia como um animal desvairado ou começava a gritar sem razão. Era culpa dela se seu filho vivia um pesadelo, trancado numa bolha da qual nada podia fazê-lo sair. Mike tentara convencê-la, forçá-la a consultar outro psicólogo, a ler artigos na internet – em suma, a levar em conta tudo aquilo que provava que legiões de mães tinham sido erroneamente culpabilizadas, que o autismo era um problema genético... Mas nada adiantara. O veneno inoculado por aquele sujeito estava nela e prosseguia sua destruição. Um dia, uma noite, Mike encontrara aquele lindo corpo esbelto flutuando na banheira, a água toda vermelha. Ele correrá para a casa do psicólogo. Puxara-o para a rua e o surrara até ficar com os dedos moídos. Lembrava de suas últimas palavras, no momento em que o sujeito mergulhava na inconsciência:

– Se prestar queixa, imbecil, vou quebrar suas duas pernas de maneira definitiva. Minha mulher morreu por sua causa. Lembre-se: você deve ao amor que ela tinha pelos seres e pelas coisas o fato de ainda estar vivo. Não me dê a desculpa de que preciso!

Voltara para casa com as mãos sangrando e inchadas a ponto de fazê-lo gritar de dor, mas estava se lixando. Em seguida, não ficara sóbrio por três dias, assistindo como a um pesadelo os caras da polícia judicial levarem o macio corpo de Moira embrulhado num lençol branco, deitado numa maca.

No fundo, com o distanciamento, ele admitia agora que a insistência daquele idiota fora apenas o catalisador do desequilíbrio de Moira.

Se Pliskin tinha em mente se servir dela, ia se dar mal. Moira pertencia somente a Mike, que, por vezes, nas noites mais escorregadias, aceitava partilhá-la com Gary Mannschatz, porque Gary era o único a compreender, a ponto de se calar e escutar

sempre a mesma história. Gary desposara, havia dois anos, Kim, uma moça adorável, encantadora, de origem vietnamita, uma florista. Ou melhor, uma “artista floral”, como ele insistia em dizer. Gary repetia: “Ela nunca saberá nada do que eu faço. Sou agente do FBI, só isso. Nunca saberá nada da merda com que lidamos. Quero que permaneça sempre no meio de sua loja, que cheira tão bem, com todas aquelas cores magníficas, todas aquelas flores cujo nome esqueço. Antes, eu bancava o Tarzan. Admito, sentia prazer em me vangloriar, no gênero herói da guerra contra o crime. Agora, luto por ela e pelos filhos que vamos ter. Guardo para mim todos esses maníacos, para que a coisa mais assustadora que ela tenha que enfrentar seja uma invasão de pulgões ou um cliente histérico, coisas que não faltam... Eles estragam tudo, os pulgões, principalmente as orquídeas. Uma verdadeira praga. E sabe por quê? Porque quando durmo abraçado nela, quando ela me conta como foi seu dia, os arranjos e os buquês que fez, um cliente que teve uma crise porque não poderia ter peônias em fevereiro para o casamento de sua filha, o outro que quer áruns em seu jardim, mas que não sejam tóxicos, porque seu gato come as plantas, digo a mim mesmo que a vida é normal, que a vida é legal”.

Mike Bard esperou, as mãos pousadas sobre os apoios da poltrona. “*Dear Bob*”, como o batizara Diane Silver, cuja ilimitada insolência divertia o grande policial, procurava o melhor ângulo de ataque.

– Mike... somos... o que chamo de velhos soldados, ambos.

Ah, é? No entanto, não faz mais do que quatro anos que você atrapalha nossa vida, pensou Bard. Você chafurdava no meio político antes, não? O que sabe do trabalho de um policial?

– Sim, senhor.

– Aliás, esteja certo de que, assim que houver uma possibilidade de promoção, ela será sua... Seus serviços prestados e, além disso, sua... provação como pai...

Mike Bard se tensionou. Pliskin preparava um golpe ainda mais baixo do que imaginara.

– Fico muito agradecido, senhor.

– Oh, é o mínimo que posso fazer. Agora, quanto ao trabalho... Como abordar isso... Tenho a impressão, e custa-me dizer isso, que Gary está se deixando levar por Diane Silver. É uma... boa profissional, reconheço, mas também uma grande manipuladora. No caso desse assassino esfolador, acho que ela está patinando, que não sabe mais por onde conduzir a investigação. E a última coisa que quero é que coloque a culpa em vocês, e ela é bem capaz disso. Bom, me preocupo mais com você, Mike... Gary... como lhe disse... parece acreditar demais no que ela conta. Ora, você e eu sabemos muito bem que os psicólogos são especialistas em discutir o sexo dos anjos e em tirar o deles da reta. São VOCÊS que erram, mas são ELES que têm êxito. Um pouco como os advogados de defesa com seus clientes: nós ganhamos, mas você perdeu.

Pliskin acompanhou sua comparação com uma expressão de entendido. Com um rosto impávido, Mike Bard balançou a cabeça com ar concentrado. Numa só tirada, Pliskin, o fuinha, acabava de chutar em todas as direções em que pensava poder marcar um gol, utilizando ao mesmo tempo a conhecida animosidade de Mike Bard pelos psicólogos e o medo do fracasso partilhado por todos os policiais. Sobretudo, ele semeava a cizânia, tentando separar Mike de Gary. Uma tática clássica. Muito bem. Mike conversaria imediatamente sobre aquilo com seu parceiro. Por enquanto, tinha que acalmar o fuinha e se livrar dele, pelo menos até a próxima vez. Com ar severo e decidido, declarou:

– Obrigado por me avisar, senhor. Ficarei atento. Se alguma coisa parecer sair dos trilhos, eu o avisarei imediatamente.

Percebeu a satisfação de Pliskin, que tentou, sem maior sucesso, parecer impassível:

– Bravo, Mike. Não esperava menos de um excelente profissional como você. Vamos nos ajudar mutuamente. Afinal, o que conta é proteger da maneira mais eficaz as futuras vítimas. É nossa missão e nosso dever.

Exceto que a única coisa que o interessa é o poder, o seu poder. Aliás, não mencionou uma única vez os cadáveres da fazenda de Bel Vista porque não acha que esse caso poderá lhe ser útil contra Diane Silver.

*Bel Vista,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Esperando que Joe terminasse de pesar os punhados de pregos e parafusos de seu cliente – um velhinho dobrado pela artrose, que parecia centenário – numa antiga balança de dois pratos, Gary Mannschatz examinou a loja com uma espécie de gulodice infantil. Fazia muito tempo que não entrava em uma loja de quinquilharias tão bela. O atulhamento, o amontoado de ferramentas, materiais para jardinagem, tubos, conexões, ampolas elétricas, coifas de chaminé, luvas finas e grossas, ratoeiras, trecos e enghocas cujo nome desconhecia e cuja função o encantava. Uma verdadeira caverna de Ali Babá. Poderia passar o dia inteiro fuçando aquelas prateleiras de madeira, fazendo o inventário de seu conteúdo, que não devia ser arrumado havia décadas.

Depois de duas ou três observações sobre o tempo, a falta de chuva, o recente jogo dos Red Sox, o cliente saiu e Joe voltou a dar atenção ao agente do FBI. Dirigiu novamente seu olhar escuro e vivo a Gary. Este pensou que ele se parecia com um dos ratos do campo inquietos que suas armadilhas prometiam eliminar.

– Sim, o senhor Ward, o proprietário da cabana.

– Poderia descrevê-lo para mim, Joe?

– Hum... É que só devo tê-lo visto umas duas vezes, e de passagem. Esses caras da cidade estão sempre com pressa, não dá pra entender.

– Ele era da cidade? – perguntou Gary.

– Bom, não sei ao certo, mas como estava sempre com pressa, pensei que devia morar numa cidade grande. Sabe, ninguém ainda consegue acreditar no que aconteceu naquela casa. Deus do céu, três cadáveres! Diga-me... são cadáveres... como dizer... naturais ou não naturais? Quero dizer... de morte morrida? Não de morte matada, né?

– Ainda não sabemos – mentiu Gary.

O FBI conseguira reter o máximo de informações, a fim de evitar o ataque das mídias de todo o país, que complicaria a tarefa dos investigadores. No entanto, e Gary sabia bem disso, essa trégua não duraria muito. Por isso, era preciso recolher o máximo de informações antes que os moradores de Bel Vista fossem assediados pelos jornalistas. Alguns, para se valorizar, para aparecer na TV ou simplesmente para não decepcionar, inventariam, enfeitariam seus testemunhos, que assim se tornariam inutilizáveis.

– E como ele era? – insistiu o agente do FBI.

Joe piscou e apertou os lábios, concentrando-se.

– Bem... Um pouco como todo mundo. Era branco, disso tenho certeza. Diria... assim... não muito alto... Também não era nenhum anão. Nem gordo.

– Loiro ou moreno?

– Moreno não. Entre os dois, talvez.

Gary Mannschatz se desencorajava. A mesma cena se repetira nas três lojas que visitara, lojas em que se supunha que o homem tivesse feito compras. Mannschatz sabia por experiência própria: raros são os indivíduos dotados de um senso de observação objetivo, daí a necessidade de considerar as descrições com toda a prudência – mesmo, ou sobretudo, quando peremptórias. A memória se rearranja sem que tenhamos consciência disso. Com o passar do tempo, ela toma emprestado de nossas emoções, de outras situações, para produzir lembranças que guardam apenas uma longínqua relação com a realidade.

Chateado ao perceber a decepção do superagente, Joe disse, num arroubo:

– Ah, sim... Lembrei de um detalhe: ele era muito educado. Era um tal de “senhor” pra cá e “senhor” pra lá, e “agradeço-lhe muito”... Essas coisas.

A única constante dos quatro testemunhos dos comerciantes e da secretária da prefeitura que conversara brevemente, no telefone, com aquele que se fazia chamar John Ward. Ele era muito “educado”. Afora isso, era de altura e peso médios, moreno ou loiro,

cor dos olhos indefinível, entre quarenta e sessenta anos. Em suma, uma descrição que poderia corresponder a dezenas de milhões de americanos.

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Diane Silver esmagou sua guimba com um suspiro irritado. Erika Lu, uma das melhores legistas do país, só saía de seu antro obrigada e forçada. Aliás, Diane estava certa de que quanto menos ela via pessoas vivas, melhor ela se comportava, e a psiquiatra não estava longe de lhe dar razão. Ambas tinham um ponto em comum: estavam nos melhores lugares para constatar o que os humanos são capazes de fazer a seus congêneres.

Estranha figura, Erika; muito bonita, também. Mãe de origem alemã e pai chinês. Nada parecia perturbar sua atitude polida, distante. Diane trabalhava com ela havia quase dez anos. No entanto, nada lhe permitira deduzir se era casada, divorciada, se tinha filhos ou não. Não que esses detalhes tivessem alguma importância aos olhos da psiquiatra. Muitos eram os homens seduzidos pelos olhos amendoados, de cor indefinível, um cinza intenso, com toques de ouro, a longa silhueta esbelta, o rosto fino e bem desenhado, o narizinho encantador. Diane registrara os sinais de admiração que enviavam à legista nas reuniões ou jantares. Das duas uma: Erika fingia não percebê-los, ou, de fato, não os percebia. Uma resposta exata a essa questão também não importava a Diane. No entanto, Erika Lu era uma das raras pessoas por quem sentia uma forte admiração profissional e talvez até um pouco de estima. Além disso, tratava-se de um espécime intrigante.

Diane Silver se decidiu, portanto, a fazer um périplo que não lhe agradava muito: sair de seu escritório e ir até o necrotério, situado um andar abaixo. A seus olhos, um desafio, já que teria que percorrer um dos corredores subterrâneos sem janelas do Jefferson Building para chegar até um elevador ou a escada de serviço e depois tomar outro corredor em sentido inverso. Por falta de interesse pela coisa, Diane nunca aprendera a se orientar naquele

labirinto de corredores pontuado por portas de escritórios ou de laboratórios, todas iguais. Intermináveis túneis que, de repente, desembocavam numa sala de tiro, ou de projeção, ou ainda de reunião, evocando para Diane um pacote de vísceras percorrido pelo ronronar do ar condicionado.

Apertou o botão do videofone da porta pouco convidativa de aço escovado que protegia o universo de Erika Lu. Nada, nenhuma pergunta. Um clique e a porta se entreabriu, dando-lhe passagem. Erika estava com o olhar fixo na tela gigante de seu computador, sobre a qual se exibiam fotos monstruosas e, no entanto, banais. Sob a blusa larga, a eurasiática parecia um animal frágil. Ora, Diane já a vira transferindo sozinha cadáveres de um carrinho para a mesa inox da sala de autópsia, o que exigia uma bela força física.

Sem se virar, a legista foi logo dizendo:

– Diane... Você, saindo de sua toca?

– Fui obrigada, já que sabia que você não deixaria a sua!

Erika girou sua poltrona e lhe ofereceu um rosto sorridente.

– É verdade! Tenho a desculpa de que estou cheia de trabalho, mas imagino que também seja o seu caso.

– Principalmente agora. Esquadrinhei os relatórios de autópsia de nossos três cadáveres anônimos de Bel Vista, sem esquecer os relatórios de polícia, o levantamento dos lugares, as fotos da cena do crime. Acabo de receber as análises de DNA e as comparações das diferentes impressões digitais. Nada está repertoriado no IAFIS⁷ ou no CODIS⁸. Formulei algumas hipóteses e queria confrontá-las com as suas.

Erika sorriu para ela:

– Você... fez uma incursão à sua mente? É assim que procede, não é?

– Sim.

– Isso me fascina. Confesso que sou demasiado... científica, talvez rígida, também... fico perdida sem os fatos.

– É o que pensa.

– Como?

– Nossas experiências comuns me provaram que você é perfeitamente capaz de ir além dos fatos, sem por isso deixá-los de lado. Sabe extrapolar a partir deles, sem se extraviar em fábulas, e é justamente do que preciso hoje.

Erika fingiu espanto:

– Meu Deus... Diane, um elogio... vindo de você! É o meu dia de glória!

Achando verdadeira graça, Diane fingiu estupefação por sua vez:

– Meu Deus... Erika... leviandade... vinda de você!

– Um a um – concluiu a legista, rindo. – Sabe... às vezes gosto de rir... Mas não aqui.

– Vamos começar?

– Vamos.

– Vou resumir o que entendi. Você me corrige se eu estiver enganada. Começo pelo mais simples.

– Combinado.

– Havia diferentes tipos de impressões digitais no porão. Além de impressões um pouco apagadas, misturadas com outras e mais esporádicas, foram encontradas, unicamente nas celas, as impressões das duas mulheres cativas. As do homem morto foram colhidas em toda parte, a não ser na geladeira, e as de um outro homem, em todas as superfícies, mesmo na geladeira e nas garrafas de refrigerante que estavam dentro dela. Sabemos que se trata de um homem graças à sua impressão genética.

– Sabemos disso graças a um Y-STR realizado sobre seu DNA após amplificação. Além disso, foram encontradas amostras de seu esperma. Voltaremos a isso depois, continue...

– Ok. Confesso que fiquei surpresa com a nitidez das impressões digitais das duas mulheres colhidas nas grades, nos móveis e nos livros da estante. No entanto, ao que parece, elas estão mortas há mais de seis meses.

– É um erro clássico achar que as impressões se degradam rapidamente. É claro, frequentemente elas acabam sendo apagadas pelos contatos repetidos de outras mãos, ou pela limpeza, esse tipo de coisa. No entanto, elas podem persistir por muito tempo... sobretudo numa geladeira. Existem casos exemplares espantosos:

na água, por exemplo. Lembro de um, bastante velho, de um cara que matou sua vítima com um revólver, depois o jogou numa caixa d'água. Vários anos mais tarde, encontraram a arma. As impressões da coronha tinham sido apagadas, mas restava uma, utilizável, no tambor. O assassino foi condenado graças a isso. É um caso extremo, e acredita-se que isso só aconteceu porque o suor do homem era muito salgado e desempenhou o papel de fixador.⁹

– Espantoso, de fato. Portanto, no nosso caso, só o sujeito masculino não encontrado é que alimentava as mulheres. O outro devia se contentar em “visitá-las” em suas celas. Esperma seco pertencente aos dois homens foi encontrado no tapete, não longe das correntes, nas duas jaulas. Isso foi confirmado pelo antígeno específico da próstata que pode ser encontrado, acho, anos depois da ejaculação.

– Isso mesmo. O DNA é ainda mais resistente.

– Eles as estupravam enquanto estavam acorrentadas. *A priori*, sem preservativo.

Impassível, Erika Lu se contentou em balançar a cabeça em sinal de assentimento.

– Agora falemos do DNA. Nenhuma das duas mulheres tem parentesco com os três outros. Já quanto aos dois homens, a coisa se complica. Com a impressão genética, temos 99% de certeza de que são pai e filho. O que é confirmado pelos Y-STR, que eu não sei muito bem o que são.

– São os *Short Tandem Repeats*, que só provêm do cromossomo Y, estritamente masculino. Em nosso caso, os dois sujeitos são da mesma linhagem masculina, o que é normal, já que são pai e filho. Em compensação, pertencem a uma linhagem feminina diferente, como atesta o DNA mitocondrial que, por sua vez, vem apenas da mãe.

O olhar de Diane se perdeu além da legista; ela declarou em seguida, em voz neutra:

– Estamos, portanto, diante de um esquema criminal pouco comum: uma associação pai-filho para sequestrar, violar e depois deixar morrer duas mulheres que estavam lá havia um bom tempo,

a julgar pelo arranjo das jaulas e pelo comprimento das raízes capilares da mulher mais velha.

– Deixar morrer? É a questão que estava me colocando – hesitou a legista.

– Acho que uma delas, a mais velha, suicidou quando compreendeu que eles iam deixá-las morrer de fome e de sede, ou aproveitou a chance que teve para... acabar com aquilo, graças ao prato. A outra deve ter acreditado até o fim que seus carcereiros iam voltar.

– É uma hipótese, mas é coerente com a mancha de sangue sob o corpo da primeira e o relatório do anatomopatologista que examinou os corpos. Nenhum ferimento de bala. Isso parece certo, já que não se encontrou nenhum projétil e nenhuma contusão óssea. Ferimento mortal com arma branca? Pouco provável, já que não havia nenhuma arranhadura dos ossos, nem sangue na cela da vítima mais jovem, a menos que imaginemos que ela foi morta em outro lugar, levada de volta para a jaula e acorrentada de novo, o que parece pouco provável. Afogamento ou estrangulamento também parecem pouco prováveis, embora, dado o avançado estado de decomposição dos corpos, não possamos afastá-los com certeza. – A legista fez uma pausa e declarou, com compaixão: – Meu Deus... Tenho dó de você, Diane. Eu recebo corpos inofensivos. Presto-lhes homenagem fazendo tudo o que está a meu alcance para ajudá-los. Não preciso imaginar seu terror. Aliás, esforço-me por evitar isso. Devo compreender como e por que morreram. É uma blindagem necessária em nosso ofício. Na maioria das vezes – não sempre – consigo não pensar que aquele corpo perfeito, aquela caixa craniana que abrigou o computador mais poderoso da Terra, aquele ser humano que foi amado e que amou vai acabar todo cortado e depois costurado como uma velha boneca de pano.

– Erika, querida Erika, cada um com seu ofício. Você faz o seu admiravelmente bem, continue. Deixe o terror para mim. Convivo com ele há muito tempo.

Diane não acreditou em seus olhos: uma sombra liquefez de repente o belo olhar cinza com toques de ouro.

– E se fizéssemos um jantar de garotas uma noite dessas? Moramos ambas em Fredericksburg. Naquele estilo: conversar, fofocar, nada de trabalho. Pliskin! Vamos falar dele. É um assunto inesgotável – e prazeroso. O tipo de cara sobre o qual podemos derramar todo o nosso fel. Dá para imaginar todas as perversões sexuais, *bleargh*, de que ele poderia ser culpado. Além disso, deve ser pão-duro a ponto de roubar as gorjetas deixadas por seus vizinhos de mesa num restaurante.

– Estou vendo que você também é fã dele – riu Silver. – Topo o jantar com grande prazer, ainda mais se for para falar mal de *dear* Bob. Cuidado, sou especialista nesse assunto.

– Ótimo, vamos marcar uma data agora mesmo!

[7](#) O *Integrated Automated Fingerprint Identification System* armazena e compara impressões digitais.

[8](#) O *Combined DNA Index System* armazena as impressões genéticas de criminosos e permite compará-las com um DNA encontrado na cena de um crime.

[9](#) George Ross, que matou um policial em 1951.

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, agosto de 2008*

– A julgar pela carteira de motorista encontrada no bolso de trás de sua calça, a vítima...

Diane interrompeu Bard bruscamente:

– Não se trata de uma vítima, mas, no mínimo, de um estuprador que sequestrou escravas para sua distração sexual. Não sabemos se, ainda por cima, esses caras as torturavam. É muito provável. O termo "vítima" me parece, portanto, abusivo. Indecente.

– Certo. Ah, estava esquecendo: o pedaço de dedo largado pela ratazana pertencia mesmo a ele.

– Isso era óbvio. As verdadeiras vítimas já tinham sido atacadas pelos roedores e necrófagos diversos e variados. Não restava mais muita coisa a devorar. Aquele novo petisco deve ter-lhes parecido providencial.

– Você tem um humor de legista – comentou o agente do FBI.

– Tenho a impressão de que Erika não costuma fazer humor macabro.

– Aliás, nenhum tipo de humor.

– Também não era humor no meu caso. E não me importa o fato de que aquele maníaco tenha sido comido pelas ratazanas. Ele morreu muito rápido e sequer percebeu que isso ia acontecer. Importa-me muito mais a duração da agonia da mulher jovem. A da outra também. Alguns minutos são por vezes intermináveis.

Ele soube que ela estava pensando naquela fita de três horas e cinquenta e seis minutos e resolveu mudar de assunto.

– Portanto, o cara seria um tal de John Bernard Ward, 31 anos, nascido em Montelo, uma cidadezinha não muito longe de Brockton, no estado de Massachusetts. É o proprietário da casa.

Diane sabia de tudo aquilo desde o início da investigação.

– E?

– E? O único John Bernard Ward nascido na cidadezinha em questão morreu num acidente de carro aos vinte e oito anos de idade, faz quatro anos.

Diane acendeu um cigarro sem lhe perguntar se a fumaça o incomodava, mas Mike Bard não ligava. Na verdade, sim. Ex-fumante inveterado, continuava a sentir uma pontinha de vontade quando alguém fumava perto dele. A cortesia da psiquiatra o surpreendeu quando ela virou a cabeça para soprar a fumaça longe da sua cara.

– Não se iluda. *Dear Bob* já está acumulando as denúncias sobre meu tabagismo antirregimental.

– Denúncias? – repetiu Bard, incrédulo.

– Oh, é claro! Sempre tem quem queira agradar Pliskin, por temor ou por esperar uma retribuição. Aliás, ele dá todo o estímulo à delação. Os vícios humanos são o território predileto de *dear Bob*. É aí que ele desabrocha e prolifera. Mas voltemos a coisas mais interessantes: Ward. Espero que essa falsa identidade não o surpreenda.

– Não muito. Bom, é uma pena... As coisas ficariam mais fáceis para nós se ele tivesse mantido seu nome.

Diane recebeu aquele lamento com um sorrisinho.

– Mike, alguns desses caras são muito organizados quando são inteligentes. Aliás, um de seus prazeres consiste justamente em planejar os mínimos detalhes daquilo que vão infligir a suas vítimas. Nossos dois Ward – vamos chamá-los assim na falta de outro nome, já que são pai e filho – fazem parte dessa categoria. A arrumação do porão e das jaulas é prova disso...

Interrompeu-se de repente. Sua última frase ecoava em seu espírito sem que soubesse o motivo.

Atento, Bard lançou:

– Acaba de pensar em alguma coisa, não?

– Não exatamente... ou então escapou... Vai voltar. Meu cérebro e eu geralmente coexistimos, às vezes com curtos períodos de separação. Ele trabalha de um lado, eu do outro. Não importa. Portanto, eles arranjaram identidades falsas. É algo caro, mas que se obtém facilmente com um bom contato. Justamente... eles

tinham... bom, o pai continua tendo dinheiro. Bastante. A casa estava muito bem conservada. A julgar pelas fotos do térreo e do primeiro andar, os móveis Arts and Crafts, os tapetes, os quadros nas paredes, o som *hi-fi*, a cozinha digna de uma revista de decoração, tudo. A casa deve valer uma bela grana.

– E a região é bem valorizada. Preservada e ao mesmo tempo próxima de Boston. Muitas pessoas da cidade compram terrenos por ali. O que fez os preços subirem.

– Hum... Eles são, eram, estruturados, inteligentes, espertos, portanto. Por essa razão, estou certa de que as mulheres eram da região. Com esse perfil, embora nunca se cace perto demais da própria toca, também não se percorre quinhentos quilômetros com vítimas sequestradas, correndo o risco de um problema inesperado. De todo modo, em geral, os assassinos e/ou estupradores em série não se afastam demais dos lugares que conhecem. Isso os deixa mais seguros. Sentem-se no controle do ambiente.

– Pode ser mais precisa?

– No máximo um tanque cheio para a ida e a volta, com uma boa margem de segurança, para não precisar parar em nenhum lugar e não ficar sem gasolina. Na minha opinião, ainda mais perto. Diria um raio de cinquenta a cem quilômetros ao redor da cabana. Podemos excluir o raio próximo demais, vinte quilômetros, onde correriam o risco de ser reconhecidos.

– Isso reduz as pesquisas no arquivo de pessoas desaparecidas. Continua não sendo fácil porque, entre os desaparecimentos, há as fugas, por uma decisão repentina ou por uma depressão, que terminam às vezes em suicídio, e as pessoas que decidiram começar uma nova vida em outro lugar, além dos assassinatos de que nem se suspeita porque o cadáver simplesmente não foi encontrado.

– O que explica que muitos psicopatas presos após um crime isolado sejam na verdade reincidentes, só que os cadáveres de suas vítimas anteriores não foram encontrados. Se o cara é inteligente, se consegue dominar seu ego e não se gabar diante da polícia e da imprensa, fica quieto e pode esperar uma remição, mais cedo ou mais tarde. E recomeçar.

– Sim. Sem cadáver, sem assassinato... – Mike Bard voltou à sua tarefa: – As reconstruções faciais feitas pelo computador talvez possam nos ajudar bastante.

– Espero realmente que possamos identificar essas mulheres.

– Isso vai ser terrível para seus próximos – observou Bard.

Diane lançou-lhe um olhar surpreso e corrigiu:

– Acha mesmo que eles já não imaginaram o pior: que elas estejam mortas?

– Não dessa maneira.

– Mike, as pessoas assistem televisão e leem jornais, ora, os maníacos são uma fonte inesgotável para a mídia. Isso fascina o público.

– A curiosidade malsã.

– Ainda pior. As pessoas oscilam entre fascinação mórbida e repulsa por alguma coisa que se assemelha a elas, um ser humano, aparentemente, mas que não tem mais nada de humano. Elas tentam compreender o motivo. Enganam-se. Não há nada a compreender. Tudo o que é preciso é aprender a pegá-los o quanto antes.

– Eu sei. O pai, como você o vê?

– Misturando todas as informações e minhas deduções, e apesar das descrições mais do que vagas e contraditórias dos raros comerciantes de Bel Vista que o viram quando, excepcionalmente, fez algumas compras?

– Isso mesmo.

– Ele não é alto, talvez um pouco mais para baixo, de corpulência e força física modestas. Provavelmente loiro de olhos azuis, como o filho: trata-se de componentes genéticos recessivos. Isto é, um sujeito de olhos castanhos pode ter o gene “olhos azuis” sem manifestá-lo e transmiti-lo a seus descendentes. A julgar pela idade estimada de seu rebento, entre vinte e cinco e trinta anos, e pelas evidências visuais, que devemos utilizar com a maior prudência, deve ter entre quarenta e cinco e setenta anos. Penso que está na casa dos cinquenta. Digamos cinquenta e cinco, talvez um pouco mais. É sorridente, afável e bem-educado, características típicas de um cara não muito forte que atrai e rapta mulheres, sobretudo uma

mulher que, na minha opinião, era mais alta e mais pesada do que ele. Acrescente-se que isso concorda com as raras descrições utilizáveis fornecidas pelos comerciantes de Bel Vista. Tem uma boa situação financeira ou recebeu uma grande herança, o que explicaria os meios de que dispõe. Não penso que os tenha obtido no jogo. Sem dúvida fez estudos superiores e é um homem culto. Os inúmeros livros encontrados na cabana o demonstram, os que colocou à disposição das mulheres também. Transmitiram-me o inventário das estantes. Nada de subliteratura. Estranhamente, nenhuma pornografia, nem mesmo escondida no fundo de um armário. Excelentes romances policiais e de espionagem, muitos ensaios e livros de história, algumas coletâneas de poesia. Livros de arte e de arquitetura também. Eram as impressões dele, o pai, cujo cadáver não temos, que estavam nas capas e no interior desses volumes de arquitetura e arte. Também foram encontradas as de uma outra pessoa. Não se trata das duas vítimas e essas impressões não foram encontradas em nenhum outro lugar da casa a não ser em outros livros, romances policiais. A polícia científica está tentando extrair o DNA de alguma impressão na esperança de determinar quem é esse sujeito desconhecido. Ainda nos livros, algumas impressões isoladas. Provavelmente, leitores ocasionais. Sem importância para nós, acho. Seria bom vocês se aprofundarem nesse sentido.

– Os leitores ocasionais?

– Não, sobre a arte e, sobretudo, a arquitetura. Nesse último caso, muitos livros eram bastante difíceis. *Puentes*, de Fritz Leonhardt, *The Fountainhead*, de Ayn Rand, vários livros tratando da Bauhaus, *L' espace et le regard*, de Jean Paris, o que sugere que o leitor sabia francês e espanhol; em suma, dezenas de obras especializadas, além dos belos livros sobre as fabulosas realizações de Frank Lloyd Wright ou de Le Corbusier, por exemplo.

Mike Bard bebia suas palavras, balançando a cabeça. Um curto silêncio se instalou. Diane não tinha a menor vontade de rompê-lo, dissera o que tinha para dizer. Terminou seu cigarro sem pressa. Ele desejava lhe explicar alguma coisa, ela esperava.

– Eu... Bom, devem ter lhe dito que eu nunca morri de amores pelos psicólogos.

– “Eles” chegaram mesmo a evocar uma verdadeira aversão. Não faço questão de que gostem de mim ou me apreciem, Mike. A única coisa que conta para mim é que trabalhem bem nos meus casos. Para mim é inaceitável que as vítimas não obtenham justiça. Não acredito mais em Deus. Tenho certeza, portanto, de que nunca saberão dos meus esforços para que seus torturadores sejam punidos. Mas eu sei. Eu os vejo. Vejo as pessoas que elas amavam e que as amavam. Torno-me, por algum tempo, o único de seus próximos que pode fazer alguma coisa, porque estou preparada para isso.

– Bom, eu continuo acreditando em Deus. Embora às vezes me pergunte por quê. Talvez porque isso me consola um pouco. Devem ter lhe dito que minha “aversão” provinha do fato de que alguns psicólogos especialistas em discutir o sexo dos anjos tinham posto a perder três ou quatro de minhas investigações.

Era o que Gary lhe contara, de fato, durante um almoço na lanchonete do Jefferson.

– Hum.

– Eu me meti em alguns casos escabrosos, mas isso não tem nada a ver.

Ela olhou para ele e explicou:

– Não lhe farei perguntas. Diga apenas o que deseja me dizer.

– Moira, minha mulher, morreu. Um psicanalista meteu na cabeça dela que ela era, ao menos em parte, responsável pelo autismo de nosso filho. Ela não suportou. Cortou as veias na banheira. Para ser honesto, reconheço que ela era frágil psicologicamente. Queria que soubesse disso.

Diane fixou-o por um instante e apertou os lábios. Não lhe ofereceria condolências, palavras de reconforto. Diane Silver não pertencia a esse tipo de seres e, de certa maneira, ele até lhe ficou agradecido. No entanto, Bard percebeu que ela sentia uma espécie de vaga tristeza. Soube também que ela lhe responderia em tom calmo, grave e sem ênfase:

– Conheço o tipo. Mais um desses dinossauros que acusam as mulheres, as mães, de tudo e de qualquer coisa. Já desgraçaram um bom número delas... Felizmente, uma nova geração de psicólogos, por dentro das recentes descobertas em neuropsicologia, em bioquímica do cérebro e em genética, os substituiu. Lamento minha formação, embora tenha me distanciado dela a ponto de considerar que três quartos das coisas que aprendi, tidas como incontestáveis verdades, são falsas. A bioquímica do cérebro é o caminho do futuro. É dela que nos virá a verdadeira compreensão e, conseqüentemente, verdadeiros tratamentos. – Fez uma curta pausa e concluiu: – Isso aconteceu há cerca de vinte anos, não?

– Dezoito. Meu filho, Simon, tem vinte e dois anos hoje.

Então fez a pergunta que o atormentava, para a qual continuava buscando uma resposta inequívoca:

– Então, em sua opinião... Não é nossa culpa que Simon seja autista, nem de Moira nem minha?

Ela compreendeu sua necessidade de certeza e declarou em tom categórico:

– Não, Mike! É genético, o que não quer dizer que exista um gene especificamente responsável, ao contrário de outras doenças. É um conjunto de malformações. Pensou-se por um tempo também em um papel nefasto do mercúrio. Em outros termos, não é culpa de vocês.

– Sim, li tudo isso, mas me consola que você confirme. – Fez uma pausa antes de continuar: – Pliskin está tentando nos pegar. É por isso que precisava lhe falar de Simon. Conhece Bob, o fuinha. Ele tenta lançar mão de tudo, encontrar o ponto fraco. Pensou que Simon podia ser esse ponto.

– Isso não chega a me surpreender!

– Sim, mas, dessa vez, está tentando me usar para também sacanear o Gary.

– Medida radical, então – disse Diane em tom leve.

– Ele afirma que você está perdida na investigação sobre esse assassino esfolador, Nathan Hunter, que Gary engoliu os pretextos

que você deu para não estar avançando e que você depois vai jogar a culpa do fracasso nas costas dele.

Mike Bard a fixava com uma intensidade quase desconcertante, e ela pensou que ele espreitava a menor reação de sua parte. Contentou-se com um lapidar “*Dear Bob*”.

– É tudo o que tem a dizer? – disse ele secamente.

– O que quer que eu lhe diga? Para me atrapalhar, já que, evidentemente, essa é sua grande obsessão, Pliskin começou contestando que os assassinatos dos dois adolescentes franceses, de Armstrong e de Valdez tivessem sido cometidos pelo mesmo assassino. Já que não pode mais negar a evidência, ele prevê que vou errar. Lógico.

– Você avançou?

– Trata-se de uma investigação internacional, em três países – tergiversou ela. – Quatro, se incluirmos nossos amigos do norte, já que o assassino pode ser um cidadão canadense.

– E esse sujeito que matou o assassino de putas em Boston? – insistiu o policial.

– Acho que estamos diante de um imitador, um *copycat*. Alguns jornais sensacionalistas exploraram bastante os detalhes mais “picantes” do assassinato de Armstrong. Também se falou do assassinato de Valdez, por certo bem menos, já que aconteceu no México.

– A polícia nunca especificou a localização dos esfolamentos de Armstrong ou de Valdez. Isso nunca foi relatado pela mídia justamente para evitar os *copycats*.

– A sobrinha de Armstrong os viu. Além do mais, não seria a primeira vez que informações escapam de nossos “circuitos internos”. Você sabe como um policial pode ser tagarela. Finalmente, e talvez sobretudo, posto que a vítima estava sentada, a zona mais acessível, mais “prática” de certa forma, é mesmo a das coxas – argumentou Diane no mesmo tom calmo.

Aonde Bard queria chegar, exatamente? Tratava-se de uma conversa profissional ou ele tinha uma ideia na cabeça?

– Hum... mas não o rosto. Os ombros seriam mais... cômodos, se seguimos seu raciocínio.

– É verdade, mas o rosto é bem mais simbólico.

– Para lhe dizer tudo, doutora Silver, não estou muito convencido dessa tese do imitador. O que me perturba é que você investigava os dois casos e que eles se encontraram, ao menos aparentemente, num quarto de motel de Boston.

– Justamente, é também o que me incomoda, e não vejo como tal convergência seria possível. É por isso que, por enquanto, opto pela hipótese do imitador.

– Talvez o esfolador tenha querido chamar sua atenção, agradá-la... Sabe, como um gato que traz um rato morto de presente.

– De acordo com certos especialistas em comportamento animal, um gato não faz isso para agradar, mas para mostrar que você é um péssimo caçador.

– Talvez seja o que ele pensou também.

Diane se perguntou se aquilo fora só uma tirada maldosa ou uma insinuação de natureza muito diferente. Teria sido inábil pedir explicações: contentou-se em emitir um vago sorriso. Hesitou entre a vontade de mandá-lo embora com um olhar ostensivo para o relógio e a de saber mais a respeito daquilo. No entanto, Mike Bard não era nenhum bobo, e ela não queria deixá-lo com a pulga atrás da orelha.

– Seja como for, *copycat* ou um de meus... admiradores, ele nos prestou um serviço, sobretudo às garotas que batem calçada na região de Boston.

Mike examinou-a por um instante em silêncio e aprovou com um lento movimento de cabeça, sem deixar de pontuar:

– Podemos ver dessa maneira... mas, em minha opinião, há um abismo entre eliminar e torturar. Não é a você que vou ensinar isso. É preciso um espírito particular para fazer sofrer. Bom... não vou atrapalhá-la por mais tempo. Vou investigar essa história de arquitetura.

Ele se levantou e ela teve certeza de que ele não lhe dissera tudo o que pensava. Contentou-se com um:

– Obrigada, Mike. Até mais tarde.

Incerta, irritada consigo mesma, dirigiu-se alguns instantes depois até a máquina de café daquele andar. Olhou o líquido

inodoro, cor de chá forte, escorrer para a caneca de plástico marrom. Voltou lentamente para seu escritório, sorvendo golinhos da bebida quente demais, insípida apesar de amarga.

Reinstalou-se atrás da escrivaninha com tampo de vidro, incapaz de se decidir. Pegou no fundo da bolsa o celular pré-pago, aquele cujo número só uma pessoa tinha: Nathan/Rupert. Colocou o aparelho na escrivaninha, olhando-o com insistência, como se esperasse uma resposta de sua parte. Então acendeu um cigarro. Estava hesitando desde a descoberta daqueles dois quase esqueletos de mulheres. Alguma coisa a impedia de colocar Rupert Teelaney a par, de colaborar novamente com ele, mas não saberia dizer ao certo o quê. Várias razões se confundiam, todas parciais, entre as quais os subentendidos de Mike Bard, se é que se tratava de subentendidos e não de uma espécie de intuição de policial. Como quer que fosse, devia ficar de sobreaviso. Outra eliminação providencial de um assassino investigado por ela só faria confirmar as dúvidas, para não dizer suspeitas, de Mike Bard e de seu parceiro Gary Mannschatz em relação a ela. Além disso, ainda era muito cedo. Toda uma parte daquela história lhe escapava, podia sentir. Sem essa parte, não poderia chegar até o assassino sobrevivente e fazer justiça às vítimas. Sobretudo, uma observação de Bard a perturbara: "Há um abismo entre eliminar e torturar". Nathan teria torturado o assassino de putas de Boston, ou desejara apenas deixar uma assinatura falaciosa que conectaria, aos olhos da polícia, aquele assassinato ao dos dois jovens psicopatas franceses e ao de Valdez e Armstrong? Quando de seu primeiro encontro na casa de Rupert, ele afirmara só ter esfolado os torturadores ou futuros carrascos eliminados a fim de despertar o interesse da *profiler*, de se aproximar dela. Teria sentido prazer naquelas torturas? Estaria ele legitimando seus jogos de sádico com o pretexto de que suas presas eram predadores? Uma dúvida desagradável estava se instalando no espírito de Diane. Afastou-a. Tinha que encontrar o pedaço da história que lhe escapava.

Não precisaria, naquele momento, que uma garotinha adorável, com uma margarida alaranjada, lhe servisse de guia para as

profundezas de sua mente. Pronunciara antes a frase que serviria de chave, embora ignorasse ainda que porta ela abriria.

A arrumação do porão e das jaulas é a prova disso...

Afundou no encosto da poltrona e fechou os olhos. As fotos da cena do crime desfilaram em sua mente, nítidas e precisas como se as examinasse com uma lupa.

Uma geladeira de modelo bastante novo, branco esmaltado, colocada embaixo da escada que levava ao primeiro andar, erguida graças a uma placa de cimento de dez centímetros de altura, que ultrapassava um pouco os lados da geladeira... As paredes do porão pintadas de branco gelo, ao mesmo tempo suave e luminoso... Três tapetes um pouco gastos, mas de boa fatura, azuis-escuros e vermelhos, um sob o aparelho de televisão... As duas celas com seus tapetes azuis... Em cada cela uma cama de solteiro coberta com um edredom azul e malva, combinando com os travesseiros... Uma cadeira... Uma escrivaninha dominada por uma estante que sustentava alguns livros... Na cela da direita, a da vítima mais jovem, dois ursinhos de pelúcia sentados lado a lado... Dentro das grossas grades, cortinas beges com flores azuladas... As correntes terminadas em algemas... O prato quebrado na cela da direita... A ponta do caco assassino de porcelana laqueada de um vermelho amarronzado...

Diane cruzou as mãos sobre a barriga e expirou com a boca aberta. Sabia: a história estava ali naquelas fotos.

A arrumação muito boa do porão e das jaulas é a prova disso...

Alguma coisa estava errada. Um detalhe. Crucial.

...Erguida graças a uma placa de cimento de dez centímetros de altura. Três tapetes um pouco gastos...

...Erguida graças a uma placa de cimento de dez centímetros de altura. Três tapetes um pouco gastos...

Diane se endireitou e tirou com um gesto brusco uma pasta de sua escrivaninha. Pegou as duas fotos que a interessavam e colocou-as à sua frente: a da geladeira e a do tapete estendido sob a televisão. Tudo estava resumido naquelas duas fotos.

Por que não tinham coberto todo o cômodo com o cimento, evitando assim a umidade e a poeira?

Pegou o telefone do escritório e digitou o número direto de Gary Mannschatz. Já tivera sua quota de Mike Bard por aquele dia.

– Gary? Temos que fazer a uma escavação... delicada, muito delicada. Estou certa de que há outras mulheres enterradas no porão. Acho que as nossas e talvez o filho se juntariam a elas em breve. O pai estava esperando que os corpos estivessem totalmente degradados para voltar. Fede menos e o buraco a cavar é menor.

– Um cemitério? – inquietou-se o agente.

– Não tenho provas. Mas temo estar certa. Esses caras não estavam começando. Tudo bem organizado demais. Eles já eram rodados, treinados.

– Caralho! – foi a resposta que obteve.

– Ah, Gary, quero também que os corpos das duas mulheres sejam trazidos para Quantico, para complemento de análises.

– Vamos fazer essa desfeita ao legista-chefe de Boston? Ele é um cara legal e muito competente...

– Sei disso e não estou nem aí. Quero a opinião de Erika.

– Escute... Faremos conforme suas ordens, mas... o Dr. Rodney Steward tem boa reputação, como indivíduo e como legista. Pode acreditar em mim, ele não é como os outros. Além disso... Digamos que ele tem amizades políticas e que não gostaríamos de mijar em seus sapatos.

Em tom calmo, pausado, Diane propôs:

– Se preferir, eu mesma baixarei minha calcinha! Posso fazer pipi nos sapatos de qualquer um.

Um suspiro desconsolado, então:

– Deixe comigo. Eu a mantereí informada.

Mannschatz desligou.

Ela não falaria com Nathan sobre aquela investigação. O risco era grande demais, e ele não cometeria o erro de censurá-la por aquilo. Além disso, ele devia se consagrar inteiramente a uma caça que realmente importava a Diane: a da cúmplice.

*Paris,
França, agosto de 2008*

O coronel Yves Guéguen hesitou. Sara Heurtel o deixava terrivelmente constrangido, e ele finalmente admitira que não era apenas porque ela perdera uma filha e porque ficara claro que a filha morta era uma assassina em potencial. Estavam na entrada que dava para a sala. Ela não pronunciara uma palavra a não ser o inevitável "bom dia".

– Como lhe expliquei no telefone, gostaria que Victor e você tomassem conhecimento de uma série de fotos. Na verdade, trata-se de ampliações, retrabalhadas no computador, das imagens de uma câmera de segurança privada de Neuilly. A da mansão situada à frente, um pouco à esquerda, do lugar onde...

– Onde encontraram o corpo de Louise.

– Isso. A... – Ia pronunciar a palavra "sorte", mas se deteve bem na hora. – Trata-se de uma confluência de circunstâncias. Os proprietários da mansão em questão estavam de férias. Voltaram há dois dias. Durante sua ausência, a pessoa encarregada de regar o jardim, ver se estava tudo bem e trocar o DVD da câmera de vigilância, colocou no aparelho um DVD virgem em vez de simplesmente colocar o outro para regravar. Podemos nos sentar?

– Desculpe, claro que sim. Venha. Aceita um café?

– Com prazer.

Victor, que estava sentado no sofá da sala, se precipitou para o grande agente, com um sorriso feliz nos lábios e a mão estendida:

– Fico contente em revê-lo, senhor.

– Me chame de Yves, senão tenho a impressão de ter cem anos.

– Beleza!

Depois de um olhar enternecido para o filho, Sara desapareceu na cozinha.

Yves Guéguen lançou um olhar involuntário em redor. Gostava daquele lugar, um lugar em que se vivia, um lugar cuidado. A sala e – tinha certeza – o resto do apartamento eram mobiliados com bom gosto, embora sem luxo. Examinou o sofá de pele de búfalo, bem usado, a mesinha feita de uma grossa tábuia de carvalho, sobre a qual se viam revistas e um grande cinzeiro de vidro. O assoalho estava coberto por um elegante tapete persa cuja trama acinzentada se deixava adivinhar em alguns pontos. Uma estante com prateleiras repletas de livros, a maior parte edições de bolso, cobria uma parede do chão ao teto. Uma coleção de sanguinas emolduradas com vidros, representando rostos de crianças bochechudas e anjinhos, provavelmente do fim ou do meio do século XIX, estava pendurada na parede à sua frente.

Aproveitando a ausência de Sara, tranquilizado pelos barulhos que vinham da cozinha, Guéguen perguntou:

– Como estão se saindo?

O olhar profundo de Victor se esquivou dele. O menino murmurou:

– Bom. No fundo, ficamos contando histórias um ao outro para levantar o moral...

Yves Guéguen balançou a cabeça lentamente. A espantosa maturidade das crianças de famílias arruinadas. O *profiler* já a constatará várias vezes. A ruína sempre deixa sequelas. A maturidade costuma nos modificar gradualmente. Ela se abate como um tornado malfazejo sobre essas crianças, deixando-as desamparadas, encurraladas entre dois universos, as cinzas da infância e um mundo adulto em que se sentem perdidas.

– Mas – prosseguiu o garoto – estamos juntos. É o principal.

– Tem toda razão.

Para mudar de assunto, Victor lançou:

– Mamãe lhe disse que vamos nos mudar?

– Não.

– Ela até já assinou... Não lembro como chama, o papel na agência.

– O compromisso de venda?

– Isso. É um apartamento superlegal no 15o *arrondissement*. Bem maior do que aqui. Tem até um galpão para bicicletas no pátio interno.

– É uma ótima ideia – aprovou Yves Guéguen com sinceridade. – É bom mudar de lugar de tempos em tempos.

Uma sombra cobriu o olhar azul. Victor se contentou com um:

– Sim.

Sara voltou da cozinha trazendo uma bandeja, carregada com duas xícaras fumegantes e um copo de suco de laranja, que deixou na mesinha.

Yves teve o pensamento inoportuno e pueril de que ela lhe fazia falta: seus gestos, sua voz, tudo nela lhe fazia falta. Declarou em tom neutro:

– Victor acaba de me contar que vão se mudar.

– De fato. Foi uma decisão repentina. Além disso, surgiu uma excelente oportunidade imobiliária. Agora, toca a encaixotar as coisas.

– Oh, é apenas um momento trabalhoso que passa logo, e, além disso, uma boa oportunidade para se livrar das tralhas... – Temendo que ela levasse a mal suas palavras, tentou emendar desajeitadamente: – Quero dizer... todos temos tendência a acumular coisas inúteis...

– Fique tranquilo, não percebi nenhum subentendido indelicado.

Sentaram-se no sofá, enquanto Victor se instalava no chão, de pernas cruzadas, diante da mesinha.

Yves Guéguen tirou um envelope da pasta. Um pânico brutal invadiu Sara. Disse para si mesma: “Não, Guéguen não seria idiota e insensível a ponto de mostrar, na presença de Victor, uma foto de Louise subindo os degraus de um alpendre, em direção a seu abatedouro”. O *profiler* espalhou na mesa três folhas A4 impressas a cores, explicando no tom mais neutro possível:

– O proprietário da mansão equipada com sistema de vigilância é um banqueiro. Porém, com toda a evidência, se enganou de profissão: é um aficionado por séries policiais anglo-saxãs. É verdade que ser policial é bem menos lucrativo. Ele se perguntou se sua câmera não tinha captado imagens interessantes e examinou o

DVD correspondente à... à tarde em questão. Tinha instalado um sistema muito sofisticado. Um tipo de câmera que não filma o tempo todo, o que seria inútil, salvo quando um objeto ou uma pessoa transpõe o feixe de laser que varre determinado ângulo, ou seja, o alpendre da casa. Senão, o aparelho apenas tira algumas fotos a cada quinze minutos ou meia hora, dependendo da regulagem e da paranoia do proprietário. Isso reduz consideravelmente o trabalho de ficar trocando o DVD.

Na primeira foto, um homem bastante alto, de cabelo castanho claro, vestido com um casaco de couro preto, uma mochila jogada sobre o ombro e calçando botas, descia os degraus de um alpendre, com a cabeça ligeiramente baixa. Usava os mesmos óculos escuros que o americano do terraço do café: retangulares, encurvados nos cantos, com lentes muito escuras; na foto seguinte, o mesmo homem andava no chão de cascalho. Dessa vez, com o rosto um pouco erguido, parecendo fixar um ponto ao longe, situado à sua direita. A última mostrava a traseira de um Porsche preto que aguardava a abertura completa de um alto portão de ferro fundido para entrar numa alameda de cascalho. Sara apontou para a folha com o indicador:

– Suponho que... foi a chegada, não? As duas outras correspondem à ... partida do homem.

– É isso.

Com o dedo sobre a última foto, ela insistiu:

– Havia outras?

– Não... só fotos não utilizáveis pelo software de tratamento de imagens – mentiu Guéguen, com uma segurança que não convenceu Sara.

Ela pegou sua xícara de café e bebeu um gole, esforçando-se para manter a calma. O olhar de Guéguen passou da mulher ao garoto. Com uma voz muito suave, perguntou:

– É ele?

– Sim – afirmou Sara sem hesitar. – É o homem que encontramos na Rue de Rivoli.

Victor, com a testa franzida, examinava as duas ampliações. Yves o incitou gentilmente:

- É mesmo ele?
- Não tenho certeza...
- Vamos, Victor, é ele, não há dúvida.
- Deixe-o pensar, Sara.
- Não sei – retrucou o menino. – O nosso, digo, o do terraço do café, era mais alto, menos... musculoso, eu acho, seus cabelos também eram mais claros.
- Pode ser um pequeno erro do software de tratamento de imagem – sugeriu o policial.
- Encarando a mãe, Victor declarou:
 - Lamento, mamãe, mas não tenho certeza. Parece com ele, certamente, mas...
 - Não tem problema, querido.
 - Ainda conseguimos decifrar a placa do Porsche, o que nos permitiu chegar até uma empresa de locação de veículos de luxo. O carro foi locado para um certo Nathan Hunter, cidadão americano, residente no Colorado. Estamos vendo com nossos colegas de além Atlântico, mas tenho quase certeza de que essas informações são falsas. Seja como for, divulgamos essas fotos para todas as forças de polícia internacionais, sem esquecer dos aeroportos.
 - Acha que há uma chance de que ele seja pego?
 - É bastante possível.
 - Onde ele será julgado?
 - *A priori*, ele é americano, mas foram lançados mandados de prisão contra ele em diversos países, entre os quais a França e os Estados Unidos.
- Yves Guéguen pareceu refletir, dirigindo-se então a Victor:
 - Escute... Gostaria de conversar dois minutos com sua mãe. Você se importa?
- O garoto se levantou, fazendo sinal de que não se importava, e foi para seu quarto, escoltado pelo olhar de Sara, que esperou que ele fechasse a porta para dizer em voz baixa:
 - Louise aparecia em outras fotos, não é verdade?
 - De fato, uma foto tirada no momento em que ele abria a porta da mansão.
 - Ela tinha... digo, ela parecia...

– Nem forçada, nem assustada. Na minha opinião, provavelmente ele a “seduziu”... É um cara bonitão, seguro, parece rico... Tudo o que uma adolescente pode desejar. Sara, detesto-me por incomodá-la com isso, mas é crucial. Você deve ter cruzado o caminho desse homem, antes do café da Rue de Rivoli.

– Não, garanto que não. Pensei muito nisso. Tenho uma excelente memória, o que é importante em minha profissão. Eu me lembraria. Só se tiver sido no meio da multidão, num cinema, num teatro, num transporte coletivo, numa exposição, mas não de maneira... pessoal, por assim dizer.

A incerteza transpareceu na face do *profiler* e ele pronunciou num tom cujo nervosismo ela percebeu:

– Quando recebemos o DVD e obtivemos ampliações de boa qualidade, eu estava nos céus. Disse a mim mesmo que ele acabava de cometer seu primeiro erro. Estava enganado. – Apontou a segunda folha A4, a foto em que Nathan Hunter tinha o rosto erguido, fixando um ponto ao longe, e explicou: – Aqui, sabe para o que ele está olhando? Para a câmera de segurança.

– Quer dizer que ele se deixou filmar de propósito?

– É o que acho. Ele sabia que a câmera estava ali. Só o vemos de costas nas fotos de sua chegada. Já Louise está de perfil, olhando para ele. Assim que... que tudo terminou, ele podia sair por trás, pelo jardim. Há uma portinha que dá para uma rua paralela. Suponho que ele também tivesse sua chave. Também poderia ter contornado bem de perto o alto muro da propriedade. A câmera não poderia tê-lo filmado. Em vez disso, preferiu a entrada principal e desceu tranquilamente os degraus do alpendre, sem sequer tentar esconder o rosto.

– Mas... por quê?

– Porque previa que obteríamos o DVD. Esperava por isso. Esperava que eu lhe mostrasse sua foto. Não tinha certeza de que você se lembraria dele no café. Queria garantir que você saberia quem ele era.

Esforçando-se para conservar um tom baixo, ela exclamou:

– Isso é loucura. Esse cara é procurado em não sei quantos países e... me envia sua foto?

Yves Guéguen chegou então à verdadeira razão de sua visita: o medo brutal que o invadira quando examinara as fotos da câmera de segurança. Avançou com prudência:

– Sara... Antes de tudo, nada, absolutamente nada, permite supor que eu tenha razão. Conhece a polícia: somos paranoicos profissionais...

Sua piadinha caiu no vazio.

– Queria que você fosse extremamente prudente. De verdade. Evite lugares desertos. O ideal seria você e Victor deixarem Paris por algum tempo...

Ela o considerou por alguns instantes em silêncio. Ele ficou com raiva de si mesmo por achá-la tão atraente, tão comovente. Assim perdia sua objetividade, e aquele não era o momento para isso. Tinha que manter as ideias claras, estar de posse de todas as suas faculdades para protegê-los, ela e seu filho.

Ela murmurou:

– Acha que ele poderia querer nos... matar?

– Não, não é...

– Diga a verdade! – exigiu ela. – A verdade. Eu, tudo bem... mas Victor, nunca!

– Não, sinceramente não, e por uma excelente razão: ele já o teria feito. Teria aproveitado sua estadia em Paris. Dito isso, minha experiência me leva a desconfiar do... interesse de um *serial killer*.

Com voz dura, ela contestou:

– Está tentando me tranquilizar. Não tem certeza de nada, não é mesmo?

Ele se levantou para ir embora e olhou para ela. Um olhar em que ela leu o medo.

– Se tiver a menor suspeita, por mais ridícula que seja, ligue para mim. A qualquer hora do dia ou da noite. Seja prudente, eu lhe peço.

A porta se fechou atrás dele. Com a xícara vazia nas mãos, Sara esperou. Cem ideias se entrecruzaram em sua mente, uma mais inepta do que a outra. Victor se recusaria a partir, deixar Paris e se separar dela. Que idiota que era: separar seu filho dela significava torná-lo completamente vulnerável. De qualquer modo, não tinham

nenhum lugar para ir, a menos que rodassem a França de norte a sul sob pretexto de férias surpresa. *Tola, terá que voltar mais cedo ou mais tarde.* Nenhum de seus planos de fuga a convenceu. Estavam sozinhos, tão sozinhos. Enfrentar a situação era sua única opção.

Sara esperou. Esperou a rebentação do medo e do terror. Ela não veio. Uma implacável determinação a substituiu: ninguém faria mal a seu filho. Mesmo que tivesse que morrer por isso.

O rosto sutilmente enrugado, os cabelos ondulados loiro-ruivos gradualmente tomados por mechas prateadas, o olhar desconcertante voltaram-lhe à mente. Diane Silver. Diane chegaria ao assassino, aquele Nathan Hunter. Tinha poder para isso. Sara se culpou por não ter falado de Diane com Yves Guéguen, que também não mencionara uma única vez a *profiler*.

Yves Guéguen. Ela percebera seu medo sob a atitude controlada e polida. Ele temia pela vida dela e de seu filho. Tratava-se apenas de um temor hipotético? Também sentira sua força, sua inflexibilidade. Não, não estava sozinha.

Victor empurrou suavemente a porta entreaberta de seu quarto. Não conseguira escutar tudo. Em compensação, ouvira diversos fragmentos da conversa: o suficiente para criar uma certeza: Yves estava errado. Nathan Hunter não queria lhes fazer mal. O menino percebera isso em seu breve encontro na Rue de Rivoli: Nathan Hunter conhecia sua mãe, embora ela não se lembrasse dele. Estava protegendo-os. Foi por isso que matara Louise e aquele degenerado *sire* Faustus. Por essa razão também Victor fingira incerteza diante das fotos. Nathan Hunter protegia sua mãe, estava certo disso. Devia avisá-lo. Mas como? Mais uma vez, amaldiçoou sua pouca idade. Embora seu jovem cérebro tivesse saído da sombra infantil e atingido a luz crua e sem encanto do mundo adulto, Victor não sabia o que fazer.

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Diane hesitou. O que poderia escrever no computador? Nada que dissesse respeito a suas investigações, por certo. Procurar um site de previsões astrológicas? Boa ideia. Pensando bem, não. Se Pliskin invadisse de novo seu computador, afirmaria que ela era irracional a ponto de conduzir sua vida em função dos astros. Previsão do tempo. A previsão do tempo no mundo inteiro. Excelente, sobretudo para uma mulher que nunca viajava, a não ser obrigada e forçada.

Fazia muito calor no norte da África, o que era de se esperar em pleno mês de agosto. Chovia na Europa ocidental: um verão medíocre apesar do aquecimento global. Faltava água na Califórnia, situação que se tornava crônica nas épocas quentes. Fazia...

A batida na porta do escritório a tirou de seu tédio. Gary, escoltado por Mike, penetrou na sala. Colocou uma caneca de café sobre o tampo da escrivaninha, comentando:

– Talvez seja o beijo da morte, mas aí vai! Graças ao arquivo de pessoas desaparecidas, à zona que você definiu e aos retratos reconstituídos, temos os nomes das duas mulheres encontradas nas jaulas. Tinha razão: Christina Genovese, quarenta e um anos, morava em Holbrook, e Alice McKern, vinte quatro, em Whitman – ou seja, nos dois casos, a cerca de cem quilômetros da cabana. Já falamos com os familiares e conhecidos. Genovese era professora de inglês em uma escola religiosa. Desaparecimento informado em junho de 2007 pelo ex-marido, que temia um suicídio. Tinha acabado de se divorciar. Sem filhos. Grandes problemas hormonais. Por isso seu marido a deixou. Ele engravidara uma de suas colegas e queria o bebê. Foi ele que nos contou isso. Lamentava muito, mas aquela criança era sua razão de viver.

– O tipo de ruptura que destrói uma mulher. Não apenas ela leva um pé na bunda quando já não está mais em sua primeira

juventude, mas, além disso, é deixada por ser estéril. Portanto, a seus próprios olhos, culpada. É tolo, sei, mas funciona assim. A relação das mulheres com a maternidade é inextricável.

– Sim, mas, por outro lado, o cara pode querer um filho – interveio Mike Bard, em tom um pouco embaraçado.

– É mesmo legítimo e normal, de fato. Mas podia tê-la avisado antes. Antes que ela se tranquilizasse convencendo-se de que ele a amava apesar do fato de que ela não lhe daria descendentes. Não importa. E a outra, aposto que também sofreu um grande baque. Profissional, sentimental?

– Os dois – respondeu Gary Mannschatz.

Mike Bard prosseguiu.

– Ela era programadora numa empresa de informática de tamanho médio, mas bem-sucedida. Conversamos com uma amiga que dividia o apartamento com ela. Foi quem informou seu desaparecimento em abril de 2007. Alice McKern se apaixonou pelo patrão, o tipo bonitão, inteligente e intelectual. Único porém: era a mulher do patrão, uma advogada-tubarão especializada em divórcios milionários, que financiava os grandes investimentos da empresa. Quando soube do relacionamento do marido, ela não teve misericórdia. O intelectual bonitão não hesitou: demitiu Alice de sua cama e de seu emprego. Ela teve uma depressão nervosa. Acreditava em sua magnífica história de amor.

– O que me perturba é por que as mulheres sempre caem nas mesmas histórias gastas. Já vi dezenas, centenas, sempre o mesmo roteiro, com pequenas variações. Faz milhares de anos que isso dura! Notem, os caras não são mais espertos – observou Gary.

– É porque todos temos tanta necessidade de ser amados. Inútil procurar mais longe – sorriu Diane. – Um autor francês, cujo nome esqueci, escreveu um dia que as mulheres se tornam mais inteligentes quando amam. É uma das maiores besteiras que já ouvi! As mulheres perdem todo o senso crítico quando estão apaixonadas. Os homens também. O amor é cego, isso faz parte de seu encanto e de seu perigo. Voltemos a Alice e Christina. O que mais?

– Pouca coisa. Apenas tateamos, já que não sabíamos em que sentido orientar os testemunhos dos familiares e conhecidos. Precisamos de você nesse ponto – pontuou Mike Bard.

– Sei, mas não sei ainda. Estou tentando entender... Faltam-me elementos, e vocês não podem fornecê-los porque eles já estão diante do meu nariz. Basta que eu consiga identificá-los.

– Temos Pliskin e, em menor medida, Edmond Casney em cima da gente – argumentou Gary.

Diane balançou a cabeça. Suas prioridades eram outras. Suas prioridades eram aquelas duas mulheres. Quanto a Pliskin, estava se lixando. Resumiu:

– Temos, portanto, duas vítimas extremamente fragilizadas do ponto de vista psicológico: o ideal.

– Sim, mas os assassinos não podiam saber disso... a menos que as conhecessem – observou Gary Mannschatz.

– Encontrei caras surpreendentes em minhas entrevistas com assassinos e estupradores em série, ajudados por uma espécie de dom inato para a psicologia, para a mentira e a astúcia também – contestou a *profiler*. – Muito dotados. Capazes de... farejar uma vítima. Pela simples maneira como uma mulher anda, inclina a cabeça, sabem se ela será dócil ou se correm o risco de encontrar um páreo muito duro. É nesse sentido que é preciso averiguar: o estado de vítima, aquele que atrai os predadores como um ímã. Em todo caso, muito obrigada, fizeram um bom trabalho. Agora preciso pensar.

*Bel Vista,
Estados Unidos, agosto de 2008*

A frágil silhueta da técnica de cenas do crime do FBI, especialista em antropologia médico-legal, enfiada num traje branco que a cobria do topo da cabeça até os pés, desceu a escada que dava no porão e se juntou aos três homens, também vestidos com proteções.

Um deles, apoiado no cabo da britadeira, perguntou:

– Anna, por onde começamos?

– Espere, Kevin. Sem precipitação. Vamos pensar primeiro.

Anna Levy varreu o chão do porão com o olhar, lembrando-se das instruções de Diane Silver. Apesar da admiração que tinha pela *profiler*, ela a assustava um pouco. Lembrou-se do olhar inflexível e pálido demais quando Diane declarara:

– Estou certa de que encontraremos outras mulherezinhas enterradas. Aposto no chão do porão. Pela lógica, deveria ser cimentado. Além disso, o porão era a toca deles, seu ninho, era lá que tudo acontecia, e isso lhes garantia um máximo de discrição. No entanto, eu não excluiria o jardim, num canto que não pudesse ser visto da estrada e de outros lugares. Tentem tudo o que puderem, cuidando para não revirarem os ossos, o que complicaria bastante a estimativa da data dos assassinatos e sua eventual identificação. Ah, isto talvez os ajude: esses assassinos são inteligentes, organizados, não devem ter feito isso de qualquer jeito, ao contrário de alguns de seus congêneres, que enterram suas vítimas em posição vertical, o que é bem menos esperto.

Diante do olhar perplexo de Anna, ela acrescentara, em tom ligeiro:

– Sim, aí é preciso cavar um buraco estreito, em que os movimentos da pá são mais difíceis, e de pelo menos um metro e

setenta de profundidade. Nada simples. No entanto, não é tão raro assim.

– Vamos tirar todos os tapetes e enrolá-los – ordenou a moça sem se mexer.

Os três homens obedeceram. Nenhuma diferença de nível da terra indicava que tivesse sido revirada, ao menos não recentemente.

Pensando em voz alta, Anna declarou:

– *A priori*, guardamos a placa de cimento sob a geladeira para o fim.

“Inteligentes” e “organizados”, dissera a *profiler*. A menos que se utilizem aparelhos de escavação, a terra batida há décadas era muito dura de cavar. Anna sentiu o suor escorrer em seus flancos. Fazia um calor insuportável dentro daquele traje.

Seu olhar se deteve nas duas jaulas. Proibiu-se de imaginar o que podia ter acontecido ali. Aquilo não fazia parte de seu trabalho, o que era um alívio.

– Os tapetes das jaulas. Vamos enrolar os tapetes das celas. Aposto o que quiserem que eles estão colocados sobre um feltro betuminoso, para evitar que mofassem e que subisse muita poeira.

Os três homens tiraram as camas, as cadeiras e as escrivaninhas e levantaram o tapete, deixando à mostra a camada de isolante de um preto meio esverdeado. Uma terra mais escura, mais mexida, apareceu sob o feltro.

Merda, pensou Anna. Além de tudo, eles as faziam viver, ir, vir, dormir, em cima daquelas a que se juntariam!

– Vamos começar por ali. Escavando com todo o cuidado. Não sabemos quantas há. Kevin, pegue leve com a britadeira. Apenas quebre a camada superior, que está mais seca. Dez centímetros, não mais do que isso. A seguir passamos para o manual, com as pás. No final peneiramos a zona. Delicadamente, não temos pressa!

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Com os rins apoiados na mesa de autópsia em inox, Erika Lu continuou:

– Você já sabe que temos sete novos esqueletos, entre os quais seis humanos. No caso dos seis primeiros, nenhum ferimento por bala, nem por arma branca, foi detectado. Estrangulamento manual... não parece: o osso hioide está intacto, o que não é uma prova absoluta, embora as fraturas sejam frequentes nesses casos... Além disso, a resistência desse osso varia também em função da idade das vítimas. O último esqueleto é de um cachorro de tamanho pequeno, pelos bastante longos, abatido com uma bala semiblandada no crânio.

– Eles também tinham raptado o cachorro? – espantou-se Diane.

– A menos que pertencesse a uma das vítimas. Talvez a um dos assassinos. O que é interessante é que seu chip de identificação foi encontrado no peneiramento da terra: o proprietário do animal se chama Paul Miltner. Mike Bard está seguindo essa pista. A comparação no IBIS¹⁰ das listras do projétil não deram em nada.

– Eles são muito espertos. Se foram mesmo eles que abateram o animal, devem ter usado uma arma que nunca teve nada a ver com qualquer crime.

– Por outro lado, Anna Levy não encontrou mais nada, afora os restos das diferentes vítimas. Nem um botão, um cadarço de tênis, nada. Eles as despiram completamente antes de enterrá-las – concluiu Erika Lu.

Um sorriso mau esticou os lábios de Diane, que resumiu:

– Eles pensam em tudo, esses rapazinhos! Em qualquer caso, assim retardavam consideravelmente a identificação. No entanto, cometeram um erro: o chip. Não sabiam que o animal tinha sido registrado... Portanto, não era deles. Não lhes passou pela cabeça.

Pode-se supor que isso remonta há vários anos. Se não me engano, os veterinários começaram a se equipar com leitores de chips eletrônicos bem no início dos anos 2000. Até então, costumava-se tatuar os cachorros. Não sei para que esse erro grosseiro poderá me servir, nem sequer se vai me servir para alguma coisa, mas ele aquece meu coração: isso prova que eles não são infalíveis! Aliás, não acredito na infalibilidade humana, mas, até aqui, eles pareciam não ter cometido nenhum erro, e se não fosse aquele vazamento de água... Tem mais alguma coisa para mim?

– As amostras de DNA estão em análise. Coletei no nível da diáfise femoral, é o procedimento clássico, ali e nos molares. Dado o estado de esqueletização das seis vítimas mais antigas, as que foram desenterradas, diria que estão mortas há alguns anos: menos de dez, a julgar pela presença de gordura no tecido ósseo esponjoso, mas tudo isso é terrivelmente variável. Depende da natureza e da atividade biológica do solo, da temperatura, da umidade... Em suma, um emaranhado de fatores. O antropólogo médico-legal assumirá em breve. Os esqueletos são antigos demais para mim. Só poderei obter estimativas aproximadas. Precisamos de um especialista.

– É possível, então, que as impressões digitais um pouco embaralhadas encontradas nas duas celas sejam as das vítimas precedentes, essas seis mulheres?

– Só havia cinco tipos de impressões além daquelas das vítimas mais recentes e dos dois homens, corrigiu a legista. E...

Ela apertou os lábios, fingindo embaraço e consternação. No entanto, uma luminosidade divertida pairou em seu olhar cinza com toques de ouro. Diane pensou que Erika Lu se soltava um pouco em sua presença, perdendo sua impecável neutralidade.

– E?

– Você acaba de me indispor definitivamente com meu bom colega de Boston, o Dr. Ronald Steward.

Por sua vez, Diane fingiu-se apavorada:

– Essa não! Uma caixinha de chocolates de ótima qualidade, como compensação, resolve?

Voltando a ficar séria, Erika prosseguiu:

– Não estou brincando, ele realmente ficou chateado. Recebi três e-mails muito secos.

– Porque exigi a transferência das duas últimas vítimas para cá? Bom, dê-lhe meu e-mail, nós nos entenderemos.

– De jeito nenhum! Com seu senso de diplomacia inato, ele é capaz de desembarcar aqui e fazer uma cena sangrenta. Ele tem um caráter... forte.

– Eu também.

Erika explicou:

– Diane... Não posso me dar ao luxo de me indispor com meus colegas, sobretudo quando eles são competentes e boas pessoas. Sabe, em nossa área, se alguém decide reter informações porque tem algo contra você, isso gera uma situação muito incômoda. Perde-se um tempo enorme. Ainda mais que... o Dr. Steward, apesar de suas qualidades profissionais, ou por causa delas, se considera um pouco como um deus. E Deus não gosta de ser posto para escanteio.

Diane suspirou e propôs:

– Posso me prostituir, se isso ajudar. Não vejo nenhum problema. Vou escrever para ele um e-mail cheio de desculpas furadas, explicando-lhe que venero Deus nele, que ele é o maior, o mais bonito, o mais inteligente, que adoro seu corte de cabelo e lhe pedirei uma foto com dedicatória. Será que ajuda?

Erika reprimiu uma risada e completou:

– É tarde demais, e agora fui eu que me meti numa enrascada. Encontrei algo. Era a surpresa que estava guardando para você. Steward vai me detestar porque eles não viram isso e, como ele não vai *se* perdoar, também não vai *me* perdoar, lógico!

– Surpresa? Sou toda ouvidos.

– Você tinha razão. Havia mais uma coisa. Mas calma, é bastante... bom... é normal que não tenham pensado nisso. Em Boston, quero dizer. Talvez eu mesma não tivesse ido tão longe sem sua insistência. – Fez uma curta pausa e se corrigiu: – Talvez eu tivesse pensado nisso, de qualquer forma.

– Estou morrendo de vontade de saber mais – impacientou-se Diane.

– Venha – convidou-a a legista, dirigindo-se a seu computador. Expôs amostras de DNA na tela, explicando:

– Primeiro pensei num contaminante... Vou lhe mostrar: à direita, essa escala, é a vítima mais jovem. À esquerda, o DNA nuclear estranho encontrado em seu útero. Foi preciso uma boa ampliação. O útero é bastante resistente, como os ligamentos do tendão. Ambos podem ser encontrados ainda depois da decomposição da maior parte dos outros tecidos não ósseos. O DNA, salvo condições drásticas, é muito resistente também. Notará as semelhanças dos dois perfis. Ela estava grávida, o embrião morreu com ela... Foi confirmado pelo DNA mitocondrial, que vem exclusivamente da mãe...

Os dedos da legista voaram sobre o teclado e uma nova amostra apareceu ao lado das duas outras.

– O sujeito masculino encontrado com o crânio esmagado numa das celas era o pai.

Diane perguntou do nada:

– Suponho que não tenha um cigarro em algum lugar?

– Nunca fumei, lamento.

– E tem toda a razão. Mas não importa. Por que esse resultado não me surpreende? Agradeço-lhe, Erika. Como sempre, sua ajuda foi preciosa. Poderia conduzir o mesmo tipo de pesquisas nas outras vítimas, mais antigas?

– Posso tentar, principalmente nas amostras de terra. Aviso-a desde já que não tenho grande esperança. Nenhuma, para ser sincera. Neste caso, foi mais simples. Tinha à minha disposição um útero ainda relativamente conservado. Não se pode encontrar, no útero, milhões de fontes possíveis de DNA humano.

Digerindo o conjunto de informações, Diane Silver voltou caminhando lentamente para seu escritório. Mike Bard a esperava, apoiado de costas na parede, diante da porta que ela sempre tomava o cuidado de trancar, mesmo quando ia ao banheiro. *Dear Bob* decerto dispunha de uma chave-mestra, mas encontrar uma porta trancada o deixava fora de si. Ora, tudo o que exasperava *dear Bob* regozijava Diane.

– Novidades? – perguntou, ao chegar ao lado de Mike.

Ele não esperou que ela girasse a chave na fechadura para atacar:

– Sim, o cachorro era um yorkshire macho, nascido em 27 de março de 2003. Pertencia a um certo Paul Miltner, domiciliado em Abington, no estado do Massachusetts – ou seja, a cerca de cento e vinte quilômetros da cabana –, casado com uma certa Cassandra. Após algumas verificações, obtive outras informações, principalmente com a cunhada de Paul, irmã de Cassandra. Ela mora perto de onde morava o casal. Aliás, o yorkshire fora um presente de Paul Miltner à sua esposa. Miltner montara uma pequena empresa de encanamento. Morreu em fevereiro de 2004, de um ataque cardíaco, na ambulância que o levava para o hospital. Não conseguiram reanimá-lo. Tinha quarenta e cinco anos...

Os dois se sentaram, ela atrás de sua escrivaninha, com os cotovelos plantados firmemente no tampo de vidro reforçado, e ele à sua frente, na poltrona. Ela imediatamente acendeu o cigarro que estava louca para fumar desde seu pequeno passeio pelo universo frio e muito asséptico de Erika. Mike Bard prosseguiu:

– A filha do casal, Valerie Miltner, dezenove anos na época, assinalou o desaparecimento da mãe, Cassandra, em setembro de 2004, sete meses depois do falecimento de seu marido.

– Conversou com ela?

– Sim, pelo telefone, de maneira rápida. Assim que evoquei a mãe, percebi sua tensão. Queria saber, ao mesmo tempo em que temia ser informada de sua morte. Fui bastante evasivo.

– Fez bem. É uma reação clássica entre os familiares dos desaparecidos. A incerteza os corrói, destrói sua vida. Por outro lado, ficam aterrorizados diante da ideia de saber que tudo já acabou há muito tempo. Bom, pelo menos os que amavam o desaparecido. Os outros querem apenas poder dispor da herança, e é preciso que o óbito seja oficializado. Sem cadáver, demora um bocado.

– Voltamos à sua imensa paixão pela humanidade?

Ela o fixou, sinceramente surpresa:

– Por que, acha que há razões para amá-la? Dito isso, compreendo a impaciência dos herdeiros no caso de uma odiosa tia-avó, de um pai que batia nos filhos, ou de uma mãe egocêntrica. Inútil perder tempo lamentando seres que não fizeram nada enquanto vivos para merecer lamentos. Continue, por favor.

– A mãe, Cassandra, estava em depressão profunda desde a morte do marido. Ao que tudo indica, o casal se dava muito bem. Depois da morte, ela estava tomando neurolépticos e consultando um psicólogo. Pensei ter percebido que Valerie, que estudava a quatrocentos quilômetros da casa dos pais, se sentia culpada por não ter largado tudo e ido cuidar da mãe. Repetiu três vezes que foi Cassandra quem a proibiu de interromper seus estudos, afirmando que já estava melhor, se recuperando.

– E nossa sociedade de pai & filho a farejou... Uma vítima ideal, sem resistência. Resta o cachorro. A menos que fossem apaixonados por animais, aqueles dois maníacos não iam se aborrecer com um cão para alimentar, limpar o xixi e o cocô, a menos que imaginemos que o levavam para passear. Aliás, ao que tudo indica, eles o abateram com uma bala na cabeça, e aposto que fizeram isso logo.

– Não sei... O que é certo é que Valerie me confiou que sua mãe tinha um amor delirante, quase patológico, pelo york. Chamava-se Billy. Não muito original, mas simpático. Ela o considerava como um bebê. Deve ter transferido todo seu afeto para ele. Valerie insistiu que a mãe falava do cachorro como de uma pessoa com a qual conversava, que sabia dizer se estava de acordo ou não, que a consolava, esse tipo de coisa.

– Sim, obrigado aos cães e gatos que têm o poder de nos segurar quando escorregamos para longe demais. Justamente, é isso que me perturba. Desde o início. Quero dizer, desde a descoberta do esqueleto do cachorro.

– O quê?

– Ela amava o cachorro como um filho? O marido estava morto, a filha, longe. Só lhe restava seu bebê, Billy, para não perder as estribeiras de uma vez por todas, sua razão de viver. Além disso, tratava-se de um presente do marido morto, um ponto importante:

o cachorro, amalgamando-se com o marido, tornava-se, de certa forma, sua última parte viva, orgânica. Se Cassandra tivesse sentido que o cachorro estava ameaçado, teria mandado ele embora. Teria se virado para ele não ser pego junto com ela. Em suma, ela não percebeu o perigo, pelo menos até chegar à cabana.

Diane afundou em sua poltrona e bateu a palma da mão no tampo da escrivaninha. Exclamou:

– Caralho, esses desgraçados são bons!

A espécie de vitalidade que percebeu na voz dela chocou Mike Bard, apesar de seus anos de guerra contra o crime e daquilo que gostava de chamar de seu cinismo bem-educado.

– Isso a ajuda? – perguntou, em tom mordaz.

– É claro. Agora tenho que descobrir como eles se viraram – não para sequestrar todas essas mulheres, mas para convencê-las a ir com eles sem se preocupar. Aposto que o plano que funcionou com Cassandra também funcionou com as outras.

Ele se levantou. Ela o reteve com um gesto.

– Espere dois minutos. Queria lhe fazer uma pergunta teórica. Suponho que não seja particularmente paranoico em relação a sexo, estou enganada?

– Bem... não sei se entendi. Se tenho medo de transar com uma mulher porque acho que ela vai cortar meu pênis, ou arrancar meus mamilos com os dentes no ápice do orgasmo? Já aconteceu... A resposta é não.

– Bom, você pega uma mulher. Admitamos mesmo que ela não lhe seja completamente estranha. Preservativo ou não?

– Claro que sim! Mesmo com minha vizinha, que conheço há décadas e que é uma garota – perdão, mulher – que deve ter transado com três caras em dez anos, prefiro me proteger. O *bareback* é algo que não compreendo. Não julgo, ok... Aliás, julgo sim, acho idiota. Não conheço nenhum cara que se arriscaria a isso a menos que tenha gosto por roleta russa. Cada um com suas fantasias, que se dane. Ainda mais que um monte de gente está infectada pela AIDS ou pela hepatite B e nem sequer sabe. Além disso, há aqueles que nunca o admitirão porque têm medo de ser rejeitados. E acrescenta-se ainda os malucos que estão pouco se

lixando de passar sua doença. Preservativo, ainda que... bom, quero dizer...

– Não seja tão gostoso, sobretudo para a felação? É... Fique tranquilo, não sou mais virgem!

– Não, mas... bom, não é bem um assunto de salão, sobretudo com uma mulher – murmurou Bard. – Para voltar ao preservativo, li estatísticas. Houve caras, estritamente heterossexuais, que, no início da epidemia da AIDS, começaram a ter relações sexuais desprotegidas com homossexuais. Na minha opinião, uma pulsão suicida inconsciente. A famosa equação entre sexo e morte.

– Sei, a velha culpabilização judaico-cristã sobre o sexo. Cristã, sobretudo. O sexo está reservado à procriação entre esposos. O prazer é malsão, portanto punido, ou deveria ser. A maior parte das neuroses sexuais vêm daí. Mesmo entre os estupradores ou assassinos em série, cuja verdadeira prioridade é o poder e não o sexo, a manifestação, a ilustração de seu poder é geralmente sexual. Por quê? Porque é proibido: não posso ter isso, pois bem, vou ter mesmo assim porque sou o mais forte e posso transgredir as proibições. – Ela sorriu e continuou: – Felizmente esses problemas já foram ultrapassados em matéria de alimentação, cigarro e uísque. Do contrário, estaríamos muito mal.

Mike Bard refletiu apenas por um segundo. Ela ia longe demais, às vezes, mesmo para um policial que já vira quase tudo o que havia de mais apavorante no cérebro humano.

– Não sei se gosto muito do seu humor.

Com malícia, ela contra-atacou:

– Puxa, que pena, e olha que me esforço! – Bruscamente glacial, prosseguiu: – Mike, chafurdo há anos no horror humano sob todas as suas formas. Não foi você que assistiu durante quase quatro horas o calvário de sua filha, fui eu. Não foi você que entrevistou crápulas que gozam com a dor dos outros, encantados com o interesse que se tem por ele, fui sempre eu. Esses maníacos têm um lado coquete; em geral, são perfeitamente sãos de espírito e, em alguns casos, muito inteligentes. Se saem da prisão, recomeçam na mesma hora – ou na semana ou no mês seguinte. Disso você sabe tão bem quanto eu. Aquilo lhes dá prazer, inútil ir

buscar mais longe. Então não venha encher meu saco por causa do meu humor negro.

– Calma... lamento... sei...

Ela levantou a mão para interrompê-lo. Seu tom era novamente pausado, grave e suave.

– Não estou chateada, Mike... Mas não esqueça que não me resta grande coisa, fora a caça aos assassinos. Então, o humor de senhora bem-educada...

– Pois lhe desejo coragem. A coisa vai ficar cada vez pior. Quanto ao resto, apresento-lhe minhas desculpas, e são sinceras.

– Você concorda com o coronel Guéguen. Ele acha que nosso mundo produz cada vez mais maníacos. Eu não concordava com ele. Pensava que isso significava apenas que ignorávamos sua presença antes que ela explodisse em nossa cara. Talvez estivesse enganada a esse respeito. Acha que eles são cada vez mais numerosos? Que não é nossa repentina lucidez que nos faz compreender a amplitude de um problema que sempre existiu?

– Não, eles saem de toda parte e isso está longe de acabar. Conhece aquela música de Leonard Cohen, adoro Leonard Cohen... "I've seen the future and it's murder"? Esse cara é um visionário. O futuro será o horror e o assassinato. Há tanta, tanta gente que não desconfia de nada. Tenho medo por essas pessoas... Elas não...

– Não, não sabem de nada, é verdade. Somos sua última linha de defesa, e com meios irrisórios.

– Mas por que há tantos maníacos?

– Porque somos uma espécie de predadores, os mais perigosos de todos. Está inscrito em nossos genes. Não devíamos ter sobrevivido, éramos fracos, visão fraca, audição fraca, nenhum faro. Não muito fortes e ainda menos rápidos. O homem é fisicamente débil. Pela lógica, devíamos ter sido eliminados, como tantas outras espécies. Falta de sorte para o planeta, que destruímos a fogo e sangue, sobrevivemos e proliferamos. Sabe por quê?

– Suprimos nossas carências físicas graças a nosso cérebro.

– Não exatamente. Neandertal era tão ou mais inteligente do que nós, os *Homo sapiens*, e bem mais forte fisicamente. No entanto, era doce e pacífico. Grave erro diante do *Homo sapiens*. O *Homo*

sapiens sempre compensou sua fraqueza com sua extrema agressividade, sua ferocidade. Matamos, exterminamos tudo o que estava em nosso caminho, inclusive o homem de Neandertal. Repito, somos uma espécie de predadores. A maior parte de nós consegue esquecer isso graças à moral, à pressão social, à educação, ao exemplo, ao medo do inferno e da punição civil. Todas essas barreiras estão rebentando. Umas atrás das outras.

Bard a observou. Admitiu então, numa confissão que, no fundo, lhe fazia bem:

– Se não fosse por Simon... Quero dizer, minha vida gira em volta dele, embora certamente não seja a vida que eu teria escolhido. Eu o amo. A menor melhora de seu estado me propicia uma felicidade enorme. Ele não pode me amar como eu gostaria que me amasse... não importa. Quer dizer, importa, mas tudo bem. Pelo menos tenho a impressão de que ele fica... digamos, contente quando estamos juntos. Talvez seja projeção minha... Seja como for, tenho a sensação de voltar a ser o que há de melhor no ser humano quando estou com ele.

Ela sentiu que ele estava comovido a ponto de chorar. No entanto, um cara como Mike Bard, agente do FBI, não faria isso na frente de outra pessoa. Ela preferiu se calar.

– Eu... compreendo muito bem Cassandra. Com o cachorro, quero dizer. Ainda mais que, você tem razão, foi o marido que o deu para ela. Deve ter se tornado ainda mais precioso depois da morte dele... Ela teria dado um jeito para que não lhe fizessem mal, algum jeito. Portanto, ela realmente não viu o perigo chegar. Sim, eles são fortes, esses desgraçados. Eu os odeio.

– Eu também, Mike. É por isso que vou pegá-los.

10 O *Integrated Ballistic Identification System*, um sistema especializado em balística que armazena os dados e permite comparar as deformações dos projéteis.

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, agosto de 2008*

A raiva fazia tremer a voz de Edmond Casney Jr., o diretor da base de Quantico.

– Você faz tudo para estragar minha vida, não é, doutora Silver?

Ela decidiu ir um pouco mais longe ainda, uma pequena compensação que se oferecia de tempos em tempos, e fechou seu Zippo com um clique bem perto do telefone, sem sequer acender um cigarro. Então declarou, com suavidade:

– Oh não, de modo algum, senhor!

– Isso, continue brincando!

– Garanto-lhe, eu me detestaria se o colocasse numa situação embaraçosa.

– No entanto, é craque nisso!

Edmond Casney Jr. se detestava por não conseguir controlar a cólera, a exasperação, certo de que Silver se divertia com aquilo. Na verdade, a frustração do diretor nascia bem mais da constatação de sua impotência do que da insolência da psicóloga: não podia demiti-la. O número de prisões realizadas graças a ela, sua notoriedade, justificada por sua excelência, tudo a protegia. Ainda mais que Diane, embora não se importasse em ter que deixar o FBI, como aliás não se importava com coisa alguma, era durona. Casney teria que enfrentar represálias cuja única meta seria incomodá-lo. Podia imaginar já o escândalo na mídia, o telefonema intimidante de Washington, a cólera de seu sogro senador. Na verdade, tinha medo de Diane Silver, o que só fazia aumentar sua raiva. Encontrava-se confrontado a uma situação com a qual nem ele nem Pliskin sabiam como lidar: não tinham nenhum controle sobre ela. Além do mais, e isso era o pior, tinha que admitir: ela o colocava cara a cara com o que tinha se tornado, imagem de que não chegava a se orgulhar, embora se perdoasse afirmando para si

mesmo que não pudera agir de outra forma. Tornara-se o laçao agradecido de seu sogro senador – numa palavra, um lixo humano que passara sua carreira política ajudando pessoas influentes e esperando retribuições. Casney perdera nesse jogo toda a sua identidade. Aos olhos de todos, ele não era mais do que o genro do sogro. Aos olhos de sua mulher e de seus filhos também, já que estes viviam em admiração pelo grande homem, o senador Murray. Não se passava uma semana sem que a mulher lhe lançasse na cara: “Você deve muito a papai”, ou: “Não pode falar desse jeito. Seja um pouco agradecido a tudo o que meu pai fez por você!” Não havia perfídia nessas constantes evocações, apenas uma constatação objetiva: ele era obra de seu sogro, que, por sua vez, tampouco perdia a chance de lembrá-lo disso.

Por que escolhera a direção errada? Por conforto. Simples e besta assim. Conforto material, conforto intelectual, conforto social. No fundo, era isso o que mais o incomodava em Silver. Ela optara pelo desconforto, porque era forte o bastante para suportá-lo. Ele não. Apesar de completamente destruída, dos abalos que sofrera, Silver era poderosa, não tinha medo de ninguém nem de nada, enquanto ele começava a ter medo de tudo. Lutou contra a autopiedade que o invadia. A cólera era bem preferível diante daquela louca, pois estava certo de que ela caíra numa espécie de loucura aceitável socialmente. O ideal teria sido uma ironia mordaz, mas sentia-se incapaz disso.

– Todo mundo se queixa de você, doutora Silver! Seu caráter execrável, sua estratégia de franco-atirador que consiste em reter informações, sua incapacidade de colaborar, sua falta de civismo... Por fim, você fuma no seu escritório: é a prova disso, além de sua grosseria...

– Dane-se tudo isso! Todo mundo? Bob Pliskin tornou-se legião? Ele realmente tem talentos incríveis.

– Pare de atacar Bob, lembre-se de que ele é meu braço direito. O que torna inaceitável que você esconda dele – insisto, *esconda* – informações a respeito de suas investigações em andamento.

Ou seja, Pliskin invadira de novo seu computador profissional. Não encontrara nada de interessante – ainda menos do que de

costume – além de suas consultas diárias a um site de meteorologia –, já que Diane passara para um novo patamar de segurança. Antes, ela transferia toda noite seus arquivos para um *pen drive*, tomando o cuidado de apagar cuidadosamente a memória de seu computador. Assim que chegava em casa, copiava as informações em seu computador pessoal. Mas sabia que Pliskin, o fuinha, não recuaria diante de nenhuma indiscrição, de nenhuma sacanagem, para tentar pegá-la. Uma suspeita havia germinado no espírito de Diane: *dear* Bob dispunha de uma base de técnicos em informática talentosos, e ela não duvidava que algum deles estivesse disposto a uma baixezinha para ganhar as graças do secretário. Embora não manjasse muito de informática e fosse consciente de suas carências nessa área, ela sabia que podiam estar, discretamente, vigiando seu computador enquanto o utilizava. Cometera, então, uma loucura: um computador portátil, ultrafino, leve como uma pluma, que não estava conectado nem na intranet da base, nem à internet. Imaginar a fúria de Pliskin quando constatasse que ela não registrava nenhum dado havia quase duas semanas a alegrou.

Pliskin teria contado a Casney que invadia seu computador? Não estava certa, já que não sabia até que ponto o diretor mergulhara na baixezinha. Concedia o benefício da dúvida a Edmond Casney Jr., embora desconfiasse, por costume. A desconfiança é uma de nossas melhores armas de sobrevivência. Prova disso: todas as vítimas que cometeram o erro de deixá-la de lado.

Cassandra Miltner não desconfiara. As outras vítimas também não, ao que tudo indicava. Por quê? Sua fragilidade psicológica de viúva, ou de mulheres abandonadas, não bastava para justificar sua cegueira. Por quê?

– Doutora Silver? Pode ao menos ter a cortesia de responder? – irritou-se Casney.

Ela voltou ao aqui e agora.

– Desculpe, estava pensando em outra coisa.

– Está realmente se lixando para o mundo, hein?

– De modo algum, senhor. Ora, Bob tem queixas a meu respeito. Mas... há décadas ele não me solicita nada.

– É você que tem que fazer um esforço de comunicação! Bob tem muito trabalho. Não tem tempo para ficar rodando por aí atrás de informações.

– Oh, estou certa disso – respondeu ela, em tom afetadamente sério.

Deixava muito claro que não estava nem aí para ele e, principalmente, para Pliskin. Casney controlou a torrente de xingamentos que lhe veio à mente. Se se arrebatasse, seria mais um ponto para ela. Para ser honesto, Edmond Casney devia reconhecer: não gostava de Pliskin. Bob era um cara desonesto, escorregadio e perigoso. Uma espécie de larva venenosa. No entanto, seu secretário lhe prestara imensos serviços confidenciais e sabia coisas demais para que Casney corresse o risco de colocá-lo contra si. Os dois formavam uma daquelas duplas antinaturais, exigidas pelas circunstâncias, uma dessas parcerias consolidadas pela quantidade de segredos sujos que as ligam. No fundo, embora tivesse detestado estar em seu lugar – sobretudo, no lugar de Silver –, invejava seus agentes e a *profiler*. Eles poderiam dizer a si mesmos, no fim de suas vidas, que tinham sido úteis, que suas existências tinham feito alguma diferença para os outros. Ele teria lambido os sapatos de seu sogro e temido Pliskin, de quem desconfiava como da peste. Qualquer outro cara razoavelmente inteligente poderia tê-lo substituído em seu posto e feito bem melhor. Teria sido quase nulo para sua mulher e seus filhos. Nenhum subordinado conservaria a menor lembrança dele. Finalmente, nunca teria tido verdadeiros amigos. Balanço de uma vida que poderia simplesmente não ter acontecido, sem que ninguém se desse conta disso. Sem que fizesse a mínima diferença. Que naufrágio. Antes mesmo de voltar ao pó, não restava nada dele.

A voz calma e séria de Silver lhe chegou de muito longe, quando já tinha quase esquecido o teor da conversa, inspirada por Bob, é claro, que queria vingar uma nova afronta da *profiler*, Casney não sabia qual. No entanto, aquiesceu e passou o sabão exigido por seu secretário, para pôr panos quentes em seu ego esmigalhado pela

desenvoltura – não, pela insolência voluntária e calculada da *profiler* para com ele.

– No entanto, e em meu favor, espero, Mike e Gary lhe transmitiram todas as informações de que dispomos. Não julguei desejável, portanto, fazê-lo perder seu precioso tempo repetindo-lhe o que já sabia.

Casney de repente teve vontade de lhe pedir desculpas. Embora desde o calvário de sua filhinha ela se contentasse em sobreviver, ela existia. Lutava. Nunca desistira da alma, ao contrário dele. Mas não podia. Pedir desculpas estava fora de questão. Em vez disso, exigiu em tom seco:

– Devo concluir que não tem mais nada? Nenhuma intuição sobre os assassinos?

– Intuição? Nunca tenho intuição e não estou certa de que isso exista. Pena, não tenho sorte no jogo e quando, num impulso, entro numa rua para estacionar, nunca encontro lugar. A meu ver, o que chamam de “intuição” é na verdade uma extrema permeabilidade ao ambiente em sentido amplo, uma sensibilidade exacerbada, um senso agudo da psicologia, uma escuta muito fina. É sem dúvida por isso que as mulheres são consideradas intuitivas. Na verdade, elas utilizam melhor suas antenas, de maneira bastante inconsciente, em geral. Nada de sobrenatural aí. Portanto, não. Eu sei ou não sei. E não sei grande coisa por enquanto, nada além do que foi contado a Bob e que, ao que tudo indica, ele lhe transmitiu.

Ela estava mentindo, naturalmente. Aquele cara, ou aqueles caras, o pai e o filho, tinham proposto alguma coisa àquelas mulheres. Alguma coisa fundamental, que aniquilara sua desconfiança, que as tranquilizara a ponto de acompanharem voluntariamente seus torturadores. O quê?

Se encontrasse “o quê”, encontraria “quem”.

– Doutora Silver, leu as manchetes dos jornais? “O ossário de Bel Vista deixa FBI sem pista”, “FBI patina diante do antro da morte”, “FBI incapaz de resolver a charada sangrenta de Bel Vista”. Isso lembrando que não me refiro às mais picantes.

– Oh, senhor, não me diga que os exageros linguísticos dos jornalecos sensacionalistas o perturbam. Afinal, os *freelancers* são

pagos para vender papel. Não podemos culpá-los. Eles também precisam pagar suas contas. Sabe muito bem que esses jornais funcionam com palavras-chave. Devem utilizar "ossário", "monstruoso", "demoníaco", "sangrento", "estupro", "infanticídio", "revoltante", "pavoroso", etc., em menos de dez linhas. "Desmembramento", "emasculação" e "castração" também são ótimos, sobretudo precedidos de "bárbaro" ou "ignóbil". Mas nesse caso eles não têm como usá-los.

– Detesto seu cinismo, doutora Silver.

A resposta foi quase cordial.

– Um dia você chega lá, vai ver. Depois, não se pode mais viver sem ele. É uma defesa para aquilo que nos machuca.

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, agosto de 2008*

– Calma aí – argumentou Gary Mannschatz –, a dupla tórrida pai-filho foi desarticulada. Esses caras agiam em sinergia, concorda? Cada um tinha sua função, por assim dizer. É o que acontece em quase todas as duplas assassinas. Tem um que atrai e outro que mata, mesmo se ambos estupram e torturam. Em suma, uma espécie de divisão das tarefas. Na minha opinião, o pai vai parar com seus divertimentos porque não sabe funcionar sozinho.

– Oh, não, ele vai se reorganizar e recomeçar, sozinho, em outro lugar, a menos que encontre outro maníaco para partilhar suas brincadeiras, um segundo filho, de certa forma – desenganou-o Diane. – Mas esse tipo de... parceria é difícil de constituir. Ainda bem. Não esqueçamos que ele é inteligente e estruturado. É capaz de criar uma nova estratégia e de aplicá-la sozinha se for o caso. Quanto a localizá-lo, estamos diante da famosa agulha num palheiro.

– Sim, mas e a cabana? – argumentou Gary Mannschatz. – Vale uma bela grana. Mesmo que tenha dinheiro, ele vai tentar vendê-la um dia.

– Não tenho tanta certeza. Ainda mais que, por enquanto, com o ossário encontrado no porão, ela é invendável e corre o risco de permanecer assim por um bom tempo, até que essa lembrança se apague. É possível que ele tente se livrar dela daqui a alguns anos, mas aposto que o fará por intermédio de um escritório de advogados que agirão em nome de uma falsa empresa *offshore*.

– Impossível de rastrear, portanto – resumiu Bard, apertando os lábios de despeito.

– Praticamente – aprovou Diane. – Além disso, mesmo que consigamos chegar a ele dessa forma, o que duvido, vai demorar

muito tempo, uns dez anos ou mais. Quantas vítimas ele poderia fazer nesse período?

Gary pensou e respondeu:

– Bom, se partimos do princípio de que eles começaram seus jogos quando se instalaram na cabana, há seis anos, considerando os oito esqueletos de mulheres, isso quer dizer que sequestravam uma a cada nove meses... Isso se as raptavam sempre aos pares.

– Porra, que desgraçados – resmungou Bard.

*Pinehurst,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Andy Mullen recebeu calorosamente o cliente potencial. William Mann chegara na hora. Andy avançou para ele com a mão estendida e um grande sorriso profissional nos lábios.

Estava precisando muito vender uma casa. O mercado imobiliário começava a declinar, e eles iam junto. Nicky, a última contratada pela agência, acabava de ser dispensada. Andy sabia que seria o próximo, não só por ter pouco tempo na agência, mas também, reconhecia, por estar longe de ser o melhor vendedor.

– Senhor Mann, fico feliz em encontrá-lo. Fez boa viagem?

– Sim, foi um agradável passeio, e o tempo estava esplêndido. Até baixei a capota. Obrigado por me receber.

– Eu é que agradeço por ter escolhido nossa agência.

Andy utilizou os conteúdos aprendidos num de seus inumeráveis estágios de formação e avaliou o cliente numa só olhada: um relógio caro, uma aliança de platina, sapatos esporte, mas chiques, um terno descontraído mas de boa qualidade, por baixo uma polo Ralph Lauren da última coleção. Além disso, mencionara um conversível, embora não tivesse especificado a marca. Um cara com recursos financeiros, portanto. Agora, o ângulo de abordagem: bem-educado, mas sem dúvida um pouco desconfiado ou reservado, idade para ser seu pai. Talvez um bostoniano de boa cepa. Andy não ia usar a estratégia *amiguinhos*. Propôs:

– Aceita um café, um chá, um refrigerante?

– Obrigado, mas não precisa.

– Então vamos direto ao assunto?

– Com certeza – respondeu William Mann.

Como se tivesse consagrado a ele cada minuto de seu tempo desde seu telefonema, três dias antes, Andy Mullen franziu as sobrancelhas e declarou:

– Fiz uma pesquisa a partir de suas expectativas e temos propriedades que vão interessá-lo. Permita-me recapitular o que conversamos por telefone. Se eu tiver compreendido algo errado, não hesite em me corrigir.

– Combinado – aprovou o homem sentado à sua frente.

Não era alto; cabelos loiros riscados por alguns fios grisalhos, olhos muito azuis. Um senhorzinho, a julgar pela fala um pouco cuidadosa, pela maneira de se manter muito ereto na cadeira, de olhar para o interlocutor apenas o necessário. Andy pensou que poderia tomá-lo por um homossexual rico de Boston, não fosse sua aliança e o fato de que o Sr. Mann evocara a morte da esposa no telefone, três dias antes. Por outro lado, nada impede que se seja casado e gay, principalmente quando se é viúvo.

Andy abriu diante do cliente a pasta que preparara. Havia ali a descrição e as fotos de quatro casas que podiam interessar a William Mann e de uma espécie de ruína que todos os vendedores da agência tentavam vender havia dois anos, sem sucesso, a ponto de o patrão prometer dobrar a porcentagem do espertinho que conseguisse livrá-los daquele moquifo.

Andy Mullen soltou sua lábia batida, sublinhando as vantagens de cada casa, passando mais rapidamente sobre os inconvenientes – que não podia omitir devido à lei de Massachusetts sobre casas antigas, que obriga o vendedor a enumerar seus defeitos –, insistindo a cada vez nas características prioritárias aos olhos de Mann:

– Aqui também, como especificou no telefone, trata-se de uma casa antiga, muito bem protegida da vizinhança. Aliás, ela fica no fim de uma estrada na floresta. Afora os colhedores de cogumelos e os apaixonados por esquilos...

O olhar doce de Mann pareceu perder a intensidade, o interesse pelas fotos da casa, mas ele sorriu e declarou:

– Sim, está bem. Compreenda... Tive uma espécie de depressão nervosa depois da morte de minha esposa... Aliás, abandonei minha atividade profissional... Era arquiteto. Agora vivo de meus investimentos. Ela morreu... do que se costuma chamar uma longa

e terrível doença... Uma agonia medonha... Preciso de calma, de solidão. Hã... não tivemos filhos...

- Compreendo, que tristeza – comentou Andy, com voz lastimosa.
- Obrigado, fico tocado. E a última?

Andy exibiu as fotos da ruína. Apesar dos esforços no enquadramento, ela fazia uma feia figura com o teto desabado no meio, uma das paredes externas perigosamente rachada e as persianas entreabertas, meio arrancadas das dobradiças pelas sucessivas tempestades.

– Vou logo dizendo: será preciso prever grandes trabalhos de reparo e renovação. Em compensação, o preço é muito atrativo, é claro. A casa fica situada no centro de um bosque privado de doze hectares, fechado. Trata-se de uma construção típica do século passado. Belos materiais, robustos. Um andar com madeiramento exposto, que pode ser transformado em mezanino. Cerca de cento e cinquenta metros quadrados de área ao rés do chão. A sala do térreo é imensa, magníficas proporções, com uma lareira de pedra – em mau estado, é preciso dizer. O porão está sujeito a inundações nas chuvas fortes, mas uma boa drenagem deve solucionar isso.

– Oh, sim, isso seria bom. Sou um amador. De vinho. Não que beba muito, mas...

– *Connoisseur?*

– Isso. Poderíamos visitá-la? Os trabalhos necessários não me assustam. Pensando bem, isso permite criar... um pequeno ninho, bem do jeito que queremos.

– Logo se percebe o arquiteto no senhor: é verdade que é a pessoa mais indicada para que tudo seja restaurado com perfeição e a seu gosto. E se precisar de conselhos, conhecemos todos os pedreiros da região. Os bons e aqueles que é melhor evitar.

Andy se levantou, feliz da vida. Se concluísse a venda, o patrão ficaria encantado. Há quanto tempo tentava se livrar daquela ruína! Quanto a ele, receberia sua porcentagem e o bônus.

*Arredores de Boston,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Sentado no chão, de pernas cruzadas, no centro da arena de areia da sala redonda, arena que não seria palco de mais nenhum combate mortal, Nathan/Rupert autorizou o retorno da onda de pensamentos a sua mente. Seu ritmo cardíaco se acelerou, assim como a frequência respiratória. Emergiu da meditação relaxado, regenerado, em plena posse de suas faculdades físicas e intelectuais, e abriu os olhos.

As silhuetas dos viveiros desertados por seus habitantes se diluíam em sua forte miopia, e ele mal chegava a distingui-los uns dos outros. Gostava desses momentos em que permitia ao universo tomar formas indistintas. Por vaidade, sua mãe se recusava a usar óculos. No entanto, ela evitava o máximo que podia as lentes de contato, sob o pretexto de que as coisas lhe pareciam mais suaves através de sua miopia. E até que era verdade. Nathan acariciou a areia untuosa, amarelo-creme, da arena. Levantou-se quase a contragosto. A verdadeira caça estava começando. Diane esperava que ele tivesse êxito, e estava fora de questão decepcioná-la.

Diane. O que estaria fazendo naquele momento, nos corredores do Jefferson, em Quantico? Ela também estava caçando. Depois de uma fugaz decepção, compreendera que ela não podia implicá-lo no caso de Bel Vista. Se todas as suas investigações terminassem com a intervenção brutal e providencial de um "limpador", surgiriam suspeitas. Ela não podia se permitir isso, sob o risco de colocar ambos em perigo muito rápido. Além disso, Nathan começava a compreender um pouco como funcionava a *profiler*: por compartimentos bem distintos e muito hierarquizados. Cada compartimento merecia sua total concentração, cada um à sua vez. Provavelmente ela ignorava isso, mas praticava a consciência plena. Pelo menos quando caçava um predador. É claro, o

compartimento mais importante, o topo da pirâmide, era reservado a Leonor e à cúmplice. Nathan devia concentrar todos os seus esforços nesse compartimento mental. Estava lisonjeado pelo fato de que Diane, no fundo, tivesse lhe confiado sua filha.

Saiu da sala sem janelas e fechou a grande porta protegida por uma fechadura digital. Descalço, atravessou a imensa casa, de aparência tão calma que parecia deserta – quando, na verdade, tantos empregados trabalhavam para que funcionasse perfeitamente.

Penetrou na vasta cozinha, toda de granito pálido, de faia manchada de branco. Ninguém trabalhava ali ainda, já que não havia nenhum convidado previsto. Seus passos ressoaram com leves estalos surdos sobre as grandes pedras lisas e frescas.

Imediatamente, uma senhorinha redonda e jovial, apertada num avental branco imaculado, se dirigiu a ele:

– Senhor Rupert... precisa de alguma coisa, seu chá?

– Obrigado, Nancy, mas sabe o quanto gosto de prepará-lo.

Um pouco frustrada, Nancy voltou para o pequeno escritório montado na copa, de onde seu computador lhe permitia controlar os estoques, as encomendas, os cardápios da semana, os convites, a lavagem da roupa da casa, o abastecimento de alimentos e flores. A governanta, sessentona, trabalhara para o pai de Rupert, um autocrata que, ao contrário do filho, mal conhecia os empregados da casa e jamais teria cogitado agradecer ou elogiar um deles. No entanto, Nancy sentia falta dele, às vezes. Mais exatamente, sentia falta das festas, das intermináveis listas de convidados que lhe permitiam colocar em prática toda a sua capacidade de organização. O atual Sr. Rupert recebia pouco e sempre poucas pessoas.

Na cozinha, Rupert, após hesitar um bocado quanto a que chá era o mais adequado para aquele momento preciso, dosava com exatidão maníaca as folhas muito pretas de tari e as flores de malva que perfumariam a beberagem com delicadeza. Estava preparando seu chá. Ninguém devia perturbar sua atenção.

Derramou o líquido perfumado numa xícara de raku e se dirigiu em passos prudentes para a sala de trabalho. Estava transportando

seu chá, nada além disso.

Instalou-se diante da grande escrivaninha de jambire e sorveu o líquido em pequenos goles, cheirando-o com cuidado.

Finalmente, estava pronto. Pegou o telefone de sua linha segura e digitou o número de Thomas Bard.

– Como vai, caro Thomas?

– Muito bem, senhor Teelaney.

– Suas informações sobre Debra Kaplan, uma gentil mulher destruída, foram de grande utilidade.

– Fico satisfeito. Quanto à Sra. Kaplan, os cacos de seu ser nunca se juntarão de novo. Que tristeza terrível.

– Hum. Thomas... a Sra. Kaplan lembrou-se de uma certa família Simmons, com três garotos, que morava em Nova Iorque na época dos acontecimentos, no mesmo bairro chique que os Kaplan. Parece que tinham uma *nanny* profissional. Uma inglesa. Pequena e morena. Preciso de seu nome e de tudo o que for possível saber a seu respeito. Pensei inicialmente em cuidar disso, encontrar essas pessoas, mas era uma má ideia. Talvez os Simmons tenham ouvido falar de minha família...

Sobretudo, tinha se tornado perigoso demais para ele assumir a personalidade, o físico e o nome de Nathan Hunter. Todas as polícias do mundo deviam estar divulgando sua foto por toda parte.

– Tem toda a razão, senhor Teelaney. Para que eu serviria se não fosse assim? – brincou o detetive.

– Vai... cuidar disso pessoalmente?

– Oh, senhor Teelaney – admoestou-o gentilmente Thomas. – Repito-lhe a cada vez. Alguma vez já lhe dei motivos para se queixar de minha descrição patológica? Se eu não for me encarregar, enviarei meu alterego. Ninguém, nem mesmo o senhor ou meus empregados, o conhece.

– Desculpe, mil desculpas! Thomas, é urgente.

– Já percebi, senhor Teelaney. No entanto, preciso primeiro encontrar esses Simmons.

*Abington,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Diane Silver ficara estarrecida com a mudança de atitude de Gary Mannschatz. Do policial que já vira tudo, cínico e endurecido, enquanto dirigia o carro alugado até Abington, ele se metamorfoseara assim que Valerie Miltner abriu a porta de sua bonita casa. Ele adotara uma atitude de são bernardo que não combinava muito com sua alta silhueta longilínea, seus cabelos loiros e seu rosto emaciado. No entanto, Diane sentira a tensão da jovem mulher grávida de alguns meses se atenuar assim que ele colocara suavemente a mão sobre o braço dela, explicando que estava com ela de todo coração.

A jovem de cabelos castanhos luminosos e olhos cor de avelã os conduziu até a sala e lhes oferecera nervosamente um refresco, que se sentiram no dever de aceitar.

Diane examinara a sala enquanto Valerie lhes servia uma limonada caseira.

Tudo ali era bastante bonito, um pouco convencional e de uma limpeza maníaca que combinava bem com sua profissão de enfermeira. Nem um grão de poeira, nem um pelo de origem animal nos tapetes ou nos móveis – e, no entanto, um grande gato malhado se instalou sobre os joelhos de Diane pouco depois de sua chegada. Valerie se levantou do sofá com a intenção de mandá-lo embora, mas Diane a dissuadiu:

– Não, por favor. Deixe-o. Tomo isso por uma lisonjeira manifestação de interesse, e não há risco de que ele estrague minha velha calça jeans, que já passou por coisa pior.

Um pequeno sorriso agradecido iluminara o rosto crispado. O gato aprovou com um ronronar sonoro e contínuo que fez Diane se perguntar se ele não o esgotava.

Valerie a fixava com uma intensidade difícil de sustentar. Diane compreendeu, e uma pena difusa a invadiu. Aquela jovem que adorara sua mãe esperava havia anos um consolo: o de uma morte suave e rápida. O ser amado, tão amado, a mãe, adormecera e não mais acordara. Uma historinha para crianças.

– Ela está morta, não é? – perguntou Valerie.

– Sim. Graças ao sangue que coletamos de você, pudemos comparar as impressões genéticas e o DNA mitocondrial. Era, sem dúvida alguma, sua mãe. Lamento.

– Ela sofreu? Bom, quero dizer... Ela foi sequestrada, não é? Ela nunca teria partido, assim, do nada, mesmo com sua depressão. Minha mãe é... era uma excelente mãe...

Diane seguiu o movimento daquela mão feminina que pousava sobre seu próprio ventre crescido em gesto de proteção.

– Foi minha culpa! Eu devia...

Sua voz se quebrou em algum ponto de sua garganta e ela se esforçou para não se desfazer em lágrimas. Com um tom que tentou tornar categórico e profissional, Diane contestou:

– Não é sua culpa, Valerie. Tire isso da cabeça porque é mentira. Sua mãe foi levada por um ou dois homens e não foi a primeira vítima. Ela não teve medo, até o final, já que manteve seu cachorro, Billy, com ela.

– *Serial killers?* O ossário de Bel Vista?

– Sim.

Grossas lágrimas alagaram os belos olhos avelã. Valerie retomou, com a voz sacudida por soluços:

– Portanto, ela sofreu! Aqueles degenerados lhe fizeram mal. Não sou idiota. Já li coisas monstruosas sobre eles. Para além do que se possa imaginar.

Gary Mannschatz interveio.

– Seu corpo não guardava nenhum vestígio de violência física.

Valerie perscrutou seu rosto em busca de indícios de que estava mentindo. A sinceridade que leu em seus traços pareceu acalmá-la um pouco, e Diane pensou que ela própria não teria encontrado formulação mais adequada. De fato, o esqueleto de Cassandra não

trazia nenhuma marca de maus tratos, o que não significava que sua carne não fora torturada.

A *profiler* entrou no assunto de sua visita:

– Valerie... Temos certeza de que todas as vítimas seguiram esses homens, ou um deles, sem desconfiar. Em outros termos, eles sabiam inspirar confiança. É verdade que, ao menos nos casos das mulheres que conseguimos identificar, todas acabavam de viver um grave traumatismo: no caso de sua mãe, a morte de seu pai; para outra, um recente divórcio... Em suma, todas estavam fragilizadas. No entanto, isso não justifica, em minha opinião, que uma mulher siga um ou dois homens sem desconfiar.

– Ainda mais que minha mãe sempre repetia que eu não devia confiar em pessoas estranhas, nem mesmo nos vizinhos, nunca abrir a porta e todas essas coisas, quando eu era pequena.

– É a função de uma mãe – comentou Diane, proibindo-se de pensar que dera aqueles mesmos conselhos a Leonor, sem no entanto conseguir protegê-la. – Estamos vasculhando o passado das vítimas identificadas. Elas conheciam aqueles homens? Tinham tido contatos tranquilizadores com eles? Aconteceu alguma coisa em particular pouco tempo antes do rapto de sua mãe? Gostaria que você tentasse lembrar. Não descarte nenhuma possibilidade, mesmo que pareça forçada, inverossímil.

Gary esclareceu:

– O que a Dra. Silver quer dizer é: não se deixe dissuadir pela profissão ou função do sujeito. Se sua mãe foi abordada pelo pastor de outra igreja que não a sua, não é por se tratar de um pastor que...

– Entendo, aquiesceu a jovem. Ah... esperem, estou pensando...

Diane percebeu sua súbita concentração e a interrompeu:

– Não, não force sua memória. O cérebro humano funciona de uma maneira estranha. O assassino que ainda está vivo é provavelmente loiro de olhos azuis, estatura mediana, cerca de um metro e setenta, e não muito corpulento. Deve ter cerca de cinquenta e cinco anos, talvez um pouco mais, e maneiras afáveis. Aquele cujo cadáver encontramos também era loiro de olhos azuis, media um metro e oitenta e dois e pesava um pouco mais de

noventa quilos. Tinha entre vinte e cinco e trinta anos aproximadamente.

Gary interveio:

– O que aconselhamos aos familiares das duas outras mulheres foi: pensar, revisitar o passado e estabelecer uma lista. Anotar tudo, o menor detalhe, mesmo que pareça idiota.

– Seria interessante pedir ajuda à sua tia – sugeriu a *profiler*. – Ela morava perto de sua mãe, na época.

As lágrimas inundaram novamente os olhos de Valerie, e Diane se arrependeu de sua última frase.

– Valerie, não foi porque você estudava longe da casa de seus pais que sua mãe foi raptada. Esses caras tinham mirado nela. Quer você estivesse por perto ou não, teriam conseguido o que queriam. Na primeira oportunidade. Eles não agiam de maneira precipitada, ao contrário de muitos assassinos desorganizados. Esses caras planejavam, pensavam, organizavam tudo nos mínimos detalhes.

Quase acrescentou: “isso fazia parte de seu prazer”, mas se deteve a tempo.

– Por que ela?

– Quando souber “por que”, saberei “quem” – murmurou a psicóloga em tom suave.

*Fredericksburg,
Estados Unidos, agosto de 2008*

O toque estridente do telefone colocado na mesa de cabeceira tirou Diane, num sobressalto, de seu sono agitado. Olhou para o relógio fluorescente: 02h47min. Com a mente enevoada pelos soníferos, rosnou, hostil:

– Sabe que...?

Uma voz brincalhona a interrompeu:

– Horas são? Sim.

– Erika?

– Em pessoa.

– Tem meu número pessoal?

– Não seja paranoica, Diane. Lembre-se que, como eu, você faz parte da equipe do FBI que devemos poder contatar a qualquer hora do dia ou da noite. Consegui seu número no repertório digital da base – que, fique tranquila, só é acessível a um número muito limitado de pessoas. É preciso um código.

– Algo grave?

– Digamos... importante. Resultados inesperados.

– E chegou a eles em plena madrugada?

– Sabe como é, com a crise, os técnicos de laboratório fazem fila para fazer hora extra. Quanto a mim, a noção de horários sempre foi um pouco vaga, a meus olhos. Não importa. Conseguimos ampliar o DNA das impressões digitais encontradas em uma das obras de arquitetura: *The Work of Frank Lloyd Wright*. Na realidade, trata-se do DNA das células epiteliais encontradas no rastro papilar. A proprietária da impressão, já que agora sabemos que se trata de uma mulher, devia estar com os dedos um pouco engordurados, talvez um creme para as mãos.

– Uma mulher? – perguntou Diane, já completamente acordada.

– De fato. O DNA é idêntico à impressão genética obtida pela diáfise femoral de uma das vítimas mais antigas, uma daquelas que estavam enterradas. É importante ressaltar que não encontramos nenhuma impressão digital dela no porão.

– Caralho! Cada vez pior.

– Pensei que fosse agradá-la – retorquiu a legista, com um resquício de arrependimento na voz.

– Oh, não, você é genial – tranquilizou-a Diane. – Apenas tenho a impressão de estar diante de um jogo de bonecas russas, todas do mesmo tamanho. Sempre que tento encaixá-las nunca dá certo. Obrigada, Erika. Mal ousei desejar boa noite.

– Não se preocupe. Sou muito organizada. Tenho um pequeno futon dobrável no meu escritório e tudo de que preciso para amanhã de manhã, até meu chá e minha chaleira.

– Uma mulher prudente que evita as máquinas de bebidas da base?

– Cuido da minha saúde – brincou Erika, antes de desligar.

Sentada na cama, Diane Silver decidiu que era inútil tentar voltar a dormir. Quanto a tomar mais um sonífero, estava fora de questão àquela hora. Ficaria entorpecida a manhã inteira. Vestida com sua longa camiseta de dormir, descalça, desceu até a cozinha e ligou a cafeteira. O silêncio, perturbado apenas pelo gorgolejo do café subindo, não a apaziguava. Fragmentos de pensamentos desfilavam em desordem em sua cabeça. Não tinha a menor intenção de ordená-los. Seu cérebro que se virasse. Ela precisava de um café bem forte.

Com uma grande xícara fumegante na mão, voltou a subir a escada, hesitou e então destrancou a porta do escritório, no final do corredor. Acendeu a luz. O rosto sorridente de Leonor e a grande margarida alaranjada explodiram em suas retinas. Instalou-se atrás da tábua apoiada em cavaletes e decidiu não ligar o computador, por medo de encontrar um e-mail de Yves na caixa de mensagens. Enquanto não lesse, não se sentiria obrigada a responder. Um modo pouco inteligente de se esquivar: Yves não ia largar aquele osso, e o silêncio de Diane só o deixaria ainda mais desconfiado. Todavia, o policial francês não podia nada contra ela – um pensamento

lamentável que a tranquilizava. Certamente, ficaria muito chateado com ela, e essa certeza a fazia sofrer. No entanto, ela escolhera – era melhor não pensar em Yves. Apesar da verdadeira tristeza que lhe causava a separação de suas almas, ela estava certa! Mesmo que precisasse ficar novamente sozinha, sem aquele que autorizara a povoar um pouco seu deserto, ela resistiria, avançaria. Melhor não pensar em Yves!

Cenas de um passado encantador desfilaram em sua memória. A terrível tristeza de Leonor pela morte de seu peixe vermelho que, certa manhã, tinham encontrado boiando. A menininha o alimentava demais, por medo de que tivesse fome. Inconsolável, recusara que fosse substituído, porque, a seus olhos, ele era insubstituível. Exigira um enterro com grande pompa, com o que a mãe acabara concordando, depois de tentar convencê-la de que aquilo seria difícil em Nova Iorque. “As pessoas são enterradas, mamãe. E ele era uma pessoa, já que vivia com a gente”, soluçara sua filha. Diane, sem argumentos, propusera enterrá-lo no parque, de tardezinha, escondidas. Assim que Leonor saíra para a escola, ela embrulhara o pequeno cadáver e o jogara no lixo. Hoje, sentia-se culpada por não ter mantido sua promessa. Mas hoje sentia-se culpada de tantas coisas. Murmurando, pediu perdão, pela milionésima vez, ao pôster, ao sorriso de Leonor. Perdão pelo peixe, perdão pelo *hamster* que se recusara a acolher, apesar das lágrimas da filha, perdão por tudo.

A luz pareceu diminuir. Diane fechou as pálpebras e mergulhou no fundo de seu cérebro. Lentamente, muito longe. Via-o de costas. Tratava-se do mesmo homem, de média estatura, loiro. Estava de pé diante de um dos sofás de couro preto da sala da grande cabana. O que estava em uma das fotos da cena do crime. Dirigia-se a uma mulher sentada no sofá e lhe estendia um livro cujo título Diane decifrou: *The Work of Frank Lloyd Wright*, o livro em que tinham encontrado as belas impressões digitais. O rosto da mulher era apenas uma mancha oval. Diane não podia imaginar seus traços, já que nunca a vira. Aliás, a *profiler* ficou um pouco confusa por lhe atribuir cabelos loiros não muito longos. A mulher estendia o braço para pegar o livro. Diane teve a sensação de que ela sorria. O

homem, sempre de costas, se aproximava e dava um beijo em sua testa.

A luz do escritório se impôs de novo a suas retinas. Acabava de ser arrancada das profundezas de sua mente, e as lágrimas afluíram. Leonor a tinha deixado.

Loiro. O homem é loiro. Desconfiava daquilo havia tempo, em razão das características físicas do filho. O cérebro de Diane compreendera o resto antes dela. A mulher também era loira. Agora tinha certeza.

Levantou-se de um pulo, esquecendo seu café sobre a mesa, e se precipitou para beijar o sorriso da filha. “Mãe ama tanto você, meu anjo”. Trancou a porta do escritório e correu para o quarto, vestindo às pressas as roupas da véspera.

Erika Lu não dormiria muito aquela noite.

Diane ligou o sistema de alarme, fechou a casa e foi até a garagem em passos rápidos.

Precisava o quanto antes de uma comparação dos DNA do homem morto, o pretense John Bernard Ward, e da proprietária das impressões digitais. Quanto ao DNA mitocondrial, ele confirmaria se os dois sujeitos pertenciam à mesma linhagem feminina. Uma prova supérflua aos olhos de Diane: estava certa de que se tratava de mãe e filho. Era por isso que seu cérebro lhe atribuíra uma cor de cabelo. Loira. O homem loiro de estatura média era o pai e, talvez, o marido. Diane teria apostado que a mulher fora sua primeira vítima. Evidentemente, a psicóloga não podia excluir, *a priori*, que ela tivesse morrido de causas naturais. No entanto, essa hipótese não a convencia nem um pouco.

Diane digitou o número do escritório contíguo ao necrotério. Foram necessários uns dez toques para que a legista atendesse.

– Lamento, minha vez de tirá-la da cama.

Uma voz sonolenta respondeu:

– Há dias assim.

Diane resumiu suas deduções.

– Bom, vou beber um chá, lavar o rosto para ver se acordo e aí vou acordar um técnico de laboratório – que vai me bendizer – para que ele faça os testes o quanto antes. Agora compreendo melhor

sua imagem das bonecas russas. Esse caso é um emaranhado só! Entrarei em contato assim que tiver um resultado.

Depois de desligar, a psiquiatra tirou a pasta bege da escrivaninha e espalhou à sua frente as fotos da sala da cabana.

Tinha uma sensação estranha, desagradável. A cena que imaginara no recente mergulho em si mesma a perturbava. Compreendeu de repente seu erro e se gratificou com uma série de qualificativos pouco elogiosos. As impressões digitais da mulher loira que seu cérebro representara um pouco antes, com aquilo que sabia, só tinham sido encontradas em livros, especialmente de arquitetura. A mulher nunca morara naquela casa. Aliás, nenhum dos testemunhos dos comerciantes de Bel Vista a mencionara. Pelo menos, nunca vivera no térreo ou no primeiro andar.

Ligou de novo para Erika Lu.

– Tem certeza de que as impressões digitais do livro de arquitetura (vamos dizer, da primeira vítima, pois acredito que se trate dela) são diferentes de todas aquelas encontradas nas jaulas e em outros lugares do porão?

– Sim, Diane, foi o que lhe disse agora há pouco.

– Sei, Erika. Vou tentar deixar você em paz pelo resto do dia.

– Nunca devemos fazer promessas de que estamos quase certos de não poder manter...

– Eu fui prudente. Disse “tentar”. Obrigada, Erika.

Diane voltou a mergulhar na contemplação das fotos. Eles a transportaram já morta e a enterraram no porão da fazenda.

Uma questão incongruente lhe atravessou a mente. Do que aqueles dois maníacos falavam entre si? De seus estupros, de seus assassinatos passados, presentes e por vir? De suas buscas por novas vítimas?

Quem dominava, naquela dupla letal? Quem tivera pela primeira vez a ideia de raptar uma mulher e mantê-la prisioneira?

Sentia um ódio visceral contra eles. Porém, um ódio calmo, eficaz e organizado, tanto quanto eles, ou ele, podiam ser.

Pensar. Eles viviam em outro lugar, tinha certeza disso. Concordava com os raros testemunhos e com as contas de luz. A casa costumava ficar fechada. Por períodos mais ou menos longos.

Longos quando tinham acabado com suas vítimas e procuravam outras. Mais curtos quando as prisioneiras estavam vivas. O que faziam nesses casos? Provavelmente deixavam nas jaulas uma provisão de alimentos e de água, recomendando-lhes que fossem parcimoniosas. Ainda não tinham terminado de se divertir com elas. Ainda não deviam morrer. A cabana era o antro deles, não sua residência. Eram inteligentes, tinham recursos financeiros, pareciam encantadores, eram educados, o retrato clássico dos assassinos que têm relações sociais, que, em alguns casos, são até casados e pais de família. Não se recebem amigos em cima de um porão-prisão, correndo o risco de que uma cativa comece a gritar ou de que o filho aventureiro de uma amiga entre no porão por uma janela baixa. Por comodidade, o lugar – ou os lugares – onde eles residiam e bancavam os cidadãos exemplares não devia ficar muito longe de Bel Vista.

O pretense John Ward adquirira a cabana sete anos antes. Segundo o secretário da prefeitura de Bel Vista, os trabalhos de reforma tinham durado pelo menos um ano. Então, John Ward e seu pai tinham começado a usar sua encantadora casa de férias, que transformariam numa armadilha monstruosa. Cerca de seis anos antes, portanto.

O olhar de Diane dirigiu-se a uma das estantes que apareciam no canto da foto. Era a mulher loira que tinha uma ligação com a arquitetura, não o pai. Eles tinham levado os livros dela para a cabana após sua morte. Por quê? Para levar seus amigos a acreditar que ela havia partido, levando consigo sua preciosa coleção?

Arrastou-se até a máquina de bebidas para apaziguar sua necessidade de cafeína. Ia pedir a Bard e a Mannschatz que entrassem em contato com todas as empresas de mudança da região, num raio de duzentos quilômetros. Sem nenhuma esperança. Eles eram inteligentes demais para cometer um erro desses. Deviam ter trazido todos os móveis e livros, eles próprios. Com uma caneca na mão, Diane colocou outra moeda na máquina: dois cafés, mesmo repugnantes, não seriam suficientes.

As empresas que alugavam pequenos caminhões a particulares, e no mesmo perímetro? Não acreditava muito que o histórico das locações tivesse se conservado por seis anos. Além disso, John Ward devia ter usado identidade e endereços falsos para reservar o veículo. Entretanto, costuma-se anotar a quilometragem percorrida para estabelecer o valor da locação. A menos que tivessem optado por um pacote de quilometragem livre. De qualquer forma, Bard e Mannschatz estavam impacientes porque a investigação policial estava patinando, ao passo que os resultados científicos não paravam de se multiplicar, complicando cada vez mais o sinistro enigma. Iam, portanto, se aplicar na busca da mulher loira que tinha uma ligação com a arquitetura, provavelmente desaparecida havia seis anos, quando os Ward, pai e filho, tinham se instalado na grande cabana, talvez antes, já que não se podia excluir a hipótese de terem levado um esqueleto na mudança. Isso ocuparia os dois policiais. Não deviam de maneira alguma se sentir inúteis ou afastados da investigação. Isso constituiria uma área de fragilidade em que Pliskin penetraria com prazer.

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, agosto de 2008*

– Por quê? – contestou Diane Silver, encarando Mike com um olhar azul-pálido pouco amável. – Prometi alguma vez que a investigação seria simples? Já devia ter tomado umas, porque não me lembro!

– Não é isso, calma, doutora – defendeu-se o agente. Sabe quantas sociedades de arquitetura há neste país? Mais de setenta mil, só na internet. Gary e eu telefonamos a todas as grandes associações profissionais, a AIA¹¹, a *Architects Association*, todas as outras. O que esperava, um milagre? O que acha que nos respondem quando dizemos à pessoa que está na linha que procuramos uma mulher loira, que sequer sabemos se era arquiteta ou se tinha uma empresa com uma vaga relação com a arquitetura, e que não deve ter dado mais sinal de vida há seis anos, talvez dez, ou quinze, ou sei lá o quê?

Diane acendeu um cigarro e soprou para o lado uma espessa nuvem de fumaça. Não alimentara nenhuma esperança naquela pesquisa. Tinha razão. Fato excepcional, resolveu temporizar:

– Lamento, Mike. Fui injusta. Na verdade, não pensei que fôssemos encontrar alguma coisa por esse viés, mas...

– Sim, estamos todos nessa; bem que a sorte podia virar para nosso lado!

– Está na hora de empunhar sua ferradura ou seu trevo de quatro folhas. Vamos precisar!

– As más notícias não acabaram, doutora. Absolutamente nada das empresas de mudança, como você tinha previsto.

– E as empresas que alugam caminhões a particulares?

– A mesma coisa. Ainda não terminamos de contatá-las, mas aposto meu salário do mês que vem que não vamos conseguir nada. Todas praticam pacotes de quilometragem fixa. Na verdade,

elas ganham porque os clientes costumam supervalorizar seu trajeto. Você aluga o veículo por duzentos, trezentos, quinhentos ou mil quilômetros. O empregado verifica na volta se você não excedeu a quilometragem prevista. Ele só anota a quilometragem na partida para evitar qualquer contestação. Portanto, mesmo que consigamos encontrar uma reserva em nome de John Ward, saberemos que ele partiu do estacionamento da empresa de locação e voltou, ou, no melhor dos casos, que quilometragem escolheu. Esses caras já nos provaram que eram muito espertos. Não seriam tolos a ponto de nos deixar uma quilometragem precisa. Duvido até de que encontremos uma reserva. Seis ou sete anos é muito tempo, e a maioria das empresas só conserva seus arquivos por três anos, para o caso de litígios, acidentes não assinalados, etc.

Diane Silver contemplou seu cigarro, fazendo-o girar entre os dedos. No fundo, não gostava de fumar. Era apenas um mau hábito, um vício tenaz, além de uma forma de rebelião, um "vão se foder" dirigido a Pliskin e Casney. Diane sempre fora suficientemente bem-educada para só impor seu tabagismo às pessoas que transitavam em seu escritório e, quase sempre, enchiam seu saco. Lamentava que os viciados em celular, que precisam telefonar a todos os seus contatos para dizer onde estão, onde estarão em três minutos, a composição do sanduíche que estão engolindo, gritando de raiva quando perdem o sinal, não respeitassem, por sua vez, os lugares públicos. A cortesia que, enganosamente, muitos acreditam obsoleta e supérflua, é uma das mais belas manifestações da civilização. É uma atitude que prova aos outros que eles existem e que merecem, tanto quanto você, o respeito de alguns segundos.

– Está perdida?

Ela sentiu uma verdadeira preocupação no tom de Mike Bard.

– Nunca fico "perdida". Posso patinar um pouco, mas sempre encontro.

O policial desabafou:

– Doutora Silver... Essa investigação é muito importante para Gary e para mim. Em primeiro lugar, porque isso está na primeira página de todas as mídias do país, que colocam em dúvida, com

maior ou menor sutileza, a capacidade do FBI e perguntam: “Por que tiraram a investigação do Boston PD, dados os nossos avanços?”, mas bem que eles ficaram contentes de nos passar a batata quente, e eu os compreendo. Fico muito lisonjeado que caiam em cima de nós. Além disso, não quero dar munição a Pliskin, nem contra você, nem, sobretudo, contra nós.

Bard não gostou nem um pouco da luz que se acendeu no olhar de Diane. Ela respondeu, no entanto, com voz tranquila:

– Mike, essa investigação é muito importante para mim. – repetiu, palavra por palavra – Porque não quero que outras mulheres sejam raptadas, aprisionadas, estupradas, provavelmente torturadas durante meses antes de serem abandonadas em suas celas para morrerem de fome e de sede!

Ele baixou os olhos.

11 *American Institute of Architects.*

*Washington DC,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Elaine Simmons olhou de novo para o relógio e repetiu:

– Peço-lhe mil desculpas. Ron, meu marido, me garantiu que faria o possível para nos encontrar e é um homem de palavra. Mas a verdade é que está sem tempo nenhum.

– Compreendo muito bem. Não tem problema, garanto-lhe. Ainda mais que as mães são mais... digamos, observadoras, vigilantes em relação a esse tipo de detalhes.

– Mas, agente...

– Me chame de Thomas, por favor. Prefiro.

– Thomas... Você é do FBI, isso quer dizer que a investigação vai ser retomada?

– Não depende de mim, como sabe – respondeu ele com tristeza.

– Estou aqui apenas para coletar o máximo de elementos. Depois, um juiz decidirá.

– Mas aquele monstro, aquele horror... Ford...

– Rick Ford.

– Sim, Rick Ford foi morto, não?

– Temos... como dizer... razões para pensar que ele não agia sozinho.

– Odeio esses pervertidos! – exclamou ela, com raiva. – Eles me aterrorizam. Não sabe a que ponto estou contente de que meus filhos tenham todos mais de vinte anos e sejam todos uns homenzarrões. Esse mundo ficou doido.

– De fato.

– Aceita um cafezinho? Talvez isso faça meu marido chegar – acrescentou ela com um sorriso.

– Com prazer, é muito amável de sua parte.

Aproveitou a ausência dela para examinar a sala bem iluminada. As paredes estavam pintadas de uma suave cor de pêssego. O sofá

fundo e as duas poltronas do mesmo jogo, recobertos de um tecido com padrão floral, davam à sala um delicioso ar inglês, assim como os móveis antigos de bela pátina, de pés finos e torneados. Bonitas aquarelas, emolduradas com bom gosto, alinhavam-se na parede à sua frente. Atrás dele, uma estante em que se empilhavam livros – lidos, ao que tudo indicava. Na mesinha de ônix claro, um grande vaso bojudo de cerâmica cheio de peônias levemente rosadas.

A astúcia funcionara. Como sempre. No entanto, Elaine Simmons era advogada. Mike Bard mostrara sua insígnia azul e branca do FBI com o polegar em cima de seu nome. Anunciara-se como o agente especial Thomas Bard, seu irmão. A magia do FBI fizera o resto.

Elaine voltou da cozinha e lhe estendeu uma bela xícara fina, que ele segurou com toda a delicadeza possível. Que mulher bonita. Alta, esbelta sem ser magérrima, belos cabelos castanho-claro puxados num rabo de cavalo, olhos azuis, maçãs do rosto um pouco salientes. Devia ter entre quarenta e cinco e quarenta e sete anos. Uma dessas mulheres que lutam contra o avanço da idade graças à sua vitalidade, sua vontade de empreender e de amar, seu interesse pela vida, pelos seres e pelas coisas.

– Voltando à nossa *nanny*, Susan...

– Susan Brooks, é isso?

– Isso mesmo. Bom, nós a tínhamos escolhido por ser uma inglesa e uma babá profissional... Confesso: a vontade de ostentar também pesou em nossa decisão. Naquela época... Enfim, eu e meu marido evoluímos bastante. Mas ela era perfeita. Eu... não quero falar mal das estudantes, das garotas que cuidam de crianças ou de bebês em troca de alojamento e alimentação... Mas, às vezes, isso não é realmente sua prioridade. Elas são gentis, fazem o melhor que podem, mas... Uma babá profissional dedica-se inteiramente às crianças.

– Então ficaram bastante satisfeitos com seus serviços?

– Sim, e tristes quando ela nos anunciou que estava voltando para seu país... Ela era noiva – aliás, ele devia ter zerado suas economias...

– Por quê?

– Tinha dado a ela um solitário, incrível! – esclareceu Elaine com um sorriso.

– E isso foi em que época?

Uma dúvida encobriu o olhar inteligente da Sra. Simmons:

– Por que quer saber tantas coisas a respeito de Susan?

Mike Bard esperava essa pergunta. Respondeu sem hesitar:

– Achamos que a Srta. Brooks pode ter visto alguma coisa, justamente porque era profissional, portanto, sempre alerta. Ford... operou muito no parque aonde ela levava seus filhos. Se um cara olhou demais para as meninas que estavam lá, há chances de que ela tenha percebido, mesmo que, na hora, não tenha dado importância.

Seu argumento tranquilizou Elaine Simmons, que aprovou:

– Entendo, e você tem razão. Susan tinha um senso de organização e de detalhe... Digamos que, por vezes, até excessivo.

– Não duvido!

– A seu favor, devo dizer que meus filhos eram horrivelmente turbulentos. Viviam concorrendo para ver quem inventava a molecagem mais inovadora. Fora isso, não tinham nada de malvados. Sabe como é, três meninos com um ano de diferença...

– Sim, os meninos – sorriu Mike/Thomas.

– Sua brincadeira preferida consistia, obviamente, em aterrorizar as meninas... Se soubesse o número de queixas de mães que recebi... – Uma sombra muito triste passou em seu rosto. Ela acrescentou: – Meu mais velho, Georges, que tinha dez anos na época, se apaixonou loucamente por uma pequena Crystal. Ele a cobria de presentinhos e bombons, assediara-a até que ela promettesse casar com ele. Sua mãe me telefonou, não muito satisfeita. Eu a compreendo, a menina estava desesperada. Não tinha a mínima vontade de casar com Georges.

– Crystal Reichs, é isso?

Ela balançou a cabeça afirmativamente e ele percebeu que estava lutando contra as lágrimas.

– Uma das pequenas vítimas de Ford.

Ela balançou novamente a cabeça.

Levou sua xícara aos lábios e Mike lhe concedeu alguns instantes de silêncio. Sem sequer ter tomado um gole, ela colocou a xícara de volta na mesa de ônix e respirou fundo antes de admitir:

– Sabe, nunca conversamos direito sobre isso, eu e Ron, meu marido, e olha que somos ambos bastante tagarelas, o que explica em parte a longevidade de nosso casamento... Sempre temos coisas a nos dizer... No entanto, acho que, embora... esse horror não nos tenha tocado diretamente, graças a Deus, ele nos afetou de maneira discreta mas profunda. Naquela época, estávamos na corrida pela grana, sem ter muita consciência. Sempre atrás de mais. O objetivo era ter sucesso, conseguir os contratos mais lucrativos. Eu era advogada comercial.

– Sei. Agora defende associações, é isso?

– Sim, de proteção ambiental, de consumidores, locatários, desassistidos, esse tipo de coisa. Ganho cinco vezes menos, mas faço o que gosto e posso me orgulhar do que faço. O fato é que... eu e Ron nunca evocamos nossos sentimentos sobre esse caso... Acho que um não queria assustar o outro. Quando houve o processo, a remição, quando ficou evidente que aquele degenerado do Ford “operava” sobretudo no parque aonde iam nossos filhos, tive uma súbita consciência das coisas... Percebi de repente que um dos meus filhos podia... você entende. Ron seguiu um caminho similar, por sua vez. Sem conversar sobre isso, chegamos ambos à mesma conclusão: nossa família é a coisa mais importante do mundo. Posso lhe garantir que não me arrependo da mudança que ocorreu. Ron também não, aliás. Nossos filhos são maravilhosos e deixaram de ser turbulentos; formamos um dos casais mais harmoniosos que conheço. Somos felizes e vivemos sem luxo, mas confortavelmente, e contentes com aquilo que fazemos.

Mike sentiu que ela dizia a verdade. Uma tristeza difusa o invadiu. Ele perdera a chance daquela vida magnífica.

Ela riu de repente e se desculpou:

– Estou chateando o senhor. Eu disse, sou tagarela. Posso discursar para um júri por duas horas a fio sem parar para respirar – brincou. – Nossas historinhas não o interessam.

– Engana-se: tudo o que é humano me fascina, e se for uma história feliz, melhor ainda.

– Oh... que bela resposta.

Ele ficou grato a ela por seu verdadeiro prazer e pensou que Ron tinha sorte, e devia saber disso. Porém, precisava romper o encanto:

– Volto à minha questão, se permite. Quando a Srta. Brooks anunciou que pretendia voltar para a Inglaterra. Entenda: tudo o que puder me dizer que permita localizá-la para pedir seu testemunho me ajudará. Se ela realmente voltou para a Inglaterra, se casou e mudou de nome, vai ser bem mais complicado.

– Entendo. Espere, deixe-me pensar... Faz tanto tempo...

– Vamos usar Ford como referência para identificar o momento – propôs Mike. – Foi logo depois de ele ser preso?

– Não, mais tarde. Disso tenho certeza, porque ela ficou tão horrorizada quanto eu quando soube que ele recrutava suas pequenas vítimas no parque em que os meninos brincavam. Não, foi bem depois do escândalo desses crimes hediondos. Lembro porque pensei egoisticamente que, agora que ele estava atrás das grades, os meninos estariam em segurança. Foi mesmo depois de termos ficado sabendo da notícia horrivelmente chocante de sua remissão. Susan ficou escandalizada, como todos os moradores do bairro. Só se falava nisso. Deve ter sido um ano depois.

– Vocês mantiveram contato com a Srta. Brooks...

– Não. Aliás, isso nos surpreendeu. Separamo-nos em excelentes termos, ela me informou um endereço inglês onde poderia encontrá-la. Estranhando não ter recebido nenhuma notícia depois de vários meses, escrevi para ela. A carta voltou com a mensagem “Desconhecido no endereço informado”. Devo conseguir encontrar, se...

– Não, não precisa se dar ao trabalho – dissuadiu-a Mike, certo de que o endereço era falso. – Outros detalhes? É muito importante, qualquer coisinha.

Refletindo, Elaine Simmons terminou seu café.

– Nada importante. Na verdade, era uma moça cheia de segredos. Tentei fazê-la falar um pouco de seu noivo, sabe, no

estilo conversa de moças... Ela me contou apenas que ele era gentil. Nem sei se era realmente inglês. Deduzi isso do fato de que ela queria voltar para a Inglaterra... – Franziu as sobrancelhas, procurando as palavras: – Bem... Atenção, não tenho a mínima certeza do que vou lhe dizer, trata-se de uma impressão, só isso. Acho que ela jogava.

– A dinheiro?

– Isso. Insisto, não tenho certeza do que estou afirmando. Havia períodos em que ela parecia cheia de dinheiro. Maria, a senhora que cuidava das compras e da limpeza da casa, e que era curiosa como uma gata, me contava a cada vez, cheia de maldade, que a Srta. Brooks “tinha comprado mais uma roupa, e das caras”, esse tipo de coisa. Em compensação, em algumas semanas ela me pedia o pagamento já na quinta-feira.

– Ela podia ter uma outra fonte de renda, confidencial e irregular – sugeriu Mike/Thomas.

– Cheguei a pensar nisso, apesar de o contrato de trabalho que assinara com a gente ser bastante claro a esse respeito. Fui eu que o redigi e coloquei nele toda a paranoia de uma mãe. Cuidar de três meninos é mais do que um trabalho em tempo integral, e pode acreditar que ela ganhava bem. Cada vez que tinha férias, ia para Las Vegas. Ou conhecia alguém lá, ou eram os cassinos que a atraíam.

– Como sabe disso?

– Porque ela usava o computador da casa para fazer contato com a agência de viagens para reservar as passagens e os hotéis. Não vi nenhum problema em que fizesse isso. Sempre políciei... hã, perdão... vigiei o uso do computador pelos meninos. Bom, naquela época, Georges estava apenas começando a se divertir com a informática, mas mesmo assim. Foi dessa forma que acabei topando com os e-mails de Susan.

– Outros correspondentes, além da agência?

– Não, pelo menos não que eu tenha visto.

Um homem muito alto, um pouco descabelado, entrou na sala, dizendo:

– Peço desculpas, fico realmente sem jeito... um imprevisto de última hora, clássico...

Elaine se lançou para ele, de braços abertos, exclamando, feliz:

– Ron!

Ele a apertou contra si, colocou o queixo sobre sua cabeça e fechou os olhos.

Mike se levantou, ao mesmo tempo comovido e perturbado. Sim, ele perdera a chance de uma vida como aquela, mas aquilo estava agora longe demais para que pudesse mudar o que quer que fosse.

Eles se cumprimentaram, e Mike logo foi embora. Elaine lhe contara tudo o que sabia. Deixou o feliz casal, esforçando-se para dissipar sua tristeza, suas decepções, seus erros. Não se podia desfazer o que estava feito. Inútil sofrer com aquilo. Silver poderia dizer algo do tipo.

Chegando na avenida sombreada, Mike ligou para o irmão, Thomas, de seu celular seguro. Relatou o que tinha descoberto. Seu irmão mais velho comentou, em tom irritado:

– Se ela estiver na Inglaterra, vai ser uma trabalhadora.

– Não sei bem o motivo, mas duvido. Teelaney lhe explicou por que está interessado nessa moça?

– Não, e eu é que não ia lhe perguntar, embora esteja na cara que tem a ver com o caso Ford. Ele queria apenas saber sua identidade e obter informações sobre seu passado com os Simmons. Como meus outros clientes riquíssimos, ele me paga generosamente por respostas, não por perguntas.

– Mas foi Debra Kaplan que falou dela para ele?

– Ele não formulou dessa maneira. Disse: “A Sra. Kaplan parece ter se lembrado de...”. Nada indicava que ele a tivesse encontrado.

– Tem alguma coisa errada nessa história. Não sei o quê. O que faço agora, Thomas?

– Acha que a pista do jogo, de Las Vegas, é quente?

– Em todo caso, é a única que temos. Vou segui-la, a menos que ela tenha mudado de nome.

– Vamos, maninho superagente do FBI! – zombou gentilmente Thomas. – Ela é inglesa, não se esqueça. Se é residente permanente e trabalha aqui, deve ter um *green card*, bem mais

difícil de falsificar do que uma carteira de motorista. E, afinal, por que teria mudado de nome?

– Não sei... depois do escândalo Rick Ford. Talvez ela tenha visto alguma coisa, tenha ficado com medo, tenha ficado quieta e não quisesse ser encontrada.

– Ford foi morto. Mesmo que ela tenha tido medo na época dos acontecimentos, faz dez anos que o caso está fechado.

– Sim, tem razão – admitiu Mike. – Não sei... Tem alguma coisa vaga; no que disse ou não disse, Elaine Simmons que fez soar meu alarme interior. Você tem como pesquisar na Inglaterra? Isso foge completamente da minha alçada.

– Digamos que tenho alguns falsos amigos que me devem favores.

– Tente descobrir tudo que puder sobre essa Susan Brooks. E me passe o número de Debra Kaplan. Quero saber se Teelaney a visitou e o que ela contou para ele.

A voz de seu irmão mais velho lhe chegou, fria, muito firme:

– Mike... Nem pense em me indispor com meus clientes. Não cabe a mim julgá-los. Quando trabalha para mim, deixa de ser um agente do FBI. Eu o ajudo, mas exijo sua discrição, não esqueça. Nesse momento, deve fidelidade a Teelaney, que o paga para me dar uma mão, permitindo-lhe fazer o máximo por Simon, da mesma maneira que meus outros clientes. Sua meta não é pegá-lo, nem mesmo saber o que ele tem na cabeça. Se não consegue mais separar as coisas, me avise e paramos por aqui.

– Ok, não se preocupe. Garanto. Só queria saber.

– Conto com você, Mike. Não me decepcione. Vou transmitir as informações a Teelaney.

Debra Kaplan atendeu depois de alguns toques. Mike estava constrangido. Detestava intervenções espontâneas. Acreditava que uma operação tinha chance de dar certo quando tinha sido pensada, mas não tinha tempo.

– Senhora Kaplan, sou o agente Mike Bard do FBI, Quantico.

– ...

– Senhora Kaplan?

– Estou escutando, senhor. E se dissesse que era o presidente do Estados Unidos, eu também deveria acreditar?

– Escute, se tiver um computador, entro num cibercafé, escaneio minha insígnia e a envio para a senhora.

– Não se esqueça de mandar junto a foto do Garfield. Milhares de falsas insígnias do FBI circulam por aí. Os noticiários sempre nos alertam contra isso.

– Ok, eu lhe dou o número da base de Quantico. Eles lhe confirmarão que existe um agente chamado Mike Bard.

– Oh, acredito nisso. Mas quem me garante que ele é você? Vou desligar, senhor... tenho que ir trabalhar...

– Senhora Kaplan! – quase gritou Bard. – É muito importante. Um homem foi vê-la ou lhe telefonou a respeito de... Barbara, sua filhinha... A senhora lhe falou de uma família Simmons... Acabo de sair da casa dos Simmons... em Washington. Posso lhe dar o número de telefone deles, o que lhe permitirá verificar que o agente especial Bard do FBI acaba de sair do apartamento deles.

– Não.

– Não quer verificar?

– Não é isso. Não, um homem não me visitou. Aliás, não vejo quase ninguém, além dos clientes do restaurante onde trabalho. Preciso ir para lá. Desculpe-me, estou atrasada.

A ligação foi interrompida.

*Paris,
França, agosto de 2008*

Com um sorriso radiante nos lábios e uma leve bolsa de viagem de couro preto sobre o ombro, Rupert Teelaney, terceiro da família, desceu os degraus metálicos da passarela de seu Learjet particular. Gostava daqueles dias de incerteza, quando se deixava levar pelas circunstâncias. Como seria aquele? Passaria a noite na capital francesa? Provavelmente.

Respirou o ar saturado de vapores de querosene da pista periférica de Roissy, zombando de si mesmo: não, aquele ainda não era o ar da França, era apenas o ar, poluído, de um aeroporto entre outros.

Um carro alugado, com motorista, o esperava. Instalou-se no banco de trás, trocando algumas palavras alegres com o chofer. Este o avisou:

– Imagino que esteja acostumado. As formalidades de desembarque são muito simples e rápidas no caso de aviões particulares quando os agentes alfandegários conhecem bem os proprietários. De acordo com o itinerário que me informaram, devo conduzi-lo até o centro de Paris, perto da praça do Odéon e esperar sua chamada para ir buscá-lo, é isso?

– Isso mesmo.

– Se me permite, senhor, fala muito bem nossa língua. Mal se percebe o sotaque.

– É gentil de sua parte, obrigado. É uma língua muito bonita. Difícil, no entanto. Principalmente o gênero dos objetos: *uma* cadeira, *uma* faca.

Rupert controlou o riso. Estranho, pronunciara aquelas duas palavras sem pensar e, como por acaso, escolhera a cadeira e a faca, seus dois principais “instrumentos”.

O carro andou lentamente até o posto de segurança. Quando Nathan saiu para se dirigir a um dos homens de uniforme, uma tempestade de adrenalina invadiu suas veias. Embriagante. Eles deviam ter recebido sua foto tirada pela câmera de segurança da mansão de Neuilly. Por certo, a extrema ondulação de seus cabelos, que os tornava mais curtos, e o gentil olhar de míope por trás dos óculos modificavam radicalmente sua aparência.

– Ah, senhor Teelaney! Como vai?

Rupert não reconheceu o homem, mas fingiu o contrário.

– Bem, muito bem, obrigado. E o senhor?

– Vamos indo. Então, um pequeno passeio de compras em Paris?

– Não se pode esconder nada do senhor. Vou visitar meu sapateiro preferido. Nada pior do que dor nos pés.

– Fora uma dor de dente – aprovou o agente alfandegário.

– Tem razão! – confirmou Rupert rindo.

O homem devolveu seu passaporte e se despediu. Nathan voltou para o carro assobiando.

Flanou pelas ruazinhas que partiam da praça do Odéon, comprando algumas bugigangas. Instalou-se no terraço de um restaurante italiano e almoçou, sem pressa, uma salada de pimentões em conserva seguida de uma pizza vegetariana, lançando frequentes olhares para uma das portas do restaurante. Pagou a conta e pediu mais um café, que pagou na hora. Finalmente, a pessoa que esperava apareceu. Rupert tinha apostado nas férias e no fato de que ele não sairia de Paris. Victor Heurtel. Rupert cantou vitória cedo demais, pensando que o garoto estava sozinho. Sara Heurtel saiu por sua vez do prédio e lançou um olhar nervoso à sua volta antes de se juntar ao filho com passadas largas. Rupert voltou a se sentar diante de seu café com um suspiro de frustração.

Pena, pensou. Fica para a próxima. Pensando no olhar com que Sara Heurtel varrera a rua e a calçada, uma ideia desagradável atravessou a mente do americano. Aquele *profiler* francês de que Diane lhe falara, aquele tal de Yves Guéguen, teria semeado a dúvida e o medo no espírito de Sara? Se fosse assim, ela estaria alerta e não deixaria o filho sozinho nem por um segundo. Por

certo, ela não teria como lutar contra Nathan, nem física nem intelectualmente, apesar de sua inteligência. Civilizada demais. O respeito às leis e à moral dominante embotara sua percepção da realidade. Todavia, o fato é que aquilo dificultaria as coisas para ele.

Decididamente, aquele Guéguen o irritava.

Em um mau humor que seu passeio forçado, e agora sem finalidade, por Paris, não ajudara a melhorar, Rupert tomou novamente o caminho para Roissy ao cair da tarde. A equipe de voo fora avisada algumas horas antes, cada um tendo que deixar seu quarto de hotel às pressas. Se alguns tinham lamentado não poder passar a noite na capital francesa, ninguém teria, no entanto, o mau gosto e a falta de bom senso de manifestar isso.

Rupert foi, portanto, recebido pela aeromoça de sorriso radiante na passarela de seu Learjet:

– Teve um bom dia, senhor?

– Já tive melhores, mas Paris é Paris.

Esparramou-se numa das poltronas de couro fulvo e observou pela janelinha a pista que ia escurecendo.

Diane o teria admoestado por sua impaciência. Saber se controlar, esperar a oportunidade ideal, refrear sua impulsividade, tais eram as qualidades essenciais de um bom caçador.

Assim, aceitou com amabilidade o coquetel de frutas que a aeromoça lhe ofereceu.

A voz do capitão soou no alto-falante:

– Senhor Teelaney, a decolagem está prevista para daqui a dezessete minutos. O céu está limpo, pouco turbulento. O voo até o aeroporto de Logan promete ser agradável.

Rupert consultou seu celular: uma mensagem de Thomas Bard o aguardava.

“Senhor Teelaney, espero que esteja bem. Faço uso de seu celular seguro. Acabo de ficar sabendo coisas espantosas sobre Susan Brooks, a famosa *nanny* inglesa. Ela foi quase acusada, dezessete anos atrás, após a morte de uma menininha de quatro anos, Elizabeth Barclay. Isso se deu nos arredores de Londres. Segundo a Srta. Brooks, aproveitando que ela estava ocupada na

cozinha, a menininha teria escapado à sua vigilância e caído na piscina. Os pais, bastante ricos, acusaram-na de homicídio culposo. Segundo a mãe, a menina já teria se queixado da *nanny*, queixa que os Barclay não tinham levado a sério. O caso acabou sendo julgado improcedente. Deseja que eu me aproxime dos pais da menina, ou essas informações lhe bastam? aguardo suas instruções. Até breve, senhor Teelaney.”

Rupert desligou o aparelho, pensativo.

Diane, espantosa Diane, cuja perspicácia ia permitir que dois casos fossem ligados, com dezessete anos de intervalo. Rupert estava certo de que Susan Brooks matara, dolosamente, a pequena Barclay.

Sim, decididamente, justiça logo seria feita a tantas pequenas almas. Ergueu seu copo de suco de fruta numa muda homenagem.

*Boston,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Já acostumado com a extrema pontualidade de seu riquíssimo e encantador cliente, Rupert Teelaney, o advogado Charles Devernois-Klyne chegou dez bons minutos adiantado ao bar do *Four Seasons*, perto do *Institute of Contemporary Art* na Boylston Street, um dos hotéis mais luxuosos da cidade. O segundo homem, aquele que devia encontrar naquele dia, importava pouco. Tratava-se de um dos inúmeros empregados do império Teelaney. No entanto, Charles lhe daria mostras de consideração: afinal, se Rupert tentava garantir sua fidelidade através de um contrato de trabalho específico, é porque devia ter importância a seus olhos e, portanto, também aos do advogado. Como digno associado de um excelente escritório bostoniano, as prioridades de seus ricos clientes eram também as do doutor Devernois-Klyne.

Um mês antes, com sua costumeira gentileza, Rupert pedira a Charles que redigisse o contrato de trabalho de um certo Frédéric Baumier, cidadão francês. O contrato padrão não convinha a seu projeto. Baumier estava encarregado da criação e da direção de uma pequena fundação de pesquisa e desenvolvimento ecológico, uma das paixões de Rupert. Se Devernois-Klyne ficara surpreso pelas condições mais do que vantajosas concedidas por Rupert, chegando até a lhe fazer essa observação, a resposta pragmática do herdeiro Teelaney o tranquilizara. Afinal, Rupert já dera muitas provas de seu faro e herdara de seu pai e de seu avô o talento de ganhar dinheiro. Muito. Ele rira:

– Ah, Charles, homem de pouca fé! Continua achando que a ecologia é uma brincadeira para quem não sabe mais o que fazer com seu dinheiro, não é? Pois está enganado, meu amigo. Todos teremos que aderir, mesmo que obrigados e forçados. Isso bastará para salvar nossa espécie? Não tenho muita certeza, mas quem

sabe? Seja como for, há muito dinheiro a ganhar, além de uma obra necessária a realizar. Dito isso, e como em todas as áreas, é preciso tomar posição logo e investir judiciosamente. É o que sempre fiz.

– Tenho que admitir que seus deslumbrantes resultados lhe dão razão – sorriera Devernois-Klyne. – Confesso: sou muito avarento com o dinheiro de meus clientes.

– É para isso que o pago. Para me proteger, até de mim mesmo – brincara Teelaney.

Frédéric Baumier, engenheiro brilhantíssimo, que não encontrara na França oportunidades à altura de seus talentos, colocaria toda a sua imaginação e suas competências – principalmente em matéria de bombas de calor e de geotermia – exclusivamente a serviço de Teelaney, em troca de um salário mais do que generoso, bônus anuais, sociedade e uma lista de vantagens de dar inveja a qualquer executivo do mais alto nível: um apartamento de quatro quartos num bairro residencial de Boston, um pequeno carro de serviço – nada de grandes cilindradas por causa da emissão de CO2 –, uma babá para o bebê do casal Baumier, uma vaga reservada na melhor creche da cidade e até mesmo no futuro jardim de infância. Sem esquecer um plano de saúde de luxo para os três membros da família, acesso ilimitado aos quartos permanentemente reservados em hotéis do mundo inteiro, destinados aos superexecutivos de Teelaney, etc. Em troca, Baumier assinava com o próprio sangue as cláusulas de exclusividade e de confidencialidade sobre tudo o que dizia respeito aos interesses Teelaney. Caso a vontade de tagarelar se apossasse do engenheiro, Rupert se reservava o direito de arruiná-lo de maneira irreparável. No entanto, tratava-se de um excelente acordo para o francês, julgara Charles Devernois-Klyne.

O olhar do advogado varreu o enxame de mesas e profundas poltronas de couro escuro, protegidas por biombos cobertos de plantas altas que saíam de grandes vasos e preservavam os clientes de qualquer indiscrição. Uma decoração perfeita, sutil associação entre um classicismo tranquilizador e uma elegante modernidade.

Com um gesto discreto chamou um garçom que passava, carregando uma bandeja sobre a qual cintilavam altos copos em

cristal talhado, e murmurou sua pergunta para não perturbar a calma cheia de classe do lugar. Com um sorriso, o jovem designou uma mesa afastada com um movimento do queixo.

Ostentando uma expressão afável, Charles Devernois-Klyne dirigiu-se sem pressa a Frédéric Baumier, já instalado. Concedeu a si mesmo alguns instantes para estudá-lo. O engenheiro francês moreno, alto e magro, devia ter trinta e poucos anos. Parecia nervoso, o que Charles podia compreender. Não é todo dia que se negocia com um dos cinquenta homens mais ricos do planeta, e ele ia assinar um dos contratos mais importantes de sua vida. Não ousara pedir nada. Mantinha os dedos cruzados sobre a mesa de jacarandá, decerto porque tremiam. Charles se irritou um pouco consigo mesmo por fazer um julgamento tão pouco caridoso.

Vendo-o se aproximar da mesa, Baumier se levantou, inseguro. Charles estendeu-lhe a mão com um grande sorriso:

– Frédéric Baumier? Charles Devernois-Klyne, um dos advogados que representam os Teelaney.

– Bom dia, doutor...

Charles se defendeu contra a espécie de emoção que sentia: o sujeito estava aterrorizado diante da ideia de cometer alguma gafe, de não estar à altura. Aquilo era tocante. Lançou um olhar a seu luxuoso relógio ultrafino e comentou:

– Rupert vai chegar a qualquer instante. Ele é de uma pontualidade régia. Se for para falar mal dele, é agora, temos que aproveitar...

Viu o desespero tomar o olhar cor de avelã que o encarava e esclareceu:

– Estou brincando. Aliás, mesmo procurando bem, não há nada de negativo a dizer sobre Rupert, verá com o passar do tempo. É o sujeito mais encantador, mais decente, mais modesto e mais brilhante que conheço. Além disso, tem belas paixões, como a ecologia.

A paixão: a implacável superioridade de Rupert aos olhos de Charles, que perdera todas as suas. Além de todo aquele dinheiro, evidentemente.

– Sim, sim... Ele fala francês muito bem, sabia? – aprovou o engenheiro com vivacidade.

– E o espanhol e o alemão, e também o sânscrito...

Charles se deu conta de que estava tentando deixar o outro mais à vontade. Como se a benevolência de Rupert o contagiasse.

– Eu me viro razoavelmente em inglês, principalmente técnico, mas tenho muito que melhorar. Aliás, minha mulher também. Vamos nos inscrever num curso para adultos.

– É uma excelente ideia. Sabe, não pense que os americanos se recusam a falar línguas estrangeiras porque se acham o sal da terra. Poderia se surpreender. A maior parte de nós, pelo menos da nossa geração, é capaz de se virar em francês ou espanhol. Fingimos o contrário por timidez, por medo de parecermos ridículos com nosso indefectível sotaque.

Baumier deixou escapar um curto suspiro. Estava relaxando. Por pouco tempo. A chegada de Rupert o fez levantar como uma mola.

– Não pode ser, estou atrasado, droga! – lançou o herdeiro rindo.

Charles, que também se levantara, o desmentiu:

– Não, está quatro minutos adiantado, Rupert.

– Ufa, que alívio. Bom, pedimos primeiro e a seguir conversamos?

Sem aguardar confirmação, chamou um garçom que logo se dirigiu à mesa e murmurou:

– Senhor Teelaney, é sempre um prazer tê-lo conosco. Seu coquetel de suco de frutas?

– Sou um homem de hábitos arraigados – aquiesceu Rupert, afável. – Quanto a esses senhores, não sei... – prosseguiu, virando-se para Frédéric, petrificado, ainda de pé.

– Ah... um coquetel de frutas parece ótimo...

– Ah não, eu vou querer um Macallan. Tenho um dia cheio, preciso de um pequeno tônico – anunciou Charles.

Todos se sentaram. Seus pedidos foram postos na mesa assim como um prato de palatinhos folheados de gergelim.

– Charles – lançou Rupert depois de um gole. – Vamos lá, abra fogo, é você que está com os dados na mão...

– Antes de mais nada, Rupert, peço-lhe desculpas, mas não posso me demorar mais do que uma hora na companhia de vocês...

Lamento. Uma reunião incontornável no escritório.

Estava mentindo. Na véspera, Rupert lhe telefonara. Embrulhando sua exigência na costumeira cortesia, explicara:

– Charles, não fique chateado comigo. No entanto, preciso falar de negócios com Baumier. Portanto, se os aspectos contratuais forem resolvidos em uma hora e você puder nos deixar a sós para discutirmos outras questões, ser-lhe-ei muito grato.

Charles compreendera a ordem disfarçada de pedido. A admiração que sentia pelo herdeiro provinha também daquilo: a educação perfeita de Rupert lhe permitia impor sua vontade dando às pessoas a sensação de que eram livres e lhe faziam um favor. Uma atitude conhecida como a “verdadeira classe”. Devernois-Klyne via desfilarem, em seu escritório, tantas pessoas vulgares, que pensavam que carros luxuosos e joias de preços exorbitantes podiam compensar sua absoluta falta de maneiras e de elegância intelectual... Estavam errados, a vulgaridade é tenaz.

– Sem problema, Rupert – respondera Charles. – Confesso que isso me alivia. Os parafusos e as porcas de uma bomba de calor são um verdadeiro enigma da esfinge para mim.

– Compreendo, Charles. Bom, acho que em uma hora conseguimos assinar, não? Já tivemos tempo de sobra para ler, reler e fazer as correções necessárias no contrato...

– Com certeza – aprovou Frédéric Baumier em tom nervoso.

Rupert dirigiu-lhe um dos seus adoráveis sorrisos, perguntando-lhe:

– Está satisfeito com tudo, Frédéric?

– Certamente, senhor Teelaney.

– Rupert, por favor. As cláusulas de confidencialidade de seu contrato são ferozes, você teve razão em sublinhar isso, mas essa sempre foi a estratégia Teelaney, desde o começo. Além disso, elas são amplamente compensadas pelo resto, não? Entenda, Frédéric, quando lhe falo de uma coisa, mesmo se, *a priori*, ela não parece ter uma relação direta com os negócios, quero que essa coisa permaneça entre nós. Somos, sempre fomos, uma família muito discreta. Quero que essa situação perdure.

– Compreendi bem isso, senhor Tee... hã... Rupert. Minha mulher, Anne... que está radiante com essa oportunidade, sempre se irrita com todas essas pessoas... ricas ou célebres que se expõem, às vezes de maneira bastante escandalosa.

– Uma mulher inteligente. Teremos que jantar juntos um dia desses. Ela trabalha com empresas éticas, não é? Isso é ótimo.

Lisonjeado por saber que aquele homem se informara sobre sua esposa e aprovava sua ocupação, Baumier se sentiu corar de prazer.

– De fato. No entanto, concordamos que seria preferível para o bebê – Naomie, ela tem seis meses – que minha mulher interrompesse temporariamente suas atividades para cuidar de nossa filha.

– Excelente ideia – comentou Rupert, com sinceridade. – As crianças crescem tão rápido. E são tão frágeis... É preciso lhes dar o máximo de chances, de força, desde o começo. É claro, são necessários meios para tanto, e muitas mulheres não dispõem deles. Muitas outras temem, com razão, que isso assinale o fim de suas carreiras. O mundo é tão injusto. Os homens têm tendência a esquecer que os filhos também são deles. Quando sua esposa decidir que está na hora de retomar uma atividade profissional, não deixe de falar comigo.

Baumier estava conquistado. Pelo contrato, naturalmente, mas também por aquele homem tão poderoso, tão rico, mas tão sensível à escuta. Assinou embaixo de Rupert.

Charles Devernois-Klyne estendeu um exemplar a Baumier e guardou o outro em sua pasta, levantando-se.

– Rupert, se não precisa mais de mim... Ainda terei tempo de engolir um sanduíche...

– Vá, Charles. E obrigado por tudo.

Teelaney chamou um garçom que substituiu seus copos vazios. Baumier limpou a garganta e hesitou, pisando em ovos:

– Não quis abordar essa questão diante do doutor Devernois-Klyne. Não sabia até que ponto ele estava a par...

– Fez bem, Frédéric. Vamos nos entender muito bem. A discrição é uma das virtudes que mais aprecio. O apartamento do 15o

arrondissement?

– O compromisso já foi assinado. Pela senhora... sua antiga amiga, se entendi bem...

– Hum... Fique bem claro que lhe reembolsarei a diferença entre o preço efetivo de venda e a avaliação, bem mais alta, feita pela agência. – Rupert suspirou e fingiu confessar: – Todos fazemos besteiras, Frédéric. Somos humanos, portanto, falíveis. O importante é corrigirmos nossos erros. Como lhe expliquei quando chegou, essa senhora e eu tivemos... digamos, um relacionamento. Não me portei de maneira perfeita quando de nossa ruptura, que não foi... simples. Naturalmente, ela me detesta. Naturalmente, não quer me ver nem pintado de ouro. Naturalmente, recusaria qualquer ajuda de minha parte. Ora, ela não tem muito dinheiro e cria sozinha o filho. Eu queria me redimir. A meus próprios olhos, é fundamental...

– E muito honroso – aprovou Frédéric, que realmente pensava assim.

– Obrigado. Daí a ideia de ajudá-la de maneira confidencial, para não dizer dissimulada, a comprar seu apartamento. Era uma oportunidade perfeita porque você também queria vendê-lo. É claro que se ficar sabendo desse... ardil, ela vai preferir morar embaixo da ponte a aceitar um favor meu.

– Ela não ficará sabendo de nada por mim, nem pelo agente imobiliário, um amigo de Anne que está muito contente em realizar duas belas vendas rápidas. Posso lhe garantir.

– Então, perfeito! – exclamou Rupert. – Convido-o para almoçar ou está com pressa?

– Com prazer, senhor Tee... Rupert. Tenho já algumas ideias sobre as quais gostaria de conversar com o senhor.

– Fantástico! – extasiou-se Teelaney. – Sabia que estava fazendo um bom investimento convencendo-o a vir se instalar nos Estados Unidos. Aviso, sou vegetariano e não bebo nem fumo. Mas pode comer carne e pedir um bom vinho, isso não me incomoda nem um pouco. Minha melhor amiga é louca por uísque – por vinho também –, fuma como uma chaminé e saliva só de pensar em um bife mal passado... Mesmo assim, consigo fazê-la comer alguns legumes!

Baumier, porque se sentia finalmente mais relaxado, porque estava certo de ter agarrado a chance de sua vida e de ter penetrado num mundo vertiginoso e fascinante de cuja existência mal suspeitava dois meses antes, permitiu-se uma risadinha cúmplice.

– Estou morrendo de fome! – exclamou o herdeiro.

– Também estou com um buraco no estômago. As emoções, não é...

– Ah, as emoções... os melhores momentos de uma vida. Mas convém canalizá-las.

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Diane seguiu lentamente o Volvo cinza que se dirigia ao estacionamento do Jefferson Building. Um sorriso involuntário se estampou em seu rosto: Erika Lu era tão matinal quanto ela. Em compensação, parecia respeitar muito mais os códigos de trânsito, ligando a seta escrupulosamente antes de virar, embora não ultrapassasse a velocidade máxima de 30 km/h permitida naquela parte da base. Não que se corresse grande risco em caso de excesso moderado, a não ser o de levar uma bronca de um dos oficiais encarregados da segurança, que sempre concluía sua advertência com um “da próxima vez, terei que registrar, ok?”, ao que Diane respondia: “Prometo, isso não se repetirá, oficial”.

A legista estacionou com uma exatidão maníaca, perfeitamente equidistante das duas faixas brancas que delimitavam sua vaga. Diane se enfiou na sua com bem menos aplicação.

Quando desceu do carro, Erika a esperava, com uma velha pasta de couro, surrada pelos anos de uso, aos seus pés. Ela exclamou:

– Diane, como vai? Estava mesmo pensando em lhe fazer uma visitinha. Recebi os resultados do meu bom confrade Dr. Symes bastante tarde ontem e disse a mim mesma que aquilo podia esperar até hoje de manhã.

– Symes? – repetiu Diane, lutando contra os vestígios da camisa de força química que lhe permitira dormir algumas horas.

– O antropólogo médico-legal. Uma fera na sua área.

– Erika, podemos ir até meu escritório. Preciso de uma dose cavalgar de cafeína.

– Não prefere tomar um excelente chá no meu? Tenho um chá verde que é uma maravilha.

A careta de Diane foi instantânea.

– É excelente para a saúde, sabia? – insistiu Erika.

– Por isso mesmo – retorquiu a psiquiatra, meio a sério, meio brincando.

– Bom, não vou insistir.

A legista recusara firmemente a oferta de uma bebida da máquina. Diane se servira dois cafés de um marrom dissuasivo.

Percorreram o corredor até o escritório de Diane e se instalaram silenciosa e amigavelmente.

Por estimar a outra mulher, a *profiler* se absteve de acender um cigarro. Erika pegou uma pasta de cartolina em sua bolsa e a colocou sobre os joelhos, parecendo esperar o sinal verde de Diane.

– E então, os resultados de seu bom confrade?

– Vou poupá-la da quantidade de métodos que ele utilizou para avaliar a idade das mulheres, todas caucasianas.

– Era previsível. A esmagadora maioria dos *serial killers* caça em sua própria etnia.

– Symes fez um excelente trabalho. Cruzando a determinação da idade a partir da extremidade esternal da quarta costela, com o método de Masset, o estudo das suturas palatinas, da sínfise pubiana e muitas outras coisas, chega-se a aproximações muito acuradas que deverão facilitar a triagem no arquivo de pessoas desaparecidas. Sobretudo, se delimitarmos a zona geográfica de acordo com suas recomendações. Vou deixar a pasta com você. Os seis esqueletos enterrados tinham entre 22 e 45 anos. Compreenda que se trata de estimativas e de idade óssea. Em outros termos: pode haver flutuações em relação à idade civil.

– E a primeira vítima – pelo menos na minha opinião?

– Era a mais velha. Cerca de quarenta e cinco anos.

Diane balançou a cabeça e hesitou antes de prosseguir:

– Erika... Sempre me faço a mesma pergunta diante de desaparecimentos. Nunca cheguei a uma resposta definitiva.

– Qual? Embora a psicologia não seja minha área.

– O que é realmente preferível para as pessoas que amavam a vítima? A incerteza – portanto, a esperança – de que a pessoa desaparecida ressurgirá um dia, ou a certeza de sua morte e, assim, a possibilidade de fazer seu luto.

Erika deu um sorriso triste:

– Oh, isso é um terrível enigma a que não responderei. Só posso dizer o que seria preferível no meu caso: saber. No entanto, sua pergunta vai mais longe. Quando as pesquisas no arquivo de desaparecidos tiverem sido apuradas ao máximo, será preciso passar a uma confirmação das hipóteses pelo DNA isso se encontrarmos membros das famílias interessadas. Não é impossível que nos enganemos de desaparecida. Submeteremos, portanto, uma família a testes que talvez se revelem inúteis para a identificação da vítima, mas que correm o risco de causar ainda mais sofrimento.

– Algum meio para evitar isso?

– Nenhum. Precisamos encontrar os nomes dessas mulheres. Detestaria que terminassem na vala comum, com um simples número de identificação. Isso significaria admitir a vitória completa dos assassinos, que eles conseguiram... dissolvê-las inteiramente, mesmo para além da morte – concluiu a legista.

Diane observou, com um tom de quase lástima:

– Temos mais pontos em comum do que eu imaginava.

– Parece que essa constatação lhe pesa – sorriu Erika. – Por quê?

– “Pesar” não é o termo exato. Surpreender seria mais próximo da realidade. Tenho cada vez mais a sensação de ser uma extraterrestre. No entanto, essa solidão, esse isolamento, não me incomoda. E se combinássemos uma data para nosso jantar de moças em Fredericksburg?

– Uau... Estava certa de que você fingiria ter esquecido. Afora isso, não é a única extraterrestre no Jefferson. Resta determinar se viemos ambas do mesmo planeta – brincou a legista.

– Amanhã à noite, pode ser?

– Perfeito. Com a eterna ressalva de...

– Que não lhe tragam às dezoito horas três cadáveres para fazer autópsia?

– Exato. Bom, volto para meu antro. Ah, Diane... obrigada por não ter fumado. Preciso, mas não teria me incomodado.

– Então por que aprecia?

– Porque o tabagismo é, em você, além de um vício poderoso, uma forma de descortesia calculada. Fico feliz que esta última não

me seja destinada!

*Paris,
França, agosto de 2008*

Yves Guéguen terminou sua cerveja no gargalo e fechou seu *notebook*. Hesitava entre a cólera e o alarme. A seus pés, Silver, a buldogue, lambia com aplicação a mesma pata havia meia hora. Guéguen se abaixou e passou suavemente a mão sob o queixo pegajoso de baba da cadela, explicando:

– Sabe o que o titio veterinário disse? A lambeção compulsiva da pata é o cigarro do cachorro. Se alguém precisa de um ansiolítico aqui, esse alguém sou eu. Aliás, estou por aqui com uma tabagista de além-Atlântico, tabagista que está começando a me enervar pra valer.

A cadela o contemplou com seus grandes olhos redondos e suspirou de contentamento, agitando o toco de cauda.

Guéguen se ergueu e afundou no encosto de sua poltrona, exasperado.

Três dias. Fazia três dias e quatro noites que enviara um e-mail para Diane, sem obter resposta. Pior: recebera o aviso de que ela tomara conhecimento da mensagem, coisa que ela podia ter evitado. Ela o fazia saber, assim, que não queria se explicar.

Calculando o fuso horário, pensou em ligar para a base de Quantico, mas desistiu. Não era uma boa estratégia com Diane. Ela reagiria com mutismo ou agressividade àquilo que consideraria uma intimação. Uma mensagem eletrônica lhe daria tempo de se encolerizar e depois se acalmar.

Diane,

Uma dúvida mais do que preocupante me invadiu porque não engoli sua explicação. Conhecendo-a um pouco, não acredito nem por um segundo que tenha decidido relegar a investigação sobre Nathan Hunter a segundo plano. Ainda mais que, com um cérebro como o seu, pode-se conduzir

várias frentes de ataque. Então, vou lhe perguntar sem desvio: você cometeu a idiotice de dar tempo a esse psicopata? O que quer? Que ele continue mais um pouco sua limpeza? Está errada, Diane. Um psicopata, e trata-se de um, permanece um psicopata.
Foi você que me ensinou isso.
Por favor, converse comigo. Sabe como gosto de você e todo o bem que lhe quero.

Beijos,
Yves.

Por um segundo, o cursor do mouse sobrevoou a tecla de envio. Yves clicou com brutalidade. Lançou um olhar para o relógio: quase 17 horas, o momento de sua ligação cotidiana para Sara Heurtel. Ele pedia notícias, fazendo a cada tarde as mesmas perguntas: ela reparara em alguém? Alguma coisa estranha tinha acontecido? Na verdade, tratava-se sobretudo de uma desculpa para ouvir sua voz, já que sabia que ela ligaria para ele ao menor sinal de alerta. No fundo, queria que se acostumasse com ele, aproximando-se sem pressa, sem lhe impor sua presença física.

Ela atendeu imediatamente:

– Boa tarde, senhor Guéguen.

Ele tentara em vão convencê-la a chamá-lo por seu nome.

– Boa tarde, Sara, parece ofegante.

– Ah, as caixas, que trabalhadeira. Eu e Victor passamos o dia enchendo-as e etiquetando-as.

– Nada de novo?

– Sabe, descii apenas para comprar pão, deixando Victor sozinho no *front* da arrumação. Espero não ser indiscreta, mas... Tem notícias da doutora Silver?

– Acabo de lhe enviar um e-mail – tergiversou Yves. – Ela está atolada até o pescoço num caso de assassinatos múltiplos, muito complicado.

– Mas... imagino que ela não tenha abandonado a investigação para localizar Nathan Hunter, já que parece estar certo de que ele está de volta ao território americano.

– É claro que não. Esse tipo de busca pode levar muito tempo, como sabe.

– Imagino. Quero que ele seja preso. É preciso que reconheça sua culpa, que pague com todo o conhecimento de causa. Bem... acredito no poder da redenção... Estranho, da parte de uma cientista, não?

– Redenção? É sem dúvida uma das raras características gloriosas de nossa espécie, esteja ou não ligada a uma conotação religiosa. No entanto, Diane retorquiria que a redenção, o desejo por ela, exige duas componentes: a noção de erro cometido para com o outro e a vergonha, o remorso a ela ligado. Ora, para esses caras, o outro não existe, portanto, não há culpa. Eles seguem os próprios desejos. É a única coisa que conta a seus olhos. O outro é apenas o objeto que lhes permite saciar seu desejo. Em suma, a redenção diz respeito unicamente aos criminosos que permaneceram seres humanos. E Diane acrescentaria que não nascemos humanos. Tornamo-nos humanos e nos esforçamos por permanecer humanos. Sara, deve tirar da cabeça que...

Um grito, de Victor, ressoou no fundo:

– Mamãe, rápido, vai cair!

– Ops, desculpe, senhor Guéguen. Vou desligar. A pilha de livros vai cair na cabeça dele!

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Com o telefone pré-pago grudado no ouvido, Diane escutava Nathan, a única pessoa que tinha o número daquele aparelho.

– Susan Brooks matou a pequena Barclay, não acha? – perguntou Nathan.

– Eu apostaria meu próximo salário que foi ela que a afogou. Tenho certeza de que a menina devia ser encantadora.

– Posso providenciar uma foto, se desejar.

– Inútil. O ódio que sinto por essa maníaca já está no auge. Então, ela veio trabalhar nos Estados Unidos para se perder na multidão, voltar a ser virgem, de certa forma...

Fez uma pausa.

– Em que está pensando, Diane?

– Duvido que ela tenha cessado por muito tempo depois da morte de Ford.

– Acha que ela pode ter recomeçado a matar meninas, sozinha?

– Sim. Afortunadamente, não se encontra um Ford em cada esquina. Ela deve ter se lançado a vítimas muito mais novas, muito vulneráveis, à imagem da pequena Elizabeth Barclay. Nunca saberemos, pois seria preciso retrazar sua vida ao longo dos dez últimos anos e isso não pode ser feito de maneira discreta.

– Acha que ela deve ter mudado de nome?

– Não creio. Essa mulher é dotada de um sangue frio excepcional. Ela não fugiu depois da prisão de Ford. Ora, ela deve ter temido que ele a denunciasses.

– Ela acreditou talvez que ele se calaria por... afeição?

– Vamos, Nathan! Sabemos já que ela era tão psicopata quanto ele. Os psicopatas não amam. Associam-se ao sabor de seus interesses pessoais. Ela permaneceu com os Simmons. Boa jogada, por duas razões: uma partida precipitada poderia ter despertado a

curiosidade da polícia e, além disso, assim que Ford foi solto, eles puderam recomeçar seus divertimentos. Prova disso: Barbara Kaplan, que foi raptada no parque após a remição.

– Em seu lugar, eu teria ficado de sobreaviso, por medo de que a polícia mantivesse uma vigilância mais atenta.

– Eles se acalmaram. Durante pouco menos de seis meses. Além disso, estou certa de que Ford fez o raciocínio inverso.

– A polícia e os magistrados não tinham conseguido detê-lo, portanto ele era o mais forte.

– Bravo, Nathan. Para voltar a Brooks: nenhuma suspeita jamais recaiu sobre ela. Quando partiu, após a morte de Ford, não tinha qualquer razão para mudar de nome, ainda mais que os Simmons estavam contentes com seus serviços. Na minha opinião, devem até ter redigido uma excelente carta de recomendação destinada a convencer futuros empregadores. Com o nome dela, portanto, assim como seu *green card* de residente permanente. Ela deve ter lamentado a perda de seu parceiro de jogo. Sem ele, voltava a ser incapaz de atacar garotas mais velhas.

– Vamos localizá-la o mais rápido possível. Entro em contato assim que tiver alguma informação importante. Cuide-se, Diane.

Nathan desligou e abriu na tela gigante de sua sala de trabalho o e-mail que acabava de chegar em sua caixa de mensagens, copiado, numa fração de segundo, por seu sistema de “hackeamento”, antes de chegar ao legítimo destinatário: Diane Silver. Com os punhos no quadril, aproximou-se da tela, leu e releu, os lábios apertados de raiva:

Diane,

Uma dúvida mais do que preocupante me invadiu porque não engoli sua explicação. [...] Então, vou lhe perguntar sem desvio: você cometeu a idiotice de dar tempo a esse psicopata? [...] Está errada, Diane. Um psicopata, e trata-se de um, permanece um psicopata. Foi você que me ensinou isso.

Por favor, converse comigo. Sabe como gosto de você e todo o bem que lhe quero.

Beijos,

Yves.

Ele não era um psicopata e já estava cheio daquele policial francês.

Seu mau humor logo se dissipou. Uma onda de agradecimento o invadiu. Diane o protegia, mesmo daquele *profiler* que ela formara, decerto um dos únicos seres de que se sentia próxima. Antes. Agora, só tinha confiança nele, Nathan. Estavam sós, mas unidos, tão poderosos um com o outro.

Diane enfiou o celular confidencial em sua mochila. Servindo-se da linha interna da base, digitou o número da assistente de Pliskin, uma moça muito agradável que devia lamentar o dia em que fora posta a serviço de Bob, o fuinha.

– Margaret? Diane Silver. Como vai?

– Bem, bem – respondeu a outra em tom desanimado.

– Gostaria de fazer uma pequena síntese de nossos últimos avanços para Bob. Nada demais, mas...

– Ele não está na base nem hoje nem amanhã. No entanto, posso pedir para ele ligar para você.

– Não precisa, Margaret. Isso pode esperar.

Diane se despediu, satisfeita. A assistente acabava de confirmar o que Gary lhe dissera pouco antes. Ela podia, portanto, organizar sua pequena reunião, sem Pliskin na sua cola.

Mike Bard e Gary Mannschatz deviam vir a seu escritório pouco depois do almoço. Ela recusara o convite de Mannschatz de conversarem na lanchonete, em volta de suas bandejas, argumentando que precisava pensar. Na verdade, fazia questão de evitar qualquer contato mais privado com Mike Bard.

Espalhou à sua frente as listas de acontecimentos, os detalhes relatados por Valerie Miltner e sua tia, por Ann Wood, a antiga amiga de Alice McKern, a mais jovem das duas mulheres encontradas nas jaulas, pelo ex-marido e pelo irmão de Christina Genovese, lista de que participara também uma de suas colegas na escola religiosa em que Christina lecionava inglês, uma tal de Sally Deward.

Centenas de elementos disparatados, desde a gastrite de Billy, o yorkshire de Cassandra Miltner, as crises de choro de Christina

Genovese em plena sala de aula, as inúmeras tentativas de ligações, todas infrutíferas, de Alice McKern a seu ex-amante e patrão, depois de ele a ter mandado embora.

Encontrar os pontos comuns: tarefa árdua. Nas duas horas que se seguiram, seu olhar passou de uma lista a outra, caçando as eventuais semelhanças, eliminando com um grande risco a lápis as divergências gritantes. A lista de Valerie e de sua tia era interminável. Diane podia imaginá-las, debruçadas por horas diante de sua folha, reavivando suas mais ínfimas lembranças, um meio para Valerie de se redimir um pouco da culpa que jamais tivera. Em primeira análise, Diane decidiu deixar de lado tudo o que dizia respeito ao cachorro Billy, já que as duas outras vítimas nunca tinham possuído um animal de estimação. As cinco páginas escritas em letra apertada se reduziram a três, prova de que o *york* de fato tivera uma importância considerável na vida de Cassandra. A *profiler* acendeu um cigarro de exasperação. Ela estabelecera uma nomenclatura muito pertinente, a seu ver, para cada um de seus cigarros. Os da recompensa e da celebração ainda demorariam para vir!

Os riscos se sucederam. Diane pensou por vezes que talvez estivesse se precipitando um pouco demais em seus julgamentos. No pior dos casos, apagaria os riscos. Afastou a seguir tudo o que dizia respeito à destruição psicológica das três mulheres, as diferentes terapias que tinham seguido. As três vítimas não moravam no mesmo lugar nem consultavam o mesmo médico. Além disso, Valerie e Ann, a amiga de Alice, tinham mencionado dois nomes diferentes. Diane se obstinou, sobrecarregando as folhas de riscos a lápis. Todas as patéticas tentativas de Christina para reconquistar seu marido – mudança de penteado e de guarda-roupa, regime para emagrecer, ingresso numa academia – desapareceram sob o lápis. Christina não tinha nenhuma chance: sua rival era mais nova e, sobretudo, carregava o filho em seu ventre. Seu olhar voltou pela vigésima vez a duas linhas escritas numa letra fina e regular: “Cheguei a me perguntar se ela não teve um caso, bastante breve. Talvez eu tenha interpretado mal os fatos.

Ela não era desse tipo, mas estava desesperada”. Sem dúvida a colega de Christina Genovese, Sally Deward.

Quando Gary e Mike entraram em seu escritório, dirigiu-lhes apenas um breve olhar, antes de voltar a mergulhar em suas listas, anunciando:

– Não estou muito satisfeita comigo mesma e a ajuda de vocês será bem-vinda. Passei uma boa parte da manhã riscando tudo o que podia nas listas que me trouxeram, em busca de uma ligação entre as três mulheres. Não encontrei muita coisa. Não frequentavam as mesmas lojas, nem os mesmos médicos, nada muito conclusivo. A não ser talvez uma intervenção cirúrgica em dois dos casos, mas não na mesma clínica. Cassandra, por um cisto no ovário. Sua filha especifica que ela já sofrera uma intervenção para o mesmo problema cinco anos antes...

– Quem cuidou do cachorro na última vez? – perguntou Mike.

– A tia, a irmã de Cassandra. Mas entra-se no hospital de manhã e se sai à tarde, salvo complicações.

– E Alice McKern, qual foi a cirurgia?

– Extração completa dos sisos.

– Nada da parte da professora de inglês, Christina Genovese? – insistiu Mannschatz.

– Não, a menos que tenham esquecido. É a lista mais breve e mais vaga. Tive a impressão de que o ex e o irmão não se preocuparam muito com ela depois da ruptura. De qualquer forma, temos que chamar o quanto antes essa mulher, Sally Deward, a colega. Ela evoca um eventual caso de Christina. – Diane suspirou antes de prosseguir: – Voltamos sempre às histórias de “amor”, mas não temos muita outra coisa... Quem de vocês entrou em contato com ela?

– Foi Mike.

– Faça as honras então, Mike – propôs ela apontando o telefone.

Ele preferiu pegar seu celular, explicando:

– Tenho seu número na agenda. Alô... – Explicou aos dois outros:

– Estamos sem sorte, caixa de mensagens. Senhora Deward, agente especial Mike Bard, FBI. Estamos estudando a lista para a

qual você contribuiu e temos uma pergunta a lhe fazer. É muito urgente. Por favor, ligue assim que puder.

Terminou deixando seu número.

– O que lhes proponho enquanto isso é que critiquem meus rabiscos e anotações. Talvez tenha me enganado – retomou Diane.

Estendeu-lhes as duas coleções de fotocópias.

– As listas virgens e as que rasurei. Enquanto fundem seus cérebros vou buscar um café. Alguém está interessado?

Duas balançadas negativas de cabeça foram a resposta.

Mike Bard se levantara e conversava no telefone quando ela chegou. Fez um pequeno gesto com a mão acompanhado de uma careta para avisar que seu interlocutor não estava contente.

– Eu... claro... perfeito... tem...

Aproveitando decerto que a pessoa estava retomando fôlego, Mike falou:

– Senhora Deward, estou na companhia do agente especial Mannschatz e da Dra. Diane Silver, a *profiler* encarregada desse caso.... Não, não, espere... Permite que eu coloque o aparelho em viva-voz? Obrigado. Poderia repetir para eles o que acaba de me dizer... Agradeço-lhe.

Mike colocou o telefone sobre a escrivaninha de Diane, dizendo:

– Estamos prontos, senhora Deward.

Imediatamente uma voz aguda e bastante irritada invadiu a sala:

– Acredita? Depois que lhe entreguei a lista com meus acréscimos, o ex-marido me telefonou para fazer uma cena e exigir que eu tirasse a menção a um possível caso de Christina. Recusei na hora. Vocês tinham pedido para eu colocar tudo, tudo!

– Fez muito bem.

– E que audácia! Deixou-a de repente por uma mulher mais jovem que ele engravidou e ainda queria ficar bravinho por ela ter tido um caso DEPOIS de sua separação! Não é o cúmulo? Oh, eu o mandei procurar sua turma, garanto para vocês, e o aconselhei veementemente a não mudar o que quer que fosse no que eu tinha escrito. Cheguei a ameaçá-lo, insistindo no fato de que aquilo seria uma espécie de falso testemunho. Não sei se é mesmo, mas fez ele calar o bico. Não, mas que babaca! Se soubessem o estado em que

ela ficou! Houve um momento em que temi que ela fizesse uma grande besteira. – A voz de Sally Deward se quebrou. Ela praticamente murmurou: – De qualquer modo, isso não mudou muita coisa.

De fato, pensou Diane: ela acabou mesmo suicidando, por causa de um homem, não o mesmo, e sem dúvida após várias outras dores.

– Senhora Deward, aqui é a Dra. Silver. Você reagiu da maneira certa e está sendo de grande ajuda para nós. Qualquer detalhe sobre esse eventual namoro pode se revelar de importância primordial.

Um silêncio se seguiu à sua fala. Diane prosseguiu em tom suave:

– Senhora Deward, compreendo sua hesitação e ela só faz honrá-la. No entanto, não está traindo a memória de uma amiga. Pelo contrário, está contribuindo para a prisão de seus assassinos, que mataram pelo menos outras sete mulheres.

– Tem razão. Pois bem, mais uma vez, não tenho certeza de nada. Digamos que acho que ela teve um caso com um professor substituto de nosso estabelecimento. Um tal de Arthur Copray. Ele substituiu Nicole, uma professora de matemática, por algumas semanas durante sua licença maternidade... Tive... a sensação de uma... como dizer... súbita cumplicidade entre os dois. Ele tinha pelo menos dez anos menos do que Christina. De repente, ela não tinha mais tempo livre para nossas saidinhas. Na verdade, estava tentando distraí-la. Sou divorciada... há muito tempo.

– E o que aconteceu quando Nicole voltou para seu posto?

– Copray, naturalmente, deixou a escola. Não tive a impressão de que aquilo mudasse muito as coisas, pelo menos no começo. Christina parecia melhor, continuava pouco disponível, e acho que eles continuavam a se ver.

– No começo?

– Oh, logo senti que estava voltando a mergulhar na depressão. Ela tentava dar o troco, mas seu coração não parecia estar de acordo.

– Por que acha que ela nunca lhe contou nada?

– Sabe, doutora... Trata-se de uma instituição católica bastante rígida. Um divórcio já não era bem visto, o que dizer de um caso com um homem mais novo...

– Entendo. Como era esse Arthur Copray?

Fez-se um curto silêncio; em seguida:

– Vai achar que sou ferina...

– De modo algum. Não se é ferino por ser objetivo – tranquilizou-a Diane.

– Confesso que ele era bonito, muito bonito, um moreno alto de olhos escuros, cabelos um pouco longos, ondulados. Em suma, o tipo que faz suspirar as mocinhas do ensino médio. Muito jovial, sempre uma brincadeirinha na ponta da língua. Cordial, prestativo...

– Até aí o retrato parece bastante lisonjeiro – observou Diane.

– Demais. Um sedutor, e conhece a regra com esse tipo de homem... Assim que seduzem... perdem todo o interesse.

Pelo tom da voz, Diane sentiu que se tratava de um comentário muito pessoal. Retorquiu amigavelmente:

– Ah, as mulheres gostam tanto dos sedutores.

– Oh, concordo que temos nossa parcela de culpa. Mas Christina estava particularmente fragilizada. Foi uma conquista fácil.

– E o que aconteceu após aquilo que você supôs ser uma ruptura?

– Pois bem, primeiro acreditei que ela estava se recuperando relativamente bem. Então... não sei o que houve... Foi muito pouco tempo antes...

A voz se quebrou, e a Sra. Deward continuou, entrecortando as palavras.

– Antes... de seu desaparecimento.

Os dois policiais tinham se aproximado do telefone colocado sobre a escrivaninha de Diane. Ela própria tinha se esticado.

– Poderia ser mais precisa? É muito importante.

– Eu... eu não sei direito. Tentei mil vezes juntar todos os pedaços, encontrar uma explicação...

– Você pode nos dar os pedaços – propôs Bard com gentileza.

– Pois bem... Isso não faz sentido, aviso logo de cara. Portanto, depois da ruptura, e de um grande choque, Christina parecia estar se recuperando. Um pouco. Recomeçamos a ir juntas ao cinema, a

um restaurantezinho no fim de semana, esse tipo de coisa. Isso também me ajudava a espairecer. Fora meu velho gato, também sou bastante solitária. Tínhamos até evocado a possibilidade de fazer uma viagem de férias juntas. Pelo menos é mais divertido do que sozinha.

– De fato – interveio Mike.

Policial experiente, sabia que nunca se deve apertar uma testemunha. Para ganhar alguns segundos, às vezes perdem-se meses. Deve-se dar à memória tempo para se espalhar pelos caminhos que a deixam segura.

– Isso me incomoda porque tenho medo de induzi-los a um erro com episódios sem verdadeira ligação com a história. Sou professora de ciências, física e química. Gosto dos fatos.

– Não se preocupe, senhora Deward – ajudou-a Diane. – Estamos... preparados para reter apenas o que nos interessa. Prossiga, por favor.

– Um dia, estávamos combinando de nos encontrar no dia seguinte, um sábado, para ir ver um filme. Ela mencionou que não podia antes das 16 horas porque devia fazer uns exames.

– Exames?

– Sim, tipo colesterol, diabetes, não sei bem, não perguntei os detalhes. Fomos ao cinema, não lembro que filme assistimos, depois jantamos uma grande salada no centro comercial e nos separamos. Recordo que achei que ela estava de humor quase leve pela primeira vez depois de um bom tempo. Christina era uma pessoa gentil e alegre. Quer dizer, antes de levar aquele gigantesco fora do marido. Nunca faria mal a uma mosca.

“Infelizmente para ela”, pensou Diane, perguntando:

– Senhora Deward? Por que acha que se lembra com tanta precisão, depois de meses, da observação que Christina fez a respeito de seus exames e do que fizeram naquele sábado?

– Porque... foi alguns dias depois que tudo se desenrolou, e não aconteceu mais nada de marcante, pelo menos até onde sei. Ora, naquele momento, tínhamos nos tornado verdadeiramente amigas, e ela começava a falar mais sobre si mesma, embora nunca tenha mencionado sua ligação com o professor substituto. Em

compensação, falava-me de seu ex-marido, da vida deles, do fato de que ele nunca a censurara por ser estéril. Pelo contrário, sempre a consolava, mas não queria ouvir falar de adoção. Ele dissera: “Deus não quis que tivéssemos filhos, é assim, só isso”. Cada vez que penso em Christina, o que é frequente, lembro-me desse sábado, não sei por quê.

– Tudo se desenvolveu em que sentido?

– Foi pior do que no momento em que seu marido a deixou. Ela estava num estado de nervos terrível, se desfazia em lágrimas até dentro da sala de aula. Pensei primeiro que se tratasse de uma... recaída com Arthur, mas não podia ser. Tínhamos passado quase todos os nossos momentos livres juntas. Quando ela poderia tê-lo encontrado? Foi então que ela obteve uma licença-saúde. Ela nunca se ausentara antes.

– O que a senhora fez?

Telefonei, telefonei, sem sucesso, então juntei coragem e passei na casa dela. Tive que insistir um bocado para que ela abrisse. Estava desfigurada pelas lágrimas, num estado anormal, como se tivesse abusado de sedativos. Não consegui tirar nada dela, aliás, sequer me convidou para entrar. Praticamente me pôs para fora, dizendo que não estava se sentindo bem. Uma gripe, inventou. Cinco dias depois... ela tinha... desaparecido.

– Lamento muito, senhora Deward, de verdade.

– Doutora Silver, acha que isso pode lhe ser útil?

Diane percebeu a súplica que havia por trás da pergunta. Sally Deward estava desesperada para poder ajudar uma amiga morta. Com uma sinceridade que surpreendeu os dois policiais, respondeu:

– De uma maneira que a senhora nem imagina. Ainda não posso lhe dizer nada, mas os fios começam a se juntar. Senhora Deward, se não se opuser, vou pedir seu número ao agente Bard e me permitirei telefonar se tiver uma dúvida ou para mantê-la informada, pode ser?

– Certamente, não hesite em fazê-lo! – Concluiu com uma voz que sucumbia aos soluços: – Era uma mulher muito boa, sabe. Uma bela pessoa.

– Eu sei.

– Vão pegá-los, não é mesmo?

– Oh, sim! Pegá-lo. Um deles já está morto, e já foi tarde.

Diane não fez nada para romper o silêncio que se instalou após ter se despedido da professora de ciências.

– Os fios começam a se juntar? Disse isso só para lhe dar esperanças, não foi?

– Pare com isso, Mike, não sou uma mulher gentil, ainda que a senhora Deward tenha sido bastante comvente. Não se fazem análises para diabetes e taxa de colesterol às 16 horas. Talvez um exame de sangue, algo que não precise ser feito em jejum.

– Uma sorologia! – quase gritou Mannschatz.

– Bravo. Sally acertou. Christina provavelmente transou com Arthur Copray. Provavelmente, sem nenhuma precaução. Tratava-se de uma mulher estritamente monogâmica cujo marido tinha acabado de engravidar e desposar outra. O plano seguro. Quando ele a deixou, compreendendo que seu “namorado” era um sedutor que colecionava casos, ela ficou com medo. Fez um teste...

– E soube que estava com AIDS. Daí seu pânico dos últimos dias – definiu Mike. – Merda, quando se está na mira do azar...

– Oh, é mais complicado do que isso – declarou Diane, acendendo um cigarro. – E não se trata de uma questão de sorte ou azar. Simplesmente, estamos diante de um notável planejamento.

– Alice e Cassandra sofreram intervenções cirúrgicas – recordou Gary.

– Em clínicas que procedem a um teste sorológico sistemático. A razão é simples: proteger os pacientes não portadores de doenças e o pessoal médico. Proteger também os portadores de outras patologias. São estabelecidos quatro grupos: os não-portadores, os portadores de AIDS, os de hepatite, principalmente B, e os azarados que pegaram as duas. Cada grupo é operado em momentos diferentes. Isso reduz consideravelmente o risco de contaminação sem que seja preciso realizar uma esterilização drástica, e muitas vezes prejudicial a certos materiais muito delicados, sobretudo eletrônicos, entre cada paciente. Isso é especificado no termo de quinze páginas em letras minúsculas que

assinamos sem nunca ler. Cada paciente pode solicitar os resultados de seus testes sorológicos, mas tem o direito de não vê-los.

– Portanto, Alice e Cassandra teriam solicitado seus resultados? A primeira ficou sabendo que seu belo amante intelectual, além de se livrar dela como de um sapato velho, esquecera de lhe dizer que tinha AIDS? Mas... e Cassandra? Não era do tipo que sairia fazendo sexo por aí logo depois da morte do marido que adorava – reCapítulou Mannschatz.

– Oh, não! O belo intelectual não era portador, garanto-lhe. E, quanto a Cassandra, ela não estava contaminada, nem tampouco seu marido, que ela deve ter acreditado estar na origem de sua contaminação. Christina também era soronegativa. Em suma... Esses caras adoram o que fazem. Os assassinos, quero dizer. Não vão arriscar sua pele. Têm vontade de continuar por muito tempo. Em outros termos, nunca teriam estuprado sem preservativo – a ponto de engravidarem uma – mulheres que poderiam lhes transmitir uma doença. E é aí que os fios se juntam.

– Elas pensavam que estavam doentes ou que portavam doenças gravíssimas, mas não estavam. Alguém as convenceu disso – resumiu Gary.

– Por isso ficaram desesperadas, em pânico, ou seja, presas ainda mais fáceis do que após suas catástrofes sentimentais – acrescentou Mike. – Quando se tem a impressão de que tudo desabou sobre sua cabeça.

– É isso, senhores. Compreenderam tudo – aprovou Diane, com um sorriso. – E aposto que o homem que as fez engolir essa terrível fábula foi o mesmo que lhes... propôs alguma coisa, não sei bem o que, capaz de tranquilizá-las um pouco, de neutralizar sua desconfiança. É desse lado que temos que procurar.

– Em outros termos, o cara devia ter legitimidade, aos olhos delas, para lhes anunciar falsos resultados que talvez nem tivessem solicitado – observou Gary.

– Isso mesmo. Um médico, um enfermeiro, um capelão... Alguém que poderia ter tido acesso a seus dossiês médicos. Esse cara deve ter como passear em três lugares: as duas clínicas e o laboratório de análises a que Christina recorreu. Um bioquímico?

– Vamos atrás dessa pista – anunciou Mike, levantando-se. – Dessa vez o pegamos!

– Nunca venda a pele do urso antes de tê-lo crivado de balas. Estou brincando, é claro – acrescentou ela em tom cruel. – Gosto muito dos ursos.

*Weymouth e Holbrook,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Não eram nem nove horas quando Mike Bard e Gary Mannschatz pararam seu carro alugado no estacionamento de visitantes da clínica Payne & Young, situada em Weymouth, uma cidade mediana, não longe de Abington, onde Cassandra Miltner morava. O estabelecimento gozara outrora de uma prestigiosa reputação, mas parecia um tanto decadente. Ao menos fora o que lhes dissera o recepcionista do hotelzinho em que os dois agentes tinham passado a noite anterior. O bom homem se entediava pra valer a partir das nove da noite, já que a maior parte dos hóspedes era composta de famílias tranquilas que não descolavam da televisão depois da janta. O interesse dos dois superpoliciais o lisonjeara e ele teria contado toda a sua vida de bom grado, mas Gary soubera canalizar com tato suas confidências. Os dois agentes do FBI tinham ficado sabendo, assim, da história da clínica. Na origem do estabelecimento se encontrava um tal de Nelson Young, um cirurgião ortopedista genial que, no entanto, ao que tudo indicava, não tinha tino para negócios. Quando ele morreu, cerca de dez anos antes, seu filho, Philip Young, ginecologista obstetra, também ele excelente cirurgião, também ele péssimo negociante, fora massacrado pelas dívidas astronômicas contraídas para garantir a excelência dos cuidados dispensados no estabelecimento criado por seu pai. Um providencial príncipe de cavalo branco, detentor de grandes capitais a investir, aparecera: Gilbert Payne. Payne não tinha nada a ver com a medicina e não estava preocupado com os pacientes: poderia muito bem ter investido numa cadeia de lavanderias ou de lanchonetes. Em compensação, seu interesse por grandes dividendos logo se fizera sentir. A pureza dos cavaleiros das finanças sendo proverbial, Payne tinha literalmente desempossado Philip Young que, a crer no recepcionista do hotel, não tinha mais

do que um nome reconhecido na região, tendo se tornado um mero assalariado da clínica. O bom homenzarrão concluíra, com ar de pretensão e lástima:

– Oh, eu digo que o nível baixou brutalmente. Antes, teria me internado ali de olhos fechados, mas agora, pensaria mais do que duas vezes. Ouvem-se histórias, sabem.

– De que tipo? – incentivara Mike, cordial.

– Bom, não posso afirmar nada, porque são boatos, e sempre tem gente que aumenta, mas ainda assim... Uma vez, a gente desconfia, duas, a gente se surpreende; ao final de quatro ou cinco, a gente começa a pensar que não há fumaça sem fogo!

– É verdade – aprovava Gary em tom de conivência, buscando tranquilizar a involuntária testemunha.

– Concorda, não?

– E que boatos são esses? – insistira Gary.

– Bom, teve um jovem... nem trinta anos, um bombeiro, atlético, excelentes condições físicas... Parece que entrou ali com uma apendicite e nunca mais saiu. Destruído por uma septicemia.

– Que merda! – comentara Mike, num tom que encorajara o recepcionista, confirmando a importância do que dizia.

– É o que eu digo! Parece que esqueceram uma compressa na barriga dele. A coisa infeccionou, o cara morreu.

– E não houve investigação? – surpreendeu-se Gary.

– Sim. A ala de operações foi até fechada por uma semana. Uma confusão só. Todas as operações previstas tiveram que ser desmarcadas. Porém, pelo que me contaram, Payne teria pago uma bela soma à família do cara. Como compensação. A história parou por ali. Depois houve outras histórias – acrescentou o recepcionista em tom conspiratório, dando uma olhada prudente a seu redor.

– De que tipo?

– Parece que Payne contrata médicos que acabam de obter seu diploma. Uma senhora me contou que até a pretensa técnica encarregada da radiologia é, na verdade, uma auxiliar sem nenhuma especialização. Certamente custa mais barato. Esse Payne faz qualquer negócio. No tempo dos Young, pai e filho, nunca

se veriam coisas assim. É por isso que repito que mesmo um calo no pé eu hesitaria em tratar ali!

Mannschatz e Bard examinaram os arredores. Quatro elegantes pavilhões, de tamanho médio, rodeavam o prédio principal de três andares. O reboco cinza pálido e luminoso devia ter sido refeito recentemente, dando ao conjunto uma aparência opulenta e calorosa. Uma profusão de flores, de roseiras inglesas, um impressionante *dégradé* de rosas, das mais pálidas às mais brilhantes, arbustos de folhas vermelhas e verdes cresciam numa pujança tratada com um cuidado maníaco. Uma fonte *zen*, *assemblage* meticuloso de pedras redondas, cercada por um deque de grandes tábuas de castanheira marrom-acinzentadas, murmurava vinte metros antes dos degraus que levavam à recepção do prédio principal. Reinava um agradável silêncio, ritmado por discretos chilreios de pássaros que pareciam também ter recebido ordens de não perturbar a paz do local.

– À primeira vista, uma bela clínica – observou Mike.

– Sim, o *look*, o mais importante. Tudo está na embalagem. Minha mulher sempre diz: se apresentar bem duas margaridas e três ramos de eucalipto, pode parecer mais suntuoso do que um feixe de orquídeas raras mal embrulhadas. Por isso que ela é uma artista floral e não uma florista. Quero dizer, ela não se contenta em lhe entregar as flores num papel celofane com uma fitinha. Há pesquisa, pensamento artístico no que ela faz – insistiu novamente Mannschatz, transbordando de admiração por sua Kim. – Bom, vamos lá?

Uma recepcionista simpática, além do mais, muito bonita, pediu que aguardassem na sala de espera até que ela avisasse os patrões da chegada deles.

Instalaram-se nos fundos sofás de couro claro que rodeavam uma grande mesinha de inspiração asiática, cheia de revistas, decorada no centro com um vaso do qual irrompia um pujante buquê em tons de malva e azul. Gary o examinou com atenção a fim de poder descrevê-lo para Kim. Ele mal era capaz de distinguir uma rosa de uma tulipa – fonte permanente de irritação para sua esposa, que praguejava: “Puxa, você sabe tantas coisas complicadas! Por que

não consegue guardar alguns nomes de flores?”. No fundo, o que queria era que ela continuasse repetindo-os, naquele tom irritadinho de professora diante de um aluno recalcitrante. Mike contemplava distraidamente as fotos emolduradas penduradas na parede. Uma cascata caudalosa, metáfora da vida que jorra. Uma linda mulher nua segurando um bebê nos braços. Diplomáticamente, o fotógrafo dera um jeito de esconder os seios, as nádegas e a vulva, a fim de não chocar certos puritanos que glorificam a maternidade mas ficam horrorizados ao ver um corpo, matriz que os conduz à mulher. Uma urso dormindo de costas com seus dois bebês por cima dela. Um canteiro de junquinhos dobrando-se suavemente ao sabor da brisa. Belas fotos, convencionais, em total adequação com o ambiente.

– Senhores?

Bard e Mannschatz se viraram para o Dr. Philip Young. Ele tinha uma postura encurvada, à maneira de muitos homens altos que parecem constrangidos por seu tamanho. Magro demais, rosto cansado, parecia perdido em seu jaleco branco demasiado grande. Não devia ter mais de 40 anos, mas sua calvície galopante já esboçava uma tonsura.

Os dois agentes do FBI se apresentaram. O olhar muito azul do ginecologista os estudou. Gary pensou que ele tinha olhos de pássaro, quase redondos, com pálpebras sem cílios. Um olhar estranho, sem hostilidade mas sem cordialidade. Apenas intrigado.

– Conversaremos melhor em meu escritório – propôs o cirurgião em tom hesitante.

Mike e Gary o acompanharam. Atravessaram silenciosamente um longo corredor, sem encontrar viva alma, e entraram em uma salinha, bem na ponta, ao lado da saída de emergência.

O Dr. Young varreu o espaço mais do que exíguo com um gesto vago e anunciou:

– Sentem-se como puderem. Fica um pouco difícil colocar as duas cadeiras lado a lado.

Contornou sua pequena escrivaninha metálica e se deixou cair numa poltrona forrada de napa de um azul feioso. Mannschatz observou que o computador que ocupava quase toda a mesa devia

ter pelo menos dez anos. Mike lhe estendeu o mandado que desobrigava o doutor do segredo médico, explicando-lhe:

– Gostaríamos que nos falasse de uma de suas pacientes, Cassandra Miltner.

– Eu retomei seu dossiê depois que telefonaram. Operei-a duas vezes: em agosto de 2004 e em junho de 1999. Sempre o mesmo problema: cistos no ovário. Nada demasiado grave, a não ser que haja ruptura e hemorragia interna, mas doloroso, sem falar nos enjoos e enxaquecas que pode causar. Trata-se de algo relativamente frequente.

– E qual é a causa?

– Um desequilíbrio hormonal, na maioria dos casos. Aliás, depois de sua primeira cirurgia, eu lhe prescrevi progestativos que tinham resolvido o problema, mas com a morte e o marido e sua depressão... ela parou de tomá-los.

– Vocês praticam uma sorologia sistemática em seus pacientes, se não estou enganado – lançou Mannschatz.

O médico se tensionou e retorquiu:

– De fato, e eles são informados disso. Está explicitado no formulário de admissão. Essa prática, estipulada por meu pai, tem por finalidade proteger os pacientes e o pessoal médico. Não podemos correr o risco de infectar um sujeito saudável ou sobreinfectar um que já o tenha sido por uma doença potencialmente letal.

– Isso não é uma censura, doutor. Pessoalmente, considero esse procedimento totalmente legítimo. A sorologia da Sra. Miltner era normal?

– Totalmente. Negativa para a AIDS e as hepatites. É sobretudo a hepatite B que nos preocupa. Lembro bem porque operei a afilhada de minha mulher, um cisto ovariano também, na mesma manhã. Agrupamos as cirurgias por...

– Já nos explicaram isso – interveio Bard. – Quem fez a sorologia da Sra. Miltner?

– O laboratório com que trabalhamos.

– Quer dizer que as análises não são feitas na própria clínica? – insistiu Mannschatz.

O Dr. Philip Young hesitou. Suspirou e varreu de novo seu minúsculo escritório com um gesto.

– Terceirizamos tudo o que é possível: é menos caro, não exige pessoal especializado. – Enervou-se de repente: – Afora encharcar no xixi um pedaço de papel reativo que fica amarelo, azul ou vermelho, não fazemos mais nada aqui. Se tiver uma infecção às 19 horas, azar o seu! Terá que esperar que o laboratório de bacteriologia abra no dia seguinte para saber que bactéria está na origem de sua septicemia. Chama-se “redução de custos” – martelou Young.

– Gilbert Payne? – perguntou Bard.

– Gilbert Payne – confirmou Young. – E isso que não viram a ala de operações. O material todo data de dez anos. Ou seja, os investimentos, sem dúvida dispendiosos, mas necessários, de meu pai. Anestesiemos os pacientes numa pequena sala contígua para que não vejam o moquifo onde serão operados.

Young passou sua mão longa e magra sobre o rosto e murmurou, como para si mesmo:

– Não aguento mais. Fiquei porque era a obra de meu pai, uma bela obra, útil. Era uma clínica de alto nível antes de sua morte, sabem? Nossos equipamentos não ficavam a dever nada aos dos grandes hospitais. Ele ficaria louco de raiva e tristeza se visse no que ela se transformou. E tenho certeza de que não ficaria orgulhoso de mim. – Como se tivesse sido atacado, apontou o indicador para Gary e declarou em voz ameaçadora: – Somos uma família de médicos, há três gerações, senhor! Minha avó era parteira. Não digo que seja indiferente ao dinheiro, mas sempre trabalhamos por amor à medicina e aos doentes. Isto aqui, hoje, é uma merda! Porra, uma merda!

Dando-se conta de repente de que estava se expondo diante de estranhos, policiais ainda por cima, fez um esforço para se controlar.

– Desculpem-me. Faz meses que preciso dizer isso. Tiveram azar, saiu hoje.

– Por que não se demite e recomeça com um consultório? – sugeriu Gary gentilmente.

– A clínica vai fechar, com esse estúpido que só pensa no dinheiro.

– Talvez seja melhor fechar do que se tornar o que está se tornando e que, de certa forma, você legitima com seu nome e o de seu pai.

Philip Young o encarou com seus olhos sem cílios e admitiu após um silêncio:

– Acho que tem razão. É bom ouvir isso de alguém... de fora.

– Para voltar à sorologia da senhora Miltner – retomou Mike – ela pediu para ser informada?

– Não que eu saiba. Cassandra Miltner não fazia parte do “grupo de risco” – bom, pelo menos como ele é definido. Não sei nem se ela se deu conta de que fazíamos esse tipo de análises. Mas por que tantas questões sobre isso?

– Estamos atirando para todos os lados – tergiversou Gary.

O médico não se deixou enganar e sorriu:

– É o que chamo de uma não resposta.

– Qual é o laboratório que trabalha para vocês?

– Harp & Sawnsen, em Holbrook. É o nome dos dois bioquímicos que validam as análises. Provavelmente também são sócios do negócio, mas isso realmente não sei. Até hoje tive a impressão de que fazem um trabalho correto.

– O senhor os conhece?

– Nem de vista. Payne deve tê-los encontrado para negociar as tarifas mais baixas possíveis. Eu cruzo às vezes com seus técnicos no corredor, quando vêm coletar amostras biológicas...

Uma infinita tristeza passou por seu rosto cansado e sem vitalidade. Ele prosseguiu:

– Tornei-me um simples figurante. A não ser para aqueles que conheceram meu pai. E mesmo esses, acho que me censuram por não estar à altura de sua reputação... de não ter sido capaz de salvar sua obra. Não tive saída... Ele deixou uma montanha de dívidas. A clínica estava hipotecada até a última seringa.

Mike Bard pareceu um pouco afetado por toda aquela autoexposição, pela qual não esperava. Sabia por experiência própria, por causa do filho, Simon. Às vezes é mais fácil abrir o

coração diante de desconhecidos. Depois eles vão embora e nunca mais voltam. O momento de fraqueza desaparece com eles. Quanto a Gary Mannschatz, ele se proibia qualquer sentimentalidade. Aquele sujeito e seu fracasso não lhe diziam respeito. Além disso, era um médico, filho de médico; Gary já encontrara pessoas em situações bem piores, às quais concedia uma prudente compaixão. Principalmente àquelas mulheres que tinham terminado sepultadas num porão. No fundo, pensou que se parecia com Diane Silver: somente as verdadeiras vítimas, aquelas que não tinham tido nenhuma chance, nenhum meio de se defender, ainda o comoviam.

O Dr. Harp, codiretor do laboratório de análises Harp & Swanson, era um moreno baixinho, gordinho e simpático. Seu amplo escritório se parecia com ele: luminoso, as paredes pintadas de rosa bem pálido e decoradas com uma profusão de aquarelas representando barcos, cenas de praia. Estava instalado numa grande poltrona de couro preto que o fazia parecer ainda mais baixinho. Sabendo que os dois agentes do FBI investigavam o “ossário de Bel Vista”, aceitara recebê-los imediatamente, sem que Gary precisasse ameaçá-lo com um mandado. Marcando o ritmo com sua luxuosa caneta, ele explicou:

– Payne, ah Payne! Essa clínica é um de nossos maiores clientes.

– Por que esse “ah” antes de “Payne”?

– O que eu disser fica entre nós?

– Naturalmente, a menos que Gilbert Payne esteja implicado diretamente nos assassinatos, do que duvido muito. Nesse caso, será coberto por um mandado que o obrigará a obedecer sob pena de ser acusado de cumplicidade num caso de múltiplos assassinatos, além de sonegação de informações no quadro de uma investigação federal.

– Está bem! – gargalhou o Dr. Harp, contente. – Se soubesse que um dia estaria envolvido numa investigação do FBI! Ótimo para variar um pouco das análises de xixi e cocô! Veronica é que vai ficar chateada... A Dra. Swanson, minha colega e sócia. Está participando de um congresso na Filadélfia. Já não estava louca de vontade de ir, mas era sua vez, e quando souber que perdeu essa... Mas estou me desviando do assunto. Voltemos a Payne. Um

verdadeiro pé no saco, se me permite esse lamentável jogo de palavras. Em suma, um furúnculo na bunda. Dolorido e feio que só.

– Riu de novo, explicando: – A descrição lhe serve como uma luva!

– Ele mora na região? – perguntou Mannschatz.

– Está brincando? Ele está em São Martinho, nas Antilhas... um desses lugares onde sempre faz sol, onde só se encontram titulares de contas bancárias superiores a dez milhões de dólares, exceto os criados, é claro, e onde os ricos amarram seus iates como os outros estacionam suas bicicletas.

Diante do ar surpreso de Gary, ele esclareceu, subitamente sério:

– Minha mãe me criou, já que meu pai pensou, quando nasci, que um rebento representava um grande entrave à sua diversão. Ela era caixa num supermercado de dia e garçonete numa lanchonete de noite. Era uma mulher corajosa e de vontade forte, muito inteligente, e estava fora de questão que eu tivesse “uma vida de merda como a dela”, como dizia. Esforço-me para ser o filho de minha mãe. – Julgando que a seriedade deve ser reservada para momentos graves, que só partilhamos com os próximos, voltou ao tom jovial: – Na verdade, nós... Veronica e eu, só encontramos Gilbert Payne três ou quatro vezes, sempre por questões de dinheiro. Covardemente, deixei minha associada se virar com ele. Ela o despreza e é bem mais tihosa do que eu com esse tipo de indivíduo, aqueles que só compreendem a relação de poder.

– E o laboratório de análises pertence a vocês? – interveio Bard.

– Não integralmente. Veronica e eu possuímos cada um trinta por cento das ações. Os quarenta por cento restantes pertencem ao proprietário inicial. Um simples investimento para ele, mas muito rentável. Ele não tem nada a ver com a medicina e a bioquímica. É um homem encantador. Gosta de passar por aqui, bater um papo. Não é um histérico da grana como Payne.

– Seu nome?

– Fitzgerald Lockwood. Um homem de bem. Muito dinheiro, dinheiro velho. Boas maneiras, sabe? Seu filho, Roch, é a sua cara... embora...

– Embora?

– Ah, a juventude! Ele trabalhou para nós por anos. Acho que o pai não admitia a ideia de ociosidade. Do tipo “não é por ter nascido rico que você não vai trabalhar”, entende? Isso fazia parte do trato quando assumimos o laboratório. Devíamos empregar seu filho.

– Quando foi isso?

– Oh... faz quase sete anos. De qualquer forma, é um técnico de laboratório perfeito, muito escrupuloso, trabalhava até tarde quando necessário, não reclamava quando tinha que levar os resultados a nossos diversos clientes ou coletar amostras. E então, de repente, uma grande paixão por uma garota, uma húngara, provavelmente alguém que não era de sua classe. E ele foi embora atrás dela. Sumiu, da noite pro dia. Seu pai estava uma arara. Ah, o amor...

– E isso aconteceu há quanto tempo? – perguntou Gary com voz neutra.

– É bem recente, nem um mês. Na minha opinião, ele acabará voltando um dia desses. A paixão, por definição, não é eterna.

Os dois agentes trocaram um olhar discreto.

– Poderia descrevê-lo para nós? – perguntou Bard.

O Dr. Harp pareceu surpreso, mas obedeceu:

– Ele é alto... diria um metro e oitenta, mas não tenho certeza. Loiro, olhos azuis, porte de atleta... a mesma voz suave e agradável do pai, embora ela se torne mais surpreendente num grandalhão como ele... É mais ou menos isso.

– Teria algum objeto que pertenceu a ele? – perguntou Gary no mesmo tom anódino.

O alarme congelou o sorriso do Dr. Harp.

– O quê?

– Não sei... um jaleco, uma caneta, uma escova de dentes...

– Espere aí... Aonde querem chegar? Qual a relação disso com Bel Vista?

O bioquímico estava agora em alerta.

Bard e Mannschatz se consultaram mutuamente com o olhar. Gary fez um movimento com a cabeça em sinal de assentimento. Mike Bard declarou:

– Doutor Harp, temos razões para pensar que Roch Lockwood foi assassinado. Um objeto pessoal nos permitiria uma comparação de DNA, talvez até a coleta de impressões digitais.

– Mas... não sei se tenho o direito, eticamente – retratou-se o bioquímico.

– Não estará violando o segredo médico, já que se trata de um empregado, não de um paciente. Além disso, não estamos lhe perguntando nada sobre sua saúde ou sua vida privada, nem mesmo a respeito de algo que ele pudesse ter lhe contado em segredo – tranquilizou-o Gary, acrescentando: – Bom, podemos solicitar um mandado, mas isso vai nos fazer perder tempo.

O Dr. Harp refletiu sobre os prós e os contras, com os lábios contraídos; então, murmurou:

– Oh, teria preferido pedir a opinião de Veronica... de fato... não estarei rompendo meu juramento... Está bem, desde que encontremos algo que pertença ao laboratório, não a Roch. Portanto, nada de escova de dentes, por exemplo.

– Combinado – aceitou Gary.

– Os jalecos serão inúteis. Uma empresa especializada vem buscá-las no fim de cada semana e, com a lavagem e desinfecção por que passam, acho que não encontrarão nada. Ah, isso me incomoda... – comentou o bioquímico, levantando-se. – Bom, sigam-me, vou lhes indicar seu local de trabalho e seu vestiário, onde não encontrarão muita coisa, já que seu pai veio esvaziá-lo...

– Subitamente, uma ideia atravessou seu espírito e ele exclamou, reencontrando o bom humor: – É isso, seria a melhor solução: telefonamos para seu pai e lhe pedimos um objeto pessoal.

Gary contestou imediatamente:

– E lhe anunciamos ao mesmo tempo que achamos que seu filho foi morto? E se estivermos enganados?

– Como sou tolo! Tem razão. Ah, meu Deus, pobre homem... Se realmente for Roch... Que choque, que horror! Pai e filho se entendem tão bem.

– Não duvido – observou Mike, com o rosto impávido.

Seguiram o Dr. Harp e desceram a escada metálica que evocava a de um navio. Voltaram a uma imensa sala que tinham

atravessado ao chegar. Cerca de dez técnicos estavam instalados diante de altas bancadas em resina preta, cobertas de aparelhos, frascos de soluções e tubos de plástico branco com grandes tampas vermelhas.

– Pensei que bancadas de laboratório sempre fossem brancas – observou Gary.

– Depende. Antes, o preto era reservado à bacteriologia e o branco à bioquímica. Na verdade, a única coisa que importa é ver as manchas e poder limpá-las o melhor possível. Ninguém gostaria de apoiar os cotovelos numa suspensão bacteriana particularmente patogêna ou numa gota de produto radioativo. Acho que a sujeira aparece melhor no preto, por isso escolhi essa cor.

Mike ficou surpreso com o silêncio que reinava ali, quebrado unicamente pelo ronronar dos aparelhos, o chiado dos bicos de Bunsen, o zumbido das centrífugas e dos misturadores vórtex. Quase nenhuma conversa entre os técnicos, que lhes lançavam por vezes olhares intrigados. O Dr. Harp explicou, rindo:

– Oh, não batemos nos funcionários para que fiquem calados, não se preocupem. Eles têm uma sala de descanso à disposição. Se sentem vontade de conversar um pouco degustando um café, podem ir ali quando quiserem. Sabem, fazemos unicamente exames de rotina aqui, mas são exames dos quais dependem vidas humanas. De tanto repetir as mesmas análises, os mesmos gestos, a concentração acaba se perdendo, a tendência é passar para o piloto automático. Se além disso as pessoas ficarem batendo papo... É dessa maneira que erros colossais podem ocorrer...

Ele se imobilizou e apontou para uma alta poltrona em napa cinza, um canto de bancada e um armarinho embaixo. A jovem mulher ruiva que trabalhava bem ao lado, raspando a gelatina nutritiva de uma caixa de Petri com a ajuda de uma espécie de miniancinho de vidro, ergueu a cabeça. Harp dirigiu-lhe uma piscada cordial, sem no entanto lhe explicar a razão de sua presença, nem a identidade dos dois visitantes.

– Aqui está! É aqui que Roch trabalha... Bom, trabalhava.

Mike e Gary lançaram um olhar frustrado para o posto de trabalho. Tudo ali era de uma limpeza consternadora. O Dr. Harp

compreendeu sua decepção e declarou num tom de “o que eu posso fazer?”, levantando os ombros:

– Tudo é limpo, relimpo e desinfetado toda noite.

– E no armarinho – insistiu Bard.

O Dr. Harp se inclinou e inspecionou as duas gavetas, vazias. Levantou a cabeça, surpreso, e perguntou à técnica ruiva:

– Julianne? O que houve? Por que não tem mais luvas, nem caneta, nem sequer um clipe?

Prudente, ela cobriu a caixa de Petri com a tampa a fim de evitar contaminação com a própria saliva.

– O senhor Lockwood pai limpou tudo. Não parecia nada contente. Ele explicou que, além de tudo, Roch não ia nos deixar sua bagunça. Ele recolocou a caixa de luvas de nitrilo na bancada e jogou fora o resto. De qualquer jeito, Roch passa o tempo mordendo suas canetas... meio nojento.

Aproveitando sua intervenção, Mannschatz a interrogou como quem não quer nada:

– Um colega simpático, Roch?

Julianne lançou um olhar a Harp, que a autorizou a responder com um movimento da cabeça.

– Supersimpático – se entusiasmou ela. – Prestativo, sempre uma palavra gentil...

– É o que chamo de uma limpeza cuidadosa – comentou Gary, verificando o interior das gavetas com o olhar.

– São pessoas muito boas, os Lockwood, sabe? Não tratam os outros como criados – observou a jovem.

– O senhor Lockwood pai não lhe disse nada?

– Bom, ele chegou na hora em que eu estava saindo para almoçar. Apenas percebi que não parecia contente, estava tenso. É preciso dizer que a partida súbita de Roch deixou todo mundo estupefato.

– Ele nunca tinha mencionado sua... paixão por uma húngara?

– Nunca.

Mannschatz agradeceu-a com um sorriso e se virou para o bioquímico.

– Podemos dar uma olhada em seu armário, se quiserem – propôs este. – Mas lá também seu pai já passou.

Uma fileira de altos armários metálicos cobria uma das paredes do corredor que levava à sala de descanso. Uma porta estava entreaberta e o Dr. Harp apontou para ela. Mike se abaixou e puxou pela parte de baixo, com um indicador prudente, a porta de alumínio preto. O armário fora esvaziado com tamanha minúcia que as suspeitas dos agentes do FBI cresceram ainda mais.

Bard se dirigiu ao bioquímico:

– Poderia trancá-lo? É possível que ainda se encontrem impressões digitais. Gostaria de evitar que elas sejam estragadas... Os rapazes da polícia científica virão com um mandado – esclareceu.

– Sem problemas. Lamento muito...

– Pelo contrário, obrigado por sua colaboração e compreensão...

– retorquiu Mannschatz com um sorriso forçado.

– Acompanho-os até a saída?

– Sim, obrigado.

Sem trocar uma palavra, voltaram a passar diante da bancada onde trabalhava Roch Lockwood. De repente, o Dr. Harp parou e exclamou:

– O caderno de controle das análises, no armarinho!

A jovem ruiva ergueu de novo o nariz da sua pilha de caixas de Petri e indicou com voz suave:

– Eh... Mas o senhor o pegou...

– Tem razão, Julianne. Está no meu escritório. – Virando-se para Mike e Gary, sugeriu em tom excitado: – Bom, subimos? É propriedade do laboratório!

Subiram apressadamente a escada metálica. Harp se precipitou para um armário e abriu uma das portas dizendo:

– Está aqui. De que maneira devo pegá-lo? O que não falta aqui são luvas de látex.

– Permite? – perguntou Bard, tirando um grande lenço de algodão do bolso.

– Fique à vontade. Minhas impressões já devem estar nele, já que fui eu que o trouxe para cá. Depois de dois dias de ausência

não justificada de Roch, liguei para seu pai, que estava ao mesmo tempo triste e furioso. Foi então que ele me contou a história com a jovem húngara. Por isso busquei o caderno de controle. As de Veronica também devem estar aí. Digo, as impressões. Verificamos todas as noites os cadernos de todos os técnicos.

– Para que ele serve exatamente? – interrogou-o Mannschatz, enquanto seu colega tirava com delicadeza o grande caderno de capa de couro, com páginas numeradas.

– É fundamental. Os técnicos têm a obrigação de anotar nele tudo o que tiver acontecido de incomum durante uma análise. Se espirraram na direção de um tubo de ensaio (por causa das partículas de saliva), se foram ao banheiro, se o telefone deles tocou, se seus óculos caíram, se o vórtex acelerou demais, se a chama de um bico de Bunsen diminuiu bruscamente, se obtiveram um resultado divergente num tripleto, se ficaram em dúvida quanto à pureza de uma tampa, qualquer coisa. É claro, eles não podem, sob pretexto algum, arrancar uma página. É por isso que elas são numeradas. Se rasuram alguma coisa, a frase rasurada deve permanecer legível. No caso de haver contestação a respeito de alguma análise, isso nos permite saber se a falha é nossa e se ela é uma falha humana.

– O Sr. Lockwood pai não o solicitou?

– Acho que ele nem sabe que isso existe. Não é um profissional, como lhes disse. De qualquer forma, eu não o teria autorizado. É um instrumento de defesa jurídica para nós.

– E nós podemos levá-lo? – perguntou Bard.

– Não há resultados nem nomes de pacientes dentro, apenas códigos de análises, portanto... Se prometerem devolvê-lo em perfeito estado, tudo bem.

– Tem nossa palavra.

Com o volume encadernado em couro embrulhado num grande pedaço de papel filtro azul – já que um plástico poderia estragar as impressões da capa –, Dr. Harp os acompanhou até a porta principal. Mannschatz pensou que ele parecia satisfeito. Participara de uma investigação federal sem trair o segredo médico. Teria o

que contar à sócia. Antes de se despedir do médico, tentou o lance, embora soubesse que ele ia mandá-lo pastar:

– Vocês têm uma cliente... paciente, não sei como se diz, chamada Christina Genovese. Ela veio provavelmente fazer um teste de confirmação de AIDS e...

Harp pareceu ficar grande, apesar da pequena estatura, e seu rosto caloroso se fechou. Declarou, em tom categórico:

– Pode parar! Está fora de questão enquanto não trouxerem um mandado em boa e devida forma que me desobrigue do segredo médico. Nunca ouvi falar dessa senhora. Aliás, sinceramente, não sei quem ela é. Temos milhares de pacientes, ainda mais que, de fato, somos um centro certificado de sorologia. Teria que consultar nosso arquivo digital e a isso me recuso!

– De acordo. Em todo caso, obrigado por sua ajuda. De verdade!

– Doutor Harp... – interveio Bard. – Seria melhor que o Sr. Lockwood pai não fosse informado de nossa visita, por enquanto, a fim de poupá-lo, entende?

Um sorriso esperto iluminou o rosto do bioquímico.

– Já notaram que as pessoas costumam achar que os gordinhos são todos otários? Um erro de julgamento muito frequente. Engoli a história de vocês no começo, mas depois me dei conta. Aliás, se Roch tivesse sido morto, como disseram, a polícia teria pedido ao pai para identificá-lo. Vocês devem ter juntado muitos elementos para chegar aqui no laboratório. Por isso, imagino que ele seja suspeito de assassinato, embora não entenda qual a relação disso com Bel Vista. Essa jovem húngara, é isso? Isso explicaria por que ele sumiu da noite para o dia. Seu pai também deve estar desconfiado, se buscou todos os pertences do filho para protegê-lo. O que não vai adiantar nada, sobretudo com o caderno de controle. Porém, afinal, é a reação de um pai amoroso e apavorado. Estou enganado?

– Nós também temos nossos segredos, doutor – respondeu Mannschatz em tom amigável. – Seja como for...

– Já sei, bico calado – interrompeu-o o bioquímico. – A discrição é uma obrigação profissional. No entanto, tornou-se uma segunda

natureza em Veronica e em mim. A melhor maneira de viver em paz é evitar meter o nariz aonde não se é chamado!

Gary pensou que, se estivessem certos, os problemas do bioquímico estariam apenas começando. Preferiu deixar quieto. Gostara daquele sujeito. Que ele pudesse aproveitar suas últimas noites tranquilas por um bom tempo.

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Diane Silver brincava havia algum tempo com um cigarro, fazendo-o rolar entre os dedos como se se tratasse de um minúsculo bastão de baliza.

Decidiu-se finalmente a acendê-lo e deu uma longa tragada. Seu olhar muito pálido passou de Mannschatz a Bard, que tinham acabado de fazer o relatório minucioso de suas visitas da véspera.

Diane enunciou:

– Portanto, as impressões digitais encontradas sobre e dentro do caderno de controle, além de duas séries que devem ser as dos doutores Harp e Swanson (a verificar), pertencem de fato a nosso trucidado do porão, Roch Lockwood! Os resultados de DNA devem sair essa noite, apenas uma confirmação.

– Como procedemos agora? – perguntou Mike. – Não podemos deixá-lo escapar!

– Exato. Têm certeza de que esse cara... o bioquímico, não vai avisar Fitzgerald Lockwood?

– Sim – afirmou Mannschatz. – Ele compreendeu que se tratava de um caso sério, embora tenha se enganado sobre sua natureza, o que também é bom. Na minha opinião, tudo o que ele quer é evitar incômodos.

– Oh, pobre rapaz – ironizou Diane. – Se soubesse o que vai cair em cima dele daqui a pouco!

– Ele não sabe que seu laboratório serviu a dois *serial killers* para recrutar suas vítimas.

– Não duvido de sua total inocência. Falta de sorte, seu laboratório é uma das peças-chave da história.

– Em sua opinião, como eles procediam? – perguntou Gary à *profiler*.

– Não tenho certeza. A estratégia mais lógica, a partir de seus perfis, consistiria provavelmente em jogar com a “simpatia” que inspiravam em todo mundo. Muito simpáticos, prestativos, boas pessoas, o pai e o filho, disse a técnica. No caso do filho, o tipo com quem uma enfermeira ou uma auxiliar conversaria de bom grado nos corredores de uma clínica, em volta de um café, quando ele ia buscar as amostras biológicas, oferecendo-lhe informações *a priori* inofensivas, tais como “essa pobre senhora que vai operar um cisto realmente não tem sorte, acaba de perder o marido”... A seguir, bastava-lhes proceder a uma discreta investigação a respeito da mulher.

– E o papel do pai, qual era? – interveio Mike.

– Ainda não sei. Assim como não sei por que ele matou seu filho depois de anos de tão frutífera colaboração. Haveria um motivo imperioso? Teria a ver com o fato que a vítima mais jovem estava grávida dele?

– Talvez o filho não quisesse mais matá-la por causa disso – propôs Bard com voz hesitante.

– Não sabia que era um grande sentimental, Mike – zombou Diane com gentileza. – Estamos falando de psicopatas. Aos olhos deles, essas mulheres eram objetos sexuais destinados a ser substituídos por outros mais dia menos dia, ou seja, exterminados. Não venha me falar de redenção. Ela não existe no caso desses caras, embora eles se esforcem para fazer crer que sim, para obterem uma remição de pena. A vontade de redenção é inconcebível sem a noção de culpa, e, para eles, a única culpa é a de se terem deixado prender.

– Volto à minha pergunta: como procedemos? – insistiu Bard.

– Vamos cercar por todos os lados. Queremos uma prisão efetiva. Vamos desencavar tudo o que pudermos sobre os Lockwood, sem nos aproximarmos do pai, mas sem perdê-lo de vista nem por um segundo. Não interrogaremos ninguém que possa cometer uma indiscrição, permitindo que ele fuja. Não importa em que ordem: vasculhamos do lado de sua mulher, de seus bens, de suas ocupações, parentes – o que inclui o filho... bom, vocês conhecem

seu trabalho melhor do que eu. Evitem ao máximo os contatos diretos... com quem quer que seja. Não queremos vazamentos.

– E o que fazemos em relação a Pliskin e Casney? – perguntou Mannschatz.

– Posso cuidar disso, se me permitem – declarou Diane, quase faceira.

– Oh, de bom grado!

Estava fora de questão encher o ego de Bob, o fuinha, ligando diretamente para ele. Por isso, digitou o número de Edmond Casney Jr. A voz do diretor lhe pareceu estranha. Embora realmente não se importasse, chegou a perguntar sobre sua saúde.

– Parece gripado, senhor?

– Não é nada, um vírus leve. Obrigado pela solicitude.

– Estou ligando para informá-lo de nossos avanços.

– Doutora Silver, é Bob quem segue as investigações – disse ele, mas sem verdadeira animosidade.

– Certo. No entanto, o senhor é o superior hierárquico de todos.

Ele veria naquilo uma lisonja baixa ou uma franca gozação? Ela não sabia. Conhecendo-a, ficaria provavelmente com a segunda opção. Com razão. Esperou a bronca, que não veio, aumentando sua surpresa.

– Em que pé estão?

– Finalmente temos uma pista que parece interessante. Mannschatz e Bard fizeram um bom trabalho.

– Eles são dos bons.

– De fato, senhor.

– Que pista?

A ideia de que aquela conversa não era normal atravessou a mente de Diane. Casney estava tramando alguma coisa ou estava com problemas, privados ou políticos. Por enquanto, só uma coisa contava para ela: contar-lhe o suficiente para não ser pega em falta, mas não lhe fornecer pistas precisas para evitar que Pliskin bolasse algum golpe baixo. Diane tinha certeza de que *dear* Bob não recuaria diante de nada para prejudicá-la; seria até capaz de causar o fracasso de uma investigação, mesmo que isso permitisse a um *serial killer* escapar. No fundo, devia ficar lisonjeada: afinal

tornara-se a grande obsessão de um paranoico. Felizmente para ela, Pliskin pertencia à categoria dos assassinos virtuais; caso contrário, não hesitaria em trucidá-la. Conteve uma risada e explicou:

– Um auxiliar de laboratório que trabalha numa clínica. Achamos que ele pode ter uma ligação com os assassinos. Tudo isso ainda é hipotético. Eu o manterei informado de nossos progressos. É isso... Até mais, senhor, cuide-se...

– Diane...

– Senhor?

Um silêncio, então:

– Não, nada. Até mais. Aguardo mais notícias.

Só quando desligou é que pensou que ele quase nunca a chamara por seu nome. Ora, não estava nem aí.

Mais importante: refletiu sobre cada palavra de sua meia mentira. Muito defensável. Roch Lockwood era mesmo um técnico de laboratório e trabalhara para a clínica Payne & Young. De fato, tinha uma ligação com os assassinos: ele e seu pai. Pliskin certamente não se deixaria enganar, compreendendo imediatamente que ela dera um jeito de revelar apenas o mínimo necessário e desafiar sua autoridade. Ele sufocaria de raiva.

Um suspiro de contentamento escapou da *profiler*, que acendeu um cigarro: finalmente, um cigarro de celebração.

*Fredericksburg,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Sentada na cama, Diane Silver assistia a um episódio de *Battlestar Galactica*, uma das raras séries de TV que apreciava. Não gostava das séries policiais, tão fofas, edulcoradas, nada a ver com a realidade do crime. Por outro lado, quem teria vontade de assistir a horrores verdadeiros para relaxar depois de um dia de trabalho? *Galactica* possuía, a seu ver, todas as qualidades necessárias: era bem feita, nunca aborrecia, os personagens eram exasperantes, de se matar sem julgamento, como aquele Dr. Baltar – que sempre se safava, apesar de suas contínuas traições assassinas – ou perfeitamente heroicos, como o comandante Adama. Sobretudo, aquilo não existia. Para Diane, nada era mais apaziguador do que aquilo que não tinha nenhuma realidade humana. No fundo, *Galactica* glorificava aquilo que perdemos: o senso da honra, a dignidade, o combate justo, o heroísmo, a aceitação do sofrimento e o gosto pelo sacrifício. Em suma, aquilo que o humano sonharia ser – só que a nulidade é mais simples e confortável. Provavelmente ela era injusta. As duas últimas guerras mundiais tinham provado que o Homem pode se superar, voltar a ser um herói anônimo. Milhares de homens, às vezes já idosos, tinham lutado, tinham se unido à Resistência, quando poderiam ter permanecido tranquilos atrás das linhas. Sua meta? Defender uma ideia da liberdade e do Homem. Ok, admitia, era injusta. Aquele não era seu problema naquela noite. Uma questão espinhosa mobilizava sua atenção: a saga do *Galactica* se passava antes ou bem depois da presença dos humanos na Terra? Aqueles sobreviventes errantes eram o primeiro povo do planeta azul ou o último? Os roteiristas – que deviam se divertir loucamente – tinham criado uma tamanha mixórdia mitológica que ela não fazia a mínima ideia. Os personagens, lançados em busca da Terra, tinham

muitas vezes nomes de deuses ou deusas antigos. Eram politeístas, mas se repartiam em doze tribos, como as de Israel. Ela estava nesse ponto de suas cogitações, no momento em que se ficava sabendo que o fiel imediato de Adama era um *cylon* – um robô humanoide inimigo –, quando o telefone da mesa de cabeceira tocou. Deu *pause* e colocou o controle ao lado do celular pré-pago. O comandante Adama estava no chão, chorando de desespero.

– Desculpe... Sei que já passa da meia-noite...

– Sem problemas, Mike, estava assistindo *Battlestar Galactica*.

– Sério? Gosta desse tipo de coisa? Ficção científica... não é minha praia.

– E você gosta de praia?

– Deixa pra lá – riu o policial grandalhão. Voltando a ficar sério, explicou: – Bom, não dava para esperar até amanhã, então eu e Gary resolvemos correr o risco de tirá-la do sono.

– Fizeram bem. Então?

– Fizemos sobretudo pesquisas informáticas, fora uma verificação com o banqueiro, que não vai dizer nada porque Gary brandiu em seu nariz a eventualidade de um erro profissional grave. Falta de vigilância, cumplicidade numa captação de herança, etc.

– Ele sabe falar com as pessoas – ironizou a *profiler*.

– Falando por alto: pai e filho têm muita grana. Na casa de sete milhões de dólares de patrimônio. Investimentos gordos no laboratório Harp & Swanson, evidentemente, mas também em restaurantes, numa butique orgânica, sem contar três apartamentos alugados em Boston, muitas ações, fundos diversos e variados... E

...

– E?

– Um escritório de arquitetos em Boston. Bastante grande, pelo que entendi. Mas onde a porca torce o rabo e o banqueiro se borrou é que quatro quintos desse dinheiro pertencem a certa Sra. Katherine Lockwood, arquiteta de profissão, nascida numa família da alta do Connecticut. Mulher de um e mãe do outro.

– E foi por essa razão que eles a mataram e ocultaram sua morte: para poderem dispor livremente do dinheiro. Teremos que

verificar um eventual testamento. Aposto que pai e filho não ficariam com a maior parte.

– Sim. Fitzgerald Lockwood tem tudo quanto é tipo de procuração.

– Como o banqueiro não suspeitou de nada quando deixou de ver a Sra. Lockwood?

– Talvez haja desculpas – admitiu Bard. – Bom, de qualquer jeito, ele vai ter grandes problemas... A Sra. Lockwood teve um câncer de mama, severo, avançado. Isso o banqueiro ficara sabendo dela própria. Mastectomia, radioterapia... em suma, a artilharia pesada. Ela abandonou suas atividades profissionais e cedeu trinta por cento das ações de seu escritório de arquitetura a seu sucessor. Ela escapou por um triz, ao que tudo indica. E então, segundo as confidências do Sr. Lockwood ao banqueiro, após uma trégua de alguns anos, teve uma recaída. Ela teria então decidido se recolher com sua família, na calma, no campo.

– Enterrada num porão, no campo, de fato. Ela saiu à francesa, e ninguém achou isso estranho?

– São ricos de excelente reputação, doutora. Não do tipo que as pessoas suspeitariam de trucidar mulheres depois de as terem prendido em jaulas, entende? Além disso, o banqueiro afirma que a doença a alterara muito. Não via mais muita gente. Ele afirma ter recebido dela uma pequena carta, do Connecticut, em que lhe explicava sua necessidade de repouso, de paz, esclarecendo ao mesmo tempo que seu marido cuidaria dali em diante de seus negócios. Prometeu encontrá-la para mim. Foi Lockwood pai que a escreveu, em sua opinião?

Diane lançou um olhar para o comandante Adama, jogado num canto, em plena crise de nervos, pensando que tinha perdido o fio da meada e que teria que voltar um pouco na história para reencontrá-lo.

– Talvez não. Ela própria pode tê-la escrito sob ameaça. Fazemos coisas insensatas quando tememos por nossa vida, coisas que, justamente, assinam nossa sentença de morte.

Ela escutou Mannschatz falar de um bar.

– Sim, vou falar – aprovou Bard, dirigindo-se a seu parceiro. – Roch Lockwood foi, digamos, um pouco incomodado, oito anos atrás. Uma moça prestou queixa contra ele por estupro. O caso foi julgado improcedente. Várias testemunhas os viram rir e beber juntos num bar da periferia de Danvers. Deixaram o estabelecimento juntos. Em seguida, segundo a moça, ele se ofereceu para levá-la em casa mas desviou para uma estrada florestal onde a tirou do carro, bateu nela e a estuprou. Um atestado médico afirma que ela tinha marcas de golpes e até de estrangulação.

– E, naturalmente, ele contestou, jurando que a garota consentira e que se autoinfligira os ferimentos depois para extorquir grana dele – completou Diane.

– Exato. Era a excelente reputação dos Lockwood contra aquela, menos elogiosa, de uma garota frequentadora de bares e bastante atrevida, se entende o que quero dizer.

– Não digo que esse tipo de acusação falaciosa não aconteça, mas, no caso de Roch Lockwood, imagino que a garota estivesse dizendo a verdade. Esses caras começam muitas vezes por estupros com violência mas sem assassinato. E então, em pouco tempo, isso não basta para satisfazê-los... Precisam de mais poder. O poder derradeiro, de vida ou morte, é muito mais excitante. Bom, só falta um mandado de prisão – e podem cair em cima do pai.

– Ele está no meu bolso – gargalhou o policial. – Estamos na frente da residência Lockwood em Danvers.

– Fica a que distância de Bel Vista?

– Cerca de sessenta quilômetros. Um linda casa, cercada de um belo jardim, protegida por altos muros. Temos quinze policiais cercando o perímetro.

– Oh, que fofos! – exclamou Diane, lançando um olhar para a silhueta imóvel do comandante Adama. – Bem... Mike, tome cuidado. Se o Sr. Lockwood se mostrar ameaçador...

Mais uma risada e então:

– Se ele me der a menor razão legítima para atirar, pode ter certeza de que não vou errar, mas esse tipo de maníaco costuma morrer de medo de morrer. Costumam ser uns doces, verdadeiros

cordeirinhos quando não estão por cima, ainda mais sabendo que a polícia não hesitará, em seu caso.

– Eu sei. Pena!

Diane se deitou no travesseiro. Uma espécie de langor agradável distendia seus músculos. Degustando aquele relaxamento, ela inspirou profundamente. Levantou-se e espreguiçou como se acabasse de sair de uma longa noite de sono reparador.

Entrou no escritório, beijou o sorriso da criança com a margarida, murmurando, encostada na flor: “Mamãe trabalhou bem, meu anjo”. Acariciou o rosto encantador e deixou-se escorregar até o chão, desfazendo-se em lágrimas.

Alguns minutos depois, a menos que tivesse se passado uma hora, ou talvez duas – Diane seria incapaz de dizer, de tal forma ignorava onde seu espírito se extraviara durante aquele tempo –, levantou-se.

Aproximou-se do móvel com compartimentos e tirou dele a garrafa de Glenmorangie, de que saboreou três grandes goles em recompensa.

Dois maníacos a menos soltos por aí. Um bom fim de noite.

Beijou de novo o imenso pôster e fechou com cadeado a porta do escritório atrás de si.

Voltou para o quarto, recuou algumas cenas no DVD e mergulhou novamente na sequência de catástrofes que caíam sobre o valente comandante Adama.

Seu celular pré-pago tocou, arrancando-a de seu torpor.

Como barulho de fundo, o trânsito, uma forte buzina, risos, fragmentos de conversas se aproximavam e se afastavam.

– Nathan?

– Acordei-a? Desculpe, Diane.

– Sem problema.

– Estou tão contente!

– Com o quê? – perguntou ela, já totalmente desperta.

– Acabo de passar a noite em companhia de uma senhora que a interessa muito.

– Brooks!

– A própria.

– Você é perfeito! Como a encontrou?

Em tom um pouco frustrado, ele confessou:

– Bom, não foi muito difícil. Ela possui um pequeno apartamento em Las Vegas, no East Charleston Boulevard. Deve ser um posto avançado para quando vem jogar. Não fuzei muito. Não queria alertá-la. Seu nome está na lista telefônica. Há três Susan Brooks na cidade. Uma tem mais de sessenta anos, a outra é uma loira alta.

– Conte – quase suplicou Diane.

– Estou num estacionamento, quase na frente do Luxor, não longe de uma espantosa esfinge. Passei mais de uma hora jogando nos caça-níqueis. Que coisa chata. Jogos de azar não são minha praia, mas é verdade que criam laços, sobretudo quando se perde, e ela levou uma verdadeira surra. Então convidei-a para tomar algo no bar, para levantar o moral. Como sou um rapaz muito gentil e inofensivo, ela aceitou. Além disso, eu também tinha perdido. Pensei que o fato de que ela possa me reconhecer logo não terá mais importância. E assim posso abordá-la de novo, caso necessário.

– Pertinente. Como ela é?

– Simpática. Sorridente, elegante, bem-educada, do tipo a que se confiam os filhos de olhos fechados. Um físico bastante ingrato. Rosto redondo e mole, olhinhos próximos demais. Um nariz feio, muito fino, em lâmina, com narinas apertadas.

– Onde você está hospedado, Nathan?

– Num hotel muito simpático, cerca de novecentos quartos, o suficiente para passar despercebido, o Motel 6 Tropicana. Afinal, não vale a pena chamar a atenção. Reservo um quarto para você?

Lockwood logo estaria atrás das grades. Ela podia pegar alguns dias de licença, usando como pretexto o cansaço nervoso devido à investigação.

– Sim, em nome de Leonor York. Chego amanhã... Quer dizer, hoje à noite. Depois lhe passo o horário do meu voo. Não conheço Las Vegas.

– Não se preocupe, vou buscá-la no aeroporto internacional McCarran. Fica a seis quilômetros do centro. Tenho um presente

para você.

– O quê?

– Surpresa. Aliás, aqui eu me chamo Justin McAlpine.

– Alguma razão?

– Nenhuma, a não ser o fato de que os papéis falsos estavam disponíveis na hora.

– É uma excelente razão.

– Prepare-se para um choque: agora sou moreno com olhos cor de avelã. Aviso para que me reconheça no aeroporto. Acho que me caiu bem. Se não gostar, não tem importância. É apenas uma tintura temporária e lentes.

– Você é insubstituível, Nathan – brincou ela.

– É verdade.

Quando desligou, ela teve a nítida impressão de que alguma coisa acabava de se dilacerar dentro dela. Um longo corte, indolor mas irreparável. Uma pesada tapeçaria rasgada de alto a baixo. Atrás, uma espécie de nevoeiro, uma sombra mais pálida.

Encarou o telefone pré-pago apertado em suas mãos, examinando-o como um objeto estranho, tentando organizar o borrão de sua mente. Sem insistir demais.

*Las Vegas,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Eram quase vinte duas horas quando percorreram, no carro alugado de Rupert, a Strip, aqueles sete quilômetros da Las Vegas Boulevard onde se amontoam os cassinos abertos 24 horas por dia, que abrigam também alguns dos maiores hotéis da cidade. Mais adiante, campos de *fast-foods*, de postos de gasolina, de capelas para casamentos expressos, por algumas dezenas de dólares o certificado, com a possibilidade de uniões *drive-in* em casos de grande urgência. Aquela onde Demi Moore se casara, aquela onde Joan Collins se recasara, aquela onde um pseudobudista, um grande homenzinho verde com antenas – que devia pingar de suor debaixo de sua fantasia de acetato –, ou um verdadeiro sócia de Elvis serviam de testemunhas.

Diane lembrou do gracejo que fizera com Erika Lu. Na verdade, não era um gracejo. Ela era indiscutivelmente uma extraterrestre. Não se tratava de um julgamento de valor de sua parte, apenas de uma sensação cada vez mais flagrante de vertigem, de desorientação. Olhava pelo vidro do carro as ondas de luz que piscavam, as ondas de turistas felizes por estarem lá, gritando, rindo, e se perguntava se ainda possuía genes em comum com eles. De certa maneira, invejava-os. Eram capazes de apreciar aquela bizarrice perfeitamente bem-sucedida. De se divertir com aquilo. A cidade-cogumelo nascida do deserto um século antes, centrada no dinheiro, na diversão, no jogo, que levava o mau gosto – ou a inventividade, dependendo da perspectiva – às últimas consequências. Consequências extremamente lucrativas.

Diane pedira a Rupert – Justin – que lhe concedesse uma meia horinha para se refrescar, mudar de camisa – em suma, parecer um pouco menos esgotada e desleixada, apesar do calor noturno, ainda sufocante a partir do momento em que se saía dos

estabelecimentos climatizados. Se os cassinos da Strip não eram muito exigentes no que se referia aos trajes espalhafatosos, por vezes desconcertantes, das pessoas que perdiam dinheiro lá, eram, em compensação, muito severos quanto à sua boa conduta, como todos os seus “colegas” do mundo inteiro. Nada de escândalos nem de crises de nervos, mesmo quando se acabava de perder uma fortuna. Nada de ficar bêbado – ou, então, só com muita dignidade. Todos deviam jogar limpo, ao menos em aparência, e se fosse para trapacear, isso tinha que ser feito com tato e discrição, sob pena de ser jogado na calçada por dois gorilas do serviço de segurança. Um universo de artifícios e aparências enganosas, em geral muito convincentes, cuja única realidade era o dinheiro. No entanto, e Diane reconhecia isso, tratava-se de um universo de uma sinceridade comovente, já que, ali, as regras eram claras, todo mundo as conhecia, ao contrário do que geralmente acontece na vida real.

Sentada na cama coberta por uma colcha em padrão azul e vermelho um pouco berrantes, ela esperava, com a cabeça vazia. Nathan/Rupert não mencionara nem uma vez Susan Brooks desde que ela descera do avião e, de certa forma, ele estava certo. A decisão de Diane estava tomada havia muito tempo, e era inútil falar sobre aquilo.

Uma leve batida na porta do quarto. Ela lutou contra sua inércia, o cansaço, contra a vontade de ficar ali, sem se mexer, por horas. A vitalidade de Nathan, sua energia transbordante a deprimiram um pouco mais quando ele entrou no quarto com um sorriso feliz nos lábios, uma caixa envolta em fitas entre as mãos, anunciando, contente:

– Presente!

Ela abriu o pacote e descobriu uma pistola curta, belamente acondicionada em camadas de papel de seda púrpura.

– Pensei que uma arma branca não era ideal para uma dama. Demasiado... selvagem, físico demais, não suficientemente... refinado e distante, digamos. Optei por uma Glock 22, qualidade austríaca, polímeros leves mas ultrarresistentes, pequena e leve – cerca de 700 gramas – para ser guardada num bolso ou numa

bolsa, mira a laser. É preciso se esforçar muito para errar o alvo! Não registrada, nunca utilizada, exceto pelo tiro de teste que dei anteontem no meio do deserto. Sem alvo.

Ela pegou o revólver que trouxera consigo no pequeno cofre selado na parede do fundo do guarda-roupa e o mostrou para ele, explicando:

– Eu tinha trazido esse Smith & Wesson. Presente de um policial de Los Angeles. Não sei exatamente de onde veio.

– Hum, bela arma, M & P compact, 40 S & W, 9 mm. No entanto, se não se incomodar, prefiro a minha. Sei de onde ela vem: de lugar nenhum.

– Ok. Além do mais, uma mira a laser... não sou uma atiradora de elite, longe disso.

– Perfeito! Quer jantar no hotel ou num cassino, fora o Luxor? O Bellagio? Lindos jardins botânicos. Estou morrendo de fome.

Tudo se tornava tão estranho, tão defasado. Ela sabia que estava em plena realidade, mas era como se tivesse perdido toda referência. Tinha a sensação de ter tomado LSD.

– Tanto faz, Nathan, eu... É absurdo, mas simplesmente não pensei... na maneira como...

Ele acariciou a face dela com as costas da mão, fechando os olhos. Era decididamente muito bonito, mesmo naquele castanho sedoso. Ela não afastou o rosto. O contato morno de sua pele a relaxava. Pensou fugazmente que Yves nunca tocara nela, salvo o inevitável beijinho francês de aniversário ou ano novo. Não pensar em Yves. Sobretudo agora.

– Diane, você não está aqui para isso – murmurou ele, apertando as mãos dela nas suas. – Você é o gládio encarregado de encerrar a história de Leonor e das outras garotinhas. A espada que vai cortar o fio que ainda retém os lindos balões rosa.

– Os lindos balões?

– É assim que as imagino. Todas. Elas não podem se soltar, voar livremente, aliviadas, porque um horrível fio as retém. Aquele que você vai cortar. Deixe que eu cuide do resto.

Sem dúvida, ele estava louco. Mas o que importava?

Ele deu um longo beijo na palma da mão dela e se reergueu, com o rosto em plena metamorfose. Num instante, voltara a ser terrivelmente sedutor. Terrivelmente perigoso, também.

– De acordo.

– Vamos jantar no hotel. O restaurante é mais do que satisfatório e tem alguns uísques que não vão lhe desagradar. Depois... Bom, vou lhe explicar tudo em torno de uma refeição reconfortante e de um bom copo.

Era quase uma hora da manhã quando Justin McAlpine parou o carro no estacionamento do Luxor, embora a Strip não ficasse a mais de dez minutos a pé do Motel 6 Tropicana. Ele ergueu os olhos em direção à ponta da pirâmide de vidro de mais de cem metros de altura, cuja entrada principal era protegida por uma gigantesca esfinge dourada, sentindo falta dos comentários sarcásticos que Diane certamente teria proferido. Talvez não. Diane o fascinava, mas tinha que admitir que ela lhe escapava muitas vezes. Além de um luxuoso cassino, a pirâmide abrigava seis restaurantes, uma piscina olímpica e a réplica da câmara mortuária do rei Tut, apelido de Tutancâmon, cuja história poucos visitantes ou jogadores deviam conhecer. Mas quem ligava para aquele garotinho que ascendera ao trono aos nove anos e morrera antes dos vinte, de que pouca coisa se sabia além de que sua sepultura era uma das mais belas, uma das mais ricas jamais descobertas? As pessoas iam ali para ganhar uma fortuna nas cartas, em alguns giros da roleta, não?

Trocou quinhentos dólares por um pote de fichas e percorreu sem entusiasmo os intermináveis corredores de caça-níqueis. Finalmente avistou-a, entre um sujeito obeso com um chapéu de *cowboy* e uma velha senhora negra de olhar alucinado, que continuava esperando que uma máquina lhe propiciasse um fim de vida decente. Ao menos era essa a razão pela qual se arruinava ainda mais.

Nathan/Justin se aproximou, ostentando um grande sorriso caloroso e amigoso:

– Susan! Oh, fico feliz em vê-la. Boa tarde, boa noite, não sei mais. Essa cidade confunde tudo.

Ela virou para ele seu rosto sem graça e respondeu, tensa:

– Não, não é uma boa noite. Estou perdendo tudo que tenho. Devia ter a sabedoria de parar, mas... preciso de dinheiro.

Ele quase lhe respondeu que um cassino estava longe de ser o melhor lugar para ganhar dinheiro. Diane teria dissertado sobre esse veneno para o espírito: a esperança, a que se acrescentava a lenda dos jogadores. Porque um cara, um dia, tirara a sorte grande, todos esqueciam quantos tinham perdido todas as suas economias. A esperança e o exemplo venciam, esmagavam as estatísticas – que, elas sim, não são nem um pouco favoráveis aos jogadores. Em vez disso, declarou em tom de contentamento:

– Bom, tive mais sorte. Ganhei quinhentos dólares e perdi cem. Restam quatrocentos. Que tal partilharmos? Duzentos para cada. Se ganhar uma bolada, me dará a metade. Topa?

Primeiro um grande sorriso, logo substituído pela desconfiança. Uma sucessão que deixou Nathan com vontade de gargalhar. Pobre moça! Ela era realmente feia, desprovida de qualquer encanto, como teria dito Diane sem papas na língua. Como podia pensar, por um segundo, que ele queria comê-la? Brincou:

– Ora, ora! Vejo a mulher desconfiada apontar por trás da companheira de má sorte. Trata-se apenas de uma generosidade de jogador, e você sabe que ela tem limites. Você me contou, quando tomamos um copo juntos, que já conseguiu um *jackpot* duas vezes. Eu, nunca. Pensei que vibrações femininas poderiam fazer a máquina sacudir na direção certa. Em suma, sou uma espécie de banqueiro, a fim de maximizar seu investimento, embora sabendo que pode perdê-lo.

Nem o obeso de chapéu *Stetson*, nem a mulher negra tinham olhado para eles, hipnotizados que estavam pelos morangos, cerejas e outros símbolos que desfilavam diante de seus olhos.

Nathan se perguntou por um instante: Diane sentiria algum tipo de compaixão difusa por eles, incapazes de sair daquele vício da esperança louca, ou os despacharia com um “Danem-se, eles escolheram. As vítimas de que me encarrego não tiveram essa sorte”.

O sorriso voltou ao rosto nada gracioso de Susan Brooks. Fora fisgada, e Nathan se divertia loucamente. Diane ficaria contente

com ele. Ela perdeu os duzentos dólares em pouco mais de uma hora. Durante esse tempo, ele não parou de olhar para ela, com um sorriso seduzido estampado no rosto. É importante olhar para as coisas que vão desaparecer para sempre. Estudou cada um de seus gestos nervosos quando ela introduzia um nova ficha no buraco, as crispções de seus lábios quando perdia, os traços tensionados por uma tempestade de adrenalina quando dois símbolos idênticos se alinhavam lado a lado, o desespero que se lia em seu olhar quando ela virava a cabeça para ele, e então, às vezes, raramente, aquela alegria selvagem que a fazia saltar quando a máquina lhe devolvia algumas fichas, a possibilidade, o prazer de jogar ainda por mais algum tempo.

Como era de esperar, a máquina deu cabo do pote de fichas. Ela se levantou, baixando a cabeça, devastada, e anunciou, fixando o espesso carpete:

– Lamento muito, Justin. Perdi todo o seu dinheiro, sem falar no meu.

Ele lhe dirigiu um de seus sorrisos de menino e a tranquilizou, divertindo-se com os subentendidos.

– Escute, Susan, não é todo dia que se tem sorte! É uma noite de azar para você. Quanto a mim, ganhei duzentos dólares redondos. Convido-a para tomar algo? Vai levantar seu moral.

– Você é realmente adorável. Estou mesmo precisando de algo que reconforte.

Eram quase quatro horas da manhã. Tinham conversado bastante, Nathan inventando para si mesmo uma vida ritmada pelo jogo, as angústias das dívidas, as euforias dos ganhos, um passado estragado pelo álcool explicando por que não tomava mais nenhuma gota. Susan Brooks, por sua vez, também contara uma grande fábula: uma trágica história de amor que a obrigara a deixar a Inglaterra. Nathan se compadecera talentosamente.

Ela acabava de tomar o terceiro uísque, que, somado à onda de adrenalina que se derramara em suas veias para entregá-la a seguir ao esgotamento, fazia-a virar as pálpebras. Ele pagou a conta e propôs:

– Parece morta de cansaço, Susan. Posso levá-la. Meu carro está no estacionamento.

Ele segurou-a pelo braço até o *smartcar* alugado, um gesto fraterno no qual ela não percebeu nenhum desejo, nenhuma expectativa. Abriu a porta para ela e esperou que se instalasse. Ele vestiu a leve jaqueta de camurça que deixara no banco de trás. O agradável contato da coronha de sua arma, idêntica à que oferecera a Diane, lhe arrancou um suspiro de prazer. Logo no começo de sua relação, Diane Silver lhe pedira para substituí-la se não fosse capaz de executar sua tarefa. Estava pronto. Recusou-se a imaginar a dolorosa decepção que sentiria se ela desse para trás no último momento.

Deu a partida, dirigindo-se para o norte, para o East Charleston Boulevard.

Com voz desanimada e um pouco mole, Susan Brooks repetiu:

– Realmente, às vezes temos belos encontros inesperados. Você é um amor. – Hesitando, esclareceu: – Ah... Justin... não vou convidá-lo a subir para um último drinque. Peço que me desculpe... Estou cansada, desajeitada...

– De modo algum, e fico contente que mencione isso. Acho você muito simpática e, francamente, prefiro uma amiga a um breve caso.

Ele a sentiu relaxar completamente, a ponto de demorar longos segundos para se dar conta de que ele não tinha virado à direita na rua onde ela morava.

– Acho que você passou batido pela East Charleston.

Ele deu uma risada de menino e confessou:

– Foi de propósito. Vou embora de Vegas amanhã e fiquei com vontade de fazer uma coisa um pouco tola: ver o nascer do sol no deserto. – Diminuiu a velocidade, ligou o pisca-alerta e se desculpou: – Mas estou sendo egoísta, você está cansada. Vou dar meia-volta.

Ela pensou apenas por um instante e aceitou, embora um pouco a contragosto. Mas não o temia, e, afinal, ele lhe oferecera duzentos dólares, que perdera.

– Não, é uma boa ideia. Quem sabe assim espairoço um pouco. A gente vai de um cassino pro outro e sempre é noite quando se sai.

– Oba! Deve ser bonito esse sol que se ergue sobre uma terra vermelha.

– Confesso que será a primeira vez que o verei.

Nathan refletiu que ela era uma predadora lamentável. Diane teria retorquido em tom cruel: “Normal, ela só atacava criancinhas ingênuas. Não precisava ser muito vigilante. A vigilância é algo que se cultiva”.

A temperatura já começava a aumentar. Dentro de algumas horas o deserto se tornaria uma verdadeira fornalha.

Sentada no chão, com as pernas esticadas, Diane se tensionou e agachou, pronta para saltar, assim que escutou o motor do carro. Bebeu o último gole de água no gargalo da garrafa que Nathan lhe dera quando a deixara ali, depois de seu tardio jantar no hotel, e empunhou o Glock 22 que estava a seu lado.

Nathan notara na antevéspera aquele lugar perfeito, a quinhentos metros da estrada, protegido dos olhares por um montículo no topo do qual arbustos de espinhos acabavam de secar.

Diane escutou o bater das portas do carro, o riso alegre de Nathan enquanto contornava o outeiro em companhia de Susan.

Quando percebeu a mulher muito magra de cabelos ruivo-loiros, com um revólver na mão, Susan Brooks precisou de um instante para compreender que caíra numa armadilha. Desesperada, tentou fugir. Uma rasteira de Nathan fez com que caísse no chão com um grito. Ele a ergueu pelas axilas e passou um braço brutal por seu pescoço para imobilizá-la, mantendo-se a seu lado.

– Diane? – sondou ele em tom suave.

Diane Silver avançou e parou a três metros da mulher, encarando-a com aquele imenso olhar gelado, quase branco; Nathan se perguntou o que estariam vendo naquele preciso instante.

O ponto vermelho da mira laser apareceu primeiro no peito de Susan Brooks. Diane ergueu a arma até obter uma estrela entre os seus olhos. Brooks gemia, retorcendo-se para escapar do braço de

Nathan, tentando dar cotoveladas, pontapés, arranhá-lo. Ele apertou-a a ponto de deixá-la sem ar. E brincou:

– Por favor, Diane, não erre o tiro. Detestaria morrer por sua mão, em pleno deserto do Nevada.

Com o olhar fixo no rosto de Brooks, Diane balançou a cabeça negativamente. Erguendo um pouco a voz, declarou:

– Por minha filha, Leonor Silver, onze anos, a nona garotinha martirizada por Ford. Por todas as outras meninas.

Susan Brooks gritou, debatendo-se com a energia do desespero.

– Ele me obrigou a fazer aquilo. Teria me matado, como as outras. Um maluco. Um maluco terrivelmente perigoso – implorou ela, soluçando.

Em tom calmo, grave e tranquilo, Diane retorquiu:

– Como prova a pequena Elizabeth Barclay, que você afogou bem antes de encontrar Ford? Nós duas sabemos por que você o ajudou com tanto zelo. Suas explicações são inúteis.

– Eu lhe suplico! – gritou ela através de lágrimas de terror, tentando se soltar do homem que acreditara ser inofensivo. – Você... Você não pode me abater como um cachorro.

Uma detonação, seca. A cabeça de Susan Brooks foi jogada para trás pela violência do impacto, batendo no ombro de Nathan.

Seu corpo caiu, segurado por Nathan. Um fio muito vermelho começou a escorrer entre suas sobrancelhas, seguindo a aresta de seu nariz.

– Posso soltar? Acho que já está morta. Belo tiro!

Diane assentiu com a cabeça. Susan Brooks se estatelou no chão, de costas, com os braços estendidos. Diane se aproximou do cadáver. O vermelho da mira a laser se misturou ao do sangue. Calmamente, ela atirou uma segunda vez.

Um incrível cansaço a invadiu. Ela titubeou e fechou as pálpebras. Nathan aproximou-se com dois passos, apertando-a contra si e murmurando:

– Gosto tanto de você.

– Porque sou uma assassina? – gaguejou ela, extenuada.

– Não... porque você vai até o fim. Vamos para casa, Diane. Está esgotada. Doze anos acabam finalmente de encontrar sua

conclusão, ou pelo menos uma delas. Os lindos balões rosa estão voando, livres.

Trôpega, ela se deixou conduzir até o carro e se deixou cair na poltrona do carona. Ele deu a partida, perguntando em tom terno:

– Imagino que saiba o que fazer da arma. Ela nunca mais deve aparecer.

– Sim.

Ela fechou os olhos e fingiu adormecer. Leonor estava em sua cabeça. Como uma atea convicta podia sentir em suas artérias o pulso de sua filha morta? E, no entanto, o coração de Leonor batia em seu ventre, tinha certeza. Sentia-o com a mesma nitidez de quando estava grávida. E então o adorável balão rosa se ergueu. Pela primeira vez, deixou-o partir sem desolação, sem uma insuportável dor.

Um imenso alívio afogou suas perguntas sem resposta. Adormeceu.

A noite acabava de se diluir sobre a elegante arrogância do deserto quando Nathan fechou a porta de seu quarto. Estava apaziguado. Uma última promessa a cumprir antes de deitar e mergulhar em um sono sem sonhos. Digitou um número em seu celular seguro. Longos toques. Finalmente, uma voz sonolenta respondeu com um titubeante “alô?”.

– Senhora Kaplan? Debra? Nathan Hunter. Eu tinha prometido. Ela pagou. Acabou para ela. Barbara não tem mais nada a temer deles. Ela pode voltar sob uma outra forma. Cuide-se por ela, eu lhe peço.

Ele desligou, interrompendo o eco dos soluços que lhe chegavam do outro extremo do país.

*Departamento de Correções Massachusetts,
Cambridge, Estados Unidos,
agosto de 2008*

Diane passara a véspera pensando em sua estratégia. Diante de um psicopata de inteligência fraca, confuso, teria bancado a compreensiva, até a compassiva. Não com Lockwood. Sentindo-se geneticamente superior às mulheres, sendo intelectualmente capaz de justificar isso a seus próprios olhos, ele se arrogara o direito de as coisificar. Era o mestre absoluto que dispunha de escravas intercambiáveis ao sabor de seus desejos. A psiquiatra optara, portanto, por um ataque frontal, no qual se alternariam vago desprezo e um leve tédio diante de um sujeito que ela considerava bastante banal. Corroer sua superioridade.

Escortado por dois guardas, ele entrara na pequena sala sem janelas – reservada às conversas dos detentos com seus advogados ou com os peritos – daquela prisão de Cambridge, cidade próxima de Boston, onde esperava seu julgamento. Avançara com aquele andar estranho, ao mesmo tempo arrastado e saltitante, o único possível com a corrente que prendia seus tornozelos. Fitzgerald Lockwood.

Diane Silver mal olhara para ele: já o conhecia bem, àquela altura. Medindo pouco mais de um metro e setenta, loiro, olhos azuis, tez pálida, maneiras delicadas e afáveis, aparência tranquila, para não dizer submissa. Um terrível engodo.

Ele fora empurrado por um dos guardas até a cadeira desocupada, encostada na mesa pregada no chão, e se instalara diante de Diane. O guarda passara a corrente de suas algemas pelo anel de aço soldado à mesa. Ela lhe agradecera com um sorriso. Os dois homens saíram.

Ela se apresentara e fizera duas perguntas: “O que você contava àquelas mulheres para que não desconfiassem?”, “Por que matou

seu filho?”. Lockwood permanecera mudo, com um sorrisinho zombeteiro fluando nos lábios. No entanto, evitava cuidadosamente o olhar azul gelado que não o largava. Depois de alguns minutos de silêncio, ela reiterara suas questões, em vão. Fitzgerald Lockwood examinava o teto, inclinava a cabeça para a direita e para a esquerda, parecendo fascinado com sua contemplação. Com as mãos unidas em prece, apoiadas na borda da mesa, mantinha-se ereto sobre a cadeira de plástico preto. Nada em seu gestual indicava que estivesse na defensiva. Desde que chegara à sala, havia seis minutos, não pronunciara uma palavra.

Colocando um fim àquele mutismo, ela perguntou, com voz suave:

– Senhor Lockwood, não acha realmente que eu preciso de suas confidências para elaborar um dossiê que lhe garantirá a pena mais pesada, acha? Graças aos testes científicos, aos cadáveres das vítimas, a todo o resto, não tem a mínima chance de escapar. A única incerteza é o que vai pegar. A perpétua ou...

Ele fixava um ponto do teto baixo, sem se dignar a responder.

Ela baixou a voz a ponto de murmurar e brincou:

– Já que estamos tranquilos aqui para conversar, sou eu que vou lhe fazer uma revelação. Sabe o que estou fazendo nesse momento? Procurando um assassinato antigo, que tenha alguma semelhança com os seus, cometido em um dos trinta e sete estados que ainda praticam a pena de morte. Para botá-lo em suas costas, naturalmente. Connecticut me agrada; sua mulher era de lá e não fica muito longe de Massachusetts. É uma bela ideia, não? – declarou em tom de contentamento.

O olhar de Lockwood cruzou brevemente o dela. Ela leu ali a estupefação, mas também a preocupação.

Ela se inclinou sobre a mesa, com o queixo apoiado em uma mão.

– Convencer o júri de que é o autor desse assassinato ainda indeterminado não vai ser difícil. Sei mentir muito bem, sou uma verdadeira vendedora, e terei enorme prazer em que seja executado. Mesmo que esse assassinato não tenha grande coisa em comum com os seus, afirmarei que seu *modus operandi* evoluiu. É

algo comum. Encontrarei uma quantidade de explicações psicológicas para justificar isso, pode confiar em mim. A única dificuldade consistirá em fazer com que seja julgado lá, mas darei um jeito: afinal, matou sua mulher, nativa do Connecticut, e haverá essa vítima, a primeira, cronologicamente, que vou desentocar num arquivo qualquer. Assassinato não elucidado é o que não falta nesse país. Além do mais, o estado do Massachusetts não ficaria triste por eu lhes passar essa batata-quente. Embora sua decisão de abolir a pena de morte seja aceitável no caso dos crimes... digamos... clássicos, a maioria dos cidadãos – portanto dos votantes – não gosta de saber que os estupradores, torturadores e assassinos seriais escapa dela.

O sorriso arrogante de Lockwood desaparecera e seus lábios apertados não formavam mais do que uma fina linha.

– Sua louca – rugiu ele.

Diane gargalhou:

– Sim, é por isso que vamos nos entender tão bem! Aliás, se sentir vontade de repetir nossa conversinha a seu advogado ou a outra pessoa, não hesite. Ignóbeis calúnias a respeito da *profiler* célebre encarregada de avaliá-lo psicologicamente acrescentariam um pequeno toque. Sei também me fazer de vítima muito bem. Conheci muitas. Verdadeiras. Como as suas.

– É uma barganha? – perguntou Fitzgerald Lockwood em tom cruel.

– Exatamente. Connecticut ou uma resposta a minhas perguntas. Sou uma mulher curiosa. Aconselho-o a não tentar mentir. Sempre sei quando estou diante de um mentiroso e isso me deixa de mau humor.

Lockwood se deixou cair para trás contra o encosto da cadeira, aumentando a distância entre eles. Ela fingiu não notar. Finalmente, ele estava na defensiva. Ela acabava de inverter a relação de poder a seu favor.

– Primeira questão: como venceu a desconfiança daquelas mulheres?

– Ficou pasma com isso, hein? – respondeu ele, satisfeito.

– Não formularia dessa maneira. Pelo que sabemos, todas as vítimas identificadas estavam fragilizadas, mas isso não basta. Frágil não quer dizer idiota.

A réplica não se fez esperar:

– Oh sim, elas eram idiotas!

– Ok, admitamos – concordou Diane. – Você as fez acreditar que tinham sido contaminadas pela AIDS. Alice pôs a culpa em seu belo amante-patrão, Christina, em seu também belo amante professor substituto; e Cassandra? No marido que tanto amava. Devastador, além de tudo. Tinham grandes chances de morrer e, ainda por cima, tinham sido traídas por aqueles que amavam e que não tinham hesitado em lhes passar uma doença letal. Nada mal.

– Acha mesmo?

– Hum. Eis minha hipótese: depois de uma pequena investigação sobre a... viabilidade das vítimas, Roch estava encarregado de lhes anunciar a terrível, mas falsa, notícia, com muita ternura, recomendando-lhes que não comentassem nada com seus parentes e amigos, que primeiro se fortalecessem, consultassem um psicólogo especializado, blá-blá-blá. Afinal, precisavam de mulheres saudáveis para seus jogos, não é mesmo? O preservativo atenua um pouco as sensações, sobretudo para a felação, pelo que me disseram. Não dá tanto prazer, né? Ora, vocês tinham um bocado de trabalho. Tinha que valer a pena. É a partir daí que tenho dúvidas. Qual era o seu papel?

Ele passou a língua nos lábios e virou a cabeça.

– Lembre-se de Connecticut, senhor Lockwood. Lindo estado. Suas macieiras, seu magnífico outono, suas encantadoras pousadas, sua pena de morte.

Sempre evitando seu olhar, ele declarou, suave:

– Não acha que eu pareço uma bicha? Uma tia velha? Muitas pessoas me tomaram por uma bicha, desde que era jovem. Isso me exasperou por muitos anos, mas tudo pode se tornar útil. Sabe por que tantas mulheres se sentem bem na companhia de bichas?

– Porque são homens, mas a questão do sexo não se coloca. Sem segundas intenções, dúvidas, apreensão. Sem desejo. Isso acalma.

– Exato. Isso as deixa confiantes. Eu ia, portanto, visitá-las, em estabelecimentos de tratamento ou na casa delas. Apresentava-me como uma pobre bichona que perdera seu amado levado pela AIDS, que o velara até a morte. Lágrimas na voz, muito convincente. Explicava que tinha me tornado organizador de um grupo de apoio. Fazíamos nossas reuniões, com toda a discrição, em minha casa, até que os pobres soropositivos ganhassem coragem para enfrentar seus parentes, contar-lhes a verdade. Roch as esperava em casa. Ele era forte. Assim que atravessavam a soleira da porta, estava tudo terminado. Ou melhor, tudo começava.

– Simples e eficaz – congratulou-o Diane.

– Não é mesmo?

– E sua mulher?

Ele se tensionou e rebateu:

– Isso não fazia parte das perguntas!

– Ah, tínhamos uma lista?

Ela quase se deitou sobre a mesa. Ele recuou ainda mais. Ela se endireitou e prosseguiu, em tom viperino:

– Talvez eu não tenha sido suficientemente clara, senhor Lockwood. Você me agrada e eu respeito nossa barganha. Você me exaspera, como agora, e me torno uma mulher muito malvada. Gosto muito de ser malvada. Sua mulher?

– Minha mulher o quê?

– Fale-me de Katherine. Sua primeira vítima... Bom, fora aquela que inventarei para os jurados do Connecticut se não se comportar direitinho.

Ele ergueu os ombros, rabugento.

– Não imagina o que é viver com esse tipo de... harpia... Sempre sabia tudo melhor do que todo mundo... Sempre tinha razão... E além disso, era o seu dinheiro. Não perdia uma oportunidade de me lembrar disso...

– Se a vida com ela era tão horrível, há uma coisa que funciona bem. Chama-se divórcio – ironizou Diane.

O olhar de Lockwood roçou o dela. Decifrou ali certa diversão. Ele retorquiu, em tom de superioridade:

– Não, porque, justamente, o dinheiro era dela. Não a suportara tantos anos para depois perder tudo. Eu o ganhei, esse dinheiro!

Diane esperou. Ele suspirou de irritação e continuou:

– E ainda houve aquela história de câncer, a cereja do bolo! Além de tudo, tínhamos que cuidar dela, ouvir suas provações, suas eternas queixas, trazer seu chá, passar creme nas irritações devidas aos raios... aquelas cicatrizes repugnantes. Em suma, representar para a plateia o papel de marido atencioso e desesperado. No início, encarei meu sofrimento com paciência porque o médico dera a entender que ela não tinha grande chance de escapar. E então ela mudou. Ficou claro que desconfiava de nós. Roch se deu conta de que ela tinha se encontrado com seu tabelião. O objetivo era evidente: modificar seu testamento. Não sei o que aquela vaca idiota pôde sentir ou compreender. Será que ficou sabendo que seu filho realmente estuprara aquela garota? Será que aquela putinha do bar entrou em contato com ela? De repente, ela não ia mais morrer. Pelo menos de modo oficial.

– E, de fato, ela escapou. Você a fez passear um pouco por todo lado, para que ela falasse de sua convalescença, dos tratamentos que estava fazendo, e depois a matou.

– Ela ia pedir o divórcio. Estava fora de questão – praguejou Lockwood.

– Como? Como você a matou?

Ele ergueu novamente os ombros e soltou:

– Como as outras, as seguintes.

– Deixou-a morrer de fome e de sede – traduziu Diane. – Na verdade, morreu-se de desidratação. É longo, muito sofrido...

O olhar azul se desviou para o teto.

– No subsolo de sua casa de Danvers. Decerto amordaçada, por causa da proximidade das outras casas. – Em tom leve, perguntou:

– Vocês as assistiam morrer ou não?

– Eu ia, de tempos em tempos, verificar... em que pé estavam. Só por obrigação!

– Entendo. O aconchegante ninho de vocês em Bel Vista já estava... em operação quando mataram Katherine?

– Ela não parava de me botar pra baixo! São umas vacas, umas vampiras, transformam você em capacho assim que podem! – arrebatou-se ele.

– Ah, aí estamos de volta! – zombou Diane. – A ladainha das odiosas fêmeas castradoras. Admito que esse tipo de relação deletéria exista entre uma mãe e seu filho pequeno. Entre dois adultos casados, vai ser mais difícil me convencer. Digo mais uma vez: o divórcio não foi feito para os cachorros! Não é espantoso que em sociedades onde os homens têm ainda tanto poder, as mulheres sejam... creditadas com tamanho poder? Aliás, se está buscando uma circunstância atenuante, não vai funcionar. Pela lógica, a ofensa, o trauma que sofreu, pelo que diz, devia ter cessado com a morte dela. Você não matou mulheres como “substitutas” de Katherine, já que essas vítimas são posteriores.

Diane fez uma pausa. Ele permaneceu em silêncio. Ela retomou, cordial:

– Quer saber o que realmente aconteceu, senhor Lockwood? Deixou Katherine morrer de uma maneira horrível. Para ficar com seu dinheiro. E percebeu que adorava aquilo. Simples assim.

Ele a encarou pela primeira vez. Ela leu tamanho ódio em seu olhar que ficou aliviada por ele estar preso à mesa. Esforçou-se para manter um tom leve, distante, e continuou:

– Faltava apenas o aspecto sexual, já que Katherine realmente não o tentava e que, além disso, ela sem dúvida não teria tolerado suas... práticas, não é verdade? Quem, portanto, rebaixa quem? Confesse que sentiu prazer em tratar mulheres como se fossem coisas submetidas aos desejos de vocês dois.

Os maxilares de Lockwood se crisparam, e Diane sentiu que ele estava segurando uma rajada de injúrias, já que não tinha como bater nela. Decidiu levá-lo ao limite:

– Tem problemas com seu pintinho, não é, senhor Lockwood? Decididamente, Katherine não deu sorte quando o desposou.

– Vagabunda! – rugiu ele.

– Chegamos ao ponto – zombou a *profiler*.

Barulho na fechadura. Um dos guardas passou a cabeça pela pesada porta de aço entreaberta e perguntou:

– Tudo certo, doutora?

– Tudo muito bem, obrigada. O Sr. Lockwood estava me elogiando com efusão.

Diane esperou que a porta voltasse a se fechar para retomar, com um sorriso aberto:

– Para a esmagadora maioria dos homens, o ato sexual é um prazer, geralmente partilhado e amoroso, ou pelo menos amigável, cordial. Em sujeitos como você, o sexo é apenas um instrumento de poder. Impor o sexo à sua vítima: que ele doa, que ele envileça, que ela saiba a que ponto não significa nada. – Impulsivamente, explicou: – Geralmente isso está relacionado ao fato de que só conseguem ter uma ereção em situações de violência e de controle. O estupro não é uma busca por sexo, é uma busca pela dominação total. – Como uma jovial professora explicando a regra de três a um aluninho fofo, concluiu: – Além disso, é claro que uma mulher que está sendo estuprada e surrada, que teme por sua vida, não vai lhe dizer, mesmo com gentileza, que você trepa tão bem quanto um chinelo, não?

Ela soube, sem margem a dúvidas, que ele a teria matado naquele mesmo instante, se pudesse. Ele afirmou, com voz sibilante:

– Foi o Roch. Na época de seu processo, ele acabou me confessando que realmente estuprara aquela puta suja de Danvers. Não fora a primeira. Ele estava temeroso, sobretudo quanto à reação de sua mãe, se fosse julgado culpado ou mesmo se, simplesmente, a acusação se mantivesse.

– Mas insistiu mesmo assim sobre o fato de que sentira um enorme prazer, e isso despertou... digamos, uma vontade em você.

– Sim.

– Você então resolveu montar seu... pequeno negócio, de maneira a não correr mais nenhum risco. Por que o matou?

Com o olhar fixo nas próprias mãos, ele exclamou:

– Isso não lhe diz respeito!

– Tudo me diz respeito, sobretudo o Connecticut. De qualquer modo, eu já sei.

Ele tentou, sem sucesso, demonstrar desprezo:

– Você acha que é a tal, hein?

– Eu não acho, eu sou. Você o matou porque ele tinha engravidado Alice Mckern e queria ter a criança, pelo menos se fosse um menino. Nada a ver com um transbordamento de amor paterno, imagino. Estou enganada?

Pela súbita crispação do rosto dele, Diane soube que a hipótese que emitira estava correta.

– Ele buscava um sucessor, um aprendiz, para tomar finalmente a liderança da dupla pai/filho. Não pode haver dois líderes numa dupla de assassinos. Em outros termos, ele acabaria por destituí-lo e matá-lo. Você sabia.

Ele olhou para ela com uma sombra líquida nos olhos.

– Não tente me aplicar o golpe da tristeza, não vai colar, senhor Lockwood. A única coisa que lamenta, a única coisa que o fez hesitar antes de resolver o problema – além do fato de que tinha medo de seu filho – é o fato de que ia ficar sozinho. Toda uma organização a reconstruir. Mais ninguém com quem partilhar as boas lembranças de estupros, torturas, e agonias. Além do mais, não tem força física para controlar muitas mulheres, exceto as paralisadas pelo terror.

– Foi culpa dela, daquela vaca! – gritou Lockwood. – Quando soube que estava grávida, pensou que ele a pouparia. Tentou manipulá-lo. Pobre idiota! Ele estava decidido a se livrar dela assim que a criança não precisasse mais de uma mãe.

– O menino. Uma menina vocês teriam matado assim que nascesse, não?

Lockwood não pareceu ouvi-la. Continuou, insistente:

– Ele mudou! Não era mais o mesmo... Quando soube que eu a deixara morrer como as outras, teve uma crise, me ameaçou, fui obrigado a matá-lo. Não era mais o mesmo...

– Não, ele apenas cresceu. O jovem psicopata se tornou um psicopata adulto que não precisava mais de um mentor. Mais uma história de poder e dominação. – Retomando seu tom de professorinha faceira, ela propôs: – Resumindo: na verdade, nunca chegaram a dominar mais do que pobres vítimas que qualquer um poderia controlar, dado seu estado de profunda ruína psicológica.

Tiveram que usar de astúcia toda a vida para não perder o dinheiro de sua esposa, e você teve que matar seu filho pelas costas, porque estava se borrando de medo dele. Em suma, você foi e continua sendo uma miserável criatura!

Ele tentou recuperar um pouco de poder sobre aquela mulher de olhar insuportável, que ele execrava mais do que detestara qualquer pessoa, mesmo Katherine. Perguntou, em tom sacana:

– Quer que lhe conte o que fazíamos? Com elas? No porão? – perguntou, quase coquete.

Ela fingiu hesitar, deu uma olhada para o relógio, franzindo as sobrancelhas, a fim de deixar claro o quanto ele era insignificante, e afirmou, com voz vagamente desdenhosa e, sobretudo, cansada:

– Oh, não... Inútil. Estou com um pouco de pressa. Ainda mais que já sei – mentiu ela. – Vocês são tão previsíveis. O quê? Incisões, cortes, queimaduras, mas com o frasco de antisséptico ao alcance da mão para que os ferimentos não infeccionem? Surras homéricas, mas não no rosto, para preservar o prazer dos olhos? Não muito sedutor, um rosto destruído a socos. Injeções de produtos abrasivos na vagina? Obrigá-las a comer comida estragada, como animais? Não, isso não. Se ficam doentes, fede e é preciso limpar depois. Conheço a totalidade das... técnicas dos maníacos de sua espécie há tanto tempo... Você não é um sujeito muito interessante – suspirou ela.

Ele apertou a boca de raiva. Ela certamente não ia lhe dar o prazer de explicar a uma mulher – um objeto em potencial, embora a temesse agora – o que reservara a seus outros objetos.

– Bom, acho que terminamos.

Ela se levantou e pegou sua mochila no chão.

– Cumpri minha parte do trato – disse Lockwood.

– De fato.

– Deu sua palavra em relação a Connecticut – recordou ele, tentando esconder o medo e o desespero de sua voz.

Um imenso sorriso distendeu os lábios de Diane, descobrindo seus dentes:

– E, no entanto, bem que lhe avisei: minto com tanta naturalidade quanto respiro!

Ela bateu na porta de aço. Imediatamente, ouviu-se um barulho de fechadura. Ela virou a cabeça para um último breve olhar. Lockwood estava descomposto, e o suor escurecia a raiz clara de seus cabelos. Diane ainda não decidira o que faria a respeito de Connecticut. No entanto, a ideia de que ele morresse de medo com a perspectiva de ser executado – ele, que distribuía a tortura e a morte – a fazia regozijar. Além disso, devia aquilo a Christina e às outras.

Quando saiu da penitenciária e acendeu um cigarro na calçada, esperando o táxi que o guarda do posto de vigilância chamara, suas mãos tremiam levemente: sentira uma vontade imensa de que ele morresse diante de seus olhos.

No fundo, gostava daquela história de Connecticut. Um assassinato de mulher não resolvido, possuindo alguma similaridade com os de Lockwood, não seria difícil de encontrar. De fato, boa ideia!

*Fredericksburg,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Eram seis horas da manhã em ponto. De olhos fechados, entorpecida pelos soníferos, apoiada no balcão de madeira bruta da cozinha, Diane Silver engolia com sofreguidão o segundo café muito forte, esperando que seu cérebro aceitasse finalmente sair de sua inércia química.

O toque do celular empresarial a sobressaltou. Tateou em busca dele.

– Sim?

A voz seca e rápida de Gary Mannschatz despejou:

– Casney acaba de morrer. Respirou a fumaça do escapamento. *A priori*, não há dúvida: suicídio.

Apenas duas ou três palavras conseguiram abrir caminho na mente enevoada de Diane: Casney, suicídio, morte.

– O quê?

– Sim. Foi o filho mais velho, que estava indo para o centro de equitação, que o encontrou. Mau começo para um dia.

– Ele deixou um bilhete de despedida?

– Não. Nem sempre se encontra um. Principalmente nos casos masculinos de esgotamento absoluto. O cara pensa que, de qualquer jeito, ninguém se importa se ele morrer ou não.

– Era o caso dele, em sua opinião?

– Não me surpreenderia – respondeu Gary. – Seja como for, ao que tudo indica, Casney conectou o escapamento de seu carro a uma pequena abertura no vidro do lado do motorista com uma mangueira de jardim. Bom, haverá uma investigação, mas, francamente, me parece inútil.

Diane explodiu dando um violento tapa no balcão da cozinha.

– Que merda!

– Você lamenta? – espantou-se Mannschatz.

– Por que, deveria? Dito isso, se Pliskin o suceder, estaremos em maus lençóis. Entre dois furúnculos na bunda, sempre se deve escolher o menor. E *dear Bob* é um enorme e dolorido furúnculo!

Um suspiro, um breve silêncio e:

– Sei que posso confiar em você, o que, para mim, significa lhe entregar minha arma carregada. Quero dizer, o que vou lhe contar não é pouca merda, entende?

– Muito bem.

– Acho que tenho como dissuadir *dear Bob*.

– A menos que cole a dita arma carregada na têmpora dele com a firme intenção de disparar, não vejo o que poderia...

– Oh, não. Sou um homem pacífico... principalmente, graças à minha mulher. Na verdade, em geral. Kim, minha esposa, é artista floral em Fredericksburg. Ela tem uma boutique. Isso quer dizer que ela é uma espécie de superflorista, uma florista criativa, entende?...

Diane não o interrompeu. Mannschatz não era do tipo que gostava de papo furado.

– Um dia, ela me falou de um cara que tinha comprado um magnífico e caríssimo arranjo floral para Linda Casney, a mulher de nosso diretor. Você conhece os policiais: não resistimos a fuçar. É mais forte do que nós. O cheque tinha sido assinado por Pliskin. Não muito esperto de sua parte, mas, como minha mulher manteve o nome de solteira, ele não podia saber que ela tinha algo a ver comigo. Aquilo me deixou com a pulga atrás da orelha, continuei a fuçar.

– E?

– É preciso que saiba que não fiz por maldade, nem por espírito de revanche. Apenas pensei que, se tivesse algo contra ele, seria uma boa moeda de troca caso ele nos incomodasse, Mike ou eu. Era meu único objetivo, dou minha palavra.

– Prudente e judicioso – comentou Diane, que não duvidava de sua sinceridade.

– Teria feito a mesma coisa? – perguntou Mannschatz, buscando uma aprovação.

– Nem me fale. Só lamento uma coisa: não ter pensado nisso antes de você. Mas é que Pliskin é tão pirado, sob sua aparência de

pessoa normal, que eu pensava que suas disfunções mentais eram sua única fonte de excitação.

– Bom, não. Ele come a mulher de Casney há vários anos. Na minha opinião, embora seja uma mulher bonita, elegante e tudo, não é o sexo, e menos ainda a paixão, que o motiva.

– Belo diagnóstico. Pliskin é um paranoico bem adaptado. A única coisa que o motiva é ele próprio – reforçou Diane.

– A meu ver, ele trepa com ela porque é a mulher do chefe e a filha do senador, ou seja, do superchefe, aquele que pode mijar em cima de todos os outros. É uma escada para aquilo que ele acredita ser o poder. Afinal, Casney também trepou nela – sem jogo de palavras obsceno estou falando da escada – antes dele, e não teve do que se queixar, ao menos aparentemente.

– Você me espanta, Gary. Não estaria por acaso pensando em roubar meu cargo de *profiler*...

Ele riu, sem dúvida por ter sentido a espontaneidade do elogio. Ela retomou:

– Pliskin quer aquilo que os mais poderosos do que ele possuem. Imagina que são os atributos que fazem o poder. Sabe por quê? Porque nunca poderá admitir que são suas falhas que o impediram de subir mais alto. Caso contrário, teria que se questionar, e é incapaz disso. É um paranoico, repito. Portanto, sempre tem razão. O que está pensando em fazer?

– Dissuadi-lo, como lhe disse. De maneira bastante incisiva. Possuo um volumoso dossiê sobre sua relação com Linda. Se *dear* Bob não quiser compreender o alerta, a coisa irá para a mídia. O senador Murray não ficará contente. Ele sempre soube dar seus golpes discretamente, tanto que nunca conseguiram pegá-lo, e olha que já tentaram. Seu precioso estagiário advogado de Boston o defendeu por abuso de informações privilegiadas. Como ele se chama mesmo?

– Charles Devernois-Klyne. Nenhuma notícia desde sua partida. Ainda bem. Acha que vai funcionar, digo, seu dossiê?

– Ora, doutora! Estamos num país puritano. Vender *subprimes* sabendo que eles vão devastar as famílias mais pobres é considerado algo muito menos grave do que comer a mulher do seu

chefe. Ou outra. Prova disso é o caso Clinton, um de nossos melhores presidentes. Tudo o que ele fez por esse país foi esquecido por causa de uma vaga história de infidelidade com uma estagiária linguaruda. Convenhamos que essa história só dizia respeito a duas outras pessoas além dele: sua mulher e sua filha. Atenção, não estou justificando o adultério. Sou um homem extremamente fiel, adoro minha mulher e, no fundo, devo estar contaminado também pelo puritanismo, mas, afinal, é preciso discernir as coisas. Não acha?

– Concordo plenamente. Não temos nada a ver com a cama dos outros... a não ser com a de *dear* Bob, porque, nesse caso, trata-se de uma obra de saúde pública – e porque o detestamos.

– Exato. Além disso, assim, Bob e Linda poderão viver sua linda história de amor longe de Quantico. Casarão, terão muitos filhos e viverão muito felizes para sempre.

Foi a vez de Diane gargalhar:

– Oh, não é de modo algum o perfil psicológico de *dear* Bob.

– Dane-se seu perfil! Bom, era isso...

– Espere... Acha que Casney ficou sabendo do caso da mulher com seu secretário e que isso pôde servir de estopim para seu gesto?

– Não faço ideia. O que sei é que Casney não era um crápula, ao contrário de Bob, o fuinha. Aliás, é raro que um verdadeiro crápula suicide. Muito raro. Acho que Casney Jr. não estava no lugar adequado, não tinha a envergadura necessária e sabia disso. Um dia, não conseguiu mais suportar isso. Cortina.

– Bom, está bem... nos vemos mais tarde na base.

– Sim, até mais.

Ele, Edmond Casney Jr., tinha lambido os sapatos de seu sogro e temido Pliskin, de quem desconfiava como da peste. Qualquer outro cara razoavelmente inteligente ia substituí-lo em seu posto e fazer bem melhor. Fora quase nulo para sua mulher e seus filhos. Nenhum subordinado conservaria a menor lembrança dele. Finalmente, nunca tivera verdadeiros amigos. Balanço de uma vida que poderia simplesmente não ter acontecido, sem que ninguém se

desse conta disso. Sem que fizesse a mínima diferença. Que naufrágio. Antes mesmo de voltar ao pó, não restava nada dele.

Era o que Edmond tinha pensado antes de prender a ponta da mangueira de jardim no alto do vidro de sua porta. Estranhamente, a última pessoa em que pensara, antes de mergulhar numa bem-vinda inconsciência, na agonia, fora Diane Silver.

*Base militar de Quantico,
Estados Unidos, agosto de 2008*

Apagar o epifenômeno, essa era a questão. Não fora uma mulher que morrera. Ela não matara uma mulher. Apenas uma coisa muito perigosa e malfazeja. De acordo com a definição de Diane, Brooks não tinha nenhuma humanidade. Em outros termos, não merecia nenhum lamento, nenhum remorso. Brooks vivera muito mais tempo do que todas as pequenas vítimas que entregara ao torturador, sem falar naquelas que matara com as próprias mãos. Ponto final. Que ela apodrecesse no inferno. Infelizmente, Diane não acreditava nele. Teria adorado o inferno para Brooks.

Diane se agarrou à máquina de café, num estado de sonolência. Uma fraude, os soníferos que engolia toda noite. Dormia mal, virando-se, revirando-se, acordando em sobressalto e voltando a mergulhar num sono assombrado pelos monstros e suas obras. Em compensação, de manhã, tinha uma dificuldade terrível para sair de seu coma químico. Ia pedir a Folston que lhe receitasse uma outra molécula.

Teve um sobressalto ao sentir a pesada presença de Mike Bard atrás dela. Não o escutara chegar.

- Aceita um café, Mike?
- Não. Posso lhe falar?
- Fique à vontade – concedeu Diane, sem o menor entusiasmo.
- Em seu escritório.

Um pouco surpresa, Diane concordou e se dirigiu a sua sala.

– Sente-se, Mike – propôs, deixando-se cair sem a menor elegância em sua poltrona.

– Não, prefiro ficar de pé e serei breve. Ela está morta.

Na hora, Diane não entendeu do que ele estava falando.

– O quê?

– Susan Brooks. Foi encontrada à beira do deserto, em Las Vegas, abatida por duas balas em plena testa.

Confusa, um pouco inquieta, Diane tentou driblar:

– Uma nova investigação federal?

– Não tente me fazer de tolo, seria um grave erro – lançou Bard em sua cara, num tom perigosamente calmo.

Aquela introdução, no mínimo desagradável, permitira a Diane se recompor. Estava pronta para o embate.

– E se fôssemos direto aos fatos em vez de ficar dando voltas? – sugeriu, em tom seco.

– Perfeito. Antes de tudo, não esqueça que sou um policial. Não sou uma anta, pelo menos acho que não, mas, para mim, existe o bem e o mal, e não se deve sair daí.

– Então devemos poder nos entender. Sua pergunta?

– Preciso de dinheiro para Simon. Muito mais do que ganho aqui. A instituição que ele frequenta custa os olhos da cara, mas lhe faz bem. Trabalho para meu irmão mais velho, Thomas, de maneira muito discreta. Muito. Fica só entre nós dois. Minha insígnia do FBI facilita bastante as coisas, principalmente junto às testemunhas. Inspira confiança, ou as faz se borrar de medo, dependendo do caso, entende?

– Não sei aonde quer chegar – declarou Diane.

– Thomas possui e dirige uma das melhores agências de detetives do país. Do gênero alta classe. Clientes escolhidos a dedo, muito exigentes, mas que também pagam muito bem. Entre os quais Rupert Teelaney.

Diane cruzou os braços na frente do peito:

– E?

– A pedido de Teelaney, encontrei para Thomas uma certa Debra Kaplan, cuja menina foi massacrada depois da sua.

– Sei disso.

– Kaplan encaminhou Teelaney para uma família, os Simmons, que empregava uma *nanny* diplomada, uma inglesa que cuidava de seus três garotos na época em que Rick Ford estava na ativa... Fui encontrar os Simmons em Washington. O marido foi transferido para lá. Foi dessa forma que obtive o nome da famosa Susan

Brooks, uma jogadora. Aquela que foi encontrada morta em Las Vegas. Tudo gira em torno da morte de sua filha, de acordo?

– Muito interessante. Mas continuo não vendo...

– Não? Estranho... Sabe que os verdadeiros assassinos profissionais nunca reservam um quarto com um nome que tenha alguma ligação com eles. Eles abrem uma lista telefônica ao acaso. É a melhor maneira de não acabar fazendo uma associação inconsciente.

– Mais uma vez, eu...

– Leonor York, no Motel 6 Tropicana, um bom hotel. Apenas por uma noite, que corresponde a suas curtas férias na base, depois da detenção de Fitzgerald Lockwood. Sua filha, Leonor, morta em Nova Iorque. Tinha uma necessidade imperiosa do símbolo, não? Aonde quero chegar, doutora Silver, é que, por enquanto, não tenho nenhuma prova, mas, confie em mim: com alguns mandados que Pliskin adorará obter para mim, eu as encontrarei.

Diane compreendeu que era inútil tentar tergiversar. Ela mordeu os lábios e perguntou em tom neutro:

– O que você quer?

– A verdade. Matou essa mulher?

Ela se deu o tempo de acender um cigarro; então, fisgando-o com o olhar, declarou, com toda calma:

– Sim, e sem hesitar. E sim, se tivesse a chance, faria de novo. Quer saber as circunstâncias exatas? Sabe, Las Vegas, é uma rua principal, com os hotéis, os cassinos, tudo... Chega-se muito rápido à fronteira do deserto.

– Não tanto assim. Por quê? Por que a matou? Atenção, vou verificar.

Diane riu:

– Oh, pode verificar tudo o que quiser, Mike. Susan Brooks era a comparsa zelosa de Rick Ford.

– E Teelaney, nessa história?

– Rupert Teelaney me ajudou, sem saber qual era meu objetivo. Como sabe, Teelaney, embora me irrite um pouco, decidiu consagrar uma parcela de sua imensa fortuna à luta contra o crime. Os *serial killers*. Sem pedir nada em troca. Foi isso: aproveitei a

oportunidade e não me sinto culpada, embora tenha sido privilegiada em relação a outras pessoas, porque ele quer me conquistar, e não perdi a ocasião.

– Susan Brooks? – insistiu Bard.

– Um verdadeiro interrogatório policial! Era Brooks que atraía as meninas para Rick Ford, e ela sabia exatamente o que ele ia fazê-las sofrer. Como recompensa, recebeu um magnífico solitário. – Ela completou: – Bacana, não? Em troca de quinze meninas torturadas, estupradas por horas e depois assassinadas. Ela está morta. Faz anos que devia estar. Nunca deveria ter vivido. Ford teria sido muito menos eficaz sem ela. Além disso, Susan Brooks provavelmente afogou uma menininha inglesa antes de suas façanhas em solo americano. Falta de sorte: ela passou entre as malhas da justiça. Não é impossível que tenha reincidido, sozinha, após a morte de Ford. Provavelmente, nunca saberemos. Admita que já são muitas crianças martirizadas para uma só maníaca.

– Eu sei, a pequena Barclay. Posso pegar um cigarro seu?

Ele se inclinou e estendeu a mão para a carteira que estava em cima da placa de vidro reforçado da escrivaninha.

– Não! Você parou de fumar. Continue nesse bom caminho. Pense em Simon.

Ela pegou a carteira com um gesto rápido e a enfiou na gaveta da escrivaninha. Ignorava ainda qual seria a escolha de Mike Bard, mas estava fora de questão que Rupert fosse incriminado por causa dela. A fim de driblar a perspicácia do policial, sua capacidade de farejar mentiras, adotou uma tática clássica: formular uma mentira breve, sem detalhes, imediatamente seguida de uma verdade e então de outra mentira.

– Repito porque temo que seus neurônios de policial entrem em ebulição: Rupert Teelaney não tem nada a ver com essa história. Digo, ele apenas pagou os honorários de seu irmão. Falta de sorte, eu ignorava o parentesco de vocês. Teelaney nunca me disse o nome de seu informante, eu sequer sabia que se tratava de uma agência de detetives. Ele não sabia o que eu pretendia fazer, talvez nem saiba que aquele lixo está morto.

– Tomou a decisão de fazer justiça com as próprias mãos – censurou-a Bard.

– Exato. Não havia nenhuma prova contra Brooks. Apenas circunstâncias, muito antigas. Nunca teriam reaberto a investigação, sabe disso. Não me arrependo de absolutamente nada. Agora, faça o que achar que deve fazer.

– Foi uma execução?

– Sim. A morte, simplesmente.

– Isso muda alguma coisa?

– Oh, sim... Porque ela soube por que morreu. Porque agora tenho certeza de que ela nunca mais poderá matar uma menina ou se associar a outro degenerado que lhe ofereça um belo solitário por seus preciosos serviços. Além disso... pode ser idiota... No entanto, tenho a estranha impressão de que Leonor está realmente em paz. Talvez as outras meninas também, não sei. – Diane hesitou e terminou num murmúrio desanimado: – Você sabe, Mike, é preciso que justiça seja feita às vítimas e seus familiares, mas, além disso, consola pessoas como nós saber que todos os nossos esforços não foram em vão. Às vezes, fazemos uma pequena diferença. É o que aconteceu em Las Vegas. Fiz uma diferença.

– Preciso pensar.

– Pense. Do ponto de vista da lei, se não revelar nada, vai se tornar meu cúmplice num assassinato com premeditação, uma longa premeditação.

– Sim, do ponto de vista da lei... Mas a lei ainda não incorporou o fato de que certas pessoas não têm nada de humano. Enfim, faz sentido pra mim... Portanto, não é um assassinato, já que não era uma humana. Merda, sequer posso conversar sobre isso com Gary... Ele não sabe que trabalho clandestinamente para meu irmão. Não é que não confie nele, realmente não é isso, mas se eu lhe contar agora, vai ficar chateado comigo por não ter contado antes. Acontece que comecei a trabalhar para Thomas na mesma época em que me tornei parceiro de Gary. Ainda não o conhecia o suficiente para lhe contar tudo naquele momento.

Silver lhe dirigiu um sorriso amigável e observou:

– Geralmente temos que tomar sozinhos nossas principais decisões, é muito angustiante.

– Não sente um pouco de medo ao pensar que poderia ser presa?

Ela não precisou pensar. Tinha resolvido esse aspecto da equação Brooks havia muito tempo:

– Não. Isso não tem a menor importância. Fiz o que devia fazer para minha filha e as outras meninas. É o que importa. O caso finalmente está fechado.

Bard se aproximou da porta do escritório com um passo pesado e falou, antes de sair:

– Tenho quase certeza de que Gary lhe daria razão. Thomas, meu irmão, sem dúvida. Bom, eis-me cúmplice de assassinato com premeditação. Bravo! Em todo caso, graças a você, não voltei a fumar. Pensando bem, até que o saldo é positivo. Uma maníaca pode a menos e pulmões saudáveis!

*Paris,
França, agosto de 2008*

O dia fora tão irritante que se tornara exaustivo. Sessões de formação em consultorias: Yves Guéguen passara o tempo todo ensinando uma teoria que não sabia se algum policial um dia colocaria em prática, se teria os meios para tanto. A França, especialmente com o processo Fourniret, descobria os estupradores e assassinos em série quando se acreditara, equivocadamente, livre deles. No entanto, não faltavam precedentes. As jovens levemente deficientes mentais de Yonne, cujo estuprador assassino teria terminado seus dias impune e tranquilo se não fosse a obstinação de um policial aposentado e de uma *profiler* francesa. Em um de seus e-mails, Diane comentara, cheia de veneno: "Deficientes, crianças: o sonho! Tão mais fácil do que adultos em plena posse de suas faculdades".

Quantos outros de quem se ignorava tudo? A terrível realidade aparecia. Não, não se tratava de um mito. Não, não era uma praga *made in America*. Provavelmente, aqueles maníacos agiam ainda em relativa tranquilidade no território francês, justamente porque seus divertimentos tinham sido ignorados. Guéguen pensou que estava ficando injusto porque estava cansado. Quase não pregara o olho na noite anterior, pensando em Sara, depois em Victor, e novamente em Sara... Os agentes e os policiais militares tinham evoluído tanto. Surgira uma nova leva de investigadores formados em psicologia, informática, ciências médico-legais.

Guéguen parou em uma banca, comprou o *Le Monde*, conversou algumas banalidades amistosas com o vendedor e se dirigiu a passos lentos para seu prédio. Havia um homem diante do alpendre, uma garrafa de vinho sob um braço, o casaco embaixo do outro, pendurado em seu celular, parecendo exasperado, batendo o pé. Apesar do calor da tarde, ele usava uma daquelas toucas

andinas que tinham voltado à moda. Yves observou seus óculos, seu jeans tão surrado quando os tênis.

Escutou o homem se queixar:

– Mas ela nunca vai desligar?

Guéguen, achando aquilo engraçado, digitou o código. Um clique e a porta se entreabriu. O homem, bastante jovem, pediu com cortesia:

– Posso aproveitar para entrar? Fui convidado para jantar na casa de Stéphanie... Stéphanie Levasseur, uma de suas vizinhas. – Em tom irritado, acrescentou: – Esqueci o código, e ela está pendurada no telefone...

– Faça o favor.

Yves entrou, seguido pelo homem. De repente, um sinal de alerta, tardio demais, se acendeu em seu espírito. Apesar do francês perfeito, o homem tinha um levíssimo sotaque. Americano.

Uma dor fulgurante explodiu no peito de Yves Guéguen. Ele se virou com dificuldade, percebeu o casaco que o homem jogara perto da porta e tossiu. Um belo chuveiro, muito vermelho, respingou o mármore do hall. Yves sentiu os joelhos cederem sob seu peso. Tentou agarrar seu agressor. Nathan Hunter. Viu nitidamente a lâmina, já rubra de seu sangue, se erguer e se abater sobre seu peito. A dor fez que lhe viessem lágrimas aos olhos. Caiu sentado. Inspirou com esforço, expirou. Um jorro de sangue saiu de sua boca escancarada. Sentiu a vida escapar.

– Não me deixou escolha – protestou Nathan em tom de lástima, descontente consigo mesmo, com aquela execução lamentável, pelas costas, indigna.

Como aquele policial pôde pensar que ele queria o mal de Sara e de Victor? Por que razão teria matado Louise, se não fosse para protegê-los?

– Estúpido! – sussurrou Yves, tentando dispersar as bolhas vermelhas que obstruíam sua garganta.

Um véu negro cobriu o cérebro de Yves Guéguen. Soube que o fim era aqui e agora. Um riso meio louco ressoou em sua cabeça, o riso de sua mãe. Ele sorriu e caiu para trás. Morto.

Nathan pensou apenas por um instante. Preciso, rápido, tirou de Yves Guéguen o relógio, o anel de família, a carteira e um medalhão da Virgem pendurado em seu pescoço por uma espessa corrente de ouro. Com um pouco de sorte, a polícia acreditaria se tratar de um latrocínio, e Diane não se meteria naquilo, pois estava fora de questão informá-la de seu gesto. Talvez ficasse com raiva dele. Nathan percebera a ternura e a estima que ela sentia por seu ex-aluno.

Recolheu o casaco que jogara no chão ao entrar para que não sujasse e abotoou-o para esconder os respingos de sangue que constelavam sua camiseta.

A regra de ouro: saber improvisar em todas as circunstâncias.

Na manhã do dia seguinte, Nathan saiu do delicioso hotel da Rue Christine onde estava hospedado, refeito por uma excelente noite de sono. Adorava Paris, uma cidade que não era mais tão alegremente louca quanto fora, mas onde ainda se podia flunar, beber um café sossegado, sem ser tomado por um detestável vagabundo. Apesar de seus defeitos, os franceses tinham sabido preservar uma espécie de tranquilidade que provavelmente não resistiria muito tempo.

Tão estranha aquela maneira de pensar – que só se é produtivo e eficaz quando se está estressado, entupido de soníferos e depois de excitantes, incapaz de ver, de cheirar, de desfrutar dos feixes de espuma de uma fonte, ou com o arrulho de uma pomba. Estranha e muito estúpida. O espírito humano não funciona como um computador que basta ligar. Claro, ele é infinitamente mais poderoso. Ele belisca, salta de uma ideia a outra. Volta atrás, pula para o futuro. Extravia-se, depois reencontra seu caminho. Parece perder tempo, sonha. Faz e desfaz. No final, desentoca uma ideia de gênio. O conceito de inteligência artificial deixava Rupert Teelaney Jr. cético. Reproduzir a inteligência do homem, suas faculdades de aprendizagem, de conceituação, de senso crítico, todas estreitamente ligadas a suas emoções, à sua vivência. Para começar, seria preciso saber o que é a inteligência humana.

Demorou-se uma boa hora entre as estantes carregadas de maravilhas de um sebo da Rue Monsieur-le-Prince, tomou mais um

café com leite acompanhado de um *croissant* e voltou sem pressa para a praça do Odéon.

Não tinha nenhuma esperança em particular. A melhor forma de não se decepcionar. Apenas uma expectativa, não desagradável. Uma outra forma de caça, lenta, sem urgência. Extasiou-se por alguns instantes diante da vitrine de uma loja de especiarias, depois diante de uma, colorida e conquistadora, de um florista, lamentando não ter ninguém a quem enviar um enorme buquê, e foi parar na Rue Dauphine. Percorreu-a numa direção, depois na outra, proibindo-se qualquer impaciência. Depois voltaria ao hotel pelo caminho dos estudantes, depois Roissy, depois a zona rural de Boston. Concedeu-se mais alguns instantes para perambular, percorrendo a passos lentos a Rue de Buci, um pouco desorientado pela dança contínua das lojas, que desapareciam, que apareciam. Imobilizou-se, incerto, tentando se lembrar do que havia ali antes daquela boutique de roupas. Perdido em pensamentos, foi-lhe necessária uma fração de segundo para compreender que aquele leve roçar em seu antebraço era o de uma mão de criança, que aquele som murmurado era um "obrigado". Virou-se o mais rápido que pôde. Victor saltitava em direção à mãe, que pagava suas compras num verdureiro, não sem perscrutar ao seu redor com ar preocupado. Assim que percebeu o garotinho, acolheu-o com um gesto da mão e um sorriso aliviado.

Uma onda sufocante de ternura, de infinita gratidão, desequilibrou Nathan. O menino compreendera que ele nunca lhes faria mal. Pelo menos, não sem uma imperiosa razão. E não desejava aquilo. De modo algum.

A perseguição de Diane Silver e Rupert Teelaney continua... Você reencontrará os personagens no próximo volume desta série:
Simplesmente a morte.

Títulos da Vestígio

-
- SETE DIAS EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque
Algumas garotas escondem terríveis segredos...
Tradução: Fernando Scheibe
- MEU PRIMEIRO ASSASSINATO | Leena Lehtolainen
Uma estreia de tirar o fôlego para Maria Kallio...
Tradução: Salma Saad
- OS SETE CRIMES DE ROMA | Guillaume Prévost
Roma, 1514. Leonardo da Vinci conduz a investigação...
Tradução: Fernando Scheibe
- A FERA INTERIOR | Lotte & Søren Hammer
Podemos fazer justiça com as próprias mãos?
Tradução: Márcia Guimarães
- ESTAVA ESCRITO | Gunnar Staalesen
O que realmente sabemos sobre nossos filhos?
Tradução: Elisa Nazarian
- NA MENTE, O VENENO | Andrea H. Japp
Diane Silver inicia sua caça ao serial killer...
Tradução: Vinicius Carneiro
- VESTIDO DE NOIVO | Pierre Lemaitre
Ninguém está a salvo da loucura...
Tradução: Zéfere
- ASSASSINATO NA TORRE EIFFEL | Claude Izner
Crimes em série transformam livreiro em detetive
Tradução: Elisa Nazarian
- UM OUTONO EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque
Alguns garotos nunca perdoam...
Tradução: Fernando Scheibe
- MULHER DE NEVE | Leena Lehtolainen
Tensão e ameaças na nova investigação de Maria Kallio

Tradução: Ana Carolina Oliveira
INDESEJADAS | Kristina Ohlsson
Crimes brutais marcam um verão sueco
Tradução: Sérgio Pereira Couto
AMARGA VINGANÇA | Andrea H. Japp
Não há trégua para Diane Silver...
Tradução: Fernando Scheibe

Copyright © Calmann-Lévy, 2009

Copyright da tradução © 2014 Editora Nemo/Vestígio

Título original: Une ombre plus pâle

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

DIRETOR DA COLEÇÃO

Arnaud Vin

PREPARAÇÃO

Sonia Junqueira

REVISÃO

Amanda Pavani

Lívia Martins

CAPA

Ricardo Furtado

(sobre imagem de Eliza Tyrrell)

DIAGRAMAÇÃO

Jairo Alvarenga Fonseca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Japp, Andrea H.

Amarga vingança : não há trégua para Diane Silver...

/ Andrea H. Japp ; tradução Fernando Scheibe. -- Belo Horizonte : Vestígio, 2014.

Título original: Une ombre plus pâle

ISBN 978-85-8286-098-4

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) I.
Título.

14-05404 CDD-843.0872

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa 843.0872
A vestígio é uma editora do Grupo Autêntica
São Paulo
Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj.
2301
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468
Belo Horizonte
Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700
Teleendas: 0800 283 13 22
www.editoravestigio.com.br

Table of Contents

[Título](#)

[Citação](#)

[Resumo: Na mente, o veneno](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Títulos da Vestígio](#)

[Copyright](#)